UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JULIANA DE SOUZA SILVA

**A FORMAÇÃO E O TRABALHO DOCENTE: UM ESTUDO DAS
TEORIZAÇÕES ACERCA DAS DIMENSÕES PESSOAIS NO EXERCÍCIO DA
PROFISSÃO**

SÃO PAULO
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JULIANA DE SOUZA SILVA

**A FORMAÇÃO E O TRABALHO DOCENTE: UM ESTUDO DAS
TEORIZAÇÕES ACERCA DAS DIMENSÕES PESSOAIS NO EXERCÍCIO DA
PROFISSÃO**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Mestre em
Educação.

Área de Concentração: Didática, teorias de
ensino e práticas escolares

ORIENTADORA:

Profa. Dra. Denice Barbara Catani

SÃO PAULO

2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

371.12 Silva, Juliana de Souza

S586f A formação e o trabalho docente: um estudo das teorizações acerca das dimensões pessoais no exercício da profissão / Juliana de Souza Silva; orientação Denice Barbara Catani. São Paulo: s.n., 2012.
116 p.; ils.; anexos

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Leitura 2. Identidade 3. Auto-ajuda 4. Formação de professores

I. Catani, Denice Barbara orient.

Nome: SILVA, Juliana de Souza

Título: A produção e o trabalho docente: um estudo das teorizações acerca das dimensões pessoais no exercício da profissão

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Profa. Dra. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço à **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)** cujo financiamento foi fundamental para a realização dessa investigação.

Agradeço imensamente à professora **Denice Barbara Catani** por desde o princípio ter acreditado no meu trabalho, pela orientação tão próxima e pelas incansáveis correções dessa dissertação. Agradeço-lhe, entre outras coisas, pela amizade e generosidade e por cuidar tão de perto de minha formação.

Às professoras **Rosário Genta Lugli** e **Dislane Zerbinatti Moraes** pelas sugestões valiosas em meu exame de qualificação.

Às professoras **Paula Perin Vicentini**, **Rita de Cássia Gallego** e **Vivian Batista da Silva** pelo acolhimento, carinho, amizade e confiança.

Aos amigos conquistados durante minha trajetória na pós-graduação, especialmente à **Patrícia** e à **Talita** pelas discussões, por dividirem comigo momentos de angústias, conflitos, alegrias e conquistas acadêmicas. Esse processo se tornou muito mais agradável e divertido com vocês por perto. Podem ter certeza!

Aos meus pais **João** e **Elisete** e ao meu irmão **Filipe** pelo apoio incondicional, por estarem sempre prontos a ouvir meus desabafos, enfim, por em certos momentos acreditarem mais em mim do que eu mesma. Essa conquista também pertence a vocês!

Aos meus avós **Áurea** e **Theodoro** pelo amparo quando me mudei para São Paulo e pela paciência que tiveram comigo durante meu processo de adaptação. Sou imensamente grata a vocês!

Às tias **Cátia** e **Elenice**, aos tios **Hipólito** e **Sérgio** e à prima **Letícia**. Serei eternamente grata a vocês pela forma como me acolheram e cuidaram de mim. Obrigada por terem tornado as dificuldades postas pela adaptação à cidade e pelo início do mestrado mais leves e fáceis de enfrentar.

À tia **Sônia** e ao **José** por mais uma vez acompanharem tão de perto o cumprimento de uma etapa. Pela confiança, pelo carinho, pelo afeto, enfim, pelas presenças.

Aos amigos de longa data, entre eles **Nidiane**, pela amizade sincera e fiel, **Fábio** pelo carinho com que trata nossa amizade e **Ivan** pela presença constante, pelo carinho e pela ajuda com revisões no término da dissertação.

Aos companheiros de morada, **Ananda**, **David** e **Sebás** pela amizade e pela constante disponibilidade em me ajudar durante o término de redação do trabalho. Por estarem sempre ao meu lado me incentivando e dizendo: *“Você vai conseguir!”* Vocês não fazem ideia de como foi importante ouvir isso!

Ao **Gam** que a cada dia se faz mais presente em minha vida, por ouvir diversas vezes meus lamentos e angústias, pelas digitações e pelas revisões, mas, principalmente, pela paciência que teve comigo durante os dias finais de redação desse trabalho. Adoro-te!

Quando questionada sobre o que mais a atraia na leitura de um livro de autoajuda a **Professora A** responde: *“Essa verdade. Me cheira a verdade, me dá a sensação de verdade...”*

RESUMO

A dissertação que ora se apresenta estuda aspectos relativos à formação e ao exercício do trabalho docente, em particular os ligados às dimensões pessoais e às identidades dos professores. Um tipo especial de fontes foi examinado para que se conheçam elementos considerados importantes pelos docentes no exercício de seu ofício. Trata-se de livros que facilitam conhecimentos e fornecem conselhos práticos aos professores, constituindo quase uma “literatura de autoajuda pedagógica” e procurando apelar para dimensões subjetivas envolvidas no trabalho docente. No caso do presente estudo foram analisados alguns livros voltados a professores de autoria de Augusto Cury e Gabriel Chalita. Dentre os objetivos da pesquisa destacaram-se: estudar a produção e circulação das obras voltadas a professores de ambos os autores; estudar a posição dos seus autores no campo intelectual e educacional; analisar as características internas das obras selecionadas; conhecer as modalidades de apropriação das leituras dessas obras pelos professores; contribuir para as análises acerca dos conhecimentos produzidos no campo educacional com vistas à formação/aperfeiçoamento dos professores. Para concretizar tais objetivos recorreu-se à análise dos livros, às entrevistas com professores e à entrevista com um dos autores das obras estudadas. A investigação nos permitiu apontar características dessas obras quando voltadas para a educação, já que, essas guardam formas próprias de tratar questões. Também foi possível indicar a posição ocupada, inserção e possibilidade de trânsito de seus autores nos campos educacional, religioso e político, bem como, constatar a existência de discrepância entre os objetivos dos autores e dos professores leitores em relação aos objetivos dos livros.

Palavras-chave: teorizações sobre educação - identidades docentes – dimensões pessoais - formação de professores – leitura de professores - literatura de autoajuda

ABSTRACT

The present dissertation studies the relative aspects concerning teacher's formation and its exercise, mainly linked to personal dimensions and their characteristic identity. A special kind of sources were investigated in order to know elements considered as important by teachers during the execution of their labor. These sources were books that facilitate knowledge and offer practical advice to teachers making up a nearly "pedagogical literature of self-help" trying to appeal to subjective dimensions involved in the teaching practice. In the present study were used books aimed at teachers authored by Augusto Cury and Gabriel Chalita. Among the objectives for this research highlighted: To study the production and circulation of both author's works; to study the position of authors in the educational and intellectual field; to analyze the internal characteristics of the selected works; to know the appropriation modalities of these works' readings by teachers; to contribute with the analysis about the produced knowledge in the educational field with the purpose of the formation/improvement of teachers. To be able to fulfill such objectives, books were analyzed and the interviews with some teachers and one of the authors were used. This research allowed pointing out some characteristics of the author's works when aimed at education because they keep own ways of dealing with issues. It was also possible to indicate the position occupied by authors as well as their insertion and possibility of transit in the educational, religious and politic fields. Besides it was verified the existence of discrepancies between the purposes of the authors and those of teachers related to books' objectives.

Keywords: Theorization about education - Teachers' identity - Personal Dimensions - Teacher's formation - Teacher's readings - literature of self-help

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO - OS LIVROS DE AUTOAJUDA E A EDUCAÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - LEITURAS PARA PROFESSORES E LEITURAS DE AUTOAJUDA	31
CAPÍTULO 2 - PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE OBRAS DE AUTOAJUDA LIDAS PELOS PROFESSORES.	57
<i>2.1 Da materialidade dos livros</i>	<i>71</i>
<i>2.2 Dos prefácios e suas declarações</i>	<i>73</i>
<i>2.3 Das capas dos livros e do que elas podem mostrar</i>	<i>78</i>
CAPÍTULO 3 - O QUE DIZEM AS PROFESSORAS/LEITORAS DAS OBRAS: EXPECTATIVAS E APROPRIAÇÕES.....	84
<i>3.1 Quem são as professoras entrevistadas?</i>	<i>86</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS.....	113
ANEXOS	121

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação busca apresentar e discutir algumas características expressas em obras que são consideradas como de “autoajuda” que têm sido lidas por professores. Pretende, assim, contribuir para uma compreensão sobre as teorizações pedagógicas que valorizam as dimensões pessoais dos professores como determinantes do êxito profissional. Para isso selecionamos livros de dois autores específicos que tem uma vasta produção sobre educação e grande aceitação entre os professores: Augusto Cury e Gabriel Chalita. Ao nos centrarmos no exame dessas obras procuramos explicitar características da argumentação usada e do discurso apresentado como fundamental e que enfatiza questões relacionadas à escola, à educação e ao professor tomando o amor e o afeto como elementos para que uma educação considerada de qualidade aconteça. Assim, na intenção de apreendermos a maior quantidade de informações acerca das obras e de seus autores elaboramos as seguintes questões que serviram para nortear nossa busca de informações: quais as principais características das obras no que diz respeito ao discurso e argumentação? Quais os temas abordados nas obras? Como tais obras podem colaborar para estabelecer novas identidades acerca do ofício de ensinar? Como os professores se apropriam da leitura das obras em sua vida pessoal e/ou profissional? Quais os motivos que os levam a optar por essas leituras?

A ideia desta pesquisa articula-se a empreendimentos realizados no âmbito de um projeto anterior, desenvolvido por mim em nível de Iniciação Científica durante minha graduação na UNESP – *campus* de Rio Claro interior de São Paulo intitulado, *“Do direito a ternura a “pedagogia do amor”: um estudo sobre a identidade do professor em sua dimensão (sócio-) afetiva”*, levado a efeito por mim no período entre 2005 e 2007 e financiado pela CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa). Na ocasião, o intuito foi voltar-se para a questão da construção da identidade do professor e do exercício da profissionalidade docente, chamando atenção para a dimensão afetiva, que perpassa a questão da autoestima docente. Nas observações efetuadas, questionários e entrevistas realizadas, no âmbito da investigação observou-se que a questão dos livros

de autoajuda está presente no itinerário de formação profissional de alguns docentes que realizam sua a leitura visando a transformação de si mesmos e de suas práticas. A constatação de que uma quantidade considerável de docentes opta pela leitura dessas obras e buscam a partir delas a tranquilidade pessoal para obter o sucesso profissional me chamou muito a atenção. Dentre os elementos importantes que me permitem fazer essa afirmação sublinho o estágio curricular feito em uma escola pública no município de Rio Claro – SP. Além do projeto de extensão Escola de Educadores – curso “*A fraternidade como prática pedagógica*” em que participei como bolsista. Ambas as atividades possibilitaram-me a observação de práticas de professores dentro de sala de aula, bem como, em horário extraclasse de formação, isto é, nas apresentações de trabalhos desses ou discussões de textos propostos para leitura, nos horários de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo), pude observar em quais leituras ou autores as condutas desses professores estavam embasadas.

O caminho percorrido na realização deste trabalho resulta numa organização que inclui a *Introdução*, na qual indicamos algumas questões relativas à elaboração dos estudos com os quais a presente investigação se defronta estabelecendo assim as opções feitas, onde o estudo proposto se enquadra e no que se diferencia dos demais. Optamos também por retomar algumas informações acerca das condições dos professores em geral.

O *Capítulo I* teve o propósito de apontar o lugar ocupado por essas publicações no meio educacional, bem como resgatar um pouco de sua origem, possíveis definições e histórico desses escritos buscando caracterizá-los. Para tanto se fez necessário abordar temas como a formação da identidade docente, tópicos relacionados à profissão na perspectiva de tentar situar os anseios dos professores ao buscarem essas obras.

Uma das questões nucleares do trabalho é o exame das formas pelas quais o discurso exposto nos livros de autoajuda se organiza. Assim, buscamos explicitar algumas das características tanto do ponto de vista da elaboração e escrita dos livros quanto do ponto de vista material propriamente dito. Deste modo, no *Capítulo II* apresentaremos alguns traços mais marcantes dessas obras.

O *Capítulo III* teve o propósito de elaborar as interpretações das entrevistas fornecidas pelas professoras a fim de apontar os motivos e as justificativas que elas utilizam para esclarecer as razões que as levam a ler as obras de autoajuda. Para tornar essa etapa da investigação mais produtiva preparamos um roteiro contendo questões com a finalidade de conhecer alguns aspectos das leituras feitas pelas professoras, tais

como: a trajetória de vida e formação; como se deu sua iniciação à leitura; onde costuma ler; o que mais chama a atenção em um livro; quais tipos de livros costuma ler; se gosta de ler livros de autoajuda e por quê; que tipos de questões acredita que essas leituras possam ajudar a pensar; em que podem ajudar na vida pessoal ou no trabalho em sala de aula; como vê os professores brasileiros na atualidade e como pensa que tais livros podem auxiliá-los.

Nas *Considerações Finais* retomamos aspectos que consideramos importantes das análises feitas e das entrevistas das professoras de modo a indicar como essas informações contribuem para que se conheça melhor os modos de leitura e apropriação de conhecimentos que os professores utilizam em suas vidas e para o seu trabalho. Por fim, temos as referências utilizadas para a elaboração do texto seguidas dos anexos.

INTRODUÇÃO

OS LIVROS DE AUTOAJUDA E A EDUCAÇÃO

A pesquisa *A formação e o trabalho docente: um estudo das teorizações acerca das dimensões pessoais no exercício da profissão* propõe-se a investigar aspectos relativos à formação e ao exercício do trabalho docente, em especial os aspectos ligados às dimensões pessoais e às identidades profissionais dos professores. Para tanto, um tipo especial de fontes será examinado na intenção de que se conheçam elementos considerados importantes pelos docentes no exercício de seu ofício. Tratam-se de livros que fornecem conselhos práticos, constituindo uma literatura de autoajuda para professores e, procurando apelar para dimensões subjetivas envolvidas no trabalho docente, buscam auxiliar na construção da identidade dos mesmos.

A complexidade de processos envolvidos na construção das identidades dos sujeitos da sociedade atual exige que se tente compreender como esses sofrem, experimentam, vivenciam e sintetizam a diversidade de influências às quais estão expostos e ao mesmo tempo torna-se necessário recuperar os diversos espaços e linguagens, para que todos possam contribuir para a transformação de indivíduos-objetos em cidadãos-sujeitos.

Pode-se afirmar que os elementos que perpassam ou auxiliam na construção das identidades estão vinculados aos saberes da profissão, saberes práticos e ao próprio exercício do trabalho. Lawn (2000) assinala que “*a produção da mesma envolve o Estado, através dos regulamentos, serviços, encontros políticos, discursos políticos, programas de formação entre outros*”. (p.70). A identidade é “*produzida*” através de um discurso que, simultaneamente, explica e constrói o sistema e a nação que a criou. (p.69). Assim, alterações nas identidades dos professores podem representar a perda de controle na educação, ou um sinal da sua reestruturação.

Chauí (1980) observa que não se pode ignorar o modo de organização e controle do trabalho docente através da burocracia estatal. De acordo com a autora, na maioria

das vezes, quem está excluído do discurso educacional são justamente aqueles que poderiam falar da educação enquanto uma experiência que é sua, isto é, os professores e estudantes. Esses são guiados pelo modelo da racionalidade, que separa os que dirigem dos que executam, retirando desses últimos qualquer controle sobre sua atividade.

A categoria docente passou a ser responsabilizada pelos mais diversos problemas enfrentados pelas escolas e pela educação em geral, questões relacionadas às dimensões subjetivas como a perda da confiança em sua própria atuação e/ou mesmo a desumanização e transformação de suas identidades acabaram ganhando força, decorrentes da falta de limites em muitas salas de aula. Segundo Canário (2006) o sentimento generalizado e por vezes difuso de insatisfação que foi se instalando a partir do final da década de 60, designado como uma “crise mundial da educação” deve, fundamentalmente, ser lido como uma crise da escola. No centro desta crise estão, naturalmente, os professores, que durante esse período viram abalados alguns dos fundamentos da sua identidade profissional, nesse processo a expressão “mal-estar docente” generalizou-se para designar esse fenômeno de crise que se manifesta em diversas modalidades de desmotivação e absenteísmo, falta de investimento profissional, aumento de doenças ocupacionais, refúgio em posturas defensivas e em um sentimento de nostalgia em relação a pretensos “anos dourados” da escola, situada em algum lugar do passado. Assim, entre a retórica que enaltece a missão do professor e o discurso que o critica e culpabiliza, o exercício da profissão é atravessado por uma ambigüidade que o faz oscilar entre a visão de profissão mais bela do mundo e a realidade de uma profissão desgastante e esgotante. (CANÁRIO, 2006)

Nesse processo de perda de sentido da escola questões relativas ao trabalho docente ganharam tanta força a ponto de autores como Gabriel Chalita e Augusto Cury, passarem a publicar livros para professores buscando, de algum modo, suprir o desalento que atinge esses profissionais e a enfatizar a temática do amor e dos afetos.

A tentativa que ora se faz não é de apresentar uma tese revolucionária sobre o assunto. Trata-se apenas de um novo olhar para esse universo a ser descortinado. Um olhar de afeto, um olhar amoroso. Educação e afeto! A educação não pode ser vista como um depósito de informação. Há muitas formas de transmissão de conhecimento, mas o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor.

A relação mestre-discípulo da Grécia Antiga. O respeito à história da cada educando. A cumplicidade entre querer ensinar e se permitir aprender. A troca continuada de experiências, de sonhos, de ideais e, por que não dizer, de amor. O amor é capaz de

quebrar paradigmas, barreiras, ranços. É o amor que nos envolve, que nos move.(CHALITA, 2001, p. 163 **grifos nossos**)

Estes apontamentos são relevantes na medida em que se reconhece na palavra educação também a sua dimensão emocional e afetiva. Porém, as dimensões afetivas, trazem nas palavras do autor, uma força que se pretende suficiente para resolver os problemas educacionais. Que, aliás, sabemos por sua complexidade, exigem muito mais para poderem ser superadas. Também a “vocação” aparece como a condição essencial para o bom trabalho docente. A propósito, pode-se observar o seguinte trecho:

O professor – eis o grande agente do processo educacional. A alma de qualquer instituição de ensino é o professor. Por mais que se invista na equipagem das escolas em laboratórios, bibliotecas, anfiteatros, quadras esportivas, piscinas, campos de futebol, - sem negar a importância de todo esse instrumental -, tudo isso não se configura mais do que aspectos materiais se comparados ao papel e a importância do professor (...) Os temores de que a máquina possa vir a substituir o professor só atingem aqueles que não têm verdadeiramente a vocação do magistério, os que são meros informadores desprovidos de emoção. (CHALITA, 2001, p. 163, 164 **grifos nossos**)

Esses textos, grosso modo, visam “elevar o moral” dos educadores, numa tentativa de valorização de aspectos ligados às dimensões pessoais do educador sem, contudo, entrar no âmago das questões relativas ao trabalho. Cury, com seus textos tornou-se um dos campeões de venda de livros tratando ora do perfil de Jesus Cristo, ora de dimensões pessoais e ora do perfil de professores, pais e alunos. Observe-se o trecho transcrito a seguir:

Infelizmente, quase ninguém mais valoriza os educadores. Entretanto, eles são os profissionais mais nobres da sociedade. Os psiquiatras tratam do homem doente e os juízes julgam os réus. E os professores? Eles educam o homem para que ele não tenha transtorno psíquico e nem se sente no banco dos réus. Os professores, embora desvalorizados, são os alicerces da sociedade. Eles precisam ter subsídios para resolver os conflitos em sala de aula, educar a emoção e fazer laboratórios do desenvolvimento da inteligência. (CURY, 2002 p. 28 **grifos nossos**)

Embora essas obras possam contribuir para tornar o debate acerca da educação superficial já que enfatizam e atribuem a resolução dos problemas educacionais apenas a uma disposição pessoal dos envolvidos no ato educativo é preciso reconhecer que o autor aponta para questões que são relevantes ao assinalar que:

Os professores são como cozinheiros que elaboram alimentos para uma platéia sem apetite. Os conflitos em sala de aula estão conduzindo os professores a adoecer coletivamente no mundo todo. Na Espanha, 80% deles estão profundamente estressados. No Brasil, de acordo com pesquisa realizada pela Academia de Inteligência, 92% dos educadores estão com três ou mais sintomas de stress e 41% estão com dez ou mais, dos quais destacam: cefaléia, dores musculares, excesso de sono, irritabilidade. (CURY, 2002, p. 27 **grifos nossos**).

Na realidade, o que está subjacente a estas questões diz respeito ao fato de que os professores passaram a trabalhar para um público mais diferenciado em seus interesses pelo conhecimento escolar que não percebendo a educação como possibilidade de ascensão econômica e social, tende a desvalorizar o que se passa na escola. A propósito, cabe lembrar as análises de Bourdieu (1997) sobre as relações dos alunos com a escola e a falta de sentido que muitas vezes impregna essas relações. Os docentes não conseguindo resolver os conflitos existentes em sala de aula e, tampouco, fazer uma leitura mais abrangente da questão educacional, acabam ficando presos, possivelmente, a concepções de ensino decorrentes de um modelo em que se valoriza a eficácia e a eficiência na prática pedagógica.

Ainda no que diz respeito às identidades, essas são em grande medida produzidas pelo Estado através dos seus discursos e praticas, constituindo-se em um meio eficaz de moldar atuações. Os atributos da profissão docente são definidos através de regulamentos, serviços, encontros políticos, discursos públicos, programas de formação entre outros, sendo assim, se o sistema está empenhado em produzir uma determinada moral individual, o professor tenderá a refletir tal fato. (LAWN, 1980). Em qualquer período, a fixação da identidade do docente, através do discurso e regulamentação, é uma forma fundamental de estruturação e reestruturação do trabalho. No processo de estruturação dessas, novos “*componentes-chave*” surgiram como qualidades essenciais, como “*a maturidade, entusiasmo, experiências e personalidade, ajustadas aos novos tipos de escolas*”. De acordo com Lawn (1980) o novo aspecto da identidade, promovido através do novo discurso de trabalho da escola do discurso nacional da competição, é o de que “*os professores têm de ser disciplinados, obedientes, motivados, responsáveis e sociais*”. (p.83). Este é o novo aspecto do trabalho importado das praticas empresariais e das companhias privadas. Portanto, o poder de fixar determinada identidade pode definir como o trabalho será conduzido nas escolas. (LAWN, 1980).

Tendo essa compreensão em relação à educação e o professor e sabendo que não é possível examinar cada elemento de forma isolada sem reconhecer as relações mais amplas entre essas buscamos no presente estudo averiguar um pouco dos aspectos relacionados à literatura de autoajuda e sua influência na formação e constituição das identidades dos professores. Dentro desse contexto procuramos investigar o que leva os professores a lerem essas obras, bem como, com quais dos valores expressos no discurso de autoajuda se identificam e se os incorporam ou os utilizam no exercício de sua profissão, pois compreender o que é feito dessas leituras pelos professores é uma questão de saber também como essa literatura é produzida e circula no campo, aqui entendido de acordo com a definição de Bourdieu (1980) como um espaço de lutas, travadas por objetos específicos de disputa, lutas essas que se organizam em torno de regras e interesses de funcionamento próprias no interior desse espaço. Existe um campo político, assim como religioso, artístico, entre outros, isto é, um universo autônomo, um espaço de jogo onde se joga um jogo que possui regras próprias; e as pessoas envolvidas nesse jogo possuem, por esse motivo, interesses específicos, interesses que são definidos pela lógica do jogo. (BOURDIEU, 2004)

Analisar as características dessas produções e a forma como se apresentam também é fundamental para nosso estudo e, para tanto, faz-se necessário investigar e explicitar as características dessas obras. Portanto, o presente estudo visa colaborar com as discussões acerca da formação de professores ao examinar um dos elementos que, nos últimos tempos, tem feito parte de suas vidas e influenciado sua formação, os livros de autoajuda.

Acerca dos estudos sobre autoajuda

A investigação apresentada foi baseada na análise dos livros de autoajuda para professores, nas informações obtidas em sites dos autores das obras estudadas e das editoras que publicam seus livros, no levantamento de trabalhos acadêmicos que versam sobre o tema, nas entrevistas com professores e com um dos autores das obras estudadas.

No esforço de identificar as produções acadêmicas acerca da temática empreendemos a retomada das pesquisas buscando conhecer e dar notícia de trabalhos já desenvolvidos sobre a literatura de autoajuda, identificando as questões que guiam

esses estudos, bem como, as referências teórico-conceituais que os mobilizam. Dessa forma, procuramos sistematizar e aprofundar a problematização sobre o lugar ocupado por esses livros voltados aos professores, que são entendidos como obras que fornecem ao leitor representações de seu trabalho e que ressaltam o caráter missionário da educação tratando a docência como um dom e atribuindo o sucesso do professor e da educação como um todo a condutas de amor e afeto, que assim, buscam transmitir práticas que consideram ideais ao exercício do magistério legitimando certas formas de pensar e agir na profissão docente.

A preocupação central é discutir e entender os livros de autoajuda especificamente voltados a professores, pois, esses guardam uma forma específica de produção, edição e circulação, veiculam discursos e consagram representações específicas acerca do ofício de ensinar. Mesmo não se constituindo em bibliografia básica de cursos de formação inicial são vastamente consumidos por professores e têm um papel importante na construção e legitimação de formas de falar, entender e produzir a profissão. Assim, na intenção de saber quais representações sobre a docência e quais teorias sobre a educação são privilegiadas, esse estudo foi realizado.

No que diz respeito às representações Roger Chartier (1990) faz importantes considerações ao assinalar que essas são construídas e sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. A partir delas apregoam-se algumas formas de ver e agir no mundo, é a tentativa de impor e manipular condutas.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 1990, p. 17)

O conceito de apropriação também é nuclear para nosso estudo, pois, pode elucidar as formas como os autores de autoajuda se utilizam de nomes consagrados no meio educacional ou não, para legitimarem o que tem por práticas e condutas ideais. Ao apropriarem-se de alguns autores e dá-los a ler aos professores, os textos tomam outras formas, representações e interpretações diferentemente das propostas inicialmente por quem os escreveu. (Chartier, 1990)

Diante do que foi colocado e na intenção de saber como os estudos sobre literatura de autoajuda têm sido realizados, procuramos fazer um levantamento de produções acadêmicas (teses, dissertações e artigos) que abordassem o tema para sabermos de quais áreas eram oriundos e como a questão era tratada por seus autores. Nessa perspectiva consultamos diversos acervos de bibliotecas buscando pela entrada “autoajuda” o que nos permitiu encontrar 20 trabalhos no total, dentre eles 12 teses, seis dissertações e dois artigos de diversas áreas de conhecimento:

- *Dédalus* (USP) – 2 teses de doutorado;
- *Athena* (UNESP) - 2 teses de doutorado;
- *Lumen* (PUC/SP) - 3 dissertações de mestrado e 3 teses de doutorado;
- *Acervus* (Unicamp) - 2 dissertações de mestrado e 5 teses de doutorado;
- *Pergamun* (UFSC) – 1 dissertação de mestrado
- *Biblioteca Comunitária* (UFSCar), Nenhum trabalho encontrado;
- *ANPED* (Associação Nacional de Pós- graduação e Pesquisa em Educação) – Nenhum trabalho encontrado;
- *Fundação Carlos Chagas* – Nenhum trabalho encontrado;
- *Revista FEBA* (Revista da Faculdade de Educação da Bahia) – 1 artigo;
- *Revista FAEBA* (Revista da Faculdade de Educação do Estado da Bahia) – 1 artigo.

Na etapa posterior ao levantamento realizamos a leitura dos resumos dos trabalhos que não tratavam de educação e dos que tratavam realizamos a leitura da obra completa, com vistas a esboçar e captar as formas como o tema tem sido estudado e abordado dentro da academia. A análise desse material, por si só, já nos fornece informações importantes acerca da forma como os livros anunciam práticas consideradas por seus autores ideais e, constituíram-se em materiais importantes para nossa investigação.

Para a sistematização dos dados coletados foram aproveitados alguns aspectos propostos por Silva e Correia (2004), por serem relevantes à elaboração de nosso estudo:

1. Números de trabalhos acerca de livros de autoajuda situando o ano de produção;
2. Temas examinados;
3. Tipologia de problematização e referenciais teórico-conceituais

mobilizados

O levantamento efetuado procurou situar o lugar que nossa investigação ocupa no domínio desses estudos e no que ela se diferencia dos demais trabalhos localizados. Esse exercício possibilitou observar que trabalhos que versam sobre essa temática são relativamente recentes, e no que diz respeito à educação, escassos, sendo encontradas apenas três teses, duas dissertações que discutem a autoajuda na perspectiva educacional, dois artigos que, ao tratarem do tema privilegiando a análise do conteúdo dos discursos de alguns livros beneficiaram nosso trabalho e uma tese e uma dissertação que mesmo não estudando especificamente a literatura de autoajuda, pontuam aspectos relevantes acerca de outros materiais, os “manuais pedagógicos”, que na perspectiva adotada por nós constituem-se em análises importantes por considerarmos os textos de autoajuda prescritivos de práticas e condutas como era o caso dos antigos manuais para formação de professores.

Da retomada das produções sobre autoajuda em geral

Com vistas a apreender as diferentes formas de análise e abordagens utilizadas para desenvolver o tema nas diversas áreas do conhecimento optamos por dar notícia de todos os materiais encontrados. Quanto aos estudos que tratam especificamente de educação, faremos uma descrição mais apurada e tentaremos elucidar onde nosso trabalho insere-se.

Nos últimos anos têm aumentado o número de estudos acerca do tema sendo que da lingüística resulta o maior número de produções: Silva (2001); Brunelli (2003); Pereira (2005); Oliveira (2006); Papa (2006); Loli (2008). Em geral, os trabalhos da área enfatizam a forma e organização do discurso, questões de interação entre escritor e leitor procurando revelar alguns dos traços semânticos que o definem, sendo que alguns se beneficiam do referencial teórico e metodológico da Análise do Discurso para procederem a investigação. Na área da Sociologia temos os trabalhos de Neiva (2000) e Marcos (2001) que abordam a questão tratando a autoajuda como uma ferramenta de adequação da personalidade que permite superar as condições adversas da modernidade através da garantia de sucesso material e espiritual.

Na Psicologia temos os trabalhos de Graziano (2005) e Silva (2003) que pretendem compreender respectivamente a felicidade e o amor na perspectiva de clarificar a compreensão que as pessoas têm dos conceitos e de desenvolver programas de saúde mental. O trabalho de Bessa (2008) na linha de Ciência da Religião tem como pressuposto analisar a autoajuda cristã. A hipótese que sustenta a pesquisa é que a literatura de autoajuda cristã ao unir os discursos religioso e psicológico contribui para a humanização de seus leitores, tornando-se instrumento promotor de saúde mental e espiritual.

A retomada da produção geral sobre autoajuda possibilitou-nos averiguar que os estudos sobre literatura de autoajuda mesmo sendo recentes constituem-se em um campo de investigação que vem despertando o interesse de pesquisadores das mais diversas áreas devido à inserção e consumo cada vez maior dessas obras. No que tange a educação, como já foi mencionado, o levantamento apontou que as propostas de estudos que investiguem seu consumo por professores também são escassas visto a grande influência que exercem e aceitação que têm entre os docentes. A retomada mais detalhada dos estudos nessa perspectiva será apresentada a seguir.

Da retomada das produções sobre autoajuda e educação

Ao pensarmos no estudo dos livros de autoajuda para professores, na perspectiva adotada, observamos que em alguns aspectos esses se assemelham aos antigos manuais de formação para professores. Esses materiais visavam à formação do indivíduo para o magistério, desenvolver tópicos relativos aos planos de estudo de escolas normais, institutos de educação e em alguns casos até faculdade de filosofia, a partir de currículos e programas oficialmente determinados atingiam frequentemente um número significativo de edições (SILVA e CORREIA, 2004). Dentre as características que tornam os materiais semelhantes podemos pontuar: o uso de autores renomados em diversas áreas e dos “grandes pedagogos” e o vasto número de produções e edições das obras. Todavia, os livros de autoajuda têm particularidades que fazem com que se diferenciem dos antigos manuais pedagógicos, como o fato de ser uma categoria formada por textos de práticas que contém uma metodologia para a conquista do sucesso material, pessoal, profissional e espiritual que serão alcançados se os passos

sugeridos por seus autores forem seguidos corretamente. Assim, esses escritos funcionam como um instrumento para que os indivíduos se tornem autores de sua existência. (SOUZA e FORNARI, 2001).

Em geral os trabalhos acadêmicos que tratam da presença ou influência dessas obras na educação o fazem na perspectiva de destacarem a forma como as obras servem à sociedade capitalista que individualiza os sujeitos e faz com que esses tomem para si problemas que, na maioria das vezes, são estruturais. Adotando essa perspectiva temos o trabalho de Turmina (2005) que investe na compreensão do que denominou em seu estudo de *pedagogia da autoajuda*, a qual, de acordo com a autora, configura uma nova pedagogia do capital cuja orientação se dá na construção de um discurso que guia e reforça a formação de um trabalhador que coopere (passivamente) e seja tão flexível quanto o capital necessitar. O trabalho busca evidenciar que os gurus, os “*pedagogos do capital*”, investem em um jogo de palavras e expressões que, por meio de metáforas e outros recursos de linguagem, “*ensinam*” os preceitos necessários à manutenção da nova-velha ordem produtiva capitalista. O trabalho de Monteiro (2008) trata da produção discursiva sobre a crise de autoridade na família contemporânea, tomando como fonte de análise a literatura de autoajuda que versa sobre o tema. A autora se utiliza das ideias de Foucault para compreender o discurso do gênero e o trata como um jogo de poder em que se produz o verdadeiro e o falso e cujos efeitos de poder são produzir realidades e sujeitos.

Alves (2005) faz um estudo sobre as obras de autoajuda voltadas à conjugalidade que tem nos manuais de casamento do século XIX seus precursores e apresenta um histórico do desenvolvimento deste produto, em diálogo, com apenas dois autores, o brasileiro Rudiger (1996) e o norte americano Starker (2002).

Quanto a outras publicações que tratam do tema, assinalamos dois artigos, ambos de Souza e Fornari (2001) onde é apontado o vasto consumo da literatura de autoajuda, caracterizando-a como um fenômeno cultural de massa. Considerando o volume de edições e exemplares vendidos, os autores consideram a autoajuda como um fenômeno que precisa ser estudado, por constituir-se em um campo textual que prescreve uma determinada subjetividade e procura estruturar o campo de ação das pessoas a partir do fornecimento de um receituário completo que abrange amplos setores da vida. O artigo pretende analisar as narrativas dos discursos buscando apreender as estratégias de textualização utilizadas por essa literatura, que é formada

sobretudo por manuais e textos de prática, que contêm basicamente uma “metodologia” para a conquista do sucesso material e espiritual. Para exemplificar tal metodologia, foram localizados nos textos, narrativas em primeira pessoa, histórias de vida em que o sujeito relata a descoberta de suas forças mais íntimas e a maneira como as empregou para superar seus problemas individuais, ou narra como passou por um processo de mudança interior, tornando-se uma pessoa mais feliz. Caracterizam-se textualmente pelo discurso prescritivo, oferecendo modelos de conduta, técnicas e exercícios para objetivá-la. O denominador comum dessas obras é o fornecimento de práticas de gerenciamento do “eu” que possibilitariam a construção de uma subjetividade planejada. O estudo buscou analisar as narrativas expressas em seis obras do gênero, buscando apreender a concepção de sujeito e de identidade em que se baseiam.

Dentre as produções apresentadas até o momento, duas, em especial, constituem-se em textos que guardam relações mais próximas com nosso trabalho. São respectivamente os estudos de Asbahr (2005) e Romão (2009).

Asbahr (2005) faz um relevante estudo sobre os professores leitores de autoajuda para crianças. Para a autora, dizer simplesmente que um texto do gênero não se assemelha às características de um texto de literatura e que por esse motivo é ruim consiste em uma forma simplista de entender um fenômeno cultural que não permite a compreensão da complexidade que envolve a busca e produção desses livros. Nesse sentido, a pesquisa busca contribuir a esse debate ao centrar-se no leitor, no pólo da recepção. A proposta foi ouvir os leitores que optam por tais livros como material para leitura própria e/ou para utilização profissional a fim de entender a partir dos usos/apropriações feitos pelos professores, as formas que esses livros vêm assumindo para leitura própria e apontando maneiras de educar os leitores em formação, seus alunos. Para tanto, adotou como percurso olhar para a maneira como tem sido construído o gênero autoajuda na mídia, o que tem sido divulgado sobre esses livros e como vem sendo apresentado para os leitores. A partir da reflexão sobre essas questões, tentou-se delinear como as obras da categoria estão sendo conceituadas, discutidas e problematizadas na mídia, através de reportagens de jornais e revistas que apresentam diferentes posições a respeito do gênero. Utilizando-se de questionários e aplicando-o em dois grupos de professores foi possível conhecer o movimento de aceitação desses livros em meio ao público docente. Uma vez localizada esta comunidade de leitores que lê, escolhe, indica este gênero para seus alunos e, tendo em vista um maior adensamento

na pesquisa, três professores considerados representativos pelo trabalho com livros de autoajuda no espaço escolar foram entrevistados. Portanto, a pesquisa buscou, num primeiro momento, discutir as leituras dos professores e, em seguida, a utilização de livros infantis de autoajuda como ferramenta profissional.

Romão (2009) em seu estudo faz inicialmente uma apreciação do legado histórico deixado pela escola de Frankfurt e pelas ideias de seus principais representantes. O autor mobiliza, em especial, os estudos relacionados aos conceitos teóricos de indústria cultural, semiformação e semicultura de Adorno e Horkheimer. Faz uma digressão histórica sobre a trajetória do livro, que se transformou em bem de consumo, fetichizado por fórmulas vendidas como milagrosas para os problemas atuais. Dentre eles, analisa os voltados a professores. O objetivo do autor foi observar o que leva essa literatura a funcionar como um anestésico da consciência crítica, e, como seu consumo tem se ampliado na medida em que a formação de professores e educadores está fragmentada e sugada de qualquer perspectiva histórica e política. Posteriormente, faz um mapeamento sobre as matrizes filosóficas da educação, marcando como essas foram tecidas em diferentes conjunturas sócio-históricas ao longo da história política e cultural do país. De acordo com o autor, o livro de autoajuda é apresentado para o professor como a chave do sucesso centrado na competência individual, pontuado por conteúdos de frases-feitas, ideias e temas do senso comum e histórias sem profundidade. Os professores, como reféns dessa literatura, acreditam que estão consumindo um saber de última geração e que estão tendo acesso a novas metodologias de ensino, quando, na verdade, estão sendo cooptados pelo que existe de mais sucateado pela ideologia neoliberal. No que diz respeito à análise das obras, o autor utiliza-se de livros de autoajuda voltados à educação, quais sejam Gabriel Chalita, Hamilton Werneck, Içami Tiba, Augusto Cury. Foram escolhidos vinte livros dos mais consumidos por professores e feito um levantamento dos temas que mais se repetiam, dos tópicos mais recorrentes e das mensagens mais frequentemente anotadas por estes autores. A análise dos conteúdos das obras foi desenhada a partir de eixos temáticos. O trabalho expõe trechos desses livros, interpretando quais são as ideias que eles difundem e como sustentam uma série de representações sobre a escola, o professor, o aluno, o processo educacional e o aprendizado.

A investigação de Asbahr (2005) guarda algumas relações com o trabalho aqui apresentado, pois, adota a mesma perspectiva que nós ao assinalar que sua perspectiva

não é a de dizer que essas obras são ruins e sim averiguar os motivos que levam as pessoas a procurá-las. Porém, em nosso trabalho buscamos realizar entrevistas com pelo menos um dos autores das obras em questão e com maior quantidade de professores para tentarmos elucidar as ideias, representações e ponderações de ambos sobre questões que envolvem a educação, a profissão docente, entre outras, diferenciando-se assim do estudo de Asbahr que objetivou entrevistar apenas os leitores das obras. Diferencia-se também no que diz respeito aos tipos de fontes escolhidos e a abordagem adotada, pois, a autora estuda os professores leitores de livros de autoajuda para crianças e a forma que se utilizam de obras que não são de autoajuda trabalhando com os alunos aspectos que envolvem questões como o afeto, por exemplo. Quanto ao trabalho de Romão (2009), este, apesar de adotar a perspectiva marxista de Adorno e Horkheimer, que não é o tipo de análise proposto por nós e de trabalhar com entrevistas a professores, pode nos auxiliar clarificando alguns aspectos da autoajuda, pois, também investiga os livros de Augusto Cury e Gabriel Chalita.

Ainda no que se refere a produções que partilham de características comuns a proposta de nosso trabalho podemos citar a dissertação e a tese de Silva (2001 e 2006) que apesar de não tratar efetivamente da temática da autoajuda, examina os “manuais pedagógicos” que, durante muito tempo, serviram para elaborar e divulgar conhecimentos referentes às competências tidas como "ideais" para os professores além de métodos para conduzir a aula. Em ambos os trabalhos foram tomados como objeto de análise os livros usados pelos normalistas quando esses estudaram as questões relativas ao ofício de ensinar. Esses manuais apresentaram uma síntese do que se considerou ser o melhor da bibliografia usada pelos educadores. Isso porque seu intuito foi iniciar os estudantes no trabalho docente, reunindo de forma fácil e acessível à leitura realizada pelos futuros professores as referências nucleares para realizar tal atividade. Assim organizados, esses conhecimentos fundamentaram os modos pelos quais a escola foi concebida, pois explicaram as características dos vários elementos de sua cultura, compreendendo não só o papel do professor, como também a estrutura organizacional da escola, as tarefas do aluno e os métodos para conduzir a aula. Esses aspectos formaram uma espécie de gramática do ensino, difundida nas mais diversas partes do mundo e que não foi pensada como a modalidade mais apropriada, mas sim como a única forma imaginável de escolarização. Na tese da autora, as lógicas desse processo de produção e apropriação foram examinadas a partir da metáfora da viagem feita pelas

referências usadas em diferentes lugares e momentos. Utilizando suas palavras, os conhecimentos viajaram através dos manuais pedagógicos, quando eles citaram ideias de outros autores, encontradas em outras obras, feitas em vários países. Assim, a história dos manuais pedagógicos atentou para os modos pelos quais eles produziram saberes e colaboraram para difundir o modelo de escolarização entre os professores. Portanto, as produções de autoria de Silva (2001 e 2006) foram importantes para a constituição do nosso trabalho, por acreditarmos que os livros de autoajuda guardem semelhanças com os manuais no que diz respeito aos “*conselhos*” fornecidos aos educadores, ao status de seus escritores, à forma de organização das obras, ao número de edições e reedições, entre outras questões. Além do que, as análises da autora sugeriram hipóteses de construção de fichas de registro e procedimentos de exame de conteúdos dos livros que foram úteis para a formulação de nosso trabalho, pois, buscou explicitar características das obras de autoajuda, bem como, compreender a posição de leitores e escritores acerca do gênero, isto é, onde suas expectativas e pretensões em relação a essas obras se aproximam e onde se distanciam. Pensa-se que os esforços em realizar tal retomada tenham sido importantes, uma vez que contribuíram para o conhecimento de processos específicos de produção e circulação de agentes e obras no espaço profissional dos professores.

As ideias que deram força ao desenvolvimento da pesquisa ligaram-se a conceitos como os de campo Bourdieu (1983) e apropriação Chartier (1988). O campo entendido como espaço de posições e de lutas sociais específicas, como o caso do campo educacional impõe um modo de produção e circulação de conhecimentos, além de formas particulares de consagração dos agentes. Assim, a leitura dos textos de Bourdieu nos forneceu elementos importantes para a compreensão do surgimento e do êxito de conhecimentos que simplificam as explicações acerca do processo educativo e superem modos de ação baseados em atitudes e sentimentos para os professores.

O aprofundamento das leituras e a análise dos materiais pautaram-se por tais ideias. Além disso, saber como os professores se apropriam das leituras foi um investimento fundamental e para isso recorremos às e proposições de Chartier. A noção de apropriação (CHARTIER, 1988) foi capital para o entendimento das ressonâncias que a literatura de autoajuda tem para os professores e o modo pelo qual eles julgam servirem-se de tais obras para mudar o seu próprio trabalho.

A partir de sistematizações e registros padronizados acerca das fontes (obras de literatura de autoajuda para professores e documentos) buscamos encontrar elementos para a construção da análise. Tanto as análises internas das obras (recurso a noções e conceitos educacionais, uso de metáforas e slogans (SCHEFFLER, 1974) e outros procedimentos tais como a ausência de referências a autores, bibliografia (SCHIEWER, 2000).

As obras dos dois autores selecionados foram assim o ponto de ancoragem para a condução dos modos de análise.

Os livros que constituem a literatura de autoajuda para professores

Selecionamos no total 18 obras, sendo nove de Gabriel Chalita e nove de Augusto Cury. Para isso, fizemos um levantamento de toda a produção dos autores e construímos tabelas contendo, data de publicação, nome do livro, edições, reimpressões e um breve resumo e, posteriormente, elaboramos fichas de cada um dos livros selecionados contendo o maior número de informações sobre eles, bem como, figuras que caracterizavam seus discursos, como as metáforas e autores utilizados nas narrativas, por exemplo. As fichas elaboradas estão disponibilizadas ao final do trabalho (**Anexos A e B**). Os livros analisados estão listados a seguir:

Augusto Cury

- 1) *“Pais brilhantes, filhos fascinantes”*;
- 2) *“Filhos brilhantes, alunos fascinantes”*;
- 3) *“O mestre dos mestres”*;
- 4) *“O mestre da vida”*;
- 5) *“O mestre do amor”*;
- 6) *“O mestre da sensibilidade”*;
- 7) *“O mestre inesquecível”*;
- 8) *“Maria, a maior educadora da História”*;
- 9) *“Escola da vida: Harry Potter no mundo real”*.

Gabriel Chalita

- 1) *“Pedagogia da Amizade - Bullying - O sofrimento das vítimas e dos agressores”*;
- 2) *“Educar em Oração”*;
- 3) *“Pedagogia do amor”*;
- 4) *“Educação - a solução está no afeto”*;
- 5) *“Histórias de Professores que Ninguém Contou, mas que todo mundo conhece”*;
- 6) *“A escola dos nossos sonhos”*;
- 7) *“Famílias que educam”*;
- 8) *“Semeadores da esperança”*;
- 9) *“Aprendendo com os aprendizes”*;

Para enriquecermos a análise procuramos informações complementares sobre os livros de autoajuda nos sites das editoras e livrarias na perspectiva de averiguarmos como as obras são categorizadas por essas, isto é, em quais prateleiras costumam ser encontradas.

Das entrevistas

A realização das entrevistas foi um passo importante para a constituição de nosso estudo. De acordo com Thompson (1992) essa deve fluir sendo que, nunca devemos tentar controlá-la, o menos que se pode fazer é orientá-la fazendo o mínimo possível de perguntas, *“(...) todo o tempo necessário, toda a fita necessária e poucas perguntas”*. (p.257). Essas poucas perguntas devem estar associadas a uma ideia clara, obtida antecipadamente, sobre o que cada um dos informantes pode relatar. Assim, na perspectiva de elucidar aspectos referentes ao objetivo das obras de autoajuda, bem como, os fatores que levam as pessoas a lê-las realizamos entrevistas com Augusto Cury e com 11 professores das quais foram aproveitadas apenas 10. Para isso, seguimos um roteiro de questões elaborado previamente com perguntas orientadas pelo objeto de estudo, mas com a flexibilidade de adicionar outras indagações para sanar dúvidas. Infelizmente não conseguimos entrevistar o outro autor em questão, Gabriel Chalita.

Destarte, a dissertação que ora se apresenta reuniu os esforços de sistematização e interpretação das fontes e das entrevistas realizadas, bem como, buscou empreender uma interpretação que levasse em consideração aspectos relacionados à forma de organização do discurso do gênero autoajuda. Portanto, a investigação desenvolvida não se pautou em dizer e julgar se as obras em questão são ou não uma literatura menor que simplifica conceitos educacionais, mas buscou mapear as características dessas obras, bem como, analisar os motivos que levam os professores a consumi-las.

CAPÍTULO 1

LEITURAS PARA PROFESSORES E LEITURAS DE AUTOAJUDA

O presente capítulo tem o propósito de situar as obras de autoajuda e apontar o lugar ocupado por essas publicações no meio educacional, bem como, de resgatar um pouco de sua origem, possíveis definições e histórico desses escritos buscando caracterizá-los. Para tanto se fez necessário abordar temas como a formação da identidade docente, bem como, tópicos relacionados à profissão na perspectiva de tentar explicar um pouco os anseios dos professores ao buscarem essas obras.

Sabe-se que a *construção* de uma *identidade social* não é transmitida de uma geração a outra, mas é *produzida* a cada geração com base nas categorias e posições herdadas da geração precedente (o que inclui as limitações e conquistas). A história das identidades sócio-profissionais mais assumidas pela “ocupação docente” nos auxilia a compreender uma “ocupação”, pois tem como objeto de estudo as origens sociais e as histórias de vida dos professores, a formação e as instituições de formação, o local de trabalho e a sua inserção social, o associativismo docente, considerando a sua articulação entre o biográfico e o relacional. (NÓVOA, 1992, p.23).

De acordo com Lawson (1983) da perspectiva de uma “ocupação de elite” emerge a palavra “profissão”, nesta seus membros ganham *status* e recompensas mais elevados e frequentemente acham seu trabalho mais significativo, desfrutando de maior controle sobre o labor. Lüdke (1991) com base no trabalho de Lieberman (1956), assinala alguns critérios relacionados à questão da profissionalização como o fato de uma profissão prestar um serviço único e essencial e este ser reconhecido pelo público em geral; os membros de uma profissão possuem um código de ética no qual o serviço público é colocado acima do ganho particular e, finalmente, para desempenhar estes serviços únicos, cada membro de uma profissão deveria possuir conhecimento esotérico, isto é, um entendimento de operações intelectuais especiais e a posse de habilidade técnicas específicas. (VICENTINE e LUGLI, 2009)

No entanto, a ideia de profissão docente pode ser considerada, por alguns autores, Sarmiento (1994); Papi (2005) e Contreras (2002), como uma semiprofissão, ou

ofício. De acordo com Papi (2005) a docência pode ser vista como semiprofissão, pois sua formação é reduzida, seu status está menos legitimado e seus membros têm menor autonomia na supervisão ou no controle social de seu trabalho, e pode ser vista como ofício, por durante muito tempo esse termo ter sido utilizado para se referir a uma ocupação não-profissional que não exigia esses pré-requisitos, por mais habilitado que quem o exercesse fosse.

Por permanecer durante muito tempo sob controle e tutela da igreja e possuir um corpo de professores religiosos, Lüdke (1991) vai chamar a atenção para o fato de que *“há quem considere a profissionalização do educador como a negação de sua vocação, missão ou mesmo sacerdócio”*. (p.65). Essa ênfase no caráter missionário da profissão pode ser caracterizada pelo idealismo, carisma, dedicação, moral ocupacional e pelo espírito de doação. Pereira (2003) destaca que, mesmo quando buscam enfatizar a docência como trabalho ou profissão, o que seria o resultado de reestruturações das disposições do professorado, os docentes não abrem mão de algumas características do etos missionário. (PEREIRA, 2003). Embora essa compreensão perpassasse a questão do magistério, no momento atual, é a perspectiva da profissionalização que tem mobilizado o exercício da docência por se entender que é o processo através do qual os trabalhadores melhoram o seu estatuto, elevam os seus rendimentos e aumentam o seu poder/autonomia (NÓVOA, 1992). Entretanto, há uma perspectiva de análise que trata da proletarização e tem como tese básica que o trabalho docente sofreu subtração progressiva de uma série de qualidades que conduziram os professores à perda de controle e sentido sobre o próprio trabalho, ou seja, à perda de autonomia. Segundo essa concepção os educadores estão sofrendo transformações tanto nas características de trabalho quanto nas tarefas que realizam que os aproxima cada vez mais das condições e interesses da classe operária. Mesmo não havendo unanimidade entre os autores que defendem a teoria da proletarização docente. Apple (1987 e 1989); Apple e Jungck, (1990), Lawn e Ozga (1988); Ozga (1988); ou Densmore (1987), são alguns dos representantes dessa perspectiva. (CONTRERAS, 2002).

Cabe lembrar que, no atual contexto da sociedade capitalista, a escola não garante mais a certeza de sobrevivência do indivíduo, isto é, a certeza de empregos. Desse modo, acaba, por vezes, perdendo o sentido para aqueles que a frequentam e,

consequentemente, o professor o seu valor. Nesse âmbito, os vínculos afetivos que, em alguns contextos, eram o que dava sentido à escola, acabaram ficando prejudicados.

No estudo de diferentes autores esta questão não passa despercebida, valorizando-se as dimensões pessoais. Por exemplo:

I – Nas características técnicas, o professor bem sucedido:

1. Conhece seus alunos e adapta o ensino às suas necessidades, incorporando a experiência do aluno ao conteúdo e incentivando sua participação.
2. Reflete e pensa sobre sua prática.
3. Domina conteúdo e metodologia para ensiná-lo.
4. Aproveita o tempo útil, tem poucas faltas e interrupções.
5. Aceita responsabilidade sobre as exigências dos alunos e seu trabalho.
6. Usa eficientemente o material didático, dedicando mais tempo às práticas que enriquecem o conteúdo.
7. Fornece feedback constante e apropriado.
8. Fundamenta o conteúdo na unidade teoria prática.
9. Comunica aos alunos o que espera deles e por que (tem objetivo claro)
10. Ensina estratégias metacognitivas aos alunos e as exercita.
11. Estabelece objetivos cognitivos tanto de alto quanto de baixo nível.
12. Integra seu ensino com outras áreas.

II – Nas características afetivas, o professor bem sucedido:

1. Demonstra interesse, entusiasmo, vibração, motivação e/ou satisfação com o ensino e seu trabalho, valorizando seu papel.
2. Desenvolve laço afetivo forte com os alunos.
3. Mantém clima agradável, respeitoso e amigo com os alunos – “atmosfera prazerosa”.
4. É afetivamente maduro (não “bonzinho”).

III- Nas características sociopolíticas, o professor bem sucedido:

1. Conhece a experiência social concreta dos alunos.
2. Possui visão crítica da escola e de seus determinantes sociais.
3. Possui visão crítica dos conteúdos escolares. (GALVÃO 2002 p. 12)(**grifos nossos**)

Como pode ser observado, as dimensões pessoais ou subjetivas, fazem parte dos aspectos constitutivos da realidade dos professores apesar de, muitas vezes, terem sido ignoradas no processo de formação. De acordo com Nóvoa (1997) a formação está indissociavelmente ligada à “produção de sentidos” sobre as vivências e sobre as experiências de vida, devendo haver práticas de formação que tomem como referência

as dimensões coletivas e contribuam para a formação profissional a consolidação de uma profissão autônoma na constituição dos seus saberes e dos seus valores.

Dentro desse processo de construção das identidades e recuperação da profissionalização, não se pode ignorar a existência das pedagogias não-diretivas que também podem ter contribuído para a desvalorização docente. Estas pedagogias, grosso modo, propõem a emancipação humana a partir da individualidade do sujeito atribuindo a resolução das questões sociais apenas ao bem-estar dos indivíduos. Em geral, corroboram a literatura de autoajuda para professores, uma vez que atribuem somente a pessoa o sucesso ou o fracasso por suas conquistas, e mesmo tendo contribuído para o processo educativo por colocarem “*em primeiro plano a relação entre professores e alunos*” podem ter colaborado para a desvalorização dos professores. (SNYDERS, 1978).

Os alunos se tornam agentes de sua própria formação e os processos de transmissão-recepção dão lugar a processos de elaboração pessoal, passa-se de uma educação intelectual guiada do exterior para um projeto no qual o aluno se torna o elemento ativo de um conjunto de processos que não devem ser dirigidos nem prescritos e cuja direção ele deve assumir. (NOT, 1981). Sendo assim, a concepção de que o docente “molda” o aluno é substituída pela concepção de que o aluno se desenvolve com ou sem o mestre fazendo com que os docentes em certos momentos acreditem que seu trabalho não tem função e que são profissionais substituíveis.

Na perspectiva de suprirem necessidades oriundas, em certa medida, da desvalorização da qual são vítimas, em busca de palavras que expressem o quão importantes, fundamentais e indispensáveis são e em busca de palavras de motivação e apoio muitas vezes os livros de autoajuda são procurados pelos professores.

A categoria autoajuda surgiu na metade do século XIX e sua retomada a partir dos anos 90 do século XX, período que já demandava a busca de métodos de “*apaziguamento*” e equilíbrio na relação entre capital e trabalho. Assim “*a autoajuda representa “o espírito da época” já que se trata da construção de uma nova cultura de relacionamento entre empresários e trabalhadores*” (TURMINA, 2005). Essa retomada representa um dos pilares que sustentam as práticas de gestão organizacional que se pautam na flexibilidade, em vigência nos tempos atuais. Seu surgimento se dá na Inglaterra, em 1859, quando o médico escocês Samuel Smiles (1812 -1904) publica o

livro “*Self Help*”¹ traduzido como *Ajuda-te*. Smiles tinha como principal objetivo desenvolver o caráter e o bem que cada um pode fazer a si mesmo cumprindo seus deveres dentro de uma sociedade:

Em seu best-seller, lê-se de fato que o progresso social não é obtido com a reforma das instituições. O fundamental é a capacidade dos homens de se “elevarem e aperfeiçoarem eles mesmo pela ação livre e independente de sua vontade individual” (SMILES, 1859, p. 3 citado por RÜDIGER, 1996, p. 36))

Segundo Turmina (2005), a obra de Smiles assemelha-se ao discurso atual no que tange às relações de trabalho e a manutenção do “*status quo*”, mas, distancia-se quando a questão refere-se a quem demanda a autoajuda, no caso atual, são os empresários, no século XX eram os trabalhadores. O projeto contido nas páginas de *Self-help* e nos demais livros do autor consiste em conciliar o espírito do progresso pessoal, baseado no emprego da vontade, com a moralidade tradicional. O esforço era de provar que o sucesso e o bem estar individual só podem ser alcançados respeitando-se essa dimensão, entendida como cimento da sociedade. (RÜDIGER, 1996). Smiles tentava oferecer aos leitores um modelo de homem que era considerado por ele ideal.

Entre os séculos XIX e XX a autoajuda adquire outra perspectiva, a de ajudar o indivíduo a utilizar a mente e seus poderes como forma de transformar-se em uma pessoa bem-sucedida podendo assim alcançar o desejado utilizando o poder do pensamento. Asbahr (2005, p. 9).

Conta-se entre os fenômenos de indústria cultural que construíram seu próprio universo espiritual e responderam com sucesso às demandas colocadas pelas condições que suscitaram seu florescimento, engendrando, com o passar do tempo, uma série de práticas, sobretudo de leitura, através das quais o indivíduo comum vem tentando descobrir, dentro de si, os recursos e a solução dos problemas pessoais criados pela vida moderna. (grifo nosso)

As definições sobre o gênero encontradas nos dicionários de língua portuguesa vão ao encontro dessa perspectiva que enfatiza a procura das soluções dos problemas dos indivíduos dentro de si mesmos:

¹ Obra traduzida no Brasil como *Ajuda-te*. SMILES, Samuel. *Ajuda-te*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & CIA, 1893.

sf1 prática que consiste em fazer uso dos próprios recursos mentais e morais para alcançar objetivos de ordem prática ou resolver dificuldades de âmbito psicológico <a institucionalização da a. é recente > 2 ato de realizar a autoajuda<seu êxito advém de muita a. > 3 conjunto de informações, orientações, conselhos que visam possibilitar essa prática <curso de a> <livro de a>. (HOUAISS, 2001, p.348)

sf forma ou tendência que visa a melhorar a imagem que os indivíduos têm de si mesmos. (MICHAELIS, 2002, p263.)

Assim, a literatura de autoajuda constitui uma das mediações através da qual as pessoas comuns procuram construir um “eu” de maneira reflexiva, gerenciar os recursos subjetivos e, desse modo, enfrentar os problemas colocados ao indivíduo pela modernidade. Em síntese, a categoria refere-se ao conjunto textualmente mediado de práticas através das quais as pessoas procuram descobrir, cultivar e empregar seus supostos recursos interiores e transformar sua subjetividade, visando a conseguir uma determinada posição individual. (RUDIGER, 1996). Os livros dividem-se entre aqueles que tratam de questões objetivas e questões subjetivas tendo como principal perspectiva a ideia de que alcançaremos tudo o que for desejado através da utilização de nossos “recursos interiores”:

A categoria da auto-ajuda designa, nesse fenômeno, um conjunto de práticas articulado textualmente que, embora variado em sentido e campo de aplicação, baseia-se em um mesmo motivo: o princípio de que possuímos um poder interior, passível de ser empregado na solução de todos os nossos problemas. O denominador de todas essas práticas é um individualismo segundo o qual o indivíduo precisa procurar dentro de si os recursos necessários para resolver suas dificuldades. Os problemas com que luta, embora se originem de fatores sociais, possuem uma natureza pessoal, que não tem nada a ver com a sociedade. (RÜDIGER, 1996, p.17)

Rudiger (1996) ao fazer ponderações sobre o gênero aponta para o fato de que seu sucesso decorre da incapacidade do homem moderno enfrentar seu tempo com as coordenadas da modernidade: o pensamento racional e científico. Diante disso a literatura de autoajuda serviria como um instrumento através do qual, mal ou bem, os indivíduos meditam sobre sua realidade pessoal, considerando que a circulação desse material é responsável pela difusão de um conjunto de informações “*a respeito de possíveis modos e direções de mudança pessoal que, não obstante, deve ser organizado pela pessoa que o recebe em relação aos seus próprios problemas*” (RUDIGER, 1996). Anthony Guiddens (2002) ao tratar do que denomina de modernidade tardia diz que a

falta de sentido pessoal – a sensação de que a vida não tem nada a oferecer – torna-se um problema psíquico fundamental. Por isso, devemos entender esse fenômeno em termos de uma repressão de questões morais que a vida cotidiana coloca, mas às quais nega respostas, dessa forma, os livros de autoajuda viriam na perspectiva de ajudar ou fornecer respostas interiores ou formas de chegarmos a elas.

A literatura do gênero é composta por manuais e textos de práticas que contém uma “metodologia” para a conquista do sucesso material e espiritual. Em suas páginas são encontradas narrativas em primeira pessoa e histórias de vida de pessoas que conseguiram superar com sucesso seus problemas. Partindo de situações cotidianas frequentemente enfrentadas pelos indivíduos os temas abordados vão desde a realização pessoal; como superar perdas; como ter sucesso profissional; como ter saúde até como lidar com os filhos ou como os professores devem lidar com seus alunos. Em geral, os textos apresentam-se com um discurso prescritivo e aconselhador e são iniciados com interpelações diretas ao leitor tendo por objetivo convencê-lo da utilidade dos ensinamentos expressos no livro, de forma que, é comum o uso da terceira pessoa (você) na intenção de aproximar o leitor estabelecendo uma relação mais informal. (FORNARI e SOUZA, 2001).

Você quer ser um pai ou mãe brilhante? Tenha coragem de falar sobre os dias mais tristes da vida com seus filhos. Tenha ousadia de contar sobre suas dificuldades do passado. Fale das suas aventuras, dos seus sonhos e dos momentos mais alegres de sua existência. Humanize-se. Transforme a relação com seus filhos numa aventura. Tenha consciência de que educar é penetrar um no mundo do outro. (CURY, 2003, p.22)

O discurso contido nas páginas de autoajuda se apresenta, vez por outra, sob a forma de uma conversa próxima entre o escritor e o leitor ou utilizando-se de passagens bíblicas e afirmações que podem ser aplicadas às mais diversas situações e a promessa de seus autores é de que se os passos forem seguidos corretamente possibilitarão que o indivíduo alcance o sucesso desejado.

Giddens (2002) ao fazer considerações acerca do homem moderno aponta que este procura por “liberdade” para construir a alma, resignificar valores sociais e mover-se num mundo sem amarras subjetivas. Esse é o homem projetado pela modernidade, isto é, liberto das limitações da tradição e que pode cultivar-se pela própria razão que faz com que o indivíduo busque a auto-construção. O capitalismo, liberando os homens de vínculos mais profundos com a comunidade e alimentando o individualismo

exagerado e a ciência moderna fazendo crer que é capaz de resolver todos os problemas humanos dando espaço para a recepção de um discurso de construção de si. O indivíduo privado do auxílio que lhe era dado pela tradição, precisa agora empreender uma monitoração e uma reciclagem permanentes de seu modo de ser, se quiser preservar não somente sua condição de agente social autônomo, mas também sua própria individualidade. (RUDIGER, 1996)

Categorizar as obras do gênero é tarefa difícil por sua variedade de formas de se apresentar. Verifica-se essa imprecisão ao se pesquisar a categoria, por exemplo, as listas dos mais vendidos. Dentro do conjunto de livros de autoajuda temos outras subcategorias que normalmente diferenciam-se. Vejamos alguns exemplos: Na Revista Veja autoajuda e esoterismo são colocados como similares, no Jornal Folha de São Paulo autoajuda e negócios são mencionados no mesmo espaço, na Revista Época autoajuda está entre os esotéricos e religiosos, nas livrarias Saraiva e Siciliano autoajuda está entre as produções de medicina alternativa, mentalismo, neurolinguística e relações interpessoais e na loja virtual Submarino está entre as produções de desenvolvimento humano, auto-estima, dependência química, depressão, desenvolvimento profissional, dieta e boa forma, Feg Shui, hipnose e regressão. (CELUSSO, 2009). Por abarcarem promessas de resolução das mais diversas questões e uma imensa quantidade de assuntos uma categorização precisa do tema se torna difícil. No caso das obras investigadas seus autores não as consideram pertencentes ao gênero e utilizam-se de toda uma argumentação para sublinhar que seus livros têm fundamento científico e filosófico e não pertencem à categoria autoajuda:

“Bom, os meus livros não são de autoajuda, os meus livros são de divulgação científica. Alguns jornalistas, por não desenvolverem uma leitura num nível mais profundo acabam pelo título classificando o conteúdo tal como se classificava negros pela cor da pele, sem, sem....reitero, meus livros não são de autoajuda são de divulgação da teoria da inteligência multifocal e a minha intenção é provocar os leitores é estimulá-los a eles mesmos construir as ferramentas para que eles se tornem autores ou autoras da sua própria história, é estimular as funções mais complexas da inteligência, pensar, agir, controlar emoção, gerenciar pensamento, se colocar no lugar dos outros”. (Augusto Cury)

“A escola da existência é tão complexa que nela se pode ler uma infinidade de livros de auto-ajuda e continuar, ainda assim, a ser inseguro e ter dificuldade de lidar com as contrariedades”. (CURY, 2006, p. 24)

Atualmente, os livros de autoajuda são sucesso absoluto de vendas em várias partes do mundo. Augusto Cury, por exemplo, é um dos autores mais lidos no Brasil e tem suas obras traduzidas para diversos idiomas, fato que é ressaltado pelo próprio autor no prefácio de um de seus livros para justificar seu sucesso e para contestar a forma agressiva e desrespeitosa que segundo ele suas obras foram tratadas por um jornalista ao qual concedeu entrevista. Para contestar os argumentos do jornalista, Cury sublinha que tratar seus livros como uma literatura inferior seria desrespeitar milhões de leitores de diversos níveis culturais e que sabem escolher o que leem, dentre os quais inúmeros médicos, psicólogos, pedagogos, sociólogos, biólogos, professores, advogados, juízes de direito e cientistas que usam seus textos em vários países.

O jornalista entrevistou-me porque disse que era o autor brasileiro mais lido no país atualmente (época do lançamento deste livro), com mais de um milhão e duzentos mil livros vendidos, no último ano. Não entendo por que tenho tantos leitores, não mereço esse sucesso. Não tenho uma equipe de marketing, nem assessor de imprensa e moro longe dos grandes centros. Além disso, não tenho muito prazer de dar entrevistas, pois não sou celebridade e nunca serei. Sou apenas um psiquiatra e um simples pensador que procura ansiosamente entender o complexo teatro da mente humana (CURY, 2007, p. 10)

Uma revista semanal bastante polêmica – Revista Veja² – noticia para o público em geral o sucesso de Chalita que aos quarenta e dois anos já publicou cerca de cinquenta e quatro títulos, *“todos com um estilo marcado pelo forte apego às frases feitas e por um fraquinho pelos diminutivos”*. A crítica ao autor vai no sentido de afirmar que as citações atribuídas por ele às personalidades como Fernando Pessoa, Leon Trotsky, Machado de Assis, Cora Coralina, entre outros, nada mais são do que citações que são copiadas erradas da internet. Fernando Mello, jornalista responsável pela matéria, recorre a conhecedores das obras dos autores citados por Chalita, instituições que preservam a memória e as obras desses autores e a editores responsáveis pelas publicações de livros dessas personalidades para questionar o teor de seus livros. A chamada da matéria afirma o seguinte sobre o deputado:

O que está claro: ele é vaidoso, rico e escreve livros com a mesma velocidade com que muda de partido. Já a lista de incógnitas que

² Revista Veja - edição 2226 – ano 44 – n° 29 de 20 de julho de 2011. Observe-se que ao recorrermos às informações do periódico e também, mais adiante ao jornal *Folha de S. Paulo* com sua grande circulação, podemos dar a medida da penetração dos autores e suas obras no espaço social brasileiro.

cercam o pré-candidato do PMDB a prefeito de São Paulo é mais extensa.

Ainda de acordo com a matéria o último livro do autor “*Carta entre amigos*” que é escrito em parceria com o Padre Fábio de Melo, pertencente originalmente à Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, teve partes suprimidas pela Editora Globo que identificou erros durante sua publicação.

Citação: “Abençoados os que possuem amigos, os que os têm sem pedir. Porque amigo não se pede, não se compra, nem se vende.

A quem Chalita atribuiu: Machado de Assis

A verdade: “Esses versos não estão nas poesias editadas por Machado nem nas que foram coligiadas postumamente”, diz o professor da USP Alcides Villaça, especialista na obra do autor

Citação: “Não sei...se a vida é curta ou longa demais para nós”

A quem Chalita atribui: Cora Coralina

A verdade: a editora de Cora e também sua filha, Vicência, afirmam que o poema não foi escrito por ela³.

No que diz respeito à educação, os livros de autoajuda são cada vez mais comuns, versam sobre as mais diversas temáticas relacionadas ao espaço escolar e buscam dar um direcionamento ao trabalho docente. São livros que tentam fornecer desde maneiras de formar os professores enfatizando, na maioria das vezes, questões subjetivas, até formas de organização do espaço escolar e nos quais circulam leituras do campo educacional, científico e mesmo do campo político. Quando ligados à educação tais livros, geralmente, se organizam com as seguintes características:

- Versam sobre histórias conflituosas envolvendo a sala de aula quando em determinado momento um professor “dotado da missão da docência” e da abnegação chega à escola e consegue sensibilizar os alunos e os outros professores sobre a importância e o potencial da educação.

No primeiro dia de Romanov um grande problema ocorreu. Um aluno agressivo e autoritário, apelidado de Gigante, colocou a lixeira da sala ao lado da porta para o professor tropeçar [...] O silêncio do novo professor penetrou pouco na mente dos alunos e os inquietou. Nunca viram uma reação como essa. Esperavam broncas, sermões, mas foram inundados por um gritante e perturbador silêncio. Quinze minutos depois todos estavam calados. (CURY, 2007 p.18)

³ Revista Veja - edição 2226 – ano 44 – n° 29 de 20 de julho de 2011

- Aconselham os professores acerca da melhor forma de agir e se portar em relação aos seus alunos.

O professor, em momento nenhum, deve competir com o aluno, por mais amigos que sejam. Esse é um parâmetro didático milenar porque o professor é um referencial, uma pessoa admirada, e como tal precisa se conscientizar de que é parceiro do aluno; apenas possui mais experiência. (CHALITA, 2004, p. 145)

- A partir de personalidades reconhecidas ressaltam condutas que acreditam exemplares e ideais. Em geral, as condutas mais ressaltadas são as vividas por Jesus Cristo, considerado o educador por excelência.

Cristo estava continuamente conduzindo seus discípulos a pensar antes de reagir, a abrir as janelas de suas mentes mesmo diante do medo, dos erros, dos fracassos e das dificuldades. Estimulava os papéis da memória e o processo de construção de pensamentos. (CURY, 2006, p. 55)

O consumo de tal literatura tornou-se, hoje em dia para os docentes, um fenômeno cotidiano. Alguns dos livros de Augusto Cury como *“O código da inteligência”* está em sua 4ª reimpressão, *“Filhos brilhantes, alunos fascinantes”*, em sua 10ª reimpressão, e *“12 semanas para mudar sua vida”* em sua 9ª reimpressão. No caso de Gabriel Chalita, *“Pedagogia do amor”* está em sua 29ª edição e *“Educação: a solução está no afeto”* está em sua 19ª edição. A maioria das obras dos autores contam com edições mais sofisticadas, que logicamente custam mais caro e edições de bolso, vendidas a preços acessíveis em catálogos de cosméticos, bancas de jornais, supermercados, entre outros.

Até revendedoras da Avon vendem livros de Chalita. Centenas de milhares de unidades também foram negociadas via telefone ou internet por meio do “call Center” da comunidade Canção Nova. Mas o grosso mesmo vem das livrarias. A obra de Chalita compreende os universos didático, jurídico, infantojuvenil e filosófico⁴.

⁴ Folha de São Paulo - E8 - Caderno Ilustrada de 7 de maio de 2011

Augusto Jorge Cury (1958)

Nasceu em Colina, filho de um advogado e de uma dona de casa, teve uma infância modesta. Era o segundo pior aluno de sua escola. Mas, com o incentivo do pai, chegou à faculdade de medicina, onde conheceu sua esposa. Escreveu 3 mil páginas ao longo de 25 anos, mas ao procurar uma editora para publicar seus escritos escuta que seu livro não preenchia o perfil da editora. Assim, resume sua teoria em 500 páginas e tem seu primeiro livro *“Inteligência Multifocal”*, lançado pela Editora Cultrix em 1998. Depois da publicação dessa obra, Cury resolve disponibilizar sua teoria ao maior número de pessoas possível, assim, simplifica seus conceitos em uma série de livros que enfatizam diferentes temas. Alguns de seus livros viraram best-sellers como: *“Nunca desista de seus sonhos”*, *“Pais brilhantes professores fascinantes”*, *“Seja líder de si mesmo”*, *“Dez leis para ser feliz”* e *“Doze semanas para mudar uma vida”*. Em seguida começa a produzir livros de ficção como *“O vendedor de sonhos”* e *“O futuro da humanidade”* com igual sucesso. É considerado pelo jornal Folha de São Paulo o autor mais lido da década. Suas obras já venderam dez milhões de exemplares somente no Brasil. Atualmente, possui 26 delas publicadas em mais de 50 países, ganhou um dos principais prêmios literários da China. Existe um Centro de Estudos que leva seu nome em Portugal, e sua obra é objeto de pós-graduação em universidades do Brasil e dos Estados Unidos.

sua produção para a educação nos anos 2000. Cury tem seu primeiro livro na área *“Escola da vida: Harry Potter no mundo real”* publicado no ano de 2002.

Posteriormente publica *“Pais brilhante, professores fascinantes”* em 2003, a coleção de

Gabriel Chalita (1969)

Nascido Cachoeira Paulista (SP), revelou-se escritor já aos 12 anos, quando publicou seu primeiro livro. Aos 15 anos, criou uma coleção destinada a crianças em idade de catequese. Formou-se em Filosofia e Direito. Sua obra compõe-se de mais de 60 títulos. Dos livros publicados, dois já foram lançados no exterior. É doutor em Filosofia do Direito e em Comunicação e Semiótica; mestre em Direito e em Ciências Sociais. Atuou em diversas ONGs – entre elas, a Juventude Latino-Americana pela Democracia (Julad) – e deu início à carreira política aos 19 anos, como vereador e presidente da Câmara Municipal de Cachoeira Paulista. Foi secretário da Juventude, Esporte e Lazer e, posteriormente, secretário da Educação do Estado de São Paulo durante o mandato de Geraldo Alckimin, além de presidente do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), por dois mandatos. Exerceu em 2008 seu primeiro mandato como vereador de São Paulo destacando-se como o vereador mais votado no Brasil na ocasião. Nas eleições de 2010, foi o segundo candidato a deputado federal mais votado. Em sua trajetória enfatiza a causa da educação. Na administração pública instituiu o Programa Escola da Família e Escola de Tempo Integral. É também professor dos cursos de graduação e de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, da Universidade Presbiteriana Mackenzie e do Complexo Educacional FMU; ministra palestras nas áreas de educação, filosofia, ética e relações interpessoais, é membro da Academia Brasileira de Educação e da Academia Paulista de Letras. É extremamente atuante dentro do catolicismo, apresenta o programa de rádio Papo Aberto além de um programa televisivo, também chamado Papo Aberto, pela TV Canção Nova.

Suas obras tentam fazer circular determinados referenciais acerca do trabalho em sala de aula, modos de organizar a escola e o ensino e métodos de ensino e assim tentam orientar a vida profissional dos professores e os ajudar a formular representações acerca da profissão docente. Ambos publicam livros em diversas áreas, mas começam a voltar

cinco livros *“Análise da Inteligência de Cristo”* em 2006, *“Filhos brilhantes, alunos fascinantes”* em 2007 e *“Maria, a maior educadora da história”* em 2010. Chalita inicia sua produção sobre educação com o livro *“Pedagogia do amor”* de 2003, posteriormente publica *“Histórias de professores que ninguém contou (mas que todo mundo conhece)”* em 2004, *“Pedagogia da amizade”* em 2008, *“Educar em oração”* e a *“Coleção Cultivar”*, composta por 4

livros intitulados, “*Famílias que educam*”; “*A escola dos nossos sonhos a escola: o espaço de acolhimento*”; “*Aprendendo com os aprendizes*”; “*Semeadores de esperança*”, no ano de 2009. Com a intenção de influenciar e transformar as práticas educacionais ambos propõem formas de entender a educação e enfatizam a questão da afetividade. Partem do princípio de que existe uma crise na sociedade e, conseqüentemente, na educação relacionada à falta de afeto e amor e essa crise só pode ser amenizada ou sanada se as pessoas cultivarem essas atitudes em relação ao próximo. Sendo assim, a escola é um espaço privilegiado para que essas atitudes se desenvolvam, pois pode reunir um grande número de indivíduos durante um longo tempo desde a infância, o que privilegiaria o desenvolvimento dessas atitudes. Recorrendo a uma metáfora que é utilizada repetidas vezes nos livros de ambos os autores, a escola seria o espaço por excelência onde essas atitudes poderiam ser “*semeadas*” com maior facilidade e posteriormente propagadas por toda a sociedade. Tanto Cury quanto Chalita usufruem de forte inserção no meio educacional, mesmo não sendo originalmente da área, o que pode ser constatado pelo número de livros publicados na área e pelo número de conferências e palestras acerca da temática para os quais são convidados. Vale citar duas palestras de Augusto Cury das quais participei. A primeira aconteceu no “XV Congresso e Feira de Educação Saber 2010”, promovido pelo SIEEESP – Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo, onde no dia 16 de setembro de 2010 o autor proferiu a palestra intitulada, “*Escola da Inteligência – A formação de pensadores*” para uma platéia lotada e calorosa onde era ovacionado durante sua explanação e a fila para autógrafos de seus livros era imensa. Esse mesmo evento contou com a participação de acadêmicos renomados como o canadense Maurice Tardif, entre outros. A segunda aconteceu na UNINOVE – Universidade Nove de Julho, no dia 21 de novembro de 2011 e foi promovida pelo grupo católico *Comunidade Aliança de Misericórdia*, quando ao lado de padres, o autor discorreu sobre sua teoria de funcionamento da mente, trajetória e condutas de Cristo para desenvolver atitudes mais humanas nos homens. Conforme é possível observar, o autor é constantemente convidado para ministrar palestras nessa comunidade⁵.

⁵ Disponível em: <http://www.misericordia.com.br/> <acesso em 2 de março de 2012 à 01h e 19m>

XIV Congresso e Feira de Educação

SABER 2010

**CUIDAR DO PRESENTE
PARA GARANTIR O FUTURO:**

O Saber agindo para um mundo sustentável

PROGRAMA OFICIAL

Caderno de programação do XIV Congresso e Feira do Saber 2010 – evento realizado pelo SIEEESP –
Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo

P13 - 14:00 às 16:00 - Os saberes docentes: valores e limites da experiência

Maurice Tardif (Canadá)

Professor titular da Universidade de Montreal (Canadá) e fundador do CRIFPE (Centro de pesquisa sobre a formação e a profissão docente). Reitor entre 2005 e 2009 da Haute École d'Études Pédagogiques (HEP-Bejune), Suíça, reunindo três cantões suíços (Berne, Jura e Neuchatel). Pesquisa há mais de 20 anos sobre a evolução social da profissão docente, o trabalho e a formação. Publicou 25 livros e 250 outros textos; seus trabalhos foram traduzidos em seis línguas e publicados em mais de 15 países. Em julho de 2010, publica *A divisão do trabalho educativo*, pela editora Presses Universitaires de France (PUF).

A palestra trata da experiência do trabalho docente como fonte dos saberes profissionais. Aborda a natureza da experiência, sua contribuição e seu valor em relação aos conhecimentos e competências na base do ensino. Ao mesmo tempo, propõe uma reflexão acerca dos limites dos saberes da experiência e questiona suas articulações aos conhecimentos científicos.

Público-alvo: Mantenedores, Coordenadores, Orientadores educacionais, Supervisores, Psicólogos, Professores de Filosofia, História e Religião, Professores de Educação Infantil e Ensinos Fundamental e Médio.

P38 - 19:00 às 21:00 – Escola de Inteligência - A Formação de Pensadores

Dr. Augusto Cury

Médico psiquiatra, psicoterapeuta, cientista e escritor. Pós-graduado no Centre Medical Marmottan – Paris, França, atualmente é um dos autores mais lidos no Brasil, com sete milhões de livros vendidos no país. Seus livros são publicados em mais de cinquenta países e adotados em diversas faculdades. Conferencista em Congressos Nacionais e Internacionais; Membro de Honra da Academia de Gênios do Instituto da Inteligência do Porto, Portugal. Pesquisador da Psicologia, desenvolveu durante vinte anos uma das teorias sobre o funcionamento da mente e a construção da inteligência, publicada no livro "Inteligência Multifocal – Análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores". Pensador e teórico da Educação e Filosofia, produziu uma nova teoria sobre a lógica do pensamento, o processo de interpretação e o processo de formação de pensadores. Autor de diversos livros, dentre os quais: a coleção "Análise da Inteligência de Cristo" (Ed. Sextante), "O Vendedor de Sonhos - O Chamado" (Ed. Academia). "O Código da Inteligência" (Ed. Thomas Nelson-Brasil), "O Vendedor De Sonhos - A Revolução dos Anônimos", (Ed. Academia) e "De Gênio e Louco Todo Mundo Tem Um Pouco".

A palestra terá quatro objetivos centrais: Desenvolver as funções mais importantes da inteligência como: pensar antes de reagir, colocar-se no lugar dos outros, trabalhar perdas e frustrações, libertar a criatividade, proteger a

O XIV Congresso e Feira do Saber contou com a participação de acadêmicos renomados como o canadense Maurice Tardif e de Augusto Cury que ministrou a palestra intitulada – *"Escola da Inteligência – A Formação de Pensadores"*. (Parte interna do caderno de programação)

Pesquisa
Terça, 28 de Fevereiro de 2012

Canais

Home
Sôcio da Misericórdia
O Movimento
A Aliança de Misericórdia
Histórico
Imaculada do Espírito Santo (I.E.S.)
Palavra de Vida
Carisma (Espiritualidade)
Missão
Cores da Misericórdia
Estrutura
Comunidade de Vida
Comunidade de Aliança
Amigos
Três rostos da Comunidade
Evangelizações
Adoração Perpétua
Canã
Comunicação
Crianças
Cristoteca
Escola de Cura
Escola de Evangelização
Faniel
Festa das Tendas
Fundação CASA
Grupo Padre Pio
Grupo Restaura-me
Leprosário
Maria Madalena

Augusto Cury em favor da Aliança de Misericórdia

Data: 30.11.2011
Horário: 20h00
Local: UNIFAI - Unidade Vila Mariana
Endereço: Rua Afonso Celso, 711 (Próx. Metrô Santa Cruz)
Convite: R\$ 40,00 (palestra + Coffee Break)
Estacionamento no local em torno de R\$ 10,00 (confirmaremos amanhã)
Venda antecipada: 11 8612-9752 (Cristiane) ou 11 3257-8805 (Camila)

Tema: "O Eu doente, o Eu inteligente - Como desenvolver a saúde emocional"

Evento beneficente em favor da Aliança de Misericórdia que atende 28.950 moradores de rua; Distribui 188.288 refeições; Realiza 75.000 atendimentos nas favelas - todos os meses. Mantém 23 casas de acolhida para o povo de rua; Possui 5 centros de assistência em São Paulo; Assiste 270 crianças em creches.

Augusto CURY
30 de Novembro de 2011
"O Eu doente, o Eu inteligente - Como desenvolver a saúde emocional"

Augusto Cury é psiquiatra, pesquisador e escritor. Seus livros, publicados em mais de 50 países, já venderam mais de 10 milhões de exemplares somente no Brasil. Desenvolveu uma importante teoria sobre o processo de construção de pensamentos e o funcionamento da mente, chamada Inteligência Multifocal. Foi considerado pelo jornal Folha de São Paulo o autor brasileiro mais lido da década.

Evento beneficente
em favor da Aliança de Misericórdia que presta 28.950 atendimentos de rua;
Distribui 188.288 refeições; Realiza 75.000 atendimentos nas favelas - todos os meses;
Mantém 23 casas de acolhida para o povo de rua; Possui 5 centros de assistência em São Paulo;
Assiste 270 crianças em creches.

Apresentado por: UNIFAI, UNIFAI, UNIFAI, UNIFAI, UNIFAI
Realização: Aliança de Misericórdia

Local: UNIFAI - Unidade Vila Mariana
Rua Afonso Celso, 711
(Próx. Estação de Metrô Santa Cruz)

Convite: R\$ 40,00 (Palestra + Coffee Break)
Preço de venda: R\$ 20,00 (Palestra + Coffee Break)
Reserva: 20,00
Local: UNIFAI - Unidade Vila Mariana
Rua Afonso Celso, 711
(Próx. Estação de Metrô Santa Cruz)

Site da comunidade católica “Aliança de Misericórdia” onde Cury é muito respeitado e profere diversas palestras.

Evangelizar para Transformar

Pesquisa

Terça, 28 de Fevereiro de 2012

Canais

- » Home
- » Sócio da Misericórdia
- » O Movimento
 - A Aliança de Misericórdia
 - Histórico
 - Imaculada do Espírito Santo (I.E.S.)
 - Palavra de Vida
 - Carisma (Espiritualidade)
 - Missão
 - Cores da Misericórdia
- » Estrutura
 - Comunidade de Vida
 - Comunidade de Aliança
 - Amigos
 - Três rostos da Comunidade
- » Evangelizações
 - Adoração Perpétua
 - Canã
 - Comunicação
 - Crianças
 - Cristoteca
 - Escola de Cura
 - Escola de Evangelização
 - Fanuel
 - Festa das Tendas
 - Fundação CASA
 - Grupo Padre Pio
 - Grupo Restaura-me
 - Leprosário
 - Maria Madalena

Palestra Augusto Cury - "O Eu Doente..."

No último dia 30 de novembro a Comunidade Aliança de Misericórdia recebeu a presença do psiquiatra, pesquisador e escritor Augusto Cury, que ministrou uma palestra para 300 pessoas no auditório da Faculdade Unifai em São Paulo.

Com o tema "O Eu doente, o Eu inteligente – Como desenvolver a saúde emocional", o autor cativou os participantes com várias motivações trazendo assuntos relacionados à família e à vida cotidiana.

Augusto Cury manifestou a sua alegria de participar desse evento em prol à Associação e fez reverência aos Padres Antonello e João Henrique que estavam presentes, dizendo que não se curvava perante nenhuma autoridade política, mas que se curvava perante esses homens pelo trabalho que realizam com os mais pobres em nosso país, fazendo também referência a um de seus livros chamando os padres de "vendedores de sonhos".

Antes da palestra o escritor teve a oportunidade junto com a sua esposa de conhecer algumas casas e trabalhos da Aliança de Misericórdia, entre elas a Casa Naim que acolhe crianças que estavam em situação de risco.

Todo o valor arrecadado com o evento foi revertido em prol das obras sociais da Aliança de Misericórdia.

Para quem desejar, pode adquirir a palestra "O Eu doente, o Eu inteligente – Como desenvolver a saúde emocional", Augusto Cury pelo telefone 11 3257-8805 ou pelo e-mail comunicacao@misericordia.com.br.

Galeria de Fotos

Página do site da "Aliança da Misericórdia" após a realização da palestra

Cury desfruta de muita credibilidade junto aos professores e consegue a cada dia conquistar mais espaço no campo da educação, fato que pode ser constatado pelo oferecimento de cursos de formação e de pós-graduação à distância (*lato-sensu*) ministrados por ele. O autor disponibiliza bolsas de estudo para os interessados em fazer seu curso.

Augusto Cury
"O autor brasileiro mais lido da década"
(Folha de São Paulo)

Programa Especial de Bolsas de Estudo

Concorra a bolsas de estudo para o curso de pós-graduação **"O Fazer Pedagógico do Educador Fascinante"** e para os cursos de aperfeiçoamento profissional, baseados no livro **"Pais Brilhantes, Professores Fascinantes"**, do professor Augusto Cury.

Para participar, basta enviar os seguintes dados para o e-mail **sp@escoladoprofessor.com.br**:

• Nome	• Local de trabalho
• Telefone com DDD	• Curso desejado

Ou se preferir ligue para **(11) 3266-3833**.

As bolsas de estudo são válidas apenas para os cursos do Augusto Cury, que podem ser visualizados no portal **www.escoladoprofessor.com.br**

Inscreva-se já!

Escola **ep**
do Professor

Folder dos cursos de formação e pós-graduação (*lato-sensu*)
oferecidos por Augusto Cury

Escola do Professor

- A Escola do Professor
- Cursos de Pós-Graduação
- Cursos de Formação
- Cursos Preparatórios
- Dúvidas Frequentes
- Metodologia
- Fale Conosco
- Newsletter

Cadastre-se para receber informações e novidades

Nome:

Email:

Notícias

São Paulo prevê reajustes

Pós-Graduação a Distância

1 2 3 4

Conheça os cursos de pós-graduação na área de Educação do wPós

Educação a Distância

Educação Física Escolar

Educação Integral em Tempo Integral

Correção Do Fluxo Escolar

- Anos Iniciais Do Ensino Fundamental

e mais

Conheça alguns cursos da Escola Aberta

Cursos de Pós-Graduação

Augusto Cury

- ✦ O Fazer Pedagógico do Educador Fascinante

Educação

- ✦ Correção do Fluxo Escolar - Aceleração da Aprendizagem
- ✦ Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica

Cursos de Formação

Augusto Cury

- ✦ O Ensino da Língua Inglesa na Idade Adulta
- ✦ O Educador Como Artesão da Sabedoria
- ✦ Os Papéis da Memória e da Emoção nos Processos de Ensino Aprendizagem

[Veja todos](#)

Site dos cursos de formação e pós-graduação à distância ministrados por Augusto Cury

CLIENTE LOGADO
 Bem-vinda, Juliana De Souza Silva!
[Meus eventos](#) | [Meu cadastro](#) | [Sair](#)

[Página Inicial](#) | [Eventos](#) | [Arquivos](#) | [Contato](#)

16 a 19 de maio de 2012 • São Paulo - SP

16/05 • Quarta-Feira • 18:00 às 19:30

PALESTRA - PALESTRA

9 Como Superar os Desafios do Relacionamento Professor x Aluno e Escola x Família, nos Tempos Atuais-Educador-Talk Show

IÇAMI TIBA - SP - BRASIL

☐ Desejo participar desta atividade

17/05 • Quinta-Feira • 08:30 às 10:00

PALESTRA - PALESTRA

17 O que a Escola Faz Com as Famílias. As Imposições Jurídicas, Econômicas e Psicológicas que a Escolarização Impõe aos Pais-Management-Palestra

PHILIPPE PERRENOUD - SUIÇA

☐ Desejo participar desta atividade

18/05 • Sexta-Feira • 14:30 às 16:00

PALESTRA - PALESTRA

65 Conquiste Seus Alunos e Seus Professores e Vença o Desafio do Relacionamento na Escola-Management-Palestra

ROBERTO SHINYASHIKI - BRASIL

☐ Desejo participar desta atividade

19/05 • Sábado • 14:30 às 16:00

PALESTRA - PALESTRA

97 "A Escola e a Transformação Social" - Educador - Palestra

GABRIEL CHALITA - SP - BRASIL

☐ Desejo participar desta atividade

Site do Congresso “Educar e Educador” que será realizado em 2012 e contará com a presença de diversos autores de autoajuda, entre eles, Içami Tiba, Roberto Shinyashiki e Gabriel Chalita juntamente com o acadêmico suíço Philippe Perrenoud⁶

⁶ A imagem contendo as palestras foi adaptada de forma que os nomes dos autores de autoajuda, bem como, de um dos autores reconhecidos na academia figurassem em apenas uma página. O evento dispõe de uma vasta programação em seus quatro dias de realização. O site contendo todas as palestras, talk shows, painéis, mesas de debates e informações sobre a feira que integra o congresso pode ser acessado pelo endereço: <http://www.futuroeventos.com.br/educar/congresso-educador/programacao/>

A educação pode ser considerada uma área híbrida, isto é, que se constitui de várias outras, fato que, em certos momentos, pode fazer com que as mais diferentes pessoas, com as mais diversas formações sintam-se aptas e tenham a liberdade de contribuir com discussões específicas o campo educacional. Ambos os autores são respeitados no meio religioso e enfatizam a vida de Cristo e sua trajetória em suas obras, no caso de Chalita existe uma participação efetiva e uma relação próxima à comunidade católica Canção Nova e no de Cury participações eventuais em grupos religiosos também ligados à igreja Católica e, no meio político, no caso de Chalita evidenciada pela vitória nas eleições para deputado federal como o segundo candidato mais votado e na já quase certa candidatura à Prefeitura de São Paulo e no de Cury pela proposta de candidaturas como pode ser respectivamente examinado nos excertos a seguir:

Chalita [...] se prepara para lançar candidatura à Prefeitura de São Paulo, pelo PMDB. Nos bastidores isso já é dado como certo⁷.

Cury foi convidado pelo PV para se lançar a senador e foi sondado por alguns membros do partido, para uma eventual candidatura a governador de São Paulo. Mas, o autor recusou dizendo, “*Não sou político, sou um semeador de ideais*”⁸.

Assim, ambos transitam ou podem transitar pelos campos educacional, religioso e político realizando uma espécie de *mobilidade social* ou de deslocamentos dentro de um mesmo espaço ou de espaços sociais distintos. Tais movimentos permitem reconversões do capital disponível.

[...] a reconversão do capital detido sob uma espécie particular em uma outra espécie, mais acessível, mais rentável e/ou mais legítima, em determinado estado do sistema dos instrumentos de reprodução, tende a determinar uma transformação da estrutura patrimonial. (BOURDIEU, 2011, P. 122)

O espaço social permite duas formas de deslocamentos, primeiro o *deslocamento vertical*, que seria a ascensão ou queda no campo, produzido por acúmulo ou perda de capital específico do próprio campo e o *deslocamento transversal* que implica na passagem de um campo a outro e que, considerando a hierarquia entre os campos, também pode ser realizado no sentido ascendente ou descendente e supõe a passagem de um campo a outro, logo a reconversão de uma espécie de capital em uma outra ou de

⁷ Folha de São Paulo – Ilustrada – Página E8 - 7 de maio de 2011

⁸ Revista Trip - edição 190 de julho de 2010

uma subespécie de capital econômico ou cultural em uma outra. (BOURDIEU, 2011). Poder-se-ia pensar que os autores das obras aqui referidas operam reconversões visíveis em suas biografias.

Pereira (2003) em trabalho intitulado “*Servidão ambígua: valores e condição do magistério*” trata dos valores do magistério oficial paulista e assinala o *deslocamento transversal* no sentido ascendente quando analisa carreiras dos líderes sindicais das principais lideranças da Apeoesp dos anos 80 que foram conduzidos a lances de reconversão deixando o magistério e assumindo postos simbólica e materialmente mais promissores como de deputados, vereadores, postos relativamente elevados nas burocracias partidárias, direção de centrais sindicais, entre outros.

Fato semelhante acontece aos autores dos livros estudados nesse trabalho. Augusto Cury e Gabriel Chalita são autores que originalmente vêm de campos distintos do campo educacional, religioso e político - campos pelos quais transitam com tranquilidade e aval de seus integrantes - pois são respectivamente das áreas da Psiquiatria/Psicologia e do Direito/Filosofia, mas a partir de sua influência e de seus escritos conseguem circular nos três campos mencionados obtendo respeito da maioria dos integrantes desses espaços a ponto de usufruírem de maior legitimidade do que os indivíduos originários do próprio campo.

A relação de Chalita com a política é mais explícita e pode ser constatada pelos seus mandatos como vereador, secretário da educação do estado de São Paulo e deputado federal, mas esse assentimento parece vir ofuscado por sua identificação pessoal, isto é, seu carisma diante dos professores e da comunidade católica da qual é uma dos ícones talvez consistam em elementos que o façam ser reconhecido e eleito para cargos políticos. Assim, mesmo vindo de um campo distinto o autor consegue inserção e aceitação no campo educacional e no campo religioso, bem como, publica livros e ministra palestras nesses espaços o que torna sua imagem reconhecida e, pode fazer com que sua transposição e trânsito pelo campo da política sejam mais tranquilos.

Aparentemente não existe interesse por parte de Augusto Cury de entrada no campo da política, pelo menos até o momento, apesar de propostas de partidos já terem sido feitas. A partir de incursões pela Psicologia e Psiquiatria o autor tenta destacar a causa da educação e divulgar a sua teoria da inteligência. Ao que parece Cury não faz questão de buscar reconhecimento de pares no campo científico para validar sua teoria. Sua entrada e sua circulação no espaço da ciência ficam, assim, irrealizadas.

No meio acadêmico, obras como as de Chalita e Cury são consideradas de autoajuda, superficiais e inferiores ou nada mais do que escritos que expressam o pensamento do senso-comum. Alguns trabalhos como os de: Fornari e Souza (2001); Brunelli (2004); Turmina (2005); Alves (2005); Loli (2008) e Romão (2009) abordam a questão afirmando que a autoajuda é uma categoria de leitura que, como não atende as perspectivas acadêmicas, são menores, quem a lê é mal formado e por esse motivo vítima de autores e editoras que têm apenas a intenção de ganharem dinheiro às suas custas. Assim, partem da perspectiva de que seus autores tem total consciência de estarem servindo ao individualismo da sociedade capitalista e de consumo. Sobre o caráter deliberado ou não da empresa de “tocar os sentimentos alheios” pela literatura para auxiliar uma transformação dos sujeitos, numa missão quase “sacerdotal”, deve-se aqui fazer algumas ponderações.

Bourdieu (1990) ao tratar do *fetichismo político*, abordando a questão do ponto de vista do sacerdócio e da política faz a seguinte observação:

Todas essas estratégias do sacerdócio têm como fundamento a má-fé no sentido sartriano, a mentira para si mesmo, a “mentira sagrada” através da qual o padre decide sobre o valor das coisas dizendo que são absolutamente boas as coisas que são boas para ele (p.41): o padre, diz Nietzsche, é aquele que “chama Deus à sua própria vontade” (p.77). (BOURDIEU, 1990, p. 195)

Os que escrevem as obras não o fazem simplesmente porque agem de má-fé, mas, porque, de certa forma, acreditam nas questões abordadas nos livros e na pertinência e importância das mesmas para eles próprios e para o leitor. Os autores de autoajuda ao elaborarem suas obras acreditam estar contribuindo para discussões do campo educacional ao propagar crenças e valores que consideram bons e adequados.

No presente trabalho, os livros de autoajuda para professores são entendidos como textos que aconselham os profissionais e norteiam o seu trabalho, bem como, divulgam conhecimentos educacionais ao se utilizarem de nomes considerados referência na área e, ao possibilitarem o acesso a esses conhecimentos tentam empreender novas formas de pensar e tratar a profissão e o papel docente. Mesmo tratando de questões já conhecidas e partindo da perspectiva de que a sociedade está adoentada, quando colocam a emoção e os afetos como forma de resolver problemas e conflitos dentro da escola, procuram criar uma nova forma de resolver essas questões. Ao formularem suas obras, os conhecimentos difundidos por autores como Rousseau,

Piaget, Vigotsky, Paulo Freire, entre outros já consagrados e vastamente conhecidos no meio educacional, são utilizados de forma a fazer com que seus textos tenham maior credibilidade e tornem-se mais legítimos. Nomes de grandes filósofos como, Platão, Aristóteles, Sócrates, Tomás de Aquino, Santo Agostinho, bem como, Michel Foucault e Nietzsche também são frequentemente utilizados. Porém, em grande parte das obras aqui analisadas os grandes referenciais são a Bíblia Sagrada (Antigo Testamento e Novo Testamento), sendo a vida de Jesus Cristo, sua trajetória e “lições” e seu potencial de educador mais especificamente, o que direciona os escritos.

Em um texto intitulado *Leitura, leitores, letrados, literatura*, Pierre Bourdieu (1990) chama a atenção para a diferença entre o *lector*, aquele que de acordo com a tradição medieval interpreta um discurso anterior, e o *auctor*, responsável pela elaboração de uma obra original. Silva (2004), ao tratar dos manuais pedagógicos para formação de professores, utiliza-se das observações de Bourdieu para situar os escritores desses materiais que apresentavam ao seu público a síntese de uma ampla literatura, produzida por diversos nomes e relacionada a diferentes ramos de estudo. Os saberes contidos nos manuais constituíram-se a partir da explicação que seus autores, enquanto leitores, fizeram de algumas ideias, o que provavelmente direcionou o entendimento que os normalistas tiveram da bibliografia citada. (SILVA, 2001).

Quanto aos livros de autoajuda, apesar de, em alguns momentos, assemelharem-se aos manuais por também utilizarem-se dos “grandes pedagogos” ou por serem prescritivos de condutas, parecem ter como objetivo maior o aconselhamento, isto é, a partir dessas obras são produzidas novas formas de falar sobre educação e aconselhar condutas que se seguidas à risca possibilitarão um bom desempenho aos professores. Assim, a partir de histórias, fictícias ou não, de pessoas que passaram por situações de crises e conflitos alguns valores e conflitos são enfatizados e as condutas adotadas nas histórias acabam servindo de exemplo aos professores/leitores que procuram soluções para os problemas enfrentados na escola.

As histórias que eu abordo algumas eu as vivi pessoalmente, outras os meus pacientes viveram e relataram em sessões de psicoterapia, por exemplo [...] as histórias que eu conto sempre objetivam estimular professores, alunos e pessoas da sociedade em geral dizendo que cinco minutos podem mudar uma história, pode nos controlar e encarcerar o único lugar que nós deveríamos ser livres, dentro de nós mesmo, produzindo cárcere da emoção. Todas essas histórias têm um, às vezes são contadas de maneira poética, são romanceadas... (Anexo G)

Ao contrário de alguns dos escritores dos manuais pedagógicos que afirmavam que suas obras eram humildes e que serviam apenas para facilitar aos leitores questões acerca da educação, os autores de autoajuda afirmam que suas obras fornecem ao leitor teorias revolucionárias e “novos olhares” para questões antigas que, quando seguidos, possibilitarão a transformação da escola num ambiente mais agradável e tranquilo e o sucesso dos professores.

A tentativa que ora se faz não é de apresentar uma tese revolucionária sobre o assunto. Trata-se apenas de um novo olhar para esse universo a ser descortinado. Um olhar de afeto, um olhar amoroso. Educação é afeto. O ato de educar não pode ser visto apenas como depositar informações nem transmitir conhecimentos. Há muitas formas de transmissão de conhecimento, mas o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor. (CHALITA, 2004, p. 11)

Após desenvolver os pressupostos básicos dessa teoria, envolvi-me em uma das mais desafiadoras pesquisas psicológicas: descobrir por que algumas pessoas rompem o cárcere do tédio, incendiaram a arte de pensar e expandiram sua própria inteligência (...) Muitas perguntas de caráter científico e não teológico povoaram meus pensamentos durante os anos de análise. (...) O leitor precisa saber que nesta coleção não vou defender nenhuma religião nem fazer um estudo teológico. O que quero é mostrar que a ciência cometeu um erro dramático ao não estudar a intrigante, misteriosa e fascinante personalidade de Jesus Cristo. (CURY, 2006, p. 13, grifos nossos)

Como eu disse, meus livros se inserem na categoria de divulgação científica, divulgação, psicologia aplicada, sociologia aplicada, filosofia aplicada e também pedagogia aplicada. Ela não é uma teoria que se fundamenta só na psicologia, tem várias vertentes e até mesmo estuda a natureza, os limites e alcances do conhecimento, portanto, entra na área da epistemologia... (Anexo G)

Em busca de se consolidarem como fundadores de teorias novas e buscando dar credibilidade aos seus escritos Augusto Cury e Gabriel Chalita empreendem novas formas de falar de questões antigas e o fazem apropriando-se, como já foi mencionado, de certos autores vastamente conhecidos no meio educacional, enfatizando o caráter missionário da educação, utilizando-se da figura de Jesus Cristo para pensar num ideal de professor, entre outras questões. A maneira como alguns autores são *dados a ler* ao público distancia-se muito do escrito original e, assim, acabam tomando outra proporção e interpretação extremamente diferente da proposta a princípio. Entretanto

questões relacionadas à apropriação que os autores fizeram do que leram, bem como, as representações acerca da docência que buscam propagar e forma de organização do discurso dos livros analisados serão melhor explicitadas no capítulo posterior.

CAPÍTULO 2

PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE OBRAS DE AUTOAJUDAS PELOS PROFESSORES.

Uma das questões nucleares do presente trabalho foi buscar apreender um pouco a forma como o discurso expresso nos livros de autoajuda se organiza, assim, com o intuito de realizar tal feito buscamos explicitar algumas das características tanto do ponto de vista da elaboração e escrita dos livros quanto do ponto de vista material propriamente dito. Deste modo, no presente capítulo apresentaremos alguns dos traços mais marcantes dessas obras.

As obras de autoajuda, grosso modo, caracterizam-se como textos que, via aconselhamentos e prescrições, enfatizam a mudança de conduta e levam o indivíduo a buscar a resolução de seus conflitos dentro de si mesmos. De acordo com Souza e Fornari (2001) em geral as obras reconhecem a fé espiritual e adotam uma metodologia que se ambiciona científica, para a auto-regulação. Os livros dividem-se em dois paradigmas: o relato ascético, que apresenta sua fundamentação teórica numa pretensa ciência psicotecnológica, e o relato místico que busca reconhecimento na fé espiritual. Os dois modelos, também aparecem coexistindo e caracterizam-se textualmente pelo discurso prescritivo, oferecendo modelos de conduta, técnicas e exercícios para objetivá-la. Os autores das obras de autoajuda ao apropriarem-se de algumas fontes de autores renomados acabam por fazer com que esses escritos adquiram outras formas, representações e significados. Ao efetuarem uma determinada apropriação das fontes esses escritos oferecem uma outra forma de interpretação que, na maioria das vezes, é pouco semelhante ao texto original.

No que diz respeito à educação, pelo menos as obras investigadas no presente trabalho organizam-se, em geral, de maneira a aconselharem condutas que priorizem o amor e o afeto em busca de transformações das relações dentro de sala de aula e da educação em geral. Assim, para concretizarem seus objetivos os autores de autajuda utilizam-se de diversos instrumentos para formularem seus textos e os tornarem mais legítimos, nessa intenção, em certos momentos, apropriam-se de referenciais e de

autores renomados e acabam por fazer com que seus escritos adquiram outras formas, interpretações e significados diferentes do original.

Roger Chartier (1990) ao tratar da apropriação concebe a ideia como a liberdade de criação mesmo que regulada dos leitores do texto que está submetido a diversas interpretações, na maioria das vezes, diferentes de sua proposta inicial. A proposição de Chartier (1990) também nos auxiliou a pensar sobre as diversas interpretações às quais um texto está submetido.

A apropriação, tal qual a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetida para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente determinam as operações de construção do sentido (na relação da leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (CHARTIER, 1990, p.26)

A partir de elaborações que priorizam histórias cotidianas, textos dos grandes pensadores da educação são combinados, em alguns momentos, a passagens bíblicas e acabam por adquirir outros significados, prioridades e darem vida a outro temas. Essas novas formulações, em geral, são elaboradas de forma a enfatizarem mudanças de comportamento de professores em relação aos alunos, à sala de aula e à sociedade sendo o afeto peça fundamental para a concretização dessas transformações e a mudança de comportamento do professor, imprescindível para que todo o processo educativo adquira outra forma de organização que priorize mais enfaticamente a formação dos afetos entre os indivíduos. A mudança interior faz-se tão importante quanto a formação intelectual, acadêmica e profissional do professor/leitor, pois, é a partir dela que a educação pode ser melhorada ou até revolucionada. O livro de autoajuda teria a função de propiciar essa tomada de consciência por parte do indivíduo que buscaria mudar suas condutas e comportamentos na intenção de que mudanças palpáveis e efetivas acontecessem.

Com efeito, numerosos textos têm por objectivo anular-se enquanto discurso e produzir na prática comportamentos ou condutas tidos por legítimos e úteis. As artes de bem morrer, os tratados de civilidade, os livros de práticas são exemplos, entre outros, desses gêneros que pretendem incorporar nos indivíduos os gestos necessários ou convenientes. (CHARTIER, 1990, p. 135)

Essas observações nos conduzem a pensar sobre quais os usos que os escritores fizeram do que leram. Ao se apropriarem dos textos dos grandes pensadores da educação e mesmo da Bíblia e dá-los a ler aos professores esses escritos adquiriram novos sentidos e interpretações para além daquelas propostas no momento de sua autoria, a forma como afetam os leitores os conduzem a outra norma de compreensão de si e do mundo. (CHARTIER, 1990). O fragmento abaixo ilustra como Rousseau é *dado a ler* em um dos livros analisados:

O homem primitivo, segundo Rousseau, era absolutamente diferente do homem ambicioso. Era gente, amando como gente, vivendo como gente. Não havia a desenfreada competição que faz com que todos queiram o tempo todo ter o melhor de tudo. Se alguém está satisfeito com o que possui, basta ficar sabendo que o outro tem mais para que a insatisfação e desejo de possuir mais lhe tomem pela mão. É a sociedade dos competitivos, do ser melhor em tudo, do ter o melhor carro, a melhor casa, a namorada mais bonita, a melhor roupa, ir à melhor festa, ser o melhor aluno da classe, ou quiçá o melhor aluno da escola. O que é melhor? Quanta bagagem, quanta cobrança desnecessária, quanto medo de fracassar. A humanidade perdeu o essencial. E perder o essencial faz um mal enorme à alma humana, a quem quer ser feliz. (CHALITA, 2004, p.19-20)

A partir de interpretações que, geralmente, priorizam aspectos particulares dos indivíduos ou tratam de valores e crenças, os escritos de autores renomados - como é o caso de Rousseau - vão adquirindo outras formas e explicações e assim sendo adaptados às ideias e pretensões dos escritores de autoajuda.

Catani et al. (2001), em um artigo intitulado “*As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área*” fazem um estudo acerca das formas como o autor Pierre Bourdieu foi apropriado nas investigações acadêmicas sobre educação desenvolvidos no Brasil. Para explicar as utilizações que alguns trabalhos fazem de seus escritos dividem as apropriações em três formas, quais sejam: *apropriação incidental*, que seria caracterizada por referências rápidas ao autor; *conceitual tópica* que é caracterizada pela citação não sistemática do autor e eventualmente de seus conceitos e a *apropriação do modo de trabalho* que constitui-se em apropriações reveladoras da utilização de conceitos do autor, isto é do *modus operandi* de sua teoria. As categorias criadas pelos autores foram fecundas para nosso trabalho, pois nos permitiram identificar as formas pelas quais os escritores de autoajuda apropriam-se dos autores que leram e os citam em suas obras.

Em geral, as apropriações feitas acontecem de forma *incidental*, isto é, são referência rápidas e pontuais a autores, já que, as obras de autoajuda não utilizam um único referencial. São utilizados diversos autores das mais diferentes áreas para tratar de uma quantidade ampla de temas abordados nas obras. Dessa forma, as citações feitas, aparentemente, servem para apresentar ao leitor diversos autores sem, no entanto, se deter sobre a análise das teorizações de nenhum deles. O excerto abaixo é ilustrativo do que acabamos de sublinhar, onde certos autores são combinados a outros a fim de conferir certa legitimidade à obra sem, no entanto, representarem apropriações do modo de trabalho dos conceitos ou das teorias:

Epicuro, filósofo grego que viveu entre 341 e 270 a. C. em uma de suas obras que chegaram até nós, *Sentenças Principais e sentenças vaticanas*, nos dá algumas lições sobre a amizade [...] Na literatura latina, Cícero deixou o *Diálogo sobre a amizade*. E Petrônio inclui no texto *Satiricon* (publicado no ano 66 da nossa era) uma definição de amigo [...] Um pensador da filosofia patrística que escreveu mensagens comoventes sobre a amizade foi Santo Agostinho. Em seu livro *Confissões* traz algumas das mais carinhosas páginas sobre a amizade ao relatar algumas de suas experiências: [...] Raissa Maritain, esposa do filósofo Jacques Maritain, descobriu o pensamento de São Tomás de Aquino e escreveu um belo livro chamado *As grandes amizades*. Raissa argumenta que, num mundo marcado pela desconfiança, o exemplo desse doutor da Igreja é algo que funciona como compensação moral, porque ele considera que toda vida cristã está subordinada ao conceito da amizade de Deus. Exercitando a amizade, diz São Tomás de Aquino, o homem cresce em virtude e sabedoria (CHALITA, 2008, p. 41-42, grifos nossos)

Muitos homens, ao longo da história, brilharam em suas inteligências e desenvolveram algumas áreas importantes do pensamento. Sócrates foi um questionador do mundo. Platão foi um investigador das relações sociopolíticas. Hipócrates foi o pai da medicina. Confúcio foi um filósofo da brandura. Sáquia-Muni, o fundador do budismo [...] Há muitos outros homens que brilharam na inteligência, como Tomás de Aquino, Agostinho, Hume, Bacon, Spinoza, Kant, Descartes, Galileu, Voltaire, Rousseau, Shakespeare, Hegel, Marx, Newton, Max Well, Gandhi, Freud, Habermas, Heidegger, Curt Lewin, Einstein, Viktor Frankl, etc. (CURY, 2006, p. 15-16)

É recorrente nessas obras o uso de metáforas que, geralmente, são empregadas na perspectiva de explicarem ou se referirem ao trabalho docente. As metáforas da semente, da jardinagem, do molde são comumente utilizadas durante suas explanações e, geralmente, têm o propósito de viabilizar a leitura e torná-la mais próxima e

acessível. Aliás, a preocupação em facilitar o conteúdo de seus livros vem registrada em alguns dos prefácios das obras como podemos ver a seguir:

Gostaria de destacar alguém para representar as pessoas que gentilmente me incentivaram. Ele é considerado dos mais conceituados professores de comunicação e oratória do país: Alkindar de Oliveira. Sua mensagem me comoveu. Ele me disse que acordou de madrugada, perdeu o sono e começou a ler minhas idéias sobre educação.

A leitura o surpreendeu. Por isso, ao amanhecer, ele escreveu dizendo: *“Aqui está a solução da educação no mundo. Se você só divulgar essas técnicas e não fizer mais nada na vida, já cumpriu sua missão existencial. Sugiro que você as publique num livro acessível, para que elas cheguem às mãos de cada escola, de cada professor, de cada mãe, de cada pai.”* (CURY, 2003, p. 10, grifo nosso)

Israel Scheffler (1974) em seu livro chamado *“A Linguagem da Educação”* faz um importante estudo sobre as metáforas, figuras comuns no discurso educacional. Segundo o autor, na perspectiva de abordarem alguns conteúdos de forma mais simples. As metáforas são utilizadas e servem boa parte das vezes para explicar e exemplificar conceitos educacionais ou para apontar analogias entre duas coisas sem explicitar claramente em que consiste essa analogia:

As metáforas, normalmente, não têm a intenção de exprimir as significações de termos utilizados, quer segundo a maneira padrão, quer segundo modos estipulados. Ao contrário, elas indicam aquilo que se pensa serem paralelos significativos, analogias e similaridades existentes no interior do tema do próprio discurso. As afirmações metafóricas exprimem muitas vezes verdades significantes e surpreendentes (...) (SCHEFFLER, 1974, p. 59)

No domínio da educação vários são os exemplos de metáforas utilizadas para descrever o ato educativo e no âmbito dos livros de autoajuda para professores o uso desse recurso se faz presente em diversos momentos. É comum encontrarmos nos textos analogias entre a criança e a planta que crescem, entre o jardineiro e o professor, bem como, a criança como argila, sobre a qual o professor impõe um molde, conformando-a de acordo com especificações desejadas. (SCHEFFLER, 1974). O livro *“Filhos brilhantes, alunos fascinantes”* de autoria de Augusto Cury, publicado no ano de 2007, organiza-se de forma a contar acontecimentos envolvendo conflitos como, indisciplina, violência, falta de respeito, desmotivação de alunos e de professores e abuso do recurso das figuras de linguagem para exprimir analogias que considera pertinentes e que explicam como é, ou deveria ser entendido o processo educativo:

(...) para mim, as idéias são sementes. O maior favor que se faz a uma semente é enterrá-la. (CURY, 2007, p.13)

(...) teria de transformar seu trauma em adubo para cultivar as flores mais belas dos sentidos da vida e da inteligência. (CURY, 2007, p.24-25)

A sala de aula deveria ser um teatro no qual professores e alunos seriam atores na produção de conhecimento. (CURY, 2007, p.25)

A memória era um solo que deveria receber sementes que, uma vez germinadas, se desenvolviam e iam frutificar. (CURY, 2006, p.74).

Gabriel Chalita também faz uso em suas obras de figuras semelhantes às utilizadas por Augusto Cury como podemos ver nos excertos a seguir:

(...) o semeador é o pai o educador (...) a semente é tudo aquilo que foi pesquisado para ser discutido em sala de aula, de maneira que o aprendiz aperfeiçoe o pensamento e a razão crítica. É preciso escolher bem a semente e escolher a semente mais adequada para aquele solo específico (...) e o que é o solo, a terra onde cai a semente? É o grupo de aprendizes, o auditório, as pessoas da sala de aula.” (CHALITA, 2008, p.74)

(...) não significa que alguns alunos sejam como terra infértil. Significa que o professor deve entender o momento certo de lançar a semente para que dê frutos (...) todo professor é, ou deve ser, um semeador. Semeia conhecimentos e atitudes. Semeia técnicas e filosofias. Semeia competência e ternura. (CHALITA, 2008, p.74)

A criança é como uma esponja, que vai sugando o que percebe, ouve, sente. (CHALITA, 2008, p. 23)

Possivelmente os autores utilizam-se dessas figuras de linguagem para referir-se ao trabalho docente na intenção de enobrecer a profissão, mas acabam por exaltar disposições humildes e demissionárias além de incitar os professores à resignação, à fé, ao modelo cristão de virtude e à força interior necessária para superar as numerosas dificuldades e coações estruturais decorrentes das posições ocupadas por eles. As metáforas são um recurso ambíguo destinado a enobrecer a profissão, mas que, em certos momentos acabam contribuindo para sua vulgarização.

há uma analogia evidente entre a criança que cresce, entre o jardineiro e o professor. Em ambos os casos, o organismo em desenvolvimento passa por certas fases que são relativamente independentes dos esforços do jardineiro e do professor. Nos dois casos, todavia, o desenvolvimento pode ser auxiliado ou prejudicado por esses esforços. [...] Em nenhum dos dois casos o jardineiro ou o professor é indispensável para o desenvolvimento

através de certos estágios naturais pode ser apenas facilitado ou retardado pelos indivíduos, constitui um meio de influir sobre os acontecimentos sociais através da escolha e da ação. (SCHEFFLER, 1974, p. 61)

De acordo com Scheffler (1974) as metáforas educacionais podem ser criticadas de duas maneiras. Em primeiro lugar quando indicam analogias que, naquele contexto, são desprovidas de importância e, em segundo lugar, quando os pontos nos quais as analogias que ela indica entram em colapso. Toda metáfora fornece apenas uma certa perspectiva sobre o seu objeto, perspectiva essa que pode ser complementada por outras. No entanto essa limitação não é razão para rejeitá-las completamente, tampouco como o fato de que sempre existem teorias alternativas não constitui, por si só, uma razão para rejeitar toda e qualquer teoria determinada em ciência. (SCHEFFLER, 1974)

Ainda no que diz respeito à forma como o conteúdo das obras de autoajuda se organiza, não podemos deixar de assinalar os *slogans*, figuras também apontadas por Scheffler (1974) e presentes nesses textos e assumem um tom partidário, de defesa de determinada causa. Em educação os *slogans* são símbolos que unificam ideias e atitudes-chaves dos movimentos educacionais. Assemelham-se, assim, aos slogans religiosos e políticos. (SCHEFFLER, 1974)

O exemplo da influência educacional de John Dewey é instrutivo. As suas afirmações sistemáticas, cuidadosamente formuladas e bem especificadas, foram rapidamente traduzidas em fragmentos de impacto que serviram como *slogans* para as novas tendências progressistas da educação americana. O próprio Dewey criticou as utilizações que foram conferidas a algumas das suas ideias, e as suas críticas tiveram o efeito de suscitar a reconsideração e a reflexão. Dewey, afinal de contas, era o reconhecido líder intelectual do movimento. E, no entanto, os slogans progressistas foram, cada vez mais, assumindo uma vida própria. Foram defendidos como afirmações literais e atacados como tais. Os críticos, em particular, começaram, muitas vezes, por atribuir os defeitos literais dos slogans progressistas às doutrinas originárias de Dewey, passando, a seguir, a sugerir que o movimento progressista tinha se revelado, por isso, desprovido de valor nos seus objetivos e no seu funcionamento. (SCHEFFLER, 1974, p. 48)

Questões como a participação, a importância do afeto na educação, a possibilidade de aprendizado no exercício da profissão, que estão em pauta nas discussões educacionais nos últimos tempos, são transformadas em *slogans* que buscam enfatizar essas causas, mas que, ao mesmo tempo acabam tomando vida própria e da

forma como são colocados acabam por se esvaziar de seu significado original. Dessa maneira, ideias educacionais, formuladas em textos cuidadosamente elaborados e, muitas vezes difíceis, tornam-se influentes em versões popularizadas entre os professores.

O bom ambiente escolar depende da participação de todos. (CHALITA, 2004, p. 172)

O professor só conseguirá fazer com que o aluno aprenda se ele próprio continuar a aprender. (CHALITA, 2004, p. 176)

A sala de aula é um lugar sagrado. (CHALITA, 2004, p. 258)

O aluno não é uma tábua rasa, sem nada, em que todas as informações são jogadas. (CHALITA, 2004, p. 257)

A solução está no afeto. (CHALITA, 2004, p. 260)

Ser educador é ser promotor de auto-estima. (CURY, 2003, p. 145)

É participando que se aprende a participar. (CHALITA, 2008, p. 201)

Sem amor não há educação. (CHALITA, 2009, p. 13)

É ministrando aula que se aprende a dar aula. (CHALITA, 2004, p.123)

Um educador deve valorizar mais a pessoa que erra do que o erro da pessoa. (CURY, 2003, p. 85)

Como apontamos até o momento para construírem suas obras, os autores de autoajuda utilizam várias formas de organizarem seu discurso priorizando metáforas e slogans relacionados à educação, mas também se apropriando de passagens bíblicas, autores renomados e textos famosos na perspectiva de darem mais visibilidade a aspectos considerados fundamentais à docência. Augusto Cury possui uma coleção de cinco livros intitulada “*Análise da Inteligência de Cristo*”, onde, a partir de passagens da vida de Jesus Cristo procura mostrar o potencial deste como educador.

O Mestre da Vida educava a inteligência ao mesmo tempo em que tratava terapeuticamente os traumas dos seus discípulos. Sabia o que queria atingir na personalidade deles e como chegar lá. Creio que Jesus foi o maior educador do mundo, maior ainda do que Freud. (CURY, 2006, p. 89).

“Feliz o homem que encontra a sabedoria...porque melhor é o lucro que ela dá do que o da prata, melhor a sua renda do que o ouro mais fino” (Provérbios 3:13-14). Nas salas de aula das escolas clássicas, manter os alunos em silêncio já é uma grande vitória. Se, além disso, eles incorporarem o conhecimento e forem bem nas provas, pode-se dizer que houve um grande êxito. E ainda se forem criativos e aprenderem algumas lições de cidadania, isto seria o máximo de êxito educacional. Na escola da existência de Cristo a exigência era muito maior. Não bastava conquistar essas funções da inteligência; era necessário investir em sabedoria, gerenciar os pensamentos nos focos de tensão, enfrentar o medo, usar os erros e fracassos como fatores de crescimento, reescrever suas próprias histórias. (CURY, 2006, p. 129) **(grifos nossos)**

Gabriel Chalita possui um livro dedicado a aspectos religiosos que se combinam a questões educacionais intitulado *“Educar em oração”*, o livro está em sua 21ª edição e nele o autor apresenta orações destinadas a professores, pais, alunos, diretores, serventes, entre outros que integram o espaço escolar. Em geral, seus livros sempre abordam passagens bíblicas e parábolas para explicar e exemplificar atos e condutas consideradas importantes pelo autor. Um exemplo disso é a Carta de São Paulo aos Coríntios que está presente em grande parte das obras analisadas por nós.

A própria Bíblia registra o fato de que Jesus preferia o caminho das parábolas em seus ensinamentos. No capítulo 13 (versículos 1-3) do Evangelho de São Mateus há uma passagem assim:

“Naquele dia, Jesus saiu de casa e sentou-se junto ao lago. Reuniu-se junto a ele uma grande multidão; por isso ele subiu a uma barca e sentou, enquanto a multidão estava de pé na margem. Explicou-lhes muitas coisas com parábolas.” (CHALITA, 2008, p. 66, grifos nossos)

(...)

“Tudo isso Jesus explicou à multidão com parábolas; e sem parábolas não lhes explicou nada. Assim se cumpriu o que anunciou o profeta: “Vou abrir a boca pronunciando parábolas, proferindo coisas ocultas desde a criação do mundo”.

Vamos analisar algumas parábolas para observar como é rico em elementos pedagógicos esse recurso narrativo.

(CHALITA, 2008, p. 67)

Os escritos de Chalita, assim como os de Cury, ao utilizarem passagens da vida de Jesus Cristo anunciam o que para os autores compõe a representação do bom professor, bem como, a forma como as relações educativas deveriam acontecer no interior da escola. Suas obras enfatizam o caráter missionário da docência e tratam o professor como portador de uma vocação e de um dom insubstituível, o dom de ensinar. O caráter missionário do magistério é caracterizado por um conjunto de valores que

denotam a vocação do professor além da renúncia e de seu desprendimento ao lado de esforços de abnegação.

Eis o nosso modesto intento: trazer à tona antigas questões para auxiliar o educador a exercer com mais competência e maestria sua missão. (CHALITA, 2004, p. 13)

E o professor é, por natureza bom, porque partilha o que sabe e busca o que lhe falta. Evidentemente, há professores que, esquecidos da própria missão, traumatizam os alunos. (CHALITA, 2008, p.264)

Não se negocia a dignidade, não se negocia a liberdade. Não se negocia a vocação. (CHALITA, 2008, p. 273)

Que missão é essa que espalha conhecimento, propaga o saber e gera idéias? Que missão é essa cujo objetivo é formar pessoas e cultivar sentimentos, esperanças, sonhos, expectativas, desejos e querer de todos os tamanhos, tipos e gêneros? Que missão é essa, de ser, ao mesmo tempo, cúmplice e referencial? A resposta para essas questões pulsa com intensidade nos corações de milhões de professores de todo mundo: missionários da educação, construtores de amanhãs, semeadores de um tempo melhor, mais belo, fraterno e igualitário. Em síntese a missão do amor. (CHALITA, 2004, p. 11)

Com vistas a darem maior credibilidade a suas obras combinam às histórias relatadas textos bíblicos e citações de filósofos reconhecidos na intenção de ilustrarem melhor o que pretendem dizer e, ao mesmo tempo, conferirem um tom mais filosófico a seus escritos. Assim, a forma como a citação é apresentada no texto adquire diversas funções, entre elas, podemos destacar as que vêm antes ou depois das ideias que o autor quer expressar e tem como objetivo compactuar com suas afirmações. Em geral, são utilizadas citações de personalidades reconhecidas e as colocações expostas nos livros ancoram-se nos discursos dessas personalidades para ganharem maior legitimidade:

“Se imaginais que, matando homens, evitareis que alguém vos repreenda a má vida, estais enganados; essa não é uma forma de libertação, nem é inteiramente eficaz, nem honrosa; esta outra sim, é mais honrosa e mais fácil: em vez de tampar a boca dos outros, preparar-se para ser o melhor possível”.

Platão, *Apologia de Sócrates*

O pensamento filosófico indicava caminhos. A busca do melhor. Do bem e do belo. A busca de idéias que pudessem transcender o circunstancial, o efêmero. E os gregos tinham no amor pela beleza a prova definitiva de que aspiramos a algo que vem de algum outro lugar, e que nos leva a sonhar com nossa definitiva volta a esse

lugar. Cada um explicava essa viagem à sua maneira – e até divergiam sobre isso Platão e Aristóteles. (CHALITA, 2003, p. 23)

Ou ainda:

No entanto, agir conforme a excelência intelectual é apenas parte da felicidade que almejamos ter em nossas vidas. É preciso que ela tenha a companhia de um bom coração, de bons sentimentos, de um bom caráter. O poema de São Paulo, que aparece na “Primeira Carta aos Coríntios” e já virou até letra de *rock*, ilustra muito bem essa necessidade:

*“Ainda que eu falasse línguas,
As dos homens e dos anjos,
Se eu não tivesse amor,
Seria como sino ruidoso
Ou como címbalo estridente.*

(...)

*Pois o nosso conhecimento é limitado;
Limitada é também a nossa profecia”.*
(Primeira Carta aos Coríntios, cap. 13, v.1-3, 8-9)

Este é um dos textos que com mais clareza apresentam os ideais da teologia cristã para o comportamento das pessoas e, embora represente uma ética religiosa, tem um profundo significado para a conduta humana geral. O amor é a chama que mantém viva a busca pela felicidade. (CHALITA, 2003, p. 55-56)

Com o propósito de tornar a leitura mais clara e sua compreensão mais acessível são selecionadas narrativas, contos, parábolas e posteriormente estabelecidas relações dessas com o texto na expectativa de destacar alguns aspectos importantes e suas relações com os argumentos das obras. Esse tipo de citação é utilizado para ilustrar melhor o texto e facilitar sua compreensão.

Parábola da ovelha perdida
(Evangelho de São Lucas, capítulo 15, versículos 3 a 6)

Então lhes propôs a seguinte parábola: “Quem de vós que, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai em busca da que perdeu, até encontrá-la? E depois de encontrá-la põe-na nos ombros, cheio de júbilo, e, voltando para casa, reúne os amigos e vizinhos dizendo-lhes: Regozijai-vos comigo, achei a minha ovelha que se havia perdido”.

A primeira coisa a ser observada nessa parábola é sua simplicidade. Todos os elementos presentes na narrativa pertencem ao universo dos ouvintes. Perceba-se que Jesus fala de ovelhas para pastores e para pessoas que bem conhecem o ofício de pastorear, e não há nada que seja mais pertinente ao seu mundo, à sua rotina. Ele entra num universo fundamentalmente rico para qualquer

educador. Tal qual a ovelha perdida, cada aluno é único e merece uma atenção especial. Aqueles homens que entendiam da criação desses animais sabiam que mesmo tendo o pastor muitas ovelhas, ele se lança em busca daquela que se perdeu. Isto é, ele não abandona uma ovelha porque as outras 99 ovelhas estão ali, à sua disposição. O professor não pode desistir de um aluno porque foi ao deserto do fracasso ou se perdeu. Perdeu-se por quê? Onde está a falha? Como corrigi-la? (CHALITA, 2008, p.67-68)

Histórias populares ou contos de fadas são utilizados para enfatizarem questões e tratarem temas recorrentes como a importância do amor, da amizade, do afeto, da compreensão para o trato com os alunos em sala de aula. Assim, a partir de condutas de personagens famosos esses tópicos são sublinhados. Como exemplo assinalamos o livro de Gabriel Chalita intitulado *“Pedagogia do Amor”*. A obra está dividida em 10 histórias (*“Sherazade e o valor do amor”*; *Damon e Pítias e o valor da amizade*; *“Dom Quixote e o valor do idealismo”*; *Davi e Golias e o valor da coragem*; *“Vidas secas e o valor da esperança”*; *“Hércules e o valor do trabalho”*; *“Cinderela e o valor da humildade”*; *O Rei Salomão e o valor da sabedoria*; *“O patinho feio e o valor do respeito”*; *“Estrela de Jóias e o valor da solidariedade”*); que buscam contribuir para a formação de valores a serem transmitidos às novas gerações.

Por meio da análise de dez histórias especiais – escolhidas pela relevância de seus ensinamentos -, esta obra pretende contribuir para que possamos resgatar em todos nós e, em sequência, em nossos filhos, alunos e todos os demais aprendizes que cruzem nossos caminhos a amabilidade, a ternura e a pureza predominantes nas crianças existente em cada um de nós. (CHALITA, 2003, p. 10)

Com a finalidade de reiterar as ideias tratadas em cada capítulo o autor se vale de recurso de, ao final, sugerir temas para a reflexão dos professores. Sob o título de *“Recapitulando algumas questões”* aparecem, por exemplo, sugestões como:

1. A intuição é a capacidade de ver sob vários ângulos um mesmo fenômeno. Através da intuição podemos enxergar o invisível, entender mecanismos e prever situações.
2. Uma pessoa não intuitiva é unifocal, reage sempre da mesma maneira diante dos mesmos estímulos. Uma pessoa intuitiva é multifocal, reage de maneira surpreendente, compreende o que está nos bastidores.
3. A intuição alicerça o raciocínio esquemático, promove a inspiração, excita a dedução e a indução A Intuição estimula a criatividade do cientista, a inspiração do artista, a perspicácia do inteligente.

4. Educadores que só apontam erros e criticam comportamentos não estimulam os jovens a ver o invisível, a desenvolver a intuição, mas a ser servis.
5. Ensinar filhos e alunos a mergulhar no intrapsíquico e refletir nos focos da tensão é um dos princípios mais importantes para formar um ser humano completo. (CURY, 2010, p. 59)

Tanto Chalita quanto Cury almejam promover transformações e organizam suas obras enfatizando essa perspectiva. Em uma obra intitulada *“Inteligência Multifocal: análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores”*, que está em sua 8ª edição Cury propõe *“uma teoria revolucionária sobre o funcionamento da mente, capaz de causar grande impacto na Ciência, estimulando a formação do homem como pensador e engenheiro de idéias...”*. (CURY, 2006, contracapa). O autor adota uma metodologia que argumenta ser científica para regular a construção da personalidade do indivíduo. Os recursos para adquirir esse poder estão relacionados ao controle consciente da imaginação, à mentalização positiva e ao exercício sistemático da auto-gestão. (FORNARI e SOUZA, 2001, p. 62-63).

(...) objetiva conduzir o leitor a caminhar para dentro de si mesmo e expandir o mundo das idéias sobre a mente humana, a construção de pensamentos e a formação de pensadores. Quando realizamos essa jornada intelectual, nunca mais somos os mesmos, pois começamos a repensar e reciclar nossas posturas intelectuais, nossas verdades, nossos paradigmas socioculturais, nossos preconceitos existenciais. Passamos a compreender o homem numa perspectiva humanística: psicológica, filosófica e sociológica. (CURY, 2006, p. 10)

Como já foi dito, os livros de autoajuda ao resumirem conceitos educacionais, utilizarem-se de autores consagrados para legitimarem seus discursos e recorrerem a histórias, bíblicas ou não, para inserirem questões relacionadas ao amor, carinho e afeto buscam oferecer determinadas formas de pensar as questões de ensino. Pode-se dizer que essas leituras inspiram entre os educadores algumas representações acerca de suas funções enquanto profissionais da educação sublinhando aspectos relacionados à emoção e à gestão de si mesmo.

Ao empreendermos uma incursão pelos sites das editoras que publicam as obras de Cury e Chalita constatamos ⁹ que, na atualidade, existem empresas especializadas nas

⁹ Sites acessados:

www.academiadeinteligencia.com.br <acesso em 16 de novembro de 2010 às 00h45>
www.editoragente.com.br <acesso em 16 de novembro de 2010 às 00h50>
www.esextante.com.br <acesso em 16 de novembro de 2010 a 01h10m>

publicações do gênero. Dentre elas podemos sublinhar a **Editora Gente**¹⁰, que, como consta no site, “*opta por se dedicar a três linhas editoriais: autoajuda, educação e gestão. A primeira, mais abrangente, abriga temas como espiritualidade, bem-estar, relacionamento, sexualidade, saúde, comportamento e finanças pessoais*”; a **Editora Sextante**, que pretende investir para que “*cada produto seja um instrumento precioso para alcançar a paz interior, a espiritualidade e o crescimento pessoal, tratando sempre de temas importantes para a plena realização humana*”; a **Editora Canção Nova**, que “*conta com mais de cem títulos entre publicações nas áreas de espiritualidade (obras devocionais, oracionais e de formação), livros infanto-juvenis e biográficos*” e, por fim, a **Editora Academia de Inteligência**,

Criada no ano 2000 pela família Cury, que tem entre seus membros o autor Augusto Cury, um dos mais conceituados e bem-sucedidos escritores de nosso país, a Editora Academia de Inteligência foi recentemente incorporada à Editora Planeta do Brasil – que pertence ao sexto maior grupo de comunicação do mundo, o Grupo Planeta. Com essa fusão, a Academia de Inteligência ganha novo fôlego para consolidar seu objetivo: oferecer aos leitores brasileiros livros que os ajudem a enfrentar os desafios da vida moderna, expandir seus horizontes e abrir novas oportunidades para o desenvolvimento de sua saúde emocional. Voltados para as áreas da Psicologia e da Educação, nossos livros pretendem auxiliar você, leitor, a desenvolver suas potencialidades, a repensar seus paradigmas e conceitos. Queremos que cada um de nossos livros contribua para o seu auto-conhecimento, para a melhoria da sua qualidade de vida e para a conquista da felicidade¹¹.

A grande oferta de obras de autoajuda relacionadas à educação nos aponta como essa fórmula editorial faz sucesso não só entre os professores, mas também entre os pais de alunos que buscam conselhos para educarem melhor seus filhos. O sucesso desses livros pode ser analisado quantitativamente se levarmos em conta o número de edições e de reimpressões de algumas obras:

www.editora.cancaonova.com.br <acesso em 16 de novembro de 2010 a 01h20m>

¹⁰ As editoras Gente e Sextante, especializadas na publicação de livros de autoajuda, são de propriedade de Roberto Shinyashiki, autor veterano desse gênero de livros. (Revista Veja – edição 2258 – ano 45 – n°9 de 29 de fevereiro de 2012.

¹¹ Disponível no site: <http://www.academiadeinteligencia.com.br> <acesso em 03 de janeiro de 2011 às 23:30>

De Gabriel Chalita

- “*Pedagogia do amor*” está em sua 29ª edição;
- “*Histórias de professores que ninguém contou (mas que todo mundo conhece)*” está em sua 4ª edição;
- “*Educação: a solução está no afeto*” está em sua 19ª edição;
- “*Pedagogia da amizade – bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores*” está em sua 3ª edição;
- “*Educar em oração*” está em sua 21ª edição.

De Augusto Cury

- “*Filhos brilhantes, alunos fascinantes*” está em sua 2ª edição e 10ª reimpressão;
- “*Maria: a maior educadora da história*” está em sua 2ª edição.

2.1 Da materialidade dos livros

Entender os livros de autoajuda para professores supõe considerar determinadas relações de produção e de confecção propriamente dita, que indicam aspectos da materialidade do impresso. Desse modo, podemos considerar alguns fatores que determinam e que condicionam sua elaboração e que, certamente influenciam na leitura, como por exemplo, o modo de organização do livro, a forma como é escrito (tamanho da letra, espaçamentos, entre outros), as ilustrações (se existem figuras ou fotografias ilustrando os textos) e as capas (seus tons, imagens).

As obras analisadas são elaboradas e organizadas de forma a conterem vários subtítulos, generosos espaçamentos entre as linhas, as fontes são, geralmente, maiores e é muito comum a escrita em forma de tópicos o que pode facilitar a leitura e sua retomada quando necessário. Este trabalho de apresentar o texto de forma a facilitar sua leitura é orientado pela representação que tanto quem escreve como que edita a obra tem de quem vai lê-la. Espera-se dos leitores de autoajuda para professores uma capacidade de leitura e compreensão que só se sente à vontade com sequências breves e fechadas, separadas umas das outras, uma leitura que parece satisfazer-se com uma coerência

global mínima que de modo algum é a maneira de ler das pessoas familiarizadas com os livros e que dominam o texto em seu todo. (CHARTIER, 1990). Assim, de acordo com as expectativas que se tem de quem vai ler, as obras são adaptadas a fim de tornarem-se acessíveis e de fácil entendimento para o leitor inábil:

Essas transformações são de três espécies. Encurtam os textos, suprimem os capítulos, episódios ou divagações considerados supérfluos, simplificam os enunciados aliviando as frases das orações relativas e intercalares. Dividem os textos criando novos capítulos, multiplicando os parágrafos, acrescentando títulos e resumos.” (CHARTIER, 1990, p. 130)

Chartier (1990) nos chama a atenção para as obras que constituíam as edições da *Bibliothèque bleue*, uma fórmula editorial que visava atingir os leitores mais numerosos e mais populares entre o século XVII e o século XIX ao produzirem livros brochados, impressos com caracteres apagados e mal distribuídos, ilustrados com gravuras de refugo e nos quais, na página do título, a imagem surge muitas vezes no lugar da marca do impressor. Os preços permaneciam sempre modestos, muito inferiores aos produzidos num outro mercado de livros mais cuidadosos e, conseqüentemente, mais caros. Ainda que as obras assinaladas por Chartier tenham sido produzidas em momento histórico distinto das de autoajuda, - a primeira obra da categoria de que se tem notícia data do final do século XIX e sua expansão se dá entre os séculos XX e XXI - a comparação entre os dois materiais é importante para fazer paralelos e explicitar características comuns entre as iniciativas.

Comumente, os livros de autoajuda também são disponibilizados em dois formatos: uma edição mais cuidadosa e melhor trabalhada que, conseqüentemente, custa mais caro e uma edição de bolso, produzida de forma a compactar o livro que, por esse motivo, acaba sendo vendido a preços mais populares nos mais diversos lugares, entre eles lojas de conveniência, supermercados, farmácias, bancas de jornal, catálogos de cosméticos, estações de metrô entre outros. Isto é, o leitor de autoajuda não precisa ser um assíduo freqüentador de livrarias e bibliotecas para ter acesso às publicações, podendo adquiri-las facilmente nos mais diversos ambientes.

Todo o trabalho de adaptação, que diminui, simplifica, recorta e ilustra os textos é comandado pela maneira através da qual os livreiros e impressores especializados nesse mercado representam as competências e expectativas de seus compradores. Assim, as próprias estruturas dos livros são dirigidas pelo modo e leitura que os editores pensam ser o da clientela almejada (...) As obras

impressas para um maior número de leitores apostam no pré-conhecimento desses leitores. Pela recorrência de formas muito codificadas, pela repetição de temas semelhantes de um título ao outro, pelo reemprego das mesmas imagens, o conhecimento do texto já visto é utilizado para a compreensão de novas leituras. (CHARTIER, 1998, p.20)

Assim, além da forma de organização e escrita das obras de autoajuda a possibilidade de encontrá-las nos mais diversos ambientes e a oportunidade de adquiri-las a preços populares pode determinar não apenas a maneira como a obra é lida, mas também o tipo de leitor a qual se espera o interesse.

2.2 Dos prefácios e suas declarações

Assim como nos “*Manuais Pedagógicos*” estudados por Silva (2006), os prefácios e apresentações das obras de autoajuda foram feitos com a intenção de dizer aos leitores como ler os livros, reafirmar o compromisso de seus autores com a educação e com a “teoria” proposta por esses, de reafirmar que seus escritos não eram de autoajuda além de expor as condições de produção, isto é, a partir de quais necessidades os livros foram escritos, por que foram escritos e os motivos de seu sucesso editorial. Não sendo apenas descrições dos conteúdos dos livros, mas também estratégias para legitimar esses escritos e seus autores (SILVA, 2006). Nas suas apresentações as obras procuram a precisão e objetividade dos enunciados usando termos usuais, de modo a tornar mais direta e fluente a ordem das frases e das ideias. Sendo assim, os prefácios revelaram-se em importantes meios de divulgação dos livros e de seus autores sendo presentes em grande parte das obras estudadas como podemos observar nos quadros a seguir:

Obras de Gabriel Chalita

	Ano	Título do livro	Prefácio
1.	2003	Pedagogia do amor	Prefácio escrito pelo próprio autor
2.	2004	Educação: a solução está no afeto	O livro não possui prefácio

3.	2004	Histórias de professores que ninguém contou, mas que todo mundo conhece	O livro não possui prefácio
4.	2008	Pedagogia da amizade – Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores	O livro não possui prefácio
5.	2009	Educar em oração	Prefácio escrito pelo Padre Jonas Abib
6.	2009	A escola dos nossos sonhos (Coleção Cultivar)	Prefácio escrito pelo próprio autor
7.	2009	Aprendendo com os aprendizes (Coleção Cultivar)	Prefácio escrito pelo próprio autor
8.	2009	Semeadores da esperança (Coleção Cultivar)	Prefácio escrito pelo próprio autor
9.	2009	Famílias que educam (Coleção Cultivar)	Prefácio escrito pelo próprio autor

Obras de Augusto Cury

	Ano	Título do livro	Prefácio
1.	2002	Escola da vida: Harry Potter no mundo real	O livro não possui prefácio
2.	2003	Pais brilhantes, alunos fascinantes	Prefácio escrito pelo próprio autor
3.	2006	O mestre inesquecível: Jesus, o maior formador de pensadores da história	Prefácio escrito pelo próprio autor
4.	2006	O mestre do amor: Jesus, o maior exemplo de sabedoria, perseverança e compaixão	Prefácio escrito pelo próprio autor
5.	2006	O mestre da vida: Jesus, o maior semeador de alegria, liberdade e esperança	Prefácio escrito pelo próprio autor

6.	2006	O mestre da sensibilidade: Jesus, o maior especialista no território da emoção	Prefácio escrito pelo próprio autor
7.	2006	O mestre dos mestres: Jesus, o maior educador da história	Prefácio escrito pelo próprio autor
8.	2007	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	Prefácio escrito pelo próprio autor
9.	2010	Maria, a maior educadora da história	O livro não possui prefácio

Chalita na Introdução de *“Educação: a solução está no afeto”* propõe-se a apresentar um outro olhar sobre a educação, *“trata-se apenas de um novo olhar para esse universo a ser descortinado”*(p.12), afinal, o ato de educar não pode ser visto apenas como depositar informações nem transmissão de conhecimento, pois *“o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor”* (p.12). Segundo o autor, numerosas experiências foram desenvolvidas e aplicadas para que se pudesse encontrar o modelo de escola ideal, e muitas fracassaram, por esse motivo o propósito de seu livro seja o de enfatizar que *“a tarefa de todo educador, não apenas do professor, é a de formar seres humanos felizes e equilibrados”*(p.14). Nos capítulos que se seguem o autor tenta desenvolver essa ideia que é presente não só nessa obra como em quase todos seus livros voltados à educação. Assim, ao *“trazer à tona antigas questões, (busca) auxiliar o educador a exercer com mais competência e maestria sua missão”* (p.14).

Em certos momentos foi notável o esforço para tornar os autores mais conhecidos e fazê-los mais apreciados. Com esse intuito alguns prefácios foram escritos por outras pessoas e tiveram como objetivo salientar aspectos pessoais dos autores, bem como, sua trajetória nas diversas áreas nas quais atua e possui formação. No caso de Chalita o livro *“Educar em oração”* teve o Padre Jonas Abib, fundador da Comunidade Canção Nova, grupo católico carismático que tem forte inserção entre os jovens e nos meios de comunicação como autor. Nesse prefácio Chalita é colocado como um educador sensível aos problemas dos professores a ponto de conseguir desenvolver um

livro que, mais uma vez, aborda a temática do amor como forma de resolver os conflitos escolares e fornecer uma “*educação capaz de fazer homens e mulheres novos para um mundo novo*” através da oração.

O livro “*Os dez mandamentos da ética*”¹² teve o prefácio escrito por Alexandre de Moraes, professor associado da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e professor Pleno da Universidade Presbiteriana Mackenzie, da Escola Superior do Ministério Público de São Paulo e da Escola Paulista da Magistratura, atual Secretário Municipal de Transportes e de Serviços de São Paulo que buscou destacar a humildade, bom-senso, inteligência de Chalita e a “*salientar a excelência deste tratado e o alto nível filosófico e científico de que ele se reveste, (bem como) a incomparável importância de seu autor nos meios educacional, acadêmico, jurídico e político*”.

No prefácio da obra também são fornecidas informações sobre a formação acadêmica e profissional do autor enfatizando seu desvelo pela educação. No prefácio de “*Ética dos governantes e dos governados*” de autoria do médico e atual governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin Filho realça a intenção do autor de escrever um livro que forneça uma visão panorâmica das questões éticas e institucionais dos municípios e de constituir-se em “*mais que um estudo acadêmico*” uma obra necessária aos cidadãos que entendem a cidadania como um direito e “*uma obrigação que se deve exercer*”. E a “*A ética do rei menino*” teve seu prefácio escrito pelo Padre Marcelo Rossi, figura muito conhecida na mídia e na vertente carismática do catolicismo. Nessa obra mais uma vez são enaltecidas as características pessoais do autor que propicia “*uma narrativa que convida a viagens imaginárias deliciosas, (pois as descreve com a) sensibilidade singular*” e que é dotado da “*missão de nos indicar caminhos*”.

Na obra “*Filhos brilhantes, alunos fascinantes*” Augusto Cury utiliza o prefácio para compartilhar com o leitor embates sofridos com pessoas da imprensa que questionaram a qualidade de seus escritos, bem como, colocaram em dúvida se o autor teria mesmo desenvolvido uma teoria de funcionamento da mente:

¹² No decorrer da elaboração da dissertação optamos por substituir três livros que seriam analisados a princípio, “*Os dez mandamentos da ética*”, “*Ética dos governantes e dos governados*” e “*A ética do rei menino*” pela “*Coleção Cultivar*” que é voltada à educação e composta por 4 livros acompanhados de CDs. Porém, durante a investigação acerca dos prefácios dos livros de autoajuda na tentativa de enriquecermos nossa análise fizemos comparações dessas três obras com as outras publicações que integram o estudo.

Certa vez, um jornalista fez uma matéria agressiva e completamente injusta sobre mim num órgão de imprensa que tenho em alta conta. Em vez de fazer crítica literária, ele usava um linguajar que destilava raiva e sarcasmo. Não sei qual a raiz desse ódio, só sei que desrespeitou não apenas a mim, mas milhões de meus estimados leitores de todos os níveis culturais que sabem escolher o que lêem, dentre os quais inúmeros médicos, psicólogos, sociólogos, biólogos, professores, pedagogos, advogados, juízes de direito e cientistas que usam meus textos em vários países. (CURY, 2007, p.11)

Em alguns momentos, os prefácios contaram histórias e experiências pessoais dos próprios autores na perspectiva de motivar os leitores a enfrentarem suas dificuldades e em outros momentos expressaram as razões pelas quais esses escreveram suas obras. No livro *“Pais Brilhantes, professores fascinantes”* Augusto Cury assinala que o principal motivo que o levou a desenvolver o livro foi *“compartilhar sua experiência como psiquiatra, educador e cientista da psicologia”* e que apesar de suas limitações muitas pessoas têm se encantado com suas ideias, por esse motivo resolveu *“publicar um livro específico sobre educação”* e o fez de forma a torna o conteúdo do livro *“acessível”* onde divulga suas ideias a escolas, pais e professores.

A maneira como a leitura deve ser efetuada também foi sublinhada nas páginas iniciais dos livros. A coleção *“Análise da Inteligência de Cristo”* trouxe a recomendação de que o leitor realizasse sua leitura portando uma Bíblia, já que a obra faz menção a passagens do Antigo e do Novo Testamento e assinala a aceitação e o uso da coleção em escolas de ensino médio e universidades que têm recomendado a seus professores a *“leitura e adoção desses livros em diversas disciplinas, com o objetivo de expandir nos alunos a arte de pensar”*.

Os prefácios das obras estudadas tentam imprimir aos autores de autoajuda autoridade para falar mais especificamente da questão da educação e, para isso, tentam contemplar diversos os pontos de vista, entre eles, de pais, professores e alunos. De todas as considerações feitas acerca dos prefácios dessas obras ressaltamos a contradição que existe entre mostrar a modéstia de livros que, em certos momentos, buscam ser mais acessíveis aos professores/leitores e a pretensão de apresentarem novas teorias e formas de abordar a educação que, segundo seus autores seriam inéditas.

2.3 Das capas dos livros e do que elas podem mostrar

A imagem constitui-se em ferramenta importante na composição de textos, pois pode direcionar e produzir efeitos de leitura fornecendo representações acerca do tema tratado. Nesse tópico apresentaremos algumas capas dos livros analisados, bem como, tentaremos elucidar algumas características desses materiais trazidas por imagens e ilustrações. Acreditamos que essa análise possa nos fornecer informações importantes acerca do gênero autoajuda e das concepções de docência que seus autores buscam transmitir.

Analisar as capas pode nos esclarecer os sentimentos, ideias, representações, valores, entre outros que os autores tentaram transmitir ou criar em quem lê. No processo de produção pode-se forjar determinada ideologia, ou conjunto de valores e preconceitos construídos através de mensagens acerca do que se quer transmitir. O objeto impresso se dá ao mesmo tempo a ver e a ler, por seu formato, pela utilização de imagens e cores, recursos não verbais. (FRADE, 2000).

Roland Barthes (1990) em um livro intitulado “*O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*” ao falar da fotografia aponta que essa não é apenas um produto ou um caminho, é também um objeto, dotado de autonomia estrutural e sua estrutura não é isolada, identifica-se, pelo menos, com uma outra estrutura, que é o texto (título, legenda, artigo) que acompanha fotografia. (BARTHES, 1990). No caso específico das capas dos livros de autoajuda interessa-nos analisar as fotografias apresentadas nas capas tentando relacioná-las ao título dado à obra.

Para conduzir a apreciação acerca das imagens contidas nas capas dos livros de autoajuda é importante acrescentar algumas indagações, quais sejam: Como as imagens das capas relacionam-se com o conteúdo dos livros? Como as imagens relacionam-se com o universo pessoal e profissional dos leitores professores? Quais efeitos buscam criar?

Uma forma de considerar a imagem refere-se a ponderar acerca das funções que estas cumprem. Assim, cada imagem pode ser pensada em relação às suas possibilidades expressivas e conceituais. Através delas sentimentos, valores e representações são transmitidos. Roger Chartier (1998) citado por Frade (2000) ressalta que a imagem é, muitas vezes, uma proposta de protocolo, sugerindo ao leitor uma completa compreensão do texto, o seu justo significado. Observa que a imagem pode

“constituir-se num lugar de memória que cristaliza, numa representação única, uma história, uma propaganda, um ensinamento, ou ser então construída como a figura moral, simbólica, analógica, que fornece o sentido global do texto”.

O estudo das capas das obras de autoajuda se tornou um excelente instrumento para análise e compreensão das representações acerca da docência. Por elas pudemos saber quais as intenções e as representações que seus autores e editores têm sobre os leitores. Estes breves apontamentos sobre o tema evidenciaram a complexidade de fatores que se deve ter em vista quando se analisa uma imagem, ou quando se pretende utilizá-la como recurso didático. Assim, esse tópico objetivou apresentar a análise das capas dos livros de Gabriel Chalita e Augusto Cury tentando elucidar alguns aspectos importantes com vistas a identificarmos o que as produções de autoajuda divulgam como representação do professor ideal.

Tomando as duas capas acima de livros de Gabriel Chalita podemos identificar elementos utilizados para ilustrar as obras. Na capa de *“Pedagogia do amor”* a fotografia da criança serve para reafirmar e ilustrar o que seu subtítulo, *“a contribuição das histórias universais para a formação de valores”* diz. Nesse sentido, a imagem da criança pequena teria a função de representar o novo, o que está por vir e tem que ser formado de acordo com valores que, no conteúdo do livro, são assinalados pelo autor.

A fotografia de *“Educação: a solução está no afeto”*, também pode ter a função de reafirmar o que o título da obra declara. Assim, se o afeto é importante no processo educativo a capa o expressa utilizando a imagem onde a mulher abraça e beija a criança demonstrando carinho para com ela. Em ambas as capas as fotografias corroboram o

título da obra reforçando os sentidos da imagem e sugere intimidade, brincadeira, alegria. As tonalidades de cores utilizadas indicam a realidade alternativa de paz e possuem a mesma qualidade da utilizada em obras religiosas.

A capa do primeiro livro acima, “*Maria: a maior educadora da história*”, de autoria de Augusto Cury, ilustra o conteúdo expresso na obra que descreve passagens de Maria, mãe de Jesus Cristo, seu potencial de educadora e capacidade de guiar e conduzir a educação de seu filho. Assim, a imagem da mulher de mãos dadas com a criança pode nos transmitir essa ideia de condução, orientação, de estar junto e, atuar como representação do que seria o ato educativo ideal.

A segunda capa, “*Filhos brilhantes, alunos fascinantes*”, desperta as mesmas impressões causadas pela anterior, isto é, a ideia do estar junto, de condução. Ambas mostram horizontes a contemplar ou para onde ir, as mãos estão sempre dadas. Não aparecem os rostos das pessoas presentes na imagem. A intimidade que as capas dos livros de Chalita sugerem não aparece nas capas dos livros de Cury o que pode nos sugerir um menor apelo à afetividade por parte desse autor. De fato, apesar de abordar o tema do amor e do afeto o autor não os coloca no centro de suas preocupações dão maior ênfase a questões relacionadas à construção do pensamento e ao desenvolvimento de pensamentos e atitudes positivas tanto dos alunos, como de professores e pais na intenção de fazer com que melhorem sua autoestima e busquem valorização pessoal.

A coleção “*Análise da Inteligência de Cristo*” composta pelos livros “*O mestre dos mestres*”, “*O mestre da sensibilidade*”, “*O mestre da vida*”, “*O mestre do amor*” e “*O mestre inesquecível*” de autoria de Augusto Cury utiliza em suas capas imagens de paisagens que sugerem ambientes de paz e harmonia, imagem que o livro todo procura transmitir ao colocar Jesus Cristo como o exemplo de educador a ser seguido.

Celusso (2009) distingue os livros voltados a professoras e os indicados para profissionais de “negócios” o que permite à autora afirmar que eles se dividem em dois grandes grupos: os que têm por núcleo a representação de feminino, são mais lidos pelas professoras e os que têm por referente à representação de masculino, são recomendados para administradores. Nos direcionados aos homens o sucesso na vida empresarial predomina e a luta diária é caracterizada por argumentos vinculados à guerra e a estratégia é vencer e os voltados às mulheres que “*vencem com outras armas*”, as da

sedução, da simpatia da amabilidade e onde são apresentadas figuras da mãe ou da tia que tem sempre razão.

As obras voltadas à educação analisadas são, geralmente, confeccionadas em tons claros e pastéis e trazem imagens mais “feminilizadas”. Talvez, pelo fato da representação em relação ao magistério ser a de uma profissão majoritariamente feminina e que envolve o dom da maternidade as capas dos livros sobre educação são mais “delicadas” e trazem imagens que ressaltam a harmonia, o amor e o afeto.

Os livros com intenções mais filosóficas têm suas capas produzidas em tons mais escuros e suas ilustrações são abstratas como é o caso de, “*Os dez mandamentos da ética*”, da área da filosofia e “*Ética dos governantes e dos governados*” da área do direito e de autoria de Gabriel Chalita. Ambas as capas sugerem a ideia de construção. A primeira mostra nitidamente pessoas que parecem escalar um andaime passando a impressão de escalar, buscar que podem ser entendidas como a procura por melhorias ou mudanças. A segunda também sugere ideia de construção, mas talvez ressalte um percurso mais “intelectualizado” para alcançá-la. O uso do esquadro e da régua pode sugerir essa abordagem.

A análise dos livros de autoajuda nos possibilitou perceber e pontuar características dessas produções no que diz respeito à maneira como seus autores organizam seu discurso, isto é, a forma como escrevem, a linguagem que privilegiam, entre outros, bem como, nos permitiu averiguar a materialidade das obras para assim

tentarmos identificar para que tipo de leitor esses livros são escritos. Na perspectiva de sabermos quais as expectativas dos leitores no capítulo III buscamos entrevistá-los para sabermos se existe uma confluência entre as ideias e as expectativas de ambos. É certo que os autores privilegiam certos temas e possuem uma representação acerca de suas próprias obras – a quem elas servem, que questões podem auxiliar, contribuições que acreditam dar ao exercício da docência, etc - mas, os leitores ao procurarem por elas estariam mesmo buscando respostas a essas questões? No próximo capítulo tentaremos elucidar algumas dessas questões fornecendo a interpretação das entrevistas realizadas com professores.

CAPÍTULO 3

O QUE DIZEM AS PROFESSORAS/LEITORAS DAS OBRAS: EXPECTATIVAS E APROPRIAÇÕES

O presente capítulo tem o propósito de elaborar as interpretações das entrevistas fornecidas pelas professoras a fim de apontar as formas pelas quais essas esclarecem as razões que as levam a ler as obras de autoajuda. Para tornar essa etapa da investigação mais produtiva preparamos um roteiro contendo questões com o propósito de conhecer aspectos das leituras feitas pelas professoras. Entre eles: a trajetória de vida e formação, como se deu sua iniciação à leitura, onde costuma ler, o que mais chama a atenção em um livro, quais tipos de livros costuma ler, se gosta de ler livros de autoajuda e por quê, quais tipos de questões acredita tais publicações possam ajudar a pensar, em que podem ajudar na vida pessoal ou no trabalho em sala de aula, como vê os professores brasileiros na atualidade e em que os livros de autoajuda podem auxiliá-los.

Ainda que houvesse o intuito de nortear a entrevista, as perguntas não se restringiram apenas ao roteiro tendo em vista que o papel do entrevistador é de fazer a entrevista fluir e nunca tentar controlá-la, o máximo que se pode fazer é orientá-la fazendo o mínimo possível de perguntas: “(...) *todo o tempo necessário, toda a fita necessária e poucas perguntas*”. (THOMPSON, 1992, p.257). Essas poucas perguntas devem estar associadas a uma ideia clara, obtida antecipadamente, sobre o que cada um dos informantes pode relatar.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente e gravadas, para isso, era agendado um dia por e-mail ou telefone com as participantes e íamos encontrá-las em lugar e horário adequados a elas. Antes do início havia uma conversa para situar o tema e, em linhas gerais, nosso objeto de investigação e os objetivos do trabalho. Assim, nesses termos, as entrevistas foram realizadas e, posteriormente, transcritas e analisadas. É importante ressaltar que todas as participantes assinaram um termo de consentimento (**Anexo F**) em que são assegurados o sigilo e explicitados os propósitos da pesquisa.

Diante do que foi afirmado e no esforço inicial de entender os discursos acerca das edições em análise buscamos, de acordo com as respostas dadas pelas participantes às questões, fundar 3 eixos que nos permitiram dar conta de explicar e explicitar o maior número de contribuições acerca do que as entrevistadas pensam em relação às publicações em análise, quais sejam:

Para que e por que lê?

Com esse eixo buscamos averiguar os motivos que levam as professoras a ler os livros de autoajuda. As respostas dadas buscaram contemplar as seguintes questões: *leitura para refletir sobre a própria prática; leitura que possibilita o deslocamento de seu próprio lugar; leitura que guarda aproximações com a própria vida e leitura que proporciona a mudança de um comportamento considerado ruim.*

Leitura para adquirir conhecimento

Na intenção de buscar respostas a questões relacionadas ao tipo de conhecimento que as entrevistadas acreditam encontrar nas edições estudadas elaboramos esse eixo. As respostas dadas foram organizadas ao redor das seguintes temáticas: *leitura para adquirir conhecimento de vida ou autoconhecimento e leitura para adquirir ou aprimorar seu conhecimento formal (profissional e científico)*

Uso profissional da leitura

No presente eixo buscamos explicitar os modos como as obras são utilizadas pelas leitoras. Dentre as indagações que o constituem estão: *referências aos modos de utilização dos livros e busca de mudança pessoal que tem repercussões na dimensão profissional.*

Na análise que ora se apresenta tivemos a intenção de compreender as manifestações do ponto de vista das próprias professoras para, posteriormente, examinarmos o que nos dizem os especialistas a respeito das temáticas levantadas durante as entrevistas e, por fim, buscamos mostrar os possíveis sentidos atribuídos pelas leitoras às publicações que são objeto de investigação desse trabalho.

3.1 Quem são as professoras entrevistadas?

Realizamos ao todo 11 entrevistas das quais uma foi eliminada por não obtermos a partir dela respostas muito claras em relação às questões feitas e por não conseguirmos contato posterior para realização de uma nova entrevista. Dessa forma, a análise que apresentamos nesse momento diz respeito à contribuição de 10 professoras. Quatro delas lecionam no ABC Paulista, quatro em uma escola localizada na Zona Leste de São Paulo e duas são professoras no município de Mogi-Guaçu, cidade localizada no interior de São Paulo. Em geral, as entrevistadas atuam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I, sendo que, duas delas estão afastadas atualmente da sala de aula ocupando cargos de coordenação. Para preservar suas identidades optamos por não evidenciar seus nomes e os substituímos pela palavra “**Professora**” acompanhada de letras do alfabeto que indicam a ordem em que as entrevistas foram realizadas.

Em geral, as participantes são originárias de contextos sócio-econômicos não favorecidos onde a aquisição do diploma do magistério e a oportunidade de lecionar são vistos como uma grande conquista tanto no que diz respeito às suas expectativas de vida quanto às de seus familiares que, em sua maioria, não são letrados ou leitores assíduos. Assim, o ingresso de suas filhas no magistério representou a oportunidade de adquirirem um *status* mais elevado e condições de vida e de trabalho melhores do que a de seus pais. A procura de um melhor *status* social a partir da profissão é combinada, em certos momentos, à vontade e à oportunidade que o emprego de professora ofereceria e que as levaria a trabalhar menos tempo e ganhar um salário melhor do que estavam habituadas. E, mesmo que essa formação não lhes desse muitas garantias de obtenção de bons empregos, na visão de seus pais ou delas mesmas, as ajudaria enquanto mulheres a cuidar da família e a educar seus filhos.

“Mas, aí logo de cara saindo, tipo, indo pro colegial, pensando em ir pro colegial, aí minha mãe falou: “Ah, faz magistério é tão boa a formação, se não usar como profissão pelo menos como mulher, ela vai te dar uma base pra educar seus filhos e tal.” (Professora C)

“Então, mesmo já tendo o ensino médio, eu voltei para o ensino médio, né? Para fazer o magistério como atualização. E como eu tava com uma filha de quatro anos na época eu queria estar mais preparada para poder orientá-la, né?” (Professora J)

Assim, a possibilidade de aliar ao trabalho doméstico e à maternidade uma profissão coberta de dignidade e prestígio social é uma preocupação dessas professoras e foi expressa nas transcrições acima. Historicamente, a oportunidade de ensinar crianças representou uma maneira de abrir às mulheres um espaço público que prolongasse as tarefas desempenhadas no lar. Para as mulheres que vislumbravam a possibilidade de libertação econômica foi a única forma encontrada para realizarem-se no campo profissional, mesmo que isso representasse a aceitação dessa profissão envolta na aura da maternidade e da missão. (ALMEIDA, 1998). Deste modo, elementos como o “gostar” e “dar-se bem” com crianças constituíram-se em quesitos determinantes para a escolha da carreira e para a **Professora H**, por exemplo, foram questões que influenciaram na escolha da profissão mesmo que, à princípio, não as associasse diretamente à carreira docente:

“Eu sempre gostei de criança. E eu cheguei a alfabetizar uma garota uma vez. E eu sempre vivi rodeada de criança. Então eu acho que já era, eu num tive filho nenhum, eu acho que já era algo meu mesmo, que me acompanhava, né? Eu tenho muitos sobrinhos, mas não tenho filho nenhum, sempre fiquei envolvida com criança, sempre me liguei muito, né? E, sei lá, não era um sonho ser professora, num almejava tanto, mas com o caminhar, né? Das coisas, aí acabei fazendo magistério, a faculdade.”

O “gostar e o “dar-se bem” com crianças sempre foram aspectos levados em consideração na escolha pela docência como profissão pelas mulheres e a esses quase pré-requisitos para entrar e seguir a carreira podemos acrescentar o ato de cuidar que durante muito tempo foi visto como única função da Educação Infantil e ainda é visto tanto por alguns professores como por parte da sociedade como sendo o principal objetivo dessa modalidade de ensino. Essa concepção está intimamente ligada ao trabalho que as mulheres executavam nas famílias que seria o modelo básico de “cuidado”, mesmo quando exercido em uma relação de assalariamento, no âmbito de instituições como hospitais ou creches. Assim, uma característica do conceito é que ele transita entre as esferas da vida pública e privada, da família ao mercado de trabalho e às políticas públicas. (CARVALHO, 1999). Algumas entrevistadas relembram a ocasião em que a Educação Infantil deixou de ser gerida pela Secretaria de Assistência Social e passou a ser administrada pela Secretaria de Educação. Esse fato representou mudanças profundas para essas mulheres que antes tinham a função de “pajem” e a elas cabia apenas cuidar e atender às necessidades básicas das crianças e, que, de repente, se viram

obrigadas a ter que dar conta de outras questões para as quais não se viam preparadas. Assim, na intenção de sanar carências de formação em relação às novas exigências começaram a procurar por formações na perspectiva de dar conta de suprir suas necessidades profissionais em relação às mudanças:

“Era mais o cuidar, por isso que eu penei bastante, por que você acostumava tantos anos no cuidar depois vêm essas mudanças, né? Mas hoje não, hoje eu já consigo ver que é bem diferente, e a trajetória das crianças, como ela entra aí, o tempo, o caminho. O caminhar delas é bem legal mesmo”. **(Professora H)**

Oriundas de famílias de condição social e econômica menos favorecidas, o que pode ter determinado a falta de acesso a uma melhor educação e, o que talvez as faça mais fortemente influenciáveis pelo discurso da tradição e do senso comum, muitas vezes, reproduzem em seus discursos afirmações superficiais, frases prontas e jargões a fim de explicarem a situação em que os professores se encontram na atualidade e o que as leva, em certos momentos, a optar pela leitura de livros de autoajuda. Nessas manifestações, acabam evocando questões como a reflexão, a motivação e o potencial missionário da docência que, estão presentes nessas obras e que as ajuda a procurar respostas imediatas para problemas particulares ou profissionais postos pelo dia a dia a fim de continuarem seguindo dentro de uma profissão que, em certos momentos, rejeitam sublinhando que nunca escolheriam novamente e que não deixariam seus filhos seguirem:

“[...]desde quando a minha filha nasceu eu sempre falava pra ela “você nunca vai ser professora! Nunca!”. Então eu acho que eu construí tanto esse conceito que ela não tem didática nenhuma para ensinar, paciência nenhuma [...] ela não foi pra licenciatura então eu fiquei muito feliz, foi um alívio pra mim. Porque eu falei, não, eu tenho certeza que ela não vai ser professora.” **(Professora C)**

Algumas se referem aos professores brasileiros com certo distanciamento como se não fizessem parte da categoria e os definem como profissionais sem vontade de aprender, de serem formados e de buscarem inovações em sua prática em sala de aula: *“O professor não quer ter formação, não quer! Ele fez um curso lá se formou e acha que aquilo lá serve “vou fazer o que mais com essa criançada? Tá bom demais pra ele”. Eu sinto assim, sabe?”* **(Professora E)**. Ainda no que diz respeito à “falta de

vontade” de receber formação e de transformar as práticas desenvolvidas em sala de aula a **Professora G** utiliza-se dos termos “*abertos*” para designar aqueles professores que possuem vontade de inovar e estão dispostos a empreenderem coisas novas em suas aulas e os “*fechados*” para os que são resistentes a mudanças e continuam exercendo o mesmo trabalho há anos sem vontade e perspectiva de alterarem seu trabalho como docente.

“O professor brasileiro ele não quer aprender. Ele se acha, ele pode estar à frente de qualquer classe, a classe dele pode ser a pior do lugar onde ele está, mas ele nunca se coloca como responsável por aqueles resultados. Vai dizer que o culpado é o aluno, que o culpado é a família, que é sempre é o outro e nunca que é a prática dele que está errada. Ele se acha muito, ele acha que tudo o que ele faz é o melhor que pode ser feito, que não existe nada melhor do que o que ele tá fazendo naquele momento. E ele não quer ter formação.” (Professora D) (Grifo nosso)

Como já foi mencionado anteriormente, vê-se que as professoras entrevistadas são provenientes de uma vida privada de recursos financeiros para que a formação escolar e acadêmica foram conquistas que se deram tardiamente, com muitos sacrifícios e a partir de percursos tortuosos que envolveram cursar o Ensino Médio via eliminação de matérias, Supletivo ou cursos superiores de Pedagogia semi-presenciais ou à distância que acabavam não beneficiando o bom desenvolvimento cultural e profissional dessas professoras. Todavia, não podemos deixar de considerar que essa formação, por mais aligeirada e deficitária que pudesse ser representou para essas mulheres a conquista de um emprego, melhor *status* social e maior liberdade no que diz respeito às condições financeiras o que, sem dúvida, representou um grande salto para a condição social de onde são provenientes:

“Então, eu fui servente numa escola do Estado, prestei concurso e trabalhei seis anos como servente e, aí eu comecei... É, eu resolvi que eu ia voltar a estudar, que eu só tinha até o antigo quarto ano primário... Quarto ano... E, então como eu trabalhava na escola do Estado como merendeira, servente eu comecei fazer. Sabe esses cursos que são dados pelo governo, é, que tem eliminação de matéria. Não sei se ainda tem. É, e eu fazia, eu estudava em casa e também tinha o Telecurso na TV e eu assistia algumas aulas na TV antes de ir trabalhar, estudava em casa pegava livros de colegas que tinham feito o primeiro grau completo o segundo e fui prestando fazendo as provas e fui eliminando as matérias. Mas, quanto à matemática eu precisei fazer supletivo, então em 99 eu fui fazer supletivo porque a matemática não conseguia eliminar. Então como eu fiz supletivo de todas as matérias aí eu peguei, de

tudo, né? Eu peguei um certificado só, porque eu fiz tudo de novo.” (Professora F)

Almeida (1998), ao abordar historicamente a temática das mulheres em relação ao magistério, sublinha o que representou para essas, em meados da década de 1920, conseguirem exercer a carreira do magistério em uma sociedade em mudança, herdeira da recém-proclamada República e ainda atrelada às ideias monárquicas e escravistas que menosprezavam o trabalho manual e valorizavam o intelectual. Nesse contexto, certamente a profissionalização feminina não podia deixar de ser vista com uma certa desconfiança. Mesmo assim, a possibilidade de profissionalizar-se, via magistério primário, era um meio de as mulheres poderem vislumbrar uma chance de sustento sem a obrigação do casamento ou a humilhação de viver da caridade alheia. Como o cuidado com crianças não fugia à maternidade, o magistério representava a continuação de sua *missão* de acordo com o imaginário social acerca do papel feminino. Portanto, o magistério representou uma das maiores oportunidades do sexo feminino para atingir o equilíbrio entre as condições desejáveis e as possíveis de obter. (ALMEIDA, 1998).

Luis Pereira (1963) em obra intitulada “*O magistério primário na sociedade de classe*” analisa a questão dos professores e seus papéis sociais ressaltando que, em 1957, as mulheres ocupavam cerca de 93,1% das 183.056 pessoas que exerciam essa atividade profissional, sendo sua maior participação no primário que necessitaria de disposições relacionadas ao carinho, à dedicação, ao afeto e à aptidão para o cuidado com crianças, características que se acredita serem mais comuns às mulheres. Aos homens eram reservados os cargos de “*direção*” para os quais as mulheres eram consideradas menos adequadas. Desde o início do século, os homens que assumiam o magistério como profissão iam tentando direcionar suas carreiras para outros postos e abandonar o espaço “*feminino*” da sala de aula. Assim, deixam de ser professores para se tornarem diretores, formadores de professores, supervisores de ensino, delegados de ensino, chefes de instrução pública etc, e, dessa forma, continuar controlando a profissão que já era maciçamente feminina. (DEMARTINI e ALMEIDA, 1993)

Assim, nos níveis mais elevados, as ocupações femininas típicas eram as de professora, assistente social, enfermeira, secretária-particular e recepcionista. Esses papéis tendem a possuir acentuado cunho expressivo e frequentemente são “*auxiliares*” ou “*subsidiários*” de papéis masculinos. (PEREIRA, 1963). Com a expansão do sistema escolar, na medida em que acarreta um aumento das posições docentes, ocorre o

alargamento de uma área do mercado de trabalho que passa a aproveitar mais as mulheres do que os homens. Portanto, considerando a evolução da profissionalização feminina, enquanto processada pela ocupação das posições contidas no sistema escolar em conjunto, o magistério primário apresenta-se como campo tradicional e genérico à sociedade brasileira, de participação feminina na população economicamente ativa. (VICENTINI e LUGLI, 2009) O processo de ocupação do magistério pelas mulheres, que representou a profissionalização feminina, guardada as devidas proporções, representou para essas a oportunidade de sair da posição de dependência e adquirir certa autonomia que só foi alcançada pelo fato do trabalho como professora permitir a integração dos espaços profissionais e domésticos. (CARVALHO, 1999)

No intuito de extrairmos o maior número de contribuições acerca da temática investigada procuramos encontrar nas manifestações das entrevistadas aspetos que consideramos importantes sobre como essas caracterizam os livros de autoajuda, quais subsídios essas obras poderiam trazer às suas vidas e às práticas em sala de aula e o que mais as atraia nessas leituras na intenção de mapear o percurso dessas professoras enquanto leitoras, ou pelo menos conhecedoras, dessa categoria.

Na procura por respostas às perguntas postas pelo trabalho procuramos entender as justificativas utilizadas pelas leitoras para elucidarem por que consideram as obras de autoajuda importantes, o que nos permitiu constatar diversas questões. Entre elas a referência às possibilidades quase inerentes aos livros de provocar a mudança de comportamento e proporcionar a reflexão e o potencial motivador dessas edições estiveram muito presentes nos argumentos empregados. O ato “*de refletir sobre o que eu estou fazendo da minha vida*” é uma das principais contribuições para aqueles que buscam a leitura sendo as semelhanças e aproximações da própria vida com as histórias expressas nos escritos, bem como, o fato de darem ênfase a expectativas, valores e crenças que consideram importantes atrativos que contribuem para que haja uma identificação entre os temas abordados nos livros e os leitores que, em sua maioria, procuram por “conselhos” e “ensinamentos” que proporcionariam a reflexão sobre acontecimentos que envolvem a própria vida. Nessa perspectiva, acabam procurando por uma leitura que as apresente a possibilidade de pensar a respeito de seus problemas e que as motiva a procurar por mudanças:

“Então talvez o livro de autoajuda, talvez tivesse que passar por isso sabe? De quebrar as resistências e tentar fazer as pessoas enxergarem o que fazem. Refletir, eu acho que esse é o X da questão” (Professora A)

“É porque, quando eu li era por causa da questão de você refletir um pouco, né?” (Professora B)

“Bom, na questão da reflexão sem dúvida nenhum e na questão de, ai, de, por exemplo, mostrar a força do ser humano em si que isso que se perdeu, então é, atualmente a gente vê o que, o professor só vai levando, ele não faz por mudar, ele vai levando a vida contando os dias para sair dessa vida muitos, né?![...] se você ler pelo menos um de autoajuda que te faça refletir e dizer você ainda pode fazer alguma coisa na vida e não esperar...” (Professora C)

Em um mundo turbulento onde mudanças ocorrem de maneira acelerada e a possibilidade de fazer escolhas é maior e atribuída à vontade pessoal os indivíduos podem sentir-se confusos acerca de que caminho seguir, de que decisão tomar e de como buscar soluções para as dificuldades encontradas em suas vidas. Diante dessas questões os livros de autoajuda viriam no sentido de motivar as pessoas e fazê-las acreditar que as situações podem ser modificadas para melhor assim como o que determinaria essas mudanças seria uma transformação na postura particular em relação ao contexto. Romão (2009) assinala que o viés ideológico que esse tipo de concepção pode proporcionar leva os indivíduos a acreditar e criar a fantasia em que o sujeito tomaria a si mesmo nas mãos, conheceria a si mesmo, teria condições de autoajudar-se a ser feliz e se realizar.

“Não é porque, por exemplo, eu não li que eles são ruins, é que eu nunca achei necessidade na minha prática, mas, eu penso que muitas pessoas procuram. Principalmente nesse mundo de turbulências, né? Com muitas dificuldades, em todas essas áreas, em toda área profissional, não é só na parte da educação não, em todas as áreas. E as pessoas, às vezes, ficam um pouco desestruturadas, um pouco... Até que... Com a situação financeira e tudo, então de repente ela precisa mesmo estar se sentindo valorizadas, que elas têm potencial, aonde buscar esse potencial. Esse lado positivo deixar aflorar que da certo! Olha “vai lá, faz assim”, então estimula essa pessoa a ir pro caminho, entendeu? E achar que realmente vai dar certo, e acreditar... Acreditar nele. Eu acho que vale a pena.” (Professora G)

Assim, na perspectiva de esclarecerem os usos que fazem dos livros, rememoram os tempos áureos do magistério, onde os alunos eram mais educados, os

professores mais comprometidos e dispunham de melhor remuneração e *status* social. Elas justificam a leitura das obras analisadas afirmando que serviriam para motivá-las e ajudá-las a enxergar as coisas boas de uma profissão que sofre atualmente com o descaso por parte do Estado e desvalorização por parte da sociedade.

Eu acho assim, porque tem muito professor que já perdeu a vontade... Perdeu a vontade de voltar pra uma sala de aula. E ainda relembra com tristeza tempos bons que passaram. Então vem ajudar muito você entende na forma das reações dele de afastar um pouco a... As coisas ruins. (Professora H)

A questão da motivação também é muito presente no discurso das professoras como uma das dimensões para a qual os livros de autoajuda poderiam trazer contribuições. Essa crença no potencial motivador da leitura pode ser constatada na seguinte ponderação: “*Ele me dá mais equilíbrio para mim tomar minhas decisões e me deixa sem ter medo de tomar tal iniciativa*”(Professora H). Para a entrevistada, uma das contribuições das obras em questão é o poder que essas têm de auxiliá-la a não ter medo de mudanças, isto é, não ter medo de deslocar-se de um local cômodo para um outro novo e desconhecido. Assim, diante do desestímulo e cansaço em relação à profissão a leitura do gênero funcionaria para levantar a autoestima e permitir que o indivíduo siga em frente: No entanto, Rudiger (1996) vai observar que:

A literatura de autoajuda difunde entre seu público um conjunto de modelos que, mal ou bem, influencia na maneira de pensar sobre si mesmo e fornece a seus leitores um conjunto de pautas de ação e subjetivação cuja capacidade de intervir na realidade, todavia, extrapola seu poder, dependendo, entre outros fatores, da preexistência, nessa realidade, das condições favoráveis ao desenvolvimento de uma personalidade ou à ação social que ele prescreve, quando enseja o reordenamento de uma subjetividade. (RUDIGER, 1996, p.21-22)

A possibilidade de encarar a vida e a sala de aula com mais otimismo e desenvolver o pensamento positivo também foi um aspecto apontado pelas entrevistadas como contribuição trazida pelas obras do gênero. Para enfatizar essa questão a Professora J recorre às metáforas almejando ilustrar suas ponderações:

“eu acho que [...] trabalhar o inconsciente dele para que ele possa se auto-motivar. Eu acho que é mais ou menos isso, trabalhar o inconsciente, receber estímulos positivos para que ele,

no meio de dificuldades, enxergar uma luz no final do túnel.
(Grifos nossos)

“eu acho que é justamente isso. É a pessoa procurar olhar o lado positivo da coisa. É aquela velha história “pegar o limão e fazer uma limonada” vamos dizer assim, né. Fazer do limão uma limonada, procurar enxergar...” **(Grifos nossos)**

As respostas encontradas acerca dos percalços da vida ou da profissão não são oferecidas no formato de passos a seguir ou respostas prontas, mas na forma de palavras de motivação e encorajamento que visam fazer com que as pessoas não sucumbam às dificuldades. Portanto, a contribuição que os livros de autoajuda dariam viria no sentido de proporcionar estabilidade emocional e apoio para o indivíduo tomar decisões, pois os problemas só poderiam ser resolvidos de fato quando houvesse vontade e disposição pessoal.

“Não, exatamente encontrar as respostas não. Mas pelo menos não sucumbir... Não sucumbir. Exatamente, a palavra é esta, não sucumbir tentar... Ter altos e baixos, mas tentar estar sempre procurando pro alto e não me afundando, afundando, afundando, que é o que muitas vezes a gente fica com pena da gente mesmo e vai casa vez para o fundo do poço e quando chega lá a gente tenta submergir né. E pelo menos esse autoajuda ele me deu uma estabilidade. Lógico, teve altos e baixos, mas sempre [...]Eu li um livro eu não lembro da autora agora [...]Mas tipo aquele livro “Ame-se a si” mesmo sabe? Me ajudou.... Depende muito de como você encara a coisa. Se você não quiser nada com nada, nada vai te ajudar, né? É uma postura minha...” **(Professora J)**

“Eu acho que sim. É trabalhar o inconsciente dele para que ele possa se auto-motivar. Eu acho que é mais ou menos isso, trabalhar o inconsciente, receber estímulos positivos para que ele... No meio de dificuldades enxergar uma luz no final do túnel.”
(Professora J)

Ao se referir aos modos de utilização das publicações investigadas a **Professora I** diz que, “*normalmente quando nós procuramos os livros de autoajuda é que nós estamos precisando de algum apoio. Nós nos desestabilizamos e estamos procurando esse norte realmente para continuar...*”.

O potencial da leitura do gênero autoajuda como forma de lazer também foi apontado por algumas participantes, as histórias expressas nos livros viriam no sentido de fazer com que a leitura fosse prazerosa, mas sempre traria a possibilidade de

acrescentar algumas coisas às vidas de seus leitores. Assim, mesmo quando lidos sem pretensão de mudança de comportamentos, a leitura proporcionaria aos indivíduos a reflexão.

“Não sou assim exigente não, eu gosto de ler tudo. Assim de lazer, eu acho que é mais essa mesma área de autoajuda, ler a história dos outros, história de vida das pessoas me chama muita atenção”.

E justifica a questão dizendo:

“porque sempre acrescenta, né? Então situações... cada um vive de uma maneira, mas sempre acrescenta alguma coisa nem que seja “Olha eu acho que eu não teria feito isso que essa pessoa fez” já acrescentou em você, reforçou um conceito interno que você tem”.

Em alguns momentos, almejando por mudanças de comportamentos, as professoras procuraram pela leitura das obras de autoajuda na perspectiva de buscar mudança interior, que se faz individualmente a partir de algumas prescrições e aconselhamentos apresentados nas páginas dos livros da categoria:

Os livros que compõe seu acervo constituem manuais para serem empregados, e não para exporem uma doutrina; constituem textos técnicos, que são consumidos para serem objeto de aplicação prática por parte do leitor. O consumo destes manuais constitui, portanto, uma prática que, intencionalmente, deve transcender a simples leitura: supostamente, prolonga-se em técnica de ação sobre si próprio e sobre os outros no contexto de nossa cultura. (RUDIGER, 1996, p. 21)

Muitas vezes, as formulações feitas nas entrevistas usavam um tom vago, um pouco generalizante. Em certos momentos, as explicações acerca dos motivos que as levaram a ler as obras de autoajuda ou as contribuições que essas poderiam proporcionar às suas vidas eram evocadas utilizando-se de *“termos e frases prontas”* que, aparentemente, eram autoexplicativos, mas que não davam conta de definir com objetividade o que elas pensavam a respeito:

“Eu acho que é uma leitura introspectiva, faz você rever conceitos e provavelmente seja isso... e para garantir uma melhor qualidade de vida, uma estabilidade emocional...” (Professora F) (Grifos nossos)

E ao procurar formular melhor sua resposta o faz da seguinte maneira:

“Porque todos nós precisamos de ajuda, e eu acho que pode ser que ajude numa mudança de comportamento, mudança de atitude,

e para... Para valorizar o seu trabalho, e conscientizar também o que a gente passa, né? Conscientizar a gente da importância que a gente tem nas relações na, e influência também, no caráter principalmente das crianças.” (Professora F)

As afirmações vagas apenas parecem dar conta de esclarecer o que a entrevistada pensa acerca de certas questões, porém, em nenhum momento, em seus dizeres fica claro o que essa entende por: *leitura introspectiva, qualidade de vida e estabilidade emocional*, ficando a cargo, no caso, de nós mesmos interpretarmos o que isso pode representar para a entrevistada. O mesmo acontece com o termo “*up*”, que foi utilizado por mais de uma professora e apreendido por nós como a possibilidade de levantar a autoestima e enfrentar as situações problemáticas postas pelo cotidiano. Porém, ao se utilizarem do termo as professoras também o consideram autoexplicativo e não o definem precisamente, talvez por acreditarem se tratar de uma expressão que por ser vastamente utilizada no senso comum dá conta de esclarecer-se por si só.

“Então, de repente, algumas frases prontas, alguns jargões eles, de repente, naquele momento em que você tá mais cansada, tá um pouco mais desgostosa aquilo ali pode até, no momento, te servir pra alguma coisa, sabe? Te dar um ”up”.” . (Professora D, grifo nosso)

“Às vezes a gente fica deprimida por alguma coisa, acha que o mundo tá totalmente contra você e esses livros te dão um “up” na vida. Eu acho que a gente deveria pelo menos uma vez por semana ler alguma coisa para superar os traumas”. (Professora I, grifo nosso)

“Li bastante, e eu ia até a livraria e já procurava as prateleiras próprias e era “Alegria e triunfo” era “Lair Ribeiro” e era outros autores que trabalhavam com essa Neuro-linguística, que eu acho que é. Até curso de neuro-lingüística eu cheguei a fazer para poder dar uma, um “up! Levantar a coisa, né?””. (Professora J, grifo nosso)

As figuras de linguagem também são um recurso muito utilizado nos discursos das entrevistadas e tiveram a intenção de explicar, ilustrar ou exemplificar suas relações com a vida e com a educação, bem como, de apontar as contribuições que a leitura das obras de autoajuda podem trazer. Assim como os autores dos livros em questão, as entrevistadas, ao recorrerem às figuras de linguagem para articularem uma ideia ou um pensamento, o fazem na intenção de estabelecer analogias e tornar seu discurso mais esclarecedor e “*acessível*”, nesse caso, a nós, ouvintes:

“Eu acho que é justamente isso. É a pessoas procurar olhar o lado positivo da coisa. É aquela velha história “pegar o limão e fazer uma limonada” vamos dizer assim, né? Fazer do limão uma limonada, procurar enxergar...” (Professora J, grifos nossos)

“Mesmo no meu trabalho com as crianças, por exemplo, é tentar enxergar essa criança como uma semente que ta aí que eu posso ta ajudando ela a florescer no futuro e fazer parte” (Professora J, grifos nossos)

Ao falar de seu trabalho e do que considera essencial na carreira docente a **Professora J** emprega uma metáfora segundo a qual o aluno é uma semente que deve ser plantada e irrigada pelo professor para que floresça. A figura de linguagem é utilizada para exemplificar a importância da profissão docente no processo de aquisição de conhecimento pelo qual passa o aluno e é muito utilizada pelos autores pesquisados. A metáfora da semente está presente em grande parte das obras de ambos os autores. Israel Scheffler (1974) ao abordar a função das metáforas no domínio da educação assinala que essas se encontram frequentemente tanto em contextos teóricos chave, quanto em contextos de política educacional e que, em geral, indicam a existência de uma importante analogia entre duas coisas, sem dizer exatamente no que consiste essa analogia. Expressam na maioria das vezes verdades significativas e paralelos e similaridades existentes no interior do tema do próprio discurso. (SCHEFFLER, 1974). Assim, a analogia entre o aluno como *semente* e o professor como *jardineiro* que vai cultivá-la é representativa de uma concepção de educação partilhada pelas entrevistadas e que vai contra a forma tradicional de ensino, nessa perspectiva, os professores seriam responsáveis pelo desenvolvimento da criança, sendo sua função, mediar esse processo.

O uso do termo *reflexão* também foi recorrente nas respostas dadas pelas participantes. No entanto, não há uma definição precisa acerca do que ele representa levando a crer que diz respeito a um processo estritamente particular e individual que visa levar as pessoas a pensarem em suas vidas privadas e vai interferir inevitavelmente na vida pública e, conseqüentemente, na profissão. A **Professora A**, por exemplo, no espaço de 9 linhas transcritas faz menção aos termos *reflexão* e *refletir* por 6 vezes sem explicar precisamente o que entende por isso:

“Eu acho que sempre que você lê um livro de autoajuda você sempre tem que parar e refletir. A reflexão pra mim é o ponto que...a reflexão à toa não né? a reflexão que gera uma ação, sempre né? Eu acho que o livro de autoajuda tem que ter esse foco, a reflexão e uma mudança de comportamento. Não é a primeira obra que ele vai mudar, porque as pessoas não mudam

assim, nem a primeira leitura, mas se ele pudesse proporcionar esses momentos de, da pessoa parar e refletir teríamos um mundo melhor, né?” (grifos nossos)

A ideia da reflexão acerca da prática está constantemente presente no discurso dos professores e é objeto de estudo de diversos autores: Schön (1983); Pimenta (2002); Perrenoud (2002); Nóvoa (1992); Catani e Vicentini (2006); Gómez (1997), entre outros. Donald Schön (1983) um dos maiores representantes da concepção trata da reflexão como *a imersão consciente do homem no mundo da sua experiência*, sendo que, a [...] *reflexão não é um conhecimento “puro”, mas sim um conhecimento contaminado pelas contingências que rodeiam e impregnam a própria experiência vital*. (p.103). Ainda no que diz respeito à questão da “*prática reflexiva*” ou da “*análise das práticas*” para Catani e Vicentini (2006) a experiência assume um papel estruturante nos processos de formação, possibilitando aos professores significarem e ressignificarem sua vivência profissional que é de certa forma o que as entrevistadas buscam ao enfatizar a mudança que os livros de autoajuda podem proporcionar em sua vida pessoal e que, de acordo com os autores supracitados, vão, inevitavelmente acabar influenciando em aspectos de sua prática como docente.

O livro de autoajuda assume o papel de cúmplice que ampara nos momentos de solidão, crises e transição e ocupa o posto de uma pessoa próxima pela falta de ter com quem conversar ou desabafar sobre a vida e os problemas e auxilia a enfrentar as dificuldades postas com mais clareza e leveza a fim de proporcionar a escolha da melhor decisão e a “*enxergar a vida com mais esperança*” nos momentos de desespero.

“Li bastante, e eu ia até a livraria e já procurava as prateleiras próprias e era “Alegria e triunfo” era “Lair Ribeiro” e era outros autores que trabalhavam com essa Neuro-linguística ...que eu acho que é. Até curso de neuro-lingüística eu cheguei a fazer [...] Eu até vejo um pouco os livros do Chalita também como uma autoajuda que... Padre Fabio de Mello também, que eu andei... Foi um dos últimos que eu li também. Faz a gente refletir e enxergar a vida com mais esperança. Eu entendo autoajuda como isso, né? Na vida complicada que hoje nós temos pouco você pode ta contando com os outros para estar ouvindo suas... Então, às vezes, você lendo aquilo responde o que você esta procurando” (Professora J).

É importante sublinhar que a forma como a escrita dos livros referidos é organizada possibilita uma aproximação do autor e leitor que se assemelha a uma

conversa onde o primeiro aconselha e prescreve condutas ao segundo. Na intenção de atingir essa aproximação, o gênero apresenta uma organização textual básica onde o emprego da terceira pessoa – você – é utilizada no intuito de indicar uma preocupação do autor com o leitor, assim como de estabelecer uma relação mais informal e próxima como um amigo que chama para conversar. (SOUZA E FORNARI, 2001).

Existe a preocupação por parte dos autores em apresentar histórias que deem ênfase a relações cotidianas que podem ser similares a diversas situações vividas pelas pessoas. As considerações feitas pelas entrevistadas mostram um pouco como essa abordagem é bem-vinda. O fato dos livros abordarem histórias reais ou fictícias de pessoas comuns que enfrentam problemas e buscam formas de resolvê-los também foi assinalado como característica que faz com que as professoras se identifiquem com eles:

“É que elas se aproximam muito da minha vida. Por exemplo, esse livro “Comer, rezar e amar” o que ela retratou eu também vivi! Então ver que a outra pessoa sofreu ou viveu a mesma coisa é interessante. O Augusto Cury, por exemplo, aquele livro “Pais brilhantes, professores fascinantes” eu chorei de cabo a rabo, por que eram coisas que eu acreditava, entendeu?” (Professora A)

Assim, as obras em análise funcionariam como um “*manual*” que serviria para inspirar seus leitores na hora de tomar decisões e de se posicionar em relação a algumas questões. As histórias presentes nos livros e que se aproximam da vida das pessoas contribuiriam para dar maior visibilidade às “*coisas erradas*”, isto é, aos erros cometidos durante a existência, na perspectiva de permitir a modificação de uma conduta para que, posteriormente, os indivíduos tenham a oportunidade de “*fazer a coisa dar certo*”.

“Eu acho que eles analisam situações que a maioria das pessoas passam. Eles abordam pontos que são comuns a várias pessoas em situações de conflitos, de repensar posicionamento, essas coisas, né? Então acho que são questões que, principalmente assim, como você poderia pensar com outro olhar do outro né? Na visão do outro porque a gente fica só na nossa visão..” (Professora B)

De acordo com Souza e Fornari (2001), seguindo as interpelações diretas com que iniciam a “*conversa*” com seus leitores aparecem as auto-descrições, que se apresentam com a biografia do autor, ou limitando o relato ao momento da transformação positiva ocorrida em sua vida na intenção de evidenciar certa proximidade entre os problemas pelos quais passam autores e leitores com a finalidade

de aparentar uma aproximação entre as histórias de ambos. O excerto abaixo ilustra bem o que tentamos explicitar:

Contei essa breve história para mostrar que também atravesso meus desertos como os personagens que vocês conhecerão neste livro. Quero mostrar, em especial aos jovens que há períodos em que tudo dá certo na vida, recebemos apoios e aplausos. Há outros períodos em que fracassamos, somos rechaçados, frustrados e criticados justa ou injustamente. Algumas pessoas jamais nos elogiarão, por mais que façamos um excelente trabalho [...] Devemos respeitar essas pessoas e pensar como o filósofo Nietzsche pensou: “Aquilo que não me mata me torna mais forte. (CURY, 2007, p.13)

A proposta de mudança de comportamento também foi apontada pelas entrevistadas como uma possibilidade oferecida pelos livros referidos. Segundo elas, a leitura proporcionaria a *“desestruturação pessoal”*, considerada fundamental para a transformação das atitudes em relação à vida, e que poderiam ser transpostas para a vida profissional também. Em seus discursos as entrevistadas reforçam ainda a possibilidade de confrontar-se com o que não conhecem: *“um lugar onde eu não tinha estado antes”* a fim de desenvolver outros comportamentos e desconstruir verdades em busca de uma vida pessoal e profissional mais bem-sucedida e produtiva. Essas desconstruções assinaladas sugerem uma expectativa em relação aos livros que oportuniza reestruturações, *“Mexer também com essa coisa de, por que você também tem algumas verdades”*. **(Professora A)**

Ao definirem a própria situação e as mudanças que a leitura pode proporcionar as entrevistadas se utilizam de figuras espaciais como, *“sair do local cômodo e passar pra um (outro) lugar”* **(Professora A)**, bem como, de figuras de movimento, *“É como se você fosse uma, fizesse uma viagem pro seu próprio interior...”* **(Professora C)**; *“Ele não tem, quando ele tá lendo um livro de autoajuda ele não tem que pensar ele tem só que “escorregar”!”* **(Professora D)**; *“Esse lado positivo deixar aflorar que da certo! Olha “vai lá, faz assim”, então estimula essa pessoa a ir pro caminho, entendeu?”* **(Professora G)** e *“[...] te leva para procurar outro caminho.”* **(Professora J).**

Com o propósito de resgatar um pouco a importância que os livros assumem em suas vidas, pedimos para que as entrevistadas falassem de alguma experiência ou dificuldade enfrentada que a leitura de autoajuda tivesse auxiliado a resolver. Uma das professoras relata o caso de um aluno que chegou em casa com um hematoma e

imediatamente a mãe redigiu um bilhete endereçado à professora e acusou um adulto pelo ato. Diante do ocorrido a professora se controlou, acalmou-se e escreveu um outro bilhete ponderando que aquilo poderia ter acontecido em outro espaço e que não necessariamente teria sido cometido por um adulto, já que, na perua em que o menino ia para casa havia crianças mais velhas. Logo em seguida, a mãe descobriu que o menino havia sido machucado na perua durante o trajeto para a escola e foi desculpar-se com a professora. O auxílio fornecido pelos livros para essa professora veio no sentido de auxiliá-la a ter auto-controle e a tratar a questão com mais serenidade:

“eu precisei ter um autocontrole muito grande. Ai cheguei na minha casa, eu não lembro nem qual foi o texto que eu li porque eu tava tão irritada, eu sei que eu peguei o primeiro, porque eu tenho uma pasta lá só de textos, eu peguei o primeiro que apareceu e eu li. Eu falei agora deixa eu parar para pensar...[...] Era um texto de autoajuda. Que eu recebo muito pela internet, né? Tenho amigos que têm muitos, e já sabem, ai eu vou imprimindo e deixo numa pasta. Ai, às vezes me da vontade eu tiro copias e distribuo para o pessoal na reunião” (Professora I)

Portanto, o potencial de acalmar os indivíduos também é um fator presente nas obras de autoajuda e que atrai alguns dos leitores por poder auxiliá-los a tomar decisões mais adequadas no que diz respeito à vida ou a situações vividas no cotidiano escolar. Porém, algumas das entrevistadas, ao apontarem as contribuições trazidas pelos livros em análise, ressaltam a possibilidade que essas oferecem de acalmar o professor apenas como um indivíduo, *“eu acho assim, que o livro de autoajuda ajuda para acalmar o professor como indivíduo, mas não como uma categoria, uma classe...”*, isto é, a leitura dessas publicações poderia contribuir com os professores individualmente, em relação às suas expectativas pessoais e sua subjetividade, porém, no que diz respeito à categoria docente não poderiam auxiliar em mudanças significativas postas pelas demandas pelas quais passa a classe de professores em geral. Seguindo essa perspectiva as mudanças favorecidas por esses livros ficariam apenas no nível subjetivo e particular de cada um e poderiam até colaborar com a mudança de comportamentos e condutas dos professores o que poderia refletir-se em sala de aula, mas não daria conta de resolver problemas estruturais das escolas, por exemplo.

“Agora, em termos de conteúdo mesmo pra prática pedagógica do professor eu acho que elas não acrescentam nada. Minha opinião, assim pra modificar a prática pedagógica ou pra acrescentar

alguma coisa à prática do professor eu acredito que essas obras não acrescentam nada.” (Professora D)

Mesmo considerando que as obras de autoajuda possam auxiliar em determinados aspectos, algumas entrevistadas sublinham que esses se constituem em paliativos que visam enaltecer o ego dos professores, mas que em nada amenizam ou diminuem os problemas pelos quais passa a categoria docente como um todo. Assim, a contribuição que essas leituras podem oferecer fica sempre restrita ao campo particular e permite ao professor enfrentar os problemas que o afetam individualmente, porém, apesar de auxiliarem na reflexão ou tomada de decisões não são capazes de empreenderem mudanças efetivas e concretas em relação aos problemas que afligem a categoria docente.

“Eu acho que é aquele...é um paliativo, um calmantezinho que você vai ler e que vai te colocar: “Ó você é a pessoa, hein?! Você é a pessoa, você pode, você é capaz, você brilha!”. Mas, é só assoprar a ferida e não cura! [...]Mas, foi bem legal ler, assim, aquela coisa de ser calmo, dá uma aliviada, mas efetivamente não é a solução...” (Professora B)

“Olha, apesar de eu achar que eles são muito superficiais eu acho que existem momentos da vida da gente que todo mundo precisa de uma superficialidade.” (Professora D)

“[...] não gosto muito e nem quero ser radical e falar: “isso é uma porcaria e não serve pra nada!”, Talvez, pra algumas pessoas, ajude mesmo, não que elas sigam aquilo passo a passo, mas a gente pensando no que tá lendo ali, eu acho que, se tudo o que a gente ler a gente refletir, né? Sobre o que tá lendo ele dá caminhos mesmo que seja o que são pra gente não seguir!” (Professora E)

A questão *leitura para adquirir ou aprimorar seu conhecimento formal (profissional e científico)* foi constitutiva de um dos eixos propostos para análise dos discursos das entrevistadas, no entanto, sempre que essas apontam alguma contribuição dos livros de autoajuda no campo profissional, remetem-se à mudança de condutas pessoais que acabariam se refletindo na profissão. Estes livros, procurados por necessidades concretas, ofereceriam a possibilidade de encontrar respostas a acontecimentos cotidianos que se passam na vida pessoal e profissional das professoras e deveriam “*ênfatizar o autoconhecimento, uma análise de si mesmo [...]*”(Professora G) favorecer a auto-análise, a mudança de conceitos e a rever práticas e aspectos

individuais em busca da mudança de comportamento, “talvez me ajudar em algumas situações do cotidiano, que são mais freqüentes entre as pessoas...” **(Professora G).**

*O do Augusto Cury também, esse “Dez...para ser feliz”, eu acho que eu tava exigindo muito de mim, quando eu li falei, peráí, eu to exigido pouco, eu to promovendo algo pra minha vida que talvez não seja o mais interessante pra mim criar em mim o tal laço egoísta também, porque eu sou assim também: eu vou lá, vou doar e lá ele vai falar alguma coisa assim do tipo, talvez você tenha que aprender a dizer não. **(Professora A)***

Assim, como já foi mencionado, as publicações investigadas poderiam contribuir tanto na vida pessoal, já que permitiriam compreender melhor as decisões tomadas e motivar as decisões difíceis, quanto na vida profissional que seria um reflexo das ações bem sucedidas da vida pessoal. Essa mudança seria processual e feita via reflexão.

*“Questões assim... Que eu tenho medo de enfrentar e você lê um certo livro que traz uma clareza melhor e te ajuda mais na tua decisão [...] Ele me dá mais equilíbrio para mim tomar minhas decisões e me deixa sem ter medo de tomar tal iniciativa”. **(Professora H)***

*“Como berçário a gente lida com os bebês. Então tem certas coisas que você tem medo de fazer por você. Você achando que aquilo é certo, e aí você faz e de repente não é. Então eu sempre me questiono sobre isso, porque eu tenho medo de fazer uma coisa e praticamente quando eu faço alguma coisa ou eu conversei com alguém ou eu li e fiz um comentário com a minha amiga, e é bem por aí você entende? Aí eu já não tenho tanto medo de tomar iniciativa ou de me envolver a partir daquele trecho que eu li assim, que me trouxe essa abertura você, entende?” **(Professora H)***

As contribuições relacionadas ao trabalho iriam também no sentido de auxiliar no trato com as pessoas. Para a **Professora I** a leitura dos livros de autoajuda auxiliaria na convivência com o próximo, tanto alunos quanto colegas de trabalho, na medida em que promoveriam a calma e o *apaziguamento* das relações conflituosas que poderiam ocorrer nos estabelecimentos de ensino. A entrevistada utiliza a seguinte metáfora para definir a situação hierárquica na escola, e que, por vezes, acaba gerando problemas,

*“começa numa escala hierárquica, né? Que às vezes você tem que engolir alguns sapos. Aí você tem que engolir sapos também das suas companheiras que hierarquicamente estão no mesmo patamar que você, e aí você tem que engolir sapo da pessoa que faz a limpeza”. **(Professora I)***

Porém, quando questionadas sobre se existiria a possibilidade das obras de autoajuda contribuírem com transformações objetivas na prática pedagógica, planejamento de aulas, metodologias de ensino entre outros, as professoras respondem de modo um pouco vago. “*não sei, eu vejo... não vejo muita ligação dos livros de autoajuda com os professores não*”. (**Professora J**). No entanto, consideram importante a possibilidade oferecida pelas obras de, “*procurar outro caminho*” tanto no que diz respeito à dimensão pessoal quanto profissional.

O conhecimento ambicionado na busca dessas publicações está ligado à aquisição de técnicas para resolver as mais diversas situações – tanto de origem objetiva quanto subjetiva que aflige os indivíduos e fazem parte da “*modernidade tardia*”, buscando por respostas a questões como: “*O que fazer? Como agir? Quem ser?* Para tanto, por vezes, recorrem ao que consideram um modo de se auto-conhecer que é oferecido pelos livros de autoajuda. (GIDDENS, 2002)

Não mais pertencendo a uma sociedade tradicional, os indivíduos não conseguem mais lidar com suas liberdades e para isso acabam procurando por estratégias que consigam dar conta de proporcionar o conhecimento interior, e que são proporcionados pelos livros de autoajuda. Esses livros representariam a oportunidade de resolver os próprios problemas postos pela sociedade e uma forma de aprender a viver em sociedade:

A modernidade rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais. (GIDDENS, 2002, p. 38)

Ao abordar o que considera ser a principal função dos livros de autoajuda, que é o potencial que essas publicações têm de fazer com que as pessoas reflitam sobre sua própria existência, a **Professora C** aponta para uma questão que considera arriscada que é a de acabar se frustrando o leitor por não conseguir atingir o resultado ou o sucesso prometido em suas páginas. Segundo a leitora o indivíduo deve ter bom senso para retirar o máximo de contribuições dessas obras sem, no entanto, acreditar que os sucessos alcançados ali vão acontecer da mesma forma consigo mesma e só uma leitura crítica das obras faria com que isso não acontecesse:

“Então acho que tudo tem que ter sempre bom senso, né? Fazer uma leitura crítica e seguir nessa coisa de não ter a leitura como uma receita, mas ter esse tipo de leitura como uma auto-reflexão e eu acho, uma coisa que eu lembrei agora, um cuidado pra que não ocorra uma frustração, porque agora que assim, eu me toquei, até remetendo ao que eu li, né? [...] porque de repente você pode também ficar frustrado com o que serve pra um não servir pra você...”

Os livros de autoajuda também foram vistos pelas entrevistadas como o impulso inicial para o desenvolvimento da competência de leitoras e como importantes para contextos onde são as únicas possibilidades presentes, *“ler esses livros é o início do desenvolvimento dessa competência”* que seria desenvolvida e aprimorada, posteriormente, quando outras leituras mais complexas ou importantes fossem oferecidas a essa pessoa que não dispõe de outras naquele momento, dessa forma, *“mesmo que ele (o livro) tenha muito pouco a acrescentar à minha vida talvez na vida de quem não tem outro livro ele seja muito”*. **(Professora E)**. Nessa perspectiva, a autoajuda é vista como uma possibilidade de acesso, mas também como uma etapa que deve ser superada.

“Então, como a leitura é uma competência e toda a competência ela se desenvolve, pro professor que não tem a competência leitora de repente ler esses livros é o início do desenvolvimento dessa competência. Ele começa a ler algo que não exige muito dele, né, porque é uma leitura mais fácil que vem ao encontro do que ele quer ouvir, mas que se ele tiver consciência de que é uma necessidade dele é um começo! Ele começa com essas obras e vai depois buscando outras obras, né? Outras literaturas.”
(Professora D)

“Olha, o que que eu posso falar, eu não vejo uma importância maior numa obra, mas eu também não posso dizer que um livro é um lixo, pois qualquer livro que seja mesmo que ele tenha muito pouco a acrescentar à minha vida talvez na vida de quem não tem outro livro ele seja muito [...] Qualquer livro, qualquer coisa porque você imagina uma escola em que ela não tenha outras coisas a não ser uns livros didáticos para aprender a ler e a escrever do jeito que ela quiser [...] E talvez até com uma leitura que pra mim não vá acrescentar nada pra alguém dá algum caminho desde que, ele esteja aberto pra refletir sobre aquilo que ele tá fazendo...” **(Professora E)**

Existe um descompasso entre o discurso de autores como Augusto Cury e Gabriel Chalita em relação ao subsídio que esses acreditam dar com suas obras em relação à educação e aos professores em geral e o que as entrevistadas enxergam como contribuições efetivas dos escritos desses autores que, em nenhum momento, consideram como potencialidade de seus livros possibilidades como levantar a autoestima, motivar as pessoas ou “*massagear o ego dos professores*”, questões apontadas pelas entrevistadas como fundamento dessas obras e que são extremamente enfatizadas por publicações do gênero em questão. Para eles seus escritos têm o objetivo de contribuir para a transformação da educação e da escola a partir da proposição de estudos com base científica e filosófica que em nada se assemelham às publicações de autoajuda como pode ser observado na transcrição a seguir:

“Como eu disse, meus livros se inserem na categoria de divulgação científica, divulgação, psicologia aplicada, sociologia aplicada, filosofia aplicada e também pedagogia aplicada. Ela não é uma teoria que não se fundamenta só na psicologia, tem várias vertentes e até mesmo estuda a natureza, os limites e alcances do conhecimento, portanto entra na área da epistemologia, e....alguns títulos, por exemplo, “Doze semanas para mudar uma vida” parece um título de autoajuda. No fundo é um livro que aborda um programa de qualidade de vida para que as pessoas tenham ferramenta para aplicar nessa sociedade que é uma fábrica de pessoas ansiosas, estressadas, consumistas, e este programa de doze semanas ele deveria ser vivenciado uma lei de qualidade de vida por semana e ao longo de toda história. O resultado tem sido fantástico, aqui no Brasil em outros países, as pessoas enviam mensagem dizendo que estão aprendendo a proteger a emoção e quase ninguém fala sobre isso. Nós fazemos seguro de vida, seguro de carro, seguro empresarial, mas não sabemos segurar o mais delicado de todos os territórios, o território da emoção. Então, até quando eu tenho títulos de livros que tenham uma abordagem mais palpável, mais facilmente perceptível eles têm o conteúdo onde aplicam sociologia, psicologia e outras áreas do conhecimento”.
(Anexo G)

Como já discutimos mais detalhadamente no capítulo anterior, a forma como os livros se apresentam aos leitores exerce forte influência nas formas de recepção e leitura do texto. Aspectos como a qualidade do papel, a capa, a espessura, bem como, a forma como sua escrita e narrativa são elaboradas, isto é, seu tipo de linguagem, e que os caracterizam os livros materialmente foram características ressaltadas pelas entrevistadas como atrativos físicos dos livros e ressaltadas como aspectos que determinam sua vontade de ler. Essas observações das entrevistadas vão ao encontro das

proposições de Roger Chartier (1990) acerca da materialidade das obras e, segundo ele, não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. A transcrição abaixo ilustra um pouco como a forma como a obra se apresenta pode influenciar na vontade ou não de ler o livro:

“[...] bom, eu vou falar da parte estética. Eu não gosto de livros, assim, com papel jornal. Não gosto!” (Professora J)

A capa dos livros também exerce fascínio e atração sobre as pessoas, Roland Barthes (1990) ao tratar da imagem fotográfica assinala que essa é um objeto dotado de autonomia estrutural que traz uma mensagem primeira e, de certo modo, não deixa lugar ao desenvolvimento de uma mensagem segunda. As obras investigadas nesse estudo seguem um padrão no que diz respeito a imagens e cores como já mencionamos no capítulo anterior, o que nos leva a crer, inspirados pelas proposições de Chartier (1990) que são escolhas conscientes por parte dos editores na intenção de atrair um tipo específico de olhar para vendê-la a um determinado público:

“Eu compro o livro. Compro não é compra/pagar, é comprar assim, eu passei, tô passando por uma prateleira, eu compro com os olhos. Pela capa, pela capa, sempre! É a primeira coisa que eu faço, aí eu vou para contra-capas, vejo o resumo. Isso se for livro para ler, se eu tiver comprando livro para criança eu abro aleatoriamente uma página, é pelo desenho”. (Professora I)

Os autores e editores de autoajuda, sem dúvidas, escrevem e editam as obras para determinados tipos de público que, a nosso entender, se satisfaz com colocações superficiais que, em certos momentos, pretendem transmitir o tom filosófico ou científico, mas que, ao final não deixam de ser ponderações características do senso comum. Assim, as próprias estruturas dos livros são dirigidas pelo modo de leitura que os editores pensam ser a clientela almejada. Aqueles que são capazes de ler textos não o fazem da mesma maneira, e há uma grande diferença entre os letrados talentosos e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que lêem para poder compreender, ou que só se sentem à vontade com algumas formas textuais ou tipográficas. (CHARTIER, 1998). A procura por uma linguagem mais acessível e que “*em poucas palavras vá direto ao assunto*”, foi sublinhada pela **Professora J** como um diferencial oferecido pelas obras de autoajuda:

“[...] eu andei lendo alguns livros. Uns dois livros do Augusto Cury, né? Mais de dois, principalmente os que são menores, que da tempo de ler mais rápido, né? Eu gosto, gosto da linguagem, gosto de, sei lá, parece que levanta um pouco o astral, depende do meu momento”. (Professora J)

A plausibilidade dos relatos, dos exemplos e das ponderações contidos nos livros é, sem dúvida, elemento importante na aceitação da mensagem que o texto veicula. A ideia de que “*é verdadeiro*”, “*aconteceu como acontece comigo*”, “*não estou só*” etc reproduz o tom das formulações feitas pela professora A, tal como transcrevemos, em epígrafe, no início desta dissertação:

“Essa verdade. Me cheira a verdade, me dá a sensação de verdade...”

A análise das entrevistas constituiu-se em uma etapa importante do trabalho desenvolvido e teve o propósito de elucidar os pontos de vista dos receptores das obras de autoajuda, bem como, de nos mostrar que essas professoras as procuram por diferentes motivos, quais sejam: para refletirem acerca da vida e da profissão, motivarem-se a mudar de comportamentos, facilitar a convivência entre os colegas de profissão, pais e alunos, entre outros, sendo destacados durante a análise. Fica evidente diante das afirmações das professoras que não se lê somente por um motivo, há várias relações entre a leitura dos livros e aspectos de suas vidas que contribuem para que partilhem dos valores, concepções e crenças expressos nos livros e ambicionem pela leitura despertarem o melhor de si. De acordo com elas, a escolha dessa leitura faz com que consigam apoio pessoal e equilíbrio emocional para seguirem suas vidas e não sucumbirem às dificuldades postas pelo cotidiano. A afirmação segundo a qual as leitoras apreciam essas publicações simplesmente por serem mal formadas e por não terem tido a oportunidade de usufruírem de uma formação escolar e cultural de maior qualidade, que lhes permitisse o acesso a obras mais legítimas, não parece sustentável. Ao procurarem tais leituras as professoras não o fazem na perspectiva de corrigirem uma formação deficitária ou para adquirirem conhecimento profissional, filosófico e científico como declaram seus autores, mas sim, na expectativa de alcançarem um conhecimento que é particular e individual que pode vir a interferir positivamente em sua vida privada e em suas práticas e trajetórias profissionais ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo acerca dos livros de autoajuda nos possibilitou apontar e mapear algumas das características fundamentais dessas obras do ponto de vista de sua organização textual e da forma como se apresentam materialmente ao leitor. Auxiliou-nos ainda a observar e analisar como seus autores transitam e são reconhecidos nos campos educacional, político e religioso mesmo sendo originalmente pertencentes a outros espaços.

A sistematização e análise dos livros nos permitiu, através dos números de suas edições e reedições verificar a abrangência do gênero e assinalar algumas características dos escritos. Em geral, são textos amparados em situações concretas, para compreensão simples, escritos de forma breve e com clareza, com poucas páginas e trazendo um resumo que sintetiza e orienta o leitor através de prescrições e aconselhamentos para a condução e direção da vida. Procura dar conta de aspectos pessoais e profissionais, apresentando fórmulas que quando seguidas corretamente proporcionarão sucesso ao leitor, que nesse caso, é o professor. São propostos como escritos por autoridades para ensinar a conduzir a vida e a direcionar seus leitores no aperfeiçoamento pessoal, psicológico e, muitas vezes, também material. Difundem maneiras de compreender e encarar a profissão docente, bem como oferecem uma representação acerca do magistério que envolve o entendimento da docência como missão e dos professores como pessoas vocacionadas a seguir a carreira onde o amor e o afeto são a fórmula fundamental para a resolução de questões e conflitos postos pela profissão.

Através de suas publicações e maneiras de discorrer sobre educação, evocam fragmentos do discurso científico e filosófico e operam com algumas das formas desse discurso para sustentar o que dizem. A utilização de autores renomados vem no sentido de conferir legitimidade ao que querem expressar e juntamente com fragmentos de discursos religiosos almejam responder a questões materiais e existenciais dos leitores. Assim, afirmações de “*grandes pedagogos*” são combinadas a acontecimentos envolvendo a vida e a figura de Jesus Cristo, de tal modo que, em alguns momentos a preleção adquire o aspecto de um “*sumário de princípios pedagógicos*” ressaltando o

valor da mudança pessoal e esboçando a figura de um mestre/professor dotado de abnegação, amor e afeto e atento à sua missão. Tais valores são extremamente incentivados.

A realização das entrevistas nos permitiu perceber um outro fator para o qual não tínhamos atentado durante a elaboração do trabalho. As professoras entrevistadas esperam das obras de autoajuda contribuições diferentes das que seus autores acreditam oferecer. Existe uma discrepância entre os objetivos dos autores ao escreverem e o que as professoras buscam ao lê-los. Como foi sublinhado desde o início os autores acreditam oferecer “*um outro olhar para a educação*” ou para teorias que envolvem o funcionamento da mente e que proporcionariam a transformação das práticas pedagógicas. Nas declarações das professoras evidencia-se que o que as faz procurar os livros de autoajuda são questões diferentes dos subsídios que os autores acreditam dar. Ao lerem esses escritos essas procuram palavras de valorização, motivação e conselhos que possam apoiá-las pessoalmente e que se constituem na principal característica das obras. Vale dizer, entretanto, que os autores dessas publicações não encaram nem classificam suas obras como pertencentes à categoria.

Na etapa de conclusão desse trabalho lemos uma matéria elaborada pela Revista Veja¹³, onde Augusto Cury é apresentado ao lado de outros autores como Roberto Shinyashiki, Zíbia Gasparetto, autora de livros espíritas e, mais recentemente, Padre Marcelo Rossi, como um dos que tem seus livros mais vendidos no Brasil. A reportagem que tem como título “*O rico mercado da felicidade*”, aborda a forte inserção da autoajuda no país e destaca seus autores como criadores de metáforas e bordões que fazem parte de uma fórmula de quem vende milhões de obras motivacionais. Segundo a matéria Cury: “*foi o desbravador do filão da autoajuda no Brasil e é um criador de bordões que dão ar de conhecimento filosófico ao senso comum – a começar pelos títulos de seus livros, como “Você É Insubstituível”.*

A leitura dos livros do gênero permite que as pessoas se identifiquem com o que aparece descrito: sentimentos e aspectos da vida interior passam como que a serem partilhados. Vivendo num tempo no qual os papéis sociais são menos fortemente determinados e, na aparência convivendo com maior liberdade, muitas vezes as pessoas sentem-se “*perdidas*”, desamparadas. É a essa espécie de desconforto que a leitura da

¹³ Edição 2258 – ano 45 – n°9 de 29 de fevereiro de 2012.

autoajuda parece vir a contribuir para minimizar no dizer das professoras. Alguns autores analisam a questão:

O eu é visto como um projeto reflexivo, pelo qual o indivíduo é responsável. Somos não o que somos, mas o que fazemos de nós mesmos. Não seria correto dizer que o eu é visto como inteiramente vazio de conteúdo, pois há processos psicológicos de formação do eu e necessidades psicológicas, que fornecem o parâmetro para a reorganização do eu. Por outro lado, o que o indivíduo se torna depende das tarefas de reconstrução nas quais se envolve. E isso é muito mais do que “conhecer-se a si mesmo” melhor; o auto-entendimento se subordina ao objetivo mais amplo e fundamental de construir/reconstruir um sentido de identidade coerente e satisfatório (GIDDENS, 2002, p74)

Dessa forma, passam a buscar amparo pessoal para continuar seguindo suas vidas e enfrentar as dificuldades existentes em seu dia a dia. Ao procurarem obras de autoajuda o fazem não somente por terem uma formação que as conduz ao gosto pelo discurso do senso comum, mas sim porque tem expectativa de um conhecimento que é particular e pode vir a interferir positivamente em sua vida e permitir, depois, que tenham condições de melhorar suas práticas e escolhas profissionais.

As professoras entrevistadas, ao tomarem posse do livro como mercadoria na sociedade de consumo e como veículos para certas ideologias, não o fazem tendo em vista todas as implicações envolvidas pelo tipo de literatura em questão e, portanto, não podem ser culpabilizadas por esse processo, já que, procuram nesses mecanismos formas e alternativas para agirem em suas vidas e profissão. (ROMÃO, 2009)

Acreditamos que, mesmo não se constituindo em tipos de leitura ideais que se espera sejam feitas por professores dadas as peculiaridades dessas obras, não podemos deixar de considerar que elas representam a busca dos indivíduos por caminhos para conseguirem seguir suas vidas de um modo mais tranquilo em uma sociedade que oferece diversos desafios impostos pelas questões cotidianas e onde os indivíduos, em certos momentos, não sabem que caminho seguir.

Assim, cabe sublinhar que tais leituras devem ser analisadas em função não apenas de sua produção, mas também em função das especificidades e expectativas dos que procuram por elas. Melhor seria pensar que os profissionais da educação, os professores, em especial, vivem situações nas quais ler as obras analisadas parece ajudá-los, de algum modo. Uma tal afirmação pode ser convergente com a que alguns autores expressam ao sustentarem que a leitura de tais escritos não se explica pela má formação dos professores, mas pelas condições que fazem surgir carências existenciais de

diversos tipos. As perguntas a serem feitas a partir de tal constatação então dizem mais respeito às condições de vida pessoal, de formação profissional e de exercício do trabalho docente do que, apenas, aos limites do tipo de literatura na qual os professores buscam apoio.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Unesp, 1998.
- ALVES, Vera Lúcia Pereira. **Receitas para a conjugalidade**: uma análise da literatura de auto-ajuda. Doutorado, UNICAMP, 2005.
- ASBAHR, Melissa Cristina. **Os professores leitores dos livros de auto-ajuda para crianças**. Mestrado, UNICAMP 2005.
- BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso – ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BESSA, Daniela Borja. **Literatura de auto-ajuda crista**: em busca da felicidade ainda na terra e não só para o céu. Doutorado, PUCSP, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983. p. 119-126.
- _____. **A distinção**: crítica social do julgamento. 2ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- _____. **As regras da arte**: gênero e estrutura do campo literário. 1ª ed. Lisboa: Presença, 1996
- _____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRUNELLI, Anna Flora. **“O sucesso está em suas mãos”**: análise do discurso de auto-ajuda. Doutorado, UNICAMP, 2003.
- CATANI, Afrânio Mendes, CATANI, Denice Barbara e PEREIRA, Gilson R. de M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, 2001.
- CATANI, Denice Barbara e VICENTINI, Paula Perin (Orgs), **Formação e autoformação**: saberes e práticas nas experiências dos professores. São Paulo: Escrituras, 2006.

CATANI, Denice Barbara. **Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918).** São Paulo: EDUSF, 2003

_____. **Ensaaios sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos.** Livre Docência, FEUSP, 1994.

CAVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula.** São Paulo: Xamã, 1999

CELUSSO, Silvia. **Representações sociais de gênero: o uso da retórica como instrumento metodológico de análise dos livros de autoajuda por docentes leitores.** Disponível http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2649_1731.pdf Acesso em 14 de fevereiro de 2011 às 12h.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** 2ª edição, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

CHAUÍ, Marilena. Educação e Ideologia. **Educação e Sociedade.** Nº5, 1980.

CONTRERAS, Jose. **A Autonomia de professores.** 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CORTESÃO, Luiza. **Ser Professor: um ofício em risco de extinção?.** 1ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

DEMARTINI, Zeila de Brito; ANTUNES, Fátima Ferreira. **Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n.86, ago, 1993.

SOUZA, Elizeu Clementino; FORNARI, Liege Maria Sitija. **Discursos da auto-ajuda: a engenharia da alma.** Revista da Faculdade de Educação da Bahia, Salvador, v.I, n. 2, p.53-76, 2001.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Imprensa Pedagógica**: um estudo de três revistas mineiras destinadas a professoras. Doutorado, UFMG, 2000.

GALVÃO, Zenaide. Educação física escolar: a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes**, 1 (1), p. 65-72, 2002.

GIDDENS, Anthony **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002

GÓMEZ, Angel Pérez. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. *In: Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

GOUVEIA, Aparecida Joly. **Professoras de amanhã**: um estudo de escolha ocupacional. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Educacionais, 1965.

GRAZIANO, Lilian Domingues. **A felicidade revisitada**: um estudo sobre bem-estar subjetivo na visão da psicologia positiva. Doutorado IPUSP, 2003

HOUAISS. Dicionário. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LAWN, Martin. OS professores e a fabricação de identidades. *In: NÓVOA, Antônio & SCHRIEWER, Jürgen (Org.). A difusão mundial da escola*. Lisboa: Educa, 2000.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes Leite. **O foco narrativo**, 11ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

LOLI, Rejane. **A persuasão no discurso de auto-ajuda**: uma abordagem sistêmico funcional. Mestrado, PUCSP, 2008.

LOPES, Elaine Marta Teixeira. **Da sagrada missão pedagógica**. São Paulo. EDUSF, 2003.

LÜDKE, Hemengarda Alves; ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUGLI, Rosário S. Genta. **Um estudo sobre o CPP (Centro do Professorado Paulista) e o movimento de organização dos professores**. Mestrado, FEUSP, 1997

MARCOS, Angelo Bosco. **Sucessos que não ocorrem por acaso: literaturas de auto-ajuda.** Mestrado, UNICAMP, 2001.

MICHAELIS. Modero **Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 2002.

MONTEIRO, Luiza Pereira. **A autoridade conselheira e o discurso contemporâneo sobre a crise da/na família.** Doutorado FEUSP, 2008.

NAGLE, Jorge. (Org.) **Educação e Linguagem.** São Paulo. EDART, 1976.

NEIVA, Anselmo de Souza. **Literatura de auto-ajuda: para uma antropologia da solidão.** Mestrado, PUCSP, 2000

NOT, Louis. **As pedagogias do conhecimento.** Lisboa: Difel, 1981.

NÓVOA, Antônio; SCHRIEWER, Jürgen (Org.). **A difusão mundial da escola.** Lisboa: Educa, 2000.

NÓVOA, Antonio. Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice versa. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento.** 2ª ed. São Paulo: Papirus, 1997. p. 29-41.

_____. Notas sobre a formação (contínua) de professores. In: **Os professores e sua formação.** Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992. p.13-33. (Texto mimeografiado).

OLIVEIRA, Sheila Fernandes Pimenta e. **Discurso, gênero e argumentação na auto-ajuda de Shinyashiki.** Doutorado, UNESP/FCL, 2006.

PAPA, Iracema Aparecida Wada. **Os recursos de presença nos livros de auto-ajuda.** Doutorado, UNESP/FCL, 2006.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes. **Professores: formação e profissionalização.** 1ª ed. São Paulo: junqueira&marin editores, 2005.

PAULA, Leda Quiroz de. **Você S.A: linguagem empresarial, discursividade e interpelação.** Doutorado, UNICAMP, 2003.

PEREIRA, Gilson R. de M. **Servidão ambígua:** valores e condição do magistério. 2ª ed. São Paulo: Escrituras, 2003

PEREIRA, Julio Neves. **Genero auto-ajuda:** estratégias linguístico-discursivas. Doutorado PUCSP, 2005

PEREIRA, Luis. **A escola numa área metropolitana.** São Paulo: EDUSP, 1967.

_____. **O magistério primário numa sociedade de classe:** contribuição ao estudo sociológico de uma ocupação na cidade de São Paulo. São Paulo: EDUSP, 1963.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor:** profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil:** gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

RAMOS DO Ó, Jorge. **O governo de si mesmo.** Lisboa: Educa, 2003.

ROMÃO, Arquilau Moreira. **FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E ESCLARECIMENTO:** os livros de autoajuda para educadores e o consumo de produtos semiculturais. Doutorado, UNICAMP, 2009.

RUDIGER, Francisco. **Literatura de auto-ajuda e individualismo.** Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 1996.

SCHEFFLER, Israel. **A linguagem da educação.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Saraiva S.A Livreiros Editores, 1974.

SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo.** um novo design para o ensino e aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. Formar professores como profissionais reflexivos. *In:* NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1997.

SILVA, Áurea Lúcia de Oliveira e. **A interação escritor-leitor através de escolhas lingüísticas:** um estudo em textos de espiritualidade, auto-ajuda e de Chiara Lubich. Mestrado, PUCSP, 2000.

SILVA, Rosana Rodrigues Gomes da. **O amor e seus movimentos**. Doutorado, UNICAMP, 2003.

SILVA, Rosemeire Reis. **Professores da escola pública e a educação escolar de seus filhos**: uma contribuição ao estudo da profissão docente. Mestrado, FEUSP, 2003.

SILVA, Vivian Batista da; CORREIA, António Carlos da Luz. Saberes em viagem nos manuais pedagógicos (Portugal-Brasil). **Cadernos de Pesquisa**, v.34, n.123, 2004.

SILVA, Vivian Batista da. **História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos “manuais pedagógicos” brasileiros (1930-1971)**. Mestrado, FEUSP, 2001.

SILVA, Vivian Batista da. **Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970)**. Doutorado, FEUSP, 2006

SNYDERS, Georges. **Para onde vão as pedagogias não-diretivas?** 2ª ed. Portugal: Moraes Editores, 1978.

SOBRAL, Adail Ubirajara. **Elementos sobre a formação de gêneros discursivos**: a fase "parasitaria" de uma vertente do gênero de auto-ajuda. Doutorado, PUCSP, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino; FORNARI, Liege Maria Sitija. **As narrativas nos discursos de auto-ajuda**. Revista FAEEBA, Salvador, v. 1, n. 15, p. 133-141, 2001.

SOUZA, Elizeu Clementino; FORNARI, Liege Maria Sitija. **Discursos da auto-ajuda**: a engenharia da alma. Revista da Faculdade de Educação da Bahia, Salvador, v.I, n. 2, p.53-76, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TURMINA, Adriana Cláudia. **MUDAR PARA MANTER: A auto-ajuda como a nova pedagogia do capital**. Doutorado, UFSC, 2005.

VICENTINI, Paula Perin. ; LUGLI, Rosario Silvana Genta . História **da Profissão Docente no Brasil**: representações em disputa. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. v. 1.

OBRAS DE AUTOAJUDA ANALISADAS

CHALITA, Gabriel. **A escola dos nossos sonhos – A Escola: espaço de acolhimento**. São Paulo, Ciranda Cultural, 2009.

_____. **Aprendendo com os aprendizes**: a construção de vínculos entre professores e alunos. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

_____. **Educação: a solução está no afeto**. 19º edição. São Paulo: Editora Gente, 2004.

_____. **Educar em oração**. 21º edição. São Paulo: Editora Canção Nova, 2009.

_____. **Ética dos governantes e dos governados**. São Paulo: Mas Limonad, 1999.

_____. **Os dez mandamentos da ética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

_____. **A ética do rei menino**. São Paulo: Editora Globo, 2010

_____. **Famílias que educam**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

_____. **Histórias de professores que ninguém contou (mas que todo mundo conhece)**. São Paulo: Editora Gente, 2004.

_____. **Pedagogia da amizade - Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. 3º edição. São Paulo: Editora Gente, 2008.

_____. **Pedagogia do amor**: A contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Editora Gente, 2003.

_____. **Semeadores da esperança**: uma reflexão sobre a importância do professor. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

CURY, Augusto. **Filhos brilhantes, alunos fascinantes**. 2ª edição. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2007.

_____. **Inteligência multifocal**. 8ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **Maria**: a maior educadora da História – Dez princípios que Maria Utilizou para educar o menino Jesus. São Paulo: Editora Palneta do Brasil, 2010

_____. **O mestre da sensibilidade: Jesus, o maior especialista no território da emoção.** São Paulo: Sextante, 2006.

_____. **O mestre da vida: Jesus, o maior semeador de alegria, liberdade e esperança.** São Paulo: Sextante, 2006.

_____. **O mestre do amor: Jesus, o maior exemplo de sabedoria, perseverança e compaixão.** São Paulo: Sextante, 2006.

_____. **O mestre dos mestres: Jesus, o maior educador da história.** São Paulo: Sextante, 2006.

_____. **O mestre inesquecível: Jesus, o maior formador de pensadores da história.** São Paulo: Sextante, 2006.

_____. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003

ANEXOS

ANEXO A	Produção de teses e dissertações sobre autoajuda
ANEXO B	Tabela de todas as obras de Augusto Cury
ANEXO C	Tabela de todas as obras de Gabriel Chalita
ANEXO D	Fichas das obras de Augusto Cury
ANEXO E	Fichas das obras de Gabriel Chalita
ANEXO F	Modelo de termo de consentimento de entrevista
ANEXO G	Transcrição da entrevista com Augusto Cury
ANEXO H	Transcrição da entrevista com as professoras

ANEXO A						
APRODUÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE A TEMÁTICA DA AUTOAJUDA						
Nº	Ano	Autor	Título	Tipo de material	Instituição	Do que trata?
1.	2000	Anselmo de Souza Neiva	Literatura de auto-ajuda: para uma antropologia da solidão	Mestrado	PUCSP – Sociologia	O trabalho tem por objetivo proceder a uma incursão etnográfica crítica pelo conjunto de textos publicados por Lair Ribeiro e Paulo Coelho, caracterizado como literatura de autoajuda, que permitiria superar as condições adversas da modernidade, através da garantia de sucesso material e espiritual, com fundamento e uma felicidade mais plena.
2.	2000	Áurea Lúcia de Oliveira e Silva	A interação escritor-leitor através de escolhas lingüísticas: um estudo em textos de espiritualidade, auto-ajuda e de Chiara Lubich	Mestrado	PUCSP Lingüística	– O trabalho está voltado para a linguagem do meio religioso e investiga questões de interação entre escritor e leitor em textos específicos em língua portuguesa, isto é, em livros de três possíveis gêneros contemporâneos que perfazem uma parcela significativa do mercado editorial, a saber: de espiritualidade, de autoajuda e os de autoria de Chiara Lubich.
3.	2001.	Angelo Bosco Marcos	Sucessos que não ocorrem por acaso: literaturas de auto-ajuda	Mestrado	UNICAMP Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas	- Ao falar do advento de uma sociedade administrativo-burocrática, com seu corpo de especialistas em relações sociais, trata a literatura de autoajuda como uma forma de prescrever receitas para a adequação da personalidade ao meio social. O autor analisa os textos de Roberto Shinyashiki e Lauro Trevisan.

4.	2001	Liege Maria Sitja Fornari e Elizeu Clementino de Souza	Discurso da auto-ajuda: a engenharia da alma	Artigo	Revista da FEBA – Faculdade de Educação da Bahia	O artigo analisa seis livros do gênero autoajuda, no que se refere ao conteúdo dos discursos, buscando apreender a concepção de sujeito e de identidade em que se baseiam. O texto enfoca a emergência da engenharia da alma, a estrutura textual, os discursos do auto-cultivo, o diagnóstico e as receitas da reengenharia da alma e, por fim, a concepção de sujeito e de identidade no discurso da autoajuda.
5.	2001	Liege Maria Sitja Fornari e Elizeu Clementino de Souza	As narrativas nos discursos de auto-ajuda		Revista FAEEBA – Faculdade de Educação do Estado da Bahia	O trabalho analisa as narrativas expressas nos discursos de autoajuda, buscando compreender as estratégias de textualização utilizadas por esse tipo de ‘literatura’ constituinte de um campo textual que prescreve uma determinada subjetividade e procura estruturar o campo de ação das pessoas a partir do fornecimento de um receituário completo que abrange amplos setores da vida, tratando-se, portanto, de um poder que se exerce. A presente análise objetivou apreender as marcas discursivas presentes nas narrativas de seis livros desse gênero literário, a partir da estrutura textual e de uma análise abreviada de ‘fragmentos’ das narrativas que o sustentam. Para tanto, procuramos pontuar aspectos concernentes às condições históricas que tornaram possível a emergência do discurso da autoajuda, os condicionantes sociais que permitiram tomar o “eu” como um projeto a ser individualmente construído.
6.	2003	Rosana Rodrigues Gomes	O amor e seus movimentos	Doutorado	UNICAMP Psicologia	- Parte da seguinte questão em seu estudo: com exceção da literatura de autoajuda, pouco se

		da Silva				<p>encontra sobre o amor. Assim, o trabalho tem a intenção de compreender mais adequadamente o amor, clarificando os possíveis conceitos que as pessoas atribuem a tal fenômeno. O texto está dividido em três partes que, didaticamente, confere a evolução da Psicologia, da Escola Estruturalista até chegarmos à Psicologia Transpessoal; as possíveis concepções de amor, através de uma revisão bibliográfica, que indicam um caminho em direção à visão holística do fenômeno e uma terceira parte que contém uma pesquisa tratada pela Análise de Conteúdo, que tem a intenção de ilustrar os conceitos apresentados a partir das considerações das pessoas sobre o fenômeno amor.</p>
7.	2003	Leda Queiroz de Paula	Você S.A: linguagem empresarial, discursividade e interpelação	Doutorado	UNICAMP/ IEL - Programa de Pós-Graduação em Lingüística	<p>Analisa uma revista voltada a indivíduos do mundo dos negócios. Para a autora o funcionamento discursivo da estereotipia contribuirá para uma dupla sujeição: a do sujeito-trabalhador e a da realidade, compreendida como apropriação/representação do real. O funcionamento dos gêneros da autoajuda e da espiritualidade também co-operarão na interpelação do sujeito-trabalhador, levando-o, enquanto interlocutor, a significar a realidade da mesma maneira que seu locutor. O estudo analisa que sentidos ressaltam, sobrepõem-se ou ficam silenciados nesse processo de interpelação, envolvendo as imagens de trabalho e de trabalhador, tomando por base o referencial teórico</p>

						e metodológico da Análise do Discurso.
8.	2004	Anna Flora Brunelli	“O sucesso está em suas mãos”: análise do discurso de auto-ajuda	Doutorado	UNICAMP/ IEL - Programa de Pós-Graduação em Linguística	Neste trabalho, seguindo a abordagem proposta por Maingueneau (1983, 1984), analisamos o discurso de autoajuda, procurando revelar alguns dos traços semânticos que definem esse discurso. Inicialmente, por meio de um estudo da modalidade no discurso de autoajuda, verificamos que a manifestação de certeza é um dos traços que o constituem, ao mesmo tempo em que a manifestação da dúvida é um dos que rejeita.
9.	2005.	Lilian Domingues Graziano	A felicidade revisitada: um estudo sobre bem-estar subjetivo na visão da psicologia positiva.	Doutorado	USP - Instituto de Psicologia	A partir do referencial teórico da Psicologia Positiva, este estudo busca compreender a Felicidade Humana a partir de uma abordagem científica, o que julgamos fundamental para a construção de um corpo teórico consistente sobre o tema e capaz de auxiliar no desenvolvimento de programas de saúde mental de caráter preventivo.
10.	2005	Julio Neves Pereira	Genero auto-ajuda: estratégias linguistico-discursivas	Doutorado	PUCSP - Linguística	Realizou-se a análise do gênero autoajuda, em um "corpus" formado por três livros, a fim de descrever seu funcionamento semiótico. A análise centrou no nível discursivo
11.	2005	Adriana Cláudia Turmina	MUDAR PARA MANTER: A auto-ajuda como a nova pedagogia do capital	Mestrado	UFSC - Educação	Nesta dissertação, a autoajuda constitui o ponto de partida para se entender como o capital, sob a roupagem da humanização do trabalho, investe neste discurso como um meio que mascara e dilui as relações de poder entre empresários e trabalhadores, configurando-se numa estratégia de ‘qualificação’ e controle visando atender os

						ditames do capital sob o pretexto de atender as necessidades do trabalhador.
12.	2005	Melissa Cristina Asbahr	Os professores leitores dos livros de auto-ajuda para crianças	Mestrado	UNICAMP Faculdade Educação	– A proposta nesta pesquisa é conhecer o professor-leitor que vem trabalhando, efetivamente, com os livros de autoajuda para crianças em sala de aula. A opção pelos professores é justificada pela importância que esse profissional assume, enquanto “formador” do gosto pela leitura de seus alunos, bem como por ser um adulto que pertence a uma instituição socialmente reconhecida e valorizada pelo seu papel de ensinar conhecimentos escolares.
13.	2005	Vera Lúcia Pereira Alves	Receitas para a conjugalidade: uma análise da literatura de auto-ajuda	Doutorado	UNICAMP Educação	- Faz uma apresentação da literatura de autoajuda como um todo e não apenas do segmento conjugal analisado. Apresenta no primeiro capítulo o panorama traçado a respeito da configuração desta literatura, de forma a caracterizar suas especificidades e distingui-la de outras atividades assemelhadas. A autora delinea seu estilo, discorre sobre os autores e os leitores pressupostos, bem como analisa a divulgação da literatura de autoajuda na mídia; apontando que esta, no momento em que a divulga, torna-se, ela própria, um produto de autoajuda. Além disso, houve a preocupação em traçar sinteticamente um histórico do desenvolvimento deste produto, em diálogo, com apenas dois autores, o brasileiro Rudiger (1996) e o norte americano Starker (2002), cujos textos foram os únicos que possibilitaram tal tarefa.
14.	2006	Adail Ubirajara	Elementos sobre a	Doutorado	PUCSP - Linguística	Este trabalho tem como objetivo o

		Sobral	formação de gêneros discursivos: a fase "parasitaria" de uma vertente do gênero de auto-ajuda			desenvolvimento do conceito bakhtiniano de gênero discursivo tanto em termos teóricos como mediante a proposição de uma metodologia de estudo do gênero discursivo que busca abarcar os três planos que com ele se articulam - o do texto, o do discurso e o da esfera de atividades - em seus aspectos de produção, circulação e recepção, destacando assim a centralidade das relações enunciativas na criação de sentidos no discurso.
15.	2006	Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira	Discurso, gênero e argumentação na auto-ajuda de Shinyashiki	Doutorado	UNESP/FCL/ARAR AQUARA - Linguística	A investigação inicia com a apresentação de comentários feitos pela mídia impressa de massa – revistas Veja e Super Interessante – e do discurso editorial impresso nas contracapas de livros de autoajuda para examinar a imagem que é constituída sobre a autoajuda junto à sociedade. O objetivo é refletir, por meio de perspectivas discursivas e argumentativas, sobre discurso, o gênero, o sujeito e a argumentação na autoajuda.
16.	2006	Iracema Aparecida Wada Papa	Os recursos de presença nos livros de auto-ajuda	Doutorado	UNESP/FCL/ARAR AQUARA - Linguística	Este trabalho tem como objetivo investigar a funcionalidade argumentativa dos recursos de presença utilizados nos livros de autoajuda, com apoio teórico da Nova Retórica e da moderna linguística cognitiva. Para isso fez-se uma análise retrospectiva dos estudos retóricos, pondo ênfase nos estudos cognitivistas atuais, sobretudo aqueles que envolvem a parábola e a metáfora. Estudaram-se três livros: O Alquimista de Paulo Coelho, A águia e a galinha de Leonardo Boff e Quem mexeu n meu queijo de Spencer Johson.

17.	2008	Luiza Pereira Monteiro	A autoridade conselheira e o discurso contemporâneo sobre a crise da/na família	Doutorado	USP – Faculdade de Educação	Este trabalho trata da produção discursiva sobre a crise de autoridade na família contemporânea, tomando como fonte de análise a literatura de autoajuda que versa sobre o tema. O recorte nessa literatura foram, entre outros, os livros "Pais brilhantes, filhos fascinantes", de Augusto Cury, e "Quem Ama Educa", de Içami Tiba, pesquisados em sites eletrônicos, no mês de abril de 2006, como "os dez mais vendidos". O objetivo é compreender como se organiza o discurso sobre crise de autoridade na família, em que ele se apóia para produzir efeitos de poder, o diagnóstico produzido e os preceitos, realizados pelos autores, para a construção de uma boa família.
18.	2008	Rejane Loli	A persuasão no discurso de auto-ajuda: uma abordagem sistêmico funcional	Mestrado	PUCSP - Linguística	Parte da seguinte questão de estudo: de que maneira o autor de um livro de autoajuda convence seu leitor da validade de suas afirmações? A autora assinala que diante do inegável sucesso de vendas desses optou por promover um estudo a respeito do texto de autoajuda, analisando-o do ponto de vista do discurso, mais especificamente no que diz respeito ao modo como o escritor tenta passar suas ideias para conseguir a adesão do leitor. Para examinar essa questão recorre à análise crítica e utiliza em especial um autor de autoajuda, Roberto Shinyashiki
19.	2008	Daniela Borja Bessa	Literatura de auto-ajuda cristã: em busca da felicidade ainda na terra e	Doutorado	PUCSP - Ciência da Religião	Tem como tema a literatura de autoajuda cristã. Os objetivos centrais que motivaram a pesquisa foram: compreender os pressupostos do gênero autoajuda,

			não só para o céu.			relacionar literatura de autoajuda secular e literatura de autoajuda cristã, verificar o papel que a literatura de autoajuda desempenha junto aos cristãos protestantes. A hipótese que sustenta esse trabalho é que a literatura de autoajuda cristã apropriada pelos cristãos, ao unir os discursos religioso e psicológico contribui para a humanização de seus leitores, tornando-se instrumento promotor de saúde mental e espiritual. Para verificar a hipótese o trabalho foi dividido em dois blocos: no primeiro observam-se as influências social e psicológica recebidas pela literatura de autoajuda, e, no segundo, analisou-se a literatura de autoajuda cristã.
20.	2009	Arquilau Moreira Romão	FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E ESCLARECIMENTO: os livros de autoajuda para educadores e o consumo de produtos semiculturais.	Doutorado	UNICAMP Faculdade Educação	– Essa tese de doutorado pretende, à luz da teoria crítica, compreender o processo de explosão comercial do livro de autoajuda que vem sendo disseminado no campo educacional, interpretando os conteúdos destinados a professores. Faremos reflexões sobre a sociedade de consumo, sobre as matrizes da educação brasileira, sobre a história do livro e as novas maneiras de apresentação do livro como mercadoria, revestidas de uma aura de valor absoluto. Iremos mobilizar os conceitos de indústria cultural, semicultura e semiformação para investigar um total de vinte obras de cinco autores que se "especializaram" em escrever livros endereçados ao universo docente.

ANEXO B – Relação completa das obras de Augusto Cury

Obras de Augusto Cury

Nº	Ano de Publicação	Título do livro	Reimpressões	Edição	Editora	Resumo
1.	1999	Inteligência multifocal		1ª edição	Cultrix	Segundo o autor o estereótipo da estética, a moda, a tecnologia, o consumismo e a cotação do dólar e das ações nas bolsas de valores são prioridades da vida moderna que limitam o ser humano a pensar apenas em si mesmo e nos seus afazeres. Vivendo nesse mundo, as pessoas não conseguem aprender a se interiorizar, a trabalhar suas perdas e frustrações e a se colocar no lugar do outro e perceber suas dores e necessidades psicossociais. Durante dezessete anos de estudos, o autor desenvolveu a teoria da inteligência multifocal que ultrapassa os limites da abordagem emocional chegando ao processo de construção do pensamento. A obra apresenta mais de trinta elementos essenciais para a formação da inteligência humana, tais como o processo de interpretação, a democracia e o autoritarismo das ideias e o fluxo vital da energia psíquica. Baseada na filosofia e na psicologia, a nova teoria sobre o funcionamento da mente promove a formação do homem como pensador e engenheiro de ideias.

2.	2000	A pior prisão do mundo			Academia de Inteligência	RESUMO NÃO ENCONTRADO
3.	2002	Você é insubstituível		1º edição	Sextante	O livro fala do amor pela vida que habita em cada ser humano. Segundo o autor, a partir do livro o leitor descobrirá alguns fatos relevantes que o tornaram o maior vencedor do mundo, o mais corajoso dos seres, o que mais cometeu loucuras de amor para poder estar vivo.
4.	2002	Escola da Vida: Harry Potter no mundo real		1º edição	Academia de Inteligência	O livro não é sobre Harry Potter, mas o autor usa esse nome para representar aqueles que vivem histórias baseadas em fatos reais. Harry Potter será todo jovem. Por meio de histórias, os jovens aprendem a desenvolver as funções mais importantes da inteligência. Um livro que ajuda na formação da personalidade e do caráter de cada jovem.
5.	2002	Revolucione sua qualidade de vida		1º edição	Sextante	Segundo o autor, o livro não apenas revela as situações com as quais temos que aprender a lidar no dia-a-dia, mas também apresenta sugestões de como você pode gerenciar seus pensamentos, trabalhar suas perdas, tornar-se seu próprio líder e ser feliz. Um dos pontos-chave é a capacidade de adaptação e a percepção do momento certo para mudar.

6.	2003	Dez leis para ser feliz		1º edição	Sextante	Segundo o autor o livro oferece ferramentas essenciais para quem quer encontrar esperança na dor, força no medo e amor nos desencontros. Para ele, ser feliz é uma conquista e não obra do acaso.
7.	2003	Pais brilhantes, professores fascinantes		1º edição	Sextante	Segundo o autor o livro interessa aos pais, aos professores da pré-escola, do ensino fundamental, médio e universitário, aos psicólogos, aos profissionais de recursos humanos, aos jovens e a todos os que desejam conhecer alguns segredos da personalidade e enriquecer suas relações sociais.
8.	2004	Seja líder de si mesmo		1º edição	Sextante	Segundo o autor, neste livro, você vai descobrir as ferramentas necessárias para se tornar o autor da sua própria história e fazer da sua vida um grande espetáculo.
9.	2004	Nunca desista de seus sonhos		1º edição	Sextante	O livro trata da capacidade de sonhar e o quanto ela é fundamental na realização de nossos projetos de vida. De acordo com o autor os sonhos são como uma bússola, indicando os caminhos que seguiremos e as metas que queremos alcançar. São eles que nos impulsionam, nos fortalecem e nos permitem crescer. Desistir dos sonhos é abrir mão da felicidade porque quem

						não persegue seus objetivos está condenado a fracassar 100 % das vezes. No livro são analisadas as trajetórias de Jesus Cristo, Abraão Lincoln e Martin Luther King.
10.	2005	A ditadura da beleza e a revolução das mulheres		1º edição	Sextante	Augusto Cury retrata neste livro o cotidiano de mulheres que sofrem caladas as consequências de uma cruel realidade do mundo moderno - a ditadura da beleza. Para o autor, influenciadas pela mídia e preocupadas em corresponder aos inatingíveis padrões de beleza que são apresentados, milhares de mulheres mutilam sua auto-estima - e, muitas vezes, seus corpos - em busca da aceitação social e do desejo de se tornarem iguais às modelos que brilham nas passarelas, na TV e nas capas de revistas.

11.	2005	O futuro da humanidade		1º edição	Sextante	O futuro da humanidade conta a trajetória de Marco Polo, um jovem estudante de medicina de espírito livre e aventureiro como o do navegador veneziano do século XIII, em quem seu pai se inspirou ao escolher seu nome. Ao entrar na faculdade cheio de sonhos e expectativas, Marco Polo se vê diante de uma realidade dura e fria: a falta de respeito e sensibilidade dos professores em relação aos pacientes com transtornos psíquicos, que são marginalizados e tratados como se não tivessem identidade. Indignado, o jovem desafia profissionais de renome internacional para provar que os pacientes com problemas psiquiátricos merecem mais atenção, respeito e dedicação - e menos remédios. Acreditando na força do diálogo e da psicologia, ele acaba causando uma verdadeira revolução nas mentes e nos corações das pessoas com quem convive.
12.	2006	O mestre do amor: Jesus, o maior exemplo de sabedoria, perseverança e compaixão		1ª edição	Sextante	Segundo o autor este livro conta uma história de amor: amor pela vida, pela humanidade, por suas falhas e superações. De acordo com ele, apenas uma pessoa foi capaz de levar esse sentimento às últimas consequências e,

						em nome dele, entregar-se à morte.
13.	2006	O mestre da vida: Jesus, o maior semeador de alegria, liberdade e esperança		1ª edição	Sextante	O autor tenta decifrar as profundas mensagens deixadas por Jesus desde a sua prisão e o seu julgamento até a sua condenação à morte na cruz. Para isso, utiliza-se de passagens comoventes da Bíblia.
14.	2006	Superando o cárcere da emoção		23ª edição	Academia da inteligência	No livro o autor fala da necessidade de estimular o desenvolvimento saudável da personalidade dos jovens, livre de drogas e outras doenças psíquicas, bem como os procedimentos que devem ser adotados quando um jovem já está fazendo uso de drogas. Interessa não apenas aos que desejam compreender com profundidade o cárcere das drogas e os segredos do funcionamento da mente humana, mas também aos que almejam enriquecer sua qualidade de vida e ser livre dentro de si mesmo. Segundo o autor, é preciso revolucionar as relações sociais. Pais e filhos, bem como educadores e alunos, dividem o mesmo espaço, respiram o mesmo ar, mas vivem em mundos diferentes.
15.	2006	O mestre dos mestres: Jesus, o maior educador da história		1ª edição	Sextante	Segundo o autor, ao longo da história, muitas pessoas conseguiram com suas ideias mudar o curso da política, da filosofia, da ciência ou da religião. Houve um homem, no entanto, que foi

						capaz não só de abalar os alicerces do pensamento como de alterar para sempre a trajetória da humanidade. Esse homem foi Jesus Cristo e seus ensinamentos geram frutos há mais de dois mil anos. Suas incomparáveis inteligência e personalidade tornaram-no o perfeito ponto de partida para uma investigação sobre o funcionamento da mente e sua surpreendente capacidade de superação.
16.	2006	O mestre inesquecível: Jesus, o maior formador de pensadores da história		1ª edição	Sextante	Augusto Cury estuda a face de Jesus como mestre, educador e artesão da personalidade. O Mestre Inesquecível revela o crescimento psíquico e intelectual vivido pelos apóstolos e mostra como Jesus os transformou nos excelentes pensadores que revolucionaram a humanidade.
17.	2006	O mestre da sensibilidade: Jesus, o maior especialista no território da emoção		1ª edição	Sextante	Augusto Cury apresenta um estudo sobre as emoções de Jesus e explica como ele foi capaz de suportar as maiores provações em nome da fé. Jesus demonstrou ser um grande mestre na escola da vida diante das angústias que antecederam sua morte, como a traição de Judas, a falta de apoio dos discípulos e a consciência do cálice que iria beber. O sofrimento, em vez de

						abatê-lo, expandiu sua inteligência. As perdas, em vez de destruí-lo, refinaram-lhe a arte de pensar. As frustrações, em vez de desanimá-lo, renovaram suas forças.
18.	2007	Os segredos do pai nosso		1ª edição	Sextante	A partir de questionamentos como: Quem somos? Deus é real? Quais os limites do pensamento? O autor aponta para o fato de que Conhecemos o mundo que nos cerca, escrevemos centenas de livros sobre o Universo, mas pouco sabemos sobre nós mesmos, e, de acordo com ele a resposta para essas e outras indagações está em um dos textos mais recitados da história, mas talvez um dos menos compreendido: o Pai-Nosso.
19.	2007	Doze semanas para mudar uma vida		1ª edição	Editora Planeta	Segundo o autor o livro é um Programa de Qualidade de Vida. Baseado nas doze leis essenciais para a qualidade de vida, apresenta ferramentas psicológicas que contribuem para educar a emoção, vencer o estresse, prevenir a ansiedade, administrar os pensamentos, libertar a criatividade, reeditar o filme do inconsciente e ser autor da sua história.
20.	2007	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	10ª reimpressão	2ª edição	Academia de Inteligência	Neste livro, em cada capítulo há histórias de jovens e adultos portadores de conflitos, que foram feridos pela vida, rejeitados socialmente,

						desacreditados, mas que conseguiram encontrar força na fragilidade e dignidade na dor. O autor aponta para o fato de que os filhos brilhantes e os alunos fascinantes não são sempre os bem comportados, os que não falham, não choram ou não tropeçam. Mas, aqueles que aprendem a desenvolver consciência crítica, decidir seus caminhos, trabalhar seus erros, construir tolerância.
21.	2007	A sabedoria nossa de cada dia - os segredos do pai-nosso 2		1º edição	Sextante	Segundo o autor o Pai-Nosso é uma das orações mais recitadas em todo o mundo, mas poucas pessoas compreendem a profundidade das mensagens que ela traz. Sua intenção é desvendar os segredos ocultos nas palavras de Jesus e revelar o poder transformador dessa prece.
22.	2007	Treinando a emoção para ser feliz		1º edição	Editora Planeta	Segundo o autor, nunca tivemos uma indústria de lazer tão grande e diversificada, mas o homem nunca foi tão triste e sujeito a tantas doenças psíquicas. Assim, o livro tem a intenção de apontar um caminho prático para educar a emoção e resgatar o prazer de viver.
23.	2008	O código da inteligência		1º edição	Ediouro	Augusto Cury descreve os códigos do

						eu como gestor psíquico, da intuição criativa, da autocrítica, do altruísmo, da resiliência (superação de crises). Esses códigos são capazes de estimular tanto jovens como adultos a libertar a criatividade, expandir a arte de pensar, desenvolver saúde psíquica e a excelência profissional. Também descreve as armadilhas da mente que facilmente caímos e que podem bloquear a inteligência.
24.	2008	O vendedor de sonhos: o chamado		1º edição	Academia de Inteligência	Um homem desconhecido tenta salvar da morte um suicida. Ninguém sabe sua origem, seu nome sua história. Proclama aos quatro ventos que a sociedades modernas se converteram num hospício Global. Com uma eloqüência cativante, começa a chamar seguidores para vender sonhos. Ao mesmo tempo em que arrebatava as pessoas e as liberta do cárcere da rotina, arruma muitos inimigos.
25.	2009	O vendedor de sonhos e a revolução dos anônimos		1º edição	Editora Planeta	No novo livro da saga O Vendedor de Sonhos, o Mestre continua virando a sociedade de cabeça para baixo. Depois de sofrer perdas irreparáveis e ver seu mundo desmoronar, esse misterioso homem procura reconstruir sua vida vendendo sonhos. Seus discursos são cortantes como lâminas; suas ideias,

						arrebatadoras. Seus discípulos são baderneiros e revolucionários que transformam drama em comédia e colocam grandes ideias num circo social.
26.	2009	De gênio e louco todo mundo tem um pouco		1º edição	Editora Academia	Utilizando-se de dois personagens já utilizados em outros livros de sua autoria, Bartolomeu e Barnabé, são pessoas que enfrentam a vida de maneira diferente: se metem em muitas enrascadas e fazem os outros pensarem em suas ações e lutam para semear sonhos e fazer um mundo melhor.
27.	2010	Mentes brilhantes, mentes treinadas - desvendando o fascinante mundo da mente humana		1ª edição	Editora Planeta	De acordo com o autor, muitos vivem em sociedades livres, mas são escravos das suas emoções. Não treinam sua psique para construir um amor inteligente e uma mente brilhante e, por isso, desenvolvem transtornos psíquicos que os controla e que asfixia os outros. Todos nós queremos uma mente saudável, regada ao prazer, livre, segura, resiliente, criativa, mas frequentemente deixamos nossa mente irresponsavelmente solta, sem gerenciamento e proteção. O aborda esses assuntos a partir da Teoria da Inteligência Multifocal, que autor vem desenvolvendo a cerca de 25 anos.
28.	2010	Maria: a maior educadora da		2ª edição	Planeta do Brasil	De acordo com o autor, neste livro, a

		História				Psicologia, a Psiquiatria e a Pedagogia avaliam a figura de Maria, mãe de Deus sua figura e, em especial, os dez princípios que ela utilizou na educação do menino Jesus.
--	--	----------	--	--	--	---

ANEXO C – Relação completa das obras de Gabriel Chalita

Nº	Ano de Publicação	Título do livro	Reimpressões	Edição	Editores	Resumo
1.	1989	Caminhando com Jesus - 4º ano.		1º edição	Santuário	Curso de catequese básica oferece ao adolescente uma preparação adequada para a Primeira Eucaristia e para a Crisma.
2.	1989	Caminhando com Jesus - 3º ano.		1º edição	Santuário	Curso de catequese básica oferece ao adolescente uma preparação adequada para a Primeira Eucaristia e para a Crisma
3.	1989.	Caminhando com Jesus - 2º		1º edição	Santuário	Curso de catequese básica oferece ao adolescente uma preparação adequada para a Primeira Eucaristia e para a Crisma.
4.	1989.	Caminhando com Jesus - 1º ano.		1º edição	Santuário	Curso de catequese básica oferece ao adolescente uma preparação adequada para a Primeira Eucaristia e para a Crisma.
5.	1990.	Preparação para a crisma.		1º edição	Santuário	RESUMO NÃO ENCONTRADO
6.	1991.	Preparação de catequistas		1º edição	Santuário	RESUMO NÃO ENCONTRADO
7.	1992.	Vida para sempre jovem.		1º edição	Siciliano	O livro trata da necessidade de dialogar existente nos dias atuais pelos jovens. Trata de questões relacionadas a drogas, promiscuidade e revolta que, de acordo com o autor, são a resposta de uma juventude que não se sente compreendida.

8.	1992.	A prudência em Maquiavel		1º edição	Loyola	RESUMO NÃO ENCONTRADO
9.	1993.	Vale do Paraíba: política e sociedade		1º edição	Santuário	RESUMO NÃO ENCONTRADO
10.	1996	A essência do ser		1º edição	Casa Imagem Editorial	O livro trata do resgate de valores e de um novo posicionamento perante questões como o trabalho, a honestidade e a família.
11.	1999	Ética dos governantes e dos governados		1º edição	Max Limonad	O livro tenta fornecer uma visão panorâmica das questões éticas e institucionais dos municípios
12.	2003	Pedagogia do amor		2ª edição	Gente	O livro é constituído de dez histórias da literatura universal, que foram escolhidas pelo autor, por trabalharem com valores essenciais aos tempos de hoje, como respeito, solidariedade e idealismo. Para o autor o livro é um livro útil para pais, mães, professores e todas as pessoas comprometidas com o ato de formar, informar, transmitir saberes, lições e principalmente, o afeto.
13.	2003	O dez mandamentos da ética		1ª edição	Nova Fronteira	O livro traz, de forma simples e exemplificada histórias do cotidiano que ilustram os princípios da ética aristotélica e de como essa pode ser utilizada para a conquista do bem-estar individual e na sociedade.
14.	2004	Los Diez Mandamientos de la Ética		1ª edição	Aguilar	O livro traz, de forma simples e exemplificada histórias do cotidiano

						que ilustram os princípios da ética aristotélica e de como essa pode ser utilizada para a conquista do bem-estar individual e na sociedade. (TEXTO EM ESPANHOL)
15.	2004	A sedução do discurso - O Poder da Linguagem nos Tribunais de Júri		4º edição	Saraiva	Propõe uma reflexão não só aos profissionais de direito, mas a diversas outras áreas que venham a lidar com questões pertinentes à Comunicação, à Semiótica, à Psicologia Jurídica. Tomando como ponto de partida o microcosmo composto pelo tribunal do júri, onde as emoções e paixões humanas estão sempre dramaticamente condensadas.
16.	2004	Um exemplo e uma proposta para florescer e frutificar em nosso tempo			Salesiana	RESUMO NÃO ENCONTRADO
17.	2004	Histórias de professores que ninguém contou (mas que todo mundo conhece)		4º edição	Gente	A partir de histórias vividas em sala de aula, ou histórias inventadas o autor aponta alguns casos de mestres que fizeram a diferença no futuro de seus alunos, orientando-os e estimulando-os a descobrirem e realizarem suas potencialidades.
18.	2004	Educação: a solução está no afeto		19º edição	Gente	O autor aponta alguns rumos tomados pela educação e tenta demonstrar que o afeto é a principal forma de transformar as relações conflituosas existentes na escola.

19.	2005	Mulheres que mudaram o mundo		1º edição	Companhia Editora Nacional	O livro é dedicado às mulheres, que para o autor em todas as épocas da civilização, mostram-se como exemplos e como inspiradoras de novas conquistas.
20.	2005	O poder - Reflexões Sobre Maquiavel e Etienne de La Boétie		3º edição	Revista dos Tribunais	O livro trata da concepção de poder a partir da comparação das obras de Nicolau Maquiavel e Étienne de La Boétie. De acordo com o autor o livro une o rigor exigido pelas teses acadêmicas - no que tange à pesquisa das informações e contribui para que o leitor caminhe pela vida com passos mais firmes, porque mais críticos e conscientes em relação à existência.
21.	2005	Seis lições de solidariedade com Lú Alckimin		1 º edição	Gente	O autor baseou-se em diários escritos pela primeira ex- primeira dama do Estado, Lu Alckmin. Trata-se de um condensado de experiências vividas por uma mulher que, segundo ele, acredita e defende que a ação solidária e o movimento do amor podem transformar a vida das pessoas.
22.	2006	O Livro do Sol		3ª edição	Companhia Editora Nacional	O livro apresenta personagens memoráveis que, segundo o autor, inspiraram mentes e corações. Alexandre, o Grande, construiu um império sem precedentes; Beethoven, sua surdez e sua paixão pela música; Francisco de Assis, trouxe a todos o

						grande sonho de solidariedade; o líder pacifista Martin Luther King, entre outros.
23.	2006	O Livro dos Amores		1º edição	Companhia Editora Nacional	O autor retoma algumas das mais belas histórias de amor da aventura humana, da mitologia grega até os dias atuais. A paixão de Eros, o deus do amor, pela mortal Psique; o amor impossível de um rei por uma plebeia; as literárias e inesquecíveis histórias de Marília de Dirceu, Romeu e Julieta, Dante e Beatriz, Tristão e Isolda.
24.	2006	O Livro dos Sonhos		1 º edição	Companhia Editora Nacional	O livro reúne em seis capítulos, lições de valores como ética, generosidade, fraternidade e cidadania. Ao longo do livro, vemos desfilar, entre outros, o ambicioso rei Midas, o negro Chico Rei, o paraíso perdido de Shangri-lá, os valores da República de Platão.
25.	2006	Carta aberta para minha mãe		2ª edição	Canção Nova	O livro é centrado na figura da mãe do autor e consiste em uma homenagem e uma declaração de amor a todas aquelas que doam a si mesmas e revolucionam a própria vida para realizar o ato humano que mais se assemelha à graça divina: a maternidade.
26.	2006	De tudo que mora em mim		1º edição	IBEP – Nacional	O livro trata das inseguranças e dos anseios do ser humano a partir de histórias de coragem, alegria,

						esperança e fé.
27.	2006	E ética do rei menino			INEP – Nacional	O livro infanto-juvenil versa sobre o amor, tema que, ao lado da ética, permeia todas as relações entre os personagens, mesmo que sob a forma dos mais variados dilemas e conflitos. É construída seguindo o estilo das fábulas.
28.	2006	Estações		1 ° edição	Editora Alegoria	De acordo com o autor o livro revela coisas da alma, coisas ocultas ou apenas guardadas dentro das pessoas.
29.	2006	Eu acredito em Milagres – A história do padre Jonas Abib		1º edição	Canção Nova	O livro é a biografia de Pe. Jonas, o período que vai desde a infância humilde em Elias Fausto, interior de São Paulo, até o chamado ao sacerdócio, o trabalho com jovens e finalmente a fundação da Comunidade Canção Nova.
30.	2007	O Sol depois da chuva			Gente	Para o autor os homens perderam a capacidade de agir com gentileza nas relações. O livro fala dessa sociedade, uma sociedade em que as pessoas não recebem educação adequada, e que perderá a capacidade de construir relacionamentos adequados.
31.	2007	Memórias de um homem bom		2º edição	Canção Nova	Com uma linguagem simples o autor procura recontar através da voz de seu pai a história de sua família. Relata as qualidades de seu pai, que são tão

						aplicáveis a todos os pais Brasil: honestidade, respeito, força de vontade, determinação e bondade.
32.	2007	Mulheres de água		1º edição	Ediouro	Livro de contos sobre a natureza feminina. Refletem sobre comportamento, ações e atitudes de diversas mulheres.
33.	2007	Gentileza		3º edição	Gente	É um livro de meditações que submete o leitor a reflexões poéticas sob a forma de versos livres tendo em vista motivar e ressaltar a beleza da vida.
34.	2008	Vivendo a filosofia		1ª edição	Ática	O livro trata de questionamentos como por exemplo: De onde provêm todas as coisas? É possível provar a existência de Deus? O que é a verdade e o que separa o conhecimento científico da fé religiosa? O que é o pensamento, o bem, a beleza, o amor? Por que vivemos em sociedade e a quem cabe governá-la? Segundo o autor, essas são questões que a Filosofia tem investigado desde a Antiguidade e elas continuam interessando aos nossos jovens.

35.	2008	Pedagogia da amizade - Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores		3º edição	Gente	O autor chama a atenção de pais, professores e educadores para as consequências do <i>bullying</i> , um problema crescente no mundo inteiro, que, de acordo com o autor é oriundo da falta de amizade entre as pessoas, em especial entre as crianças em fase escolar.
36.	2008	O segredo das quatro letras		1º edição	Ediouro	Primeiro livro infanto-juvenil lançado pela Ediouro. É um livro sobre o amor, que segundo o autor é algo difícil de se falar, mas que permeia as relações humanas.
37.	2008	A revolta dos pequenos		1 º edição	IBEP – Nacional	É um livro infanto-juvenil que fala do abuso de poder por parte dos grandes nos menores. Os grandes tinham tudo o que queriam, e tinham ainda mais: os pequenos, para os servirem. Até que um dia o príncipe Gala, Tilim e outros pequenos planejam uma revolta, em que tudo pode mudar.
38.	2008	A história da flor		1º edição	IBEP – Nacional	Ello, desde pequeno, observava seu pai, jardineiro, preparar o solo, semear e regar as plantas. Um dia, quando o garoto decide também cultivar o jardim, surge uma linda flor. Ela transmitirá a Ello um segredo e uma lição de vida a respeito do amor.
39.	2008	O último pingüim feliz		1º edição	IBEP – Nacional	É um livro infanto-juvenil. Duque é um pinguim que vive na Terra Azul, a

						planície dos pinguins. Um dia, Bianca, uma gaivota cheia de vida e de sonhos, resolve pousar por lá, e eles se tornam amigos inseparáveis. Juntos, eles tentarão conter o derretimento das geleiras, que tem ameaçado a vida de todos os pinguins, e farão uma incrível viagem por terras distantes.
40.	2008	Amor		1º edição	Gente	É um livro que trata de amor e paixão, que, segundo o autor, é indicado para quem está apaixonado, para quem já sofreu de amor e para quem ainda não teve coragem de se entregar.
41.	2008	80 olhares nos 80 anos de Antonio Hermínio de Moraes		1º edição	Ediouro	O livro fala da trajetória de Antônio Ermírio de Moraes que mesmo ao completar 80 anos não diminuiu seu ritmo de trabalho pouco mudou em relação a todos esses anos dedicados às suas empresas, à família, aos projetos sociais e, nos últimos tempos, a escrever peças de teatro. Um homem preocupado com o país e com os rumos que ele toma, participa ativamente de projetos empresariais e sociais.
42.	2009	Educar em oração		21º edição	Canção Nova	O livro é dividido em 4 partes: Orações pela escola, Orações pela família, Orações que acalentam e Oração especial. O autor sugere que as orações sejam feitas para obter a paz,

						para agradecer pelos filhos, pela formatura, entre outras coisas. Segundo ele orar é para todos, desde cedo nas mais diferentes situações. E por isso é possível educar em oração.	
43.	2009	Cartas entre amigos – sobre medos contemporâneos		1ª edição	Ediouro	O livro, de autoria de Gabriel Chalita e Padre Fábio de Melo, no formato de cartas entre dois amigos traz reflexões sobre temas como o medo da morte, da solidão, o fracasso, a inveja, o envelhecimento, as paixões, a falta de sentido da vida.	
44.	2009	Famílias que educam - (Coleção Cultivar)		1ª edição	Ciranda Cultural	O tem o objetivo de refletir sobre a difícil arte da convivência no seio das famílias. Segundo o autor, a impossibilidade de uma coexistência harmoniosa, num contexto tão privilegiado como o familiar, em que o respeito, a compreensão e o carinho mútuos deveriam, em princípio, inspirar as pessoas a viver sem receio de errar ou acertar, tem provocado aquilo que se convencionou chamar de conflito de gerações.	
45.	2009	A escola dos nossos sonhos a escola: o espaço de acolhimento - (Coleção Cultivar)		1ª edição	Ciranda Cultural	Segundo o autor o livro é um convite à reflexão e à ação. Para ele, somos todos privilegiados observadores da história da educação e do desenvolvimento experimentado pelo conceito de escola, relativamente ao	

						<p>seu papel e à sua importância na relação entre o processo de ensino e aprendizagem. Escolas mais tradicionais e fechadas, que tentaram provar a ferro e fogo o desempenho educacional dos seus alunos, até instituições de ensino mais liberais, em que a construção do conhecimento se dava em consonância com o tempo e o desejo do educando. Escolas discretas, escolas grandiosas. Escolas em que os alunos passavam pequena parcela do dia porque a educação maior se dava no lar, com a família; escolas em que todo o tempo era dedicado à aprendizagem; escolas de formação integral. Escolas com saberes práticos, escolas com saberes teóricos</p>
46.	2009	Aprendendo com os aprendizes - (Coleção Cultivar)		1º edição	Editora Ciranda Cultural	<p>O objetivo deste livro é tratar principalmente de um desses desafios: aprender a conviver. Sabe-se que ninguém consegue conviver sem, primeiro, aprender a ser, ou, seja, sem antes assumir a própria individualidade. Cada ser único, com identidade, condições e aspirações próprias, cuja existência, porém, não se cumpre isolada e privada do concurso da alteridade, do diálogo com o outro. Ser é conviver. É na relação com os</p>

						outros nos afirmarmos e nos realizarmos.
47.	2009	Semeadores de esperança - (Coleção Cultivar)		1º edição	Editora Ciranda Cultural	Professores são semeadores. Semeadores de esperança é uma homenagem a mulheres e homens que fazem da vida uma lição de amor. Isso mesmo. Sem medo das múltiplas possibilidades de interpretação que a palavra amor - a mais bela que existe - ou o conceito de educar com amor, possa ensejar.
48.	2009	O semeador		1º edição	Editora da Praça	A história acontece na noite de Natal. O professor Rodolfo imagina que passará mais uma noite solitária. Mas, com a chegada de uma visita inesperada sentimentos antigos e escondidos são despertados, extraindo dele segredos, que ele não gostaria de revelar nem a si mesmo. Paulo, seu ex-aluno, instaurará um profícuo debate a respeito dos relacionamentos humanos e sua condição.
49.	2009	Homens de cinza		1º edição	Ediouro	O livro é dividido em contos e fala sobre as características mais profundas do ser masculino. Cada conto revela a personalidade de um homem.
50.	2010	Peixe azul			1ª edição	Livro infanto-juvenil – Conta a história de um peixinho que escuta atentamente os conselhos sobre o perigo das águas, mesmo em um ribeirão pequeno, ainda

						na nascente, mas que pode repentinamente se tornar violento. Apesar de sua condição - e para divertimento dos outros peixes - passa a ficar com medo das enxurradas. Com o tempo, o peixe, que tem o nome de Azul, conhece um companheiro, o Amarelo, mais experiente. Eles vão desenvolver uma grande amizade e falar sobre as coisas que sabem e escutam.
51.	2010	PHN – 12 histórias de amor			1ª edição	O livro é uma homenagem ao movimento católico carismático "Por hoje não vou mais pecar" (PHN), ao missionário Dunga e aos jovens, seu intuito é transmitir as mudanças que o Amor e Deus realizam nas vidas das pessoas.
52.	2010	Cartas entre Amigos - Sobre Ganhar e Perder		1ª edição	Globo Editora	No livro, Machado de Assis, Castro Alves, Guilherme de Almeida, Graciliano Ramos, entre outros escritores, dialogam com as inquietações dos autores e mostram análises confortantes, que aliviam a aparente desesperança de viver no século 21. Já as citações de autoras em plena produção literária, como Adélia Prado e Nélida Piñon, permeiam o livro dando a sensação de ser "entendido" por alguém.

ANEXO D

1. CURY, Augusto. Escola da vida: Harry Potter no mundo real . 1ª ed. São Paulo: Academia da inteligência, 2002	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none">• O livro possui uma única edição	Observações: <ul style="list-style-type: none">• O livro possui referências bibliográficas
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
RESUMO: <p>Apesar de levar o nome do famoso personagem da coleção de J.K. Rowling o livro não fala sobre Harry Potter, mas sim de histórias baseadas em fatos reais e é voltado a pessoas de 9 a 99 anos que vivem aventuras, passam dificuldades, choram, aprendem a superar falhas, conflitos, sentimento de culpa, timidez, entre outros.</p> <p>No livro de J.K. Rowling, Harry Potter e seus amigos entraram para uma escola de bruxos e enfrentam um inimigo mortal que estava fora deles; no livro de Cury, os jovens entram na mais importante escola do mundo, a escola da vida. Ela inclui a família, bairro, colégio, sociedade, amigos e lutam contra os inimigos que estão dentro de si mesmos . Na Escola da Vida, os jovens terão de aprender as funções mais importantes da inteligência, como pensar antes de agir, expor e não impor suas ideias e trabalhar em equipe. Os jovens têm que descobrir que seus piores inimigos estão dentro de si mesmos. Quem são eles? São seus pensamentos negativos, ansiedade, desmotivação, insegurança, baixa auto-estima.</p> <p>O livro é dividido em Introdução e 8 capítulos:</p> <p>Capítulo 1: O sono, a internet e a inteligência</p> <p>Capítulo 2: Nunca mais o mesmo</p> <p>Capítulo 3: Dois colegas de classe: dois destinos</p> <p>Capítulo 4: Uma trágica aventura</p> <p>Capítulo 5: O mestre e as flores</p> <p>Capítulo 6: Superando as algemas da emoção</p> <p>Capítulo 7: O milagre do amor e o espetáculo do diálogo</p> <p>Capítulo 8: Os jovens, o holocausto e os direitos humanos</p> <p>Segundo o autor, alguns jovens estão se drogando, se deprimindo ou vivendo</p>	

numa bolha de solidão, porque não encontraram fonte de prazer dentro de si mesmos. Precisamos encontrar na Escola da Vida o verdadeiro sentido para a vida humana. Precisamos entender que não temos de viver num mundo mágico para que a vida seja uma aventura. A vida por si só, já é uma grande aventura. Nem necessitamos viver perigosamente para transformá-la numa fonte de prazer. É possível encontrar uma fonte de prazer dentro de cada um de nós.

A partir de histórias o livro trata de questões que envolvem o amor e busca motivar as pessoas a enfrentar os problemas de seu dia a dia procurando soluções para seus problemas particulares dentro de si.

Algumas figuras de linguagem utilizadas no livro	<ol style="list-style-type: none"> 1) “Quero ajudá-los a sair do banco de passageiros e a pilotar sua própria vida” (p. 15) 2) “o amor é como uma delicada planta, se não tem raízes não suporta o calor, não resiste às dificuldades” (p. 20) 3) “Os professores são cozinheiros que preparam um alimento para uma plateia sem apetite” (p. 26) 4) “dentro do homem mais bruto há um diamante a ser encontrado e lapidado” (p.50) 5) “Sua imaginação era fértil como as terras às margens do Nilo” (p. 66) 6) “Uma criança é uma esponja que absorve tudo no meio ambiente” (p. 67) 7) “...foi destruindo as favelas de sua memória e plantando jardins nos solos de sua emoção” (p. 82) 8) “Plante sementes a sua escola, no trabalho, no namoro, entre seus amigos. Plante sementes para ser um extraordinário ser humano, um fantástico estudante, um fascinante profissional. Prefira as sementes” (p. 194)
Alguns slogans utilizados no livro	<ol style="list-style-type: none"> 1) “Este livro ensina a pensar” (p. 13) 2) “A emoção tranquila abre as janelas da memória” (p.28)

São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação indireta
Augusto Cury	2	1
Confúcio	1	
Goldoni	1	
J. K. Rowling		1
Jean Dela Bruyère	1	
Jorge Luís Borges	1	
Marcel Proust	1	
Platão		1
Victor Hugo	2	

2. CURY, Augusto. Pais brilhantes, professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> Existe apenas uma edição do livro 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> O livro possui referências bibliográficas ao final
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
Resumo: <p>O autor apresenta ferramentas para promover a formação de pensadores, educar a emoção, expandir os horizontes da inteligência e produzir qualidade de vida. Pais e professores lutam pelo mesmo sonho – o de tornar seus filhos e alunos felizes, saudáveis e sábios -, mas jamais estiveram tão perdidos na árdua tarefa de educar. Discutirá ferramentas psicológicas que poderão promover a formação de pensadores, educar a emoção, expandir os horizontes da inteligência e produzir qualidade de vida.</p> <p>O livro é dividido em seis partes:</p> <p>Parte 1: Sete hábitos dos bons pais e dos pais brilhantes</p> <p>Parte 2: Sete hábitos dos bons professores e dos professores fascinantes</p> <p>Parte 3: Os sete pecados capitais dos professores</p> <p>Parte 4: Os cinco papéis da memória humana</p> <p>Parte 5: A escola dos nossos sonhos</p> <p>Parte 6: A história da grande torre</p> <p>No livro são abordadas questões relacionadas à memória das crianças, à forma como vem sendo utilizada incorretamente pela escola, como simples banco de dados e dá conselhos acerca de como o educador deve conduzir os educandos a serem verdadeiros pensadores. Atualmente, não basta ser bom, pois a crise da educação impõe que os professores procurem a excelência. Os pais precisam adquirir hábitos dos pais brilhantes para revolucionar a educação. Os educadores precisam incorporar hábitos dos educadores fascinantes para atuar com eficiência no pequeno e infinito mundo da personalidade dos seus alunos. Cada hábito praticado pelos educadores poderá contribuir para desenvolver características fundamentais da personalidade dos jovens.</p> <p>Segundo o autor, os professores precisam ser educados muito acima da média se quiserem formar seres humanos felizes, inteligentes e felizes, capazes de sobreviver nessa sociedade estressante. A boa notícia é que pais ricos ou pobres, professores de escolas ricas ou carentes podem igualmente praticar os hábitos e técnicas propostos no</p>	

<p>livro. Os professores são entendidos como a esperança do mundo, a partir deles a escola e consequentemente a sociedade poderá mudar, mas ultimamente estão adoecendo coletivamente, pois preparam alimento para uma plateia sem apetite.</p>	
<p>Figuras de linguagem usadas nos livros</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) “Educar é semear com sabedoria e colher com paciência. Educar é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração” (p.9) 2) “Imagine um pedreiro que a vida toda acumulou pedras para construir uma casa. Após construí-la, ele não sabe o que fazer com as pilhas de pedras que sobraram. Gastou a maior parte do tempo inutilmente” (p.14) 3) “Educar é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de ideias” (p.55) 4) “Mas, ninguém é derrotado quando suas sementes são enterradas. As sementes que ele plantou nos solos da memória dos seus discípulos inspiraram a inteligência...” 5) “O afeto e a inteligência curam as feridas da alma, reescrevem as páginas fechadas com inconsciente.” (p.78) 6) “Estimulam-nos a usar a dor como adubo para seu crescimento...” (p.80) 7) “Com o decorrer do tempo, ela produziu milhares de casas de favelas. Onde havia um belo bairro no inconsciente foi se criando um terreno desolado.” (p.86) 8) “Cada jovem é um ser único no teatro da vida” (p.92) 9) “A confiança é um edifício difícil de ser construído, fácil de ser demolido e muito difícil de ser reconstruído” (p.99) 10) “Deste modo, deixaremos de ser marionetes dos nossos conflitos e passaremos a ser diretores do teatro de nossa mente” (p.110) 11) “Diariamente podemos plantar flores ou acumular lixo no solo da memória” (p.111) 12) “...reeditarmos o filme do inconsciente” (p.111) 13) “A sala de aula não é um exército de pessoas caladas nem um teatro onde o professor é o único ator e os alunos, espectadores passivos” (p.125) 14) “Estudar é provocar a inteligência, é a arte dos desafios” (p.126) 15) “...reedita o filme do inconsciente” (p.131) 16) “Pais e professores devem dançar a valsa da vida como contadores de histórias” (p.132) 17) “As escolas em todo o mundo ensinam os alunos a dirigir empresas e máquinas, mas não os preparam para ser diretores do script dos seus pensamentos” (p.148) 18) “Já é tempo de produzirmos autores e não vítimas da própria história” (p.150) 19) “Os professores são cozinheiro do conhecimento, mas preparam o alimento para uma plateia sem apetite” (p.154) 20) “Se metade do orçamento dos gastos militares no mundo fosse investido na educação, os generais se tornariam jardineiros, os

	policiais, poetas, os psiquiatras, músicos. A violência, a fome, o medo, o terrorismo e os problemas emocionais estariam nas páginas dos dicionários e não nas páginas da vida...” (p.157)	
Slogans utilizados no livro	1) “Quanto pior for a qualidade da educação, mais importante será o papel da psiquiatria nesse século” (p.16) 2) “A sociedade se tornou uma fábrica de estresse” (p.28) 3) “Educar não é repetir palavras, é criar idéias, é encantar” (p.34) 4) “Os computadores são pobre engenhocas comparados à inteligência de qualquer criança” (p.34) 5) “Cada jovem é um mundo a ser explorado” (p.34) 6) “Vencer não é acertar sempre” (p.39) 7) “Felicidade não é obra do acaso, felicidade é treinamento” (p.41) 8) “Bons pais conversam, pais brilhantes dialogam” (p.42) 9) “Ser feliz é um treinamento e não uma obra do acaso” (p.48) 10) “A educação clássica transformou a memória humana num banco de dados” (p.68) 11) “Um educador deve valorizar mais a pessoa que erra do que o erro da pessoa.” (p.85) 12) “Beleza está nos olhos de quem vê” (p.86) 13) “Jamais coloque limites sem dar explicações” (p.95) 14) “A melhor punição é aquela que se negocia” (p.95) 15) “Paciência é o seu segredo, a educação do afeto é a sua meta” (p.97) 16) “A máxima da educação mundial é ensinar para lembrar e lembrar para aplicar” (p.114) 17) “Quando uma pessoa para de perguntar, ela para de aprender, para de crescer” (p.130) 18) “Um professor influencia mais a personalidade dos alunos pelo que é do que pelo que sabe” (p.140) 19) “Ser educador é ser promotor de auto-estima” (p.145) 20) “A educação não precisa de reforma, mas de uma revolução” (p.153)	
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação Indireta
Adler		1
Adorno		1
Augusto Cury		4
Buda		2
Confúcio		1
Cristo		3
Einstein		2
Foucault		1
Freud		4
Gandhi		1
Gardner		2
Goleman		2
Jung		1

Maomé		1
Nietzsche		1
Paulo Freire		1
Piaget		3
Platão		3
Ricoeur		1
Sartre		1
Vigotsky		1
Vigotsky		2
Will Durant		1

3. CURY, Augusto. Filhos brilhantes, alunos fascinantes . 2ª ed. São Paulo: Editora academia de inteligência, 2007	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> 1º edição – 2006 – Editora Academia de Inteligência. 2ª edição – 2007 - Editora Academia de Inteligência 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> O livro possui referências bibliográficas ao final
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
Resumo: <p>De acordo com o autor o livro é voltado não somente para adultos, mas também para pré-adolescentes, adolescentes e jovens universitários e trata de seus conflitos e desafios. As ideias de Freud, Jung, Piaget, Vigotsky, Platão, Sócrates, Agostinho, Paulo Freire entre outros influenciaram a construção do livro. (p.10) Adota a perspectiva de que os professores e psicólogos são sacerdotes da inteligência e de que a escola é um lugar sagrado e afirma que o livro é voltado para a motivação. Aponta o fato de que alguns professores deixam tudo para seguir essa profissão (p.19).</p> <p>O livro é dividido em Parte A:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bons filhos conhecem o prefácio da história dos seus pais, filhos brilhantes conhecem os capítulos mais importantes das suas vidas. 2. Bons filhos se preparam para o sucesso, filhos brilhantes se preparam para enfrentar derrotas e frustrações. 3. Bons filhos aprendem com seus erros, filhos brilhantes aprendem também com os erros dos outros. 4. Bons filhos têm sonhos ou disciplina, filhos brilhantes têm sonhos e disciplina. <p>Parte B:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bons alunos aprendem a matemática numérica, alunos fascinantes aprendem a matemática da emoção. 2. Bons alunos são repetidores de informações, alunos fascinantes são pensadores. 3. Bons alunos escondem certas intenções, alunos fascinantes são transparentes. 4. Bons alunos se preparam para receber um diploma, alunos fascinantes se preparam para a vida. <p>O autor conta a história de uma instituição em crise apelidada de <i>Escola dos Pesadelos</i>, onde as pessoas não se respeitam, a convivência entre alunos e professores</p>	

era conflituosa e muitos estavam deprimidos até o dia em que um professor de física chamado Romanov veio trabalhar na escola. Esse professor largou as artes marciais, a que se dedicava anteriormente, para dedicar-se à física. Começou a ficar conhecido internacionalmente por resolver problemas escolares e assim fora chamado para trabalhar por um tempo na *Escola dos Pesadelos*.

Romanov enfatizava a superação dos traumas atuando nos sintomas e resgatando a história e o autoconhecimento “*se os alunos de todas as escolas da Terra aprendessem a fazer o passeio pelo interior poderiam prevenir-se de milhares de traumas e até evitar o suicídio*” (p.100). O professor era sempre chamado a resolver os conflitos que apareciam na escola, tentava motivar professores e alunos e mostrar a importância de um e de outro. Aos poucos o professor foi conseguindo modificar a mentalidade de cada um dos alunos considerados “problema” e a visão que os professores tinham desses alunos. Fazia rodas de conversas, contava histórias que os tocava e assim a convivência dentro da escola foi se tornando mais pacífica e as relações entre professores e alunos, alunos e alunos e professores e professores tornando-se mais próxima e agradável.

Os professores mudaram suas condutas e os alunos também e quando conflitos recorriam às formas que Romanov havia ensinado para resolver. Assim, a “*Escola dos Pesadelos*” tornou-se a “*Escola dos Sonhos*”. Quando o ano acaba os alunos fazem uma homenagem aos professores e agradecem Romanov que está de partida para outra escola “problema”

Figuras de linguagem usadas nos livros	1) “Para mim as ideias são sementes. O maior favor que se faz a uma semente é enterrá-la” (p. 13) 2) “Aquilo que não me mata, me torna mais forte” (p. 13) 3) A sala de aula deveria ser um teatro no qual professores e alunos seriam atores na produção do conhecimento” (p. 25)	
Slogans utilizados no livro	1) “Quem ama seu mestre, ama a matéria que ele ensina. Quem na ama seu professor, dificilmente amará suas ideias” (p. 20)	
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação Indireta
Freud		3
Jung		2
Vigotsky		4
Platão		5

Sócrates		1
Santo Agostinho		1
Paulo Freire		1

4. CURY, Augusto. O mestre da sensibilidade . 1ª ed. São Paulo: Academia da inteligência, 2006	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> O livro possui uma única edição 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> O livro possui referências bibliográficas
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
RESUMO: <p>O mestre da sensibilidade é o segundo livro da coleção <i>Análise da Inteligência de Cristo</i>. De acordo com o autor, Jesus teve sua existência pautada por desafios, perdas, frustrações e sofrimentos de toda ordem. Ele tinha todos os motivos para sofrer de depressão durante sua trajetória de vida, mas não a manifestou; pelo contrário, era alegre e seguro no território da emoção. Tinha também todos os motivos para ter ansiedade, mas não a demonstrou; pelo contrário era tranquilo, lúcido e sereno. O livro apresenta um estudo sobre as emoções de Jesus e explica como ele foi capaz de suportar as maiores provocações em nome da fé. Demonstrou ser um grande mestre na escola da vida diante das angústias que antecederam sua morte, como a traição de Judas, a falta de apoio dos discípulos e a consciência do cálice que ia beber.</p> <p>O livro é dividido em Prefácio, Introdução e onze capítulos:</p> <p>Capítulo 1: A maturidade revelada no caos</p> <p>Capítulo 2: O semeador de vida e de inteligência</p> <p>Capítulo 3: Manifestando sua inteligência antes de tomar o cálice</p> <p>Capítulo 4: As atitudes incomuns de Cristo na última ceia: a missão</p> <p>Capítulo 5: Um discurso final emocionante</p> <p>Capítulo 6: Vivendo a arte</p> <p>Capítulo 7: A dor causada por seus amigos</p> <p>Capítulo 8: Um cálice insuportável: os sintomas prévios</p> <p>Capítulo 9: a reação depressiva de Jesus: o último estágio da dor humana</p> <p>Capítulo 10: o cálice de Cristo</p> <p>Capítulo 11: a criatura humana como ser insubstituível</p> <p>O autor diz que, embora esta obra tenha significativas limitações, seu desejo é de que ela seja de grande ajuda para os que admiram e amam esse personagem cuja existência na Terra remota a dois mil anos. Entretanto, ressalta que este livro não foi</p>	

escrito apenas para os cristãos, mas para pessoas pertencentes a todo tipo de cultura e religião: judeus, budistas, islamitas, etc. Ele é dirigido também aos ateus, pois estes, igualmente têm direito de estimular a sua inteligência a partir das nobilíssimas funções intelectuais do mestre de Nazaré. Através de sua história, Jesus provou que é possível encarar a dor com sabedoria. Ele tinha todos os motivos para desistir de seu chamado e tornar-se uma pessoa fechada e agressiva, mas, apesar disso, foi um ícone de celebração à alegria, à liberdade, à esperança.

De acordo com o autor, o exemplo de Jesus nos ajuda a melhorar a qualidade de vida e a prevenir doenças psíquicas como a depressão, a ansiedade e o estresse. Analisar seu brilhante comportamento acende as luzes de nossa consciência e nos torna pessoas mais abertas para as infinitas maravilhas da existência.

Algumas figuras de linguagem utilizadas no livro	1) “Se quisermos observar a inteligência e a maturidade de alguém, não devemos analisá-los nas primaveras, mas nos invernos de sua existência.” (p. 17)	
Alguns slogans utilizados no livro	1) “Todo radicalismo intelectual engessa a inteligência e fere o bom senso” (p. 15)	
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação indireta
João (Evangelho)	9	25
Lucas (Evangelho)		30
Mateus (Evangelho)		20
Platão	3	1
Sócrates		5
Montesquieu		1
Descartes		2
Marx	7	1
Max Weber		1
Adam Smith		1
Hegel		5
Freud;		6
Jung		1
Darwin		1
Will Durant		1
Aleksandr Jesus Mien		1
Mayda et Al		1
Henry Bettenson		1

5. CURY, Augusto. O mestre dos mestres . Rio de Janeiro: Sextante, 2006	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> O livro possui uma única edição 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> O livro não possui referências bibliográficas
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
RESUMO: <p>O mestre dos mestres é o primeiro livro da coleção <i>Análise da Inteligência de Cristo</i>. O autor diz que, ao longo de vinte anos vem desenvolvendo uma nova teoria psicológica e também filosófica, chamada inteligência multifocal, que estuda pelo menos cinco grandes áreas do funcionamento da mente:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O processo de construção de pensamentos 2. O processo de organização da consciência existencial e da estruturação do eu 3. Os papéis conscientes e inconscientes da memória e a formação da história intrapsíquica 4. O processo de transformação da emoção 5. O processo de interpretação e de formação de pensadores <p>Depois de estudar o perfil psicológico de alguns pensadores como Nietzsche, Freud e Einstein, Cury resolveu investigar a inteligência daquele que dividiu a história: Jesus Cristo. Muitas perguntas de caráter científico e teológico povoaram os pensamentos do autor durante os anos de análise: Cristo foi real ou foi fruto da imaginação de alguns galileus? Se não tivesse realizado nenhum ato sobrenatural, teria dividido a história? Como abria as janelas da mente dos seus discípulos e os estimulava a desenvolver as funções mais importantes da inteligência? Como gerenciava seus pensamentos e reações emocionais nas situações estressantes? Alguém proferiu na história pensamentos semelhantes aos deles? Quais as dimensões e implicações psicológicas e filosóficas das suas ideias? O que a ciência e as sociedades perderam por não terem estudado a sua personalidade?</p> <p>Responder a essas perguntas, ainda que parcialmente, é fundamental para a humanidade. Jesus foi o personagem mais complexo e enigmático que transitou neste misterioso teatro existencial. Estudar a mente de Jesus é incomparavelmente mais complexo do que estudar a mente de qualquer pensador da psicologia e da filosofia. Este é o primeiro livro da coleção <i>Análise da Inteligência de Cristo</i> e nele Jesus é</p>	

retratado como o maior educador da história. Ele conseguia atingir com delicadeza, sabedoria e perspicácia as regiões mais profundas do inconsciente de seus complicados discípulos

O livro é dividido em prefácio e treze capítulos:

Capítulo 1: Características intrigantes da inteligência de Cristo

Capítulo 2: Jesus Cristo: um personagem real ou imaginário

Capítulo 3: A timidez e a omissão da ciência em investigar a inteligência de Cristo

Capítulo 4: Se Cristo vivesse hoje, abalaria os fundamentos da psiquiatria e da psicologia

Capítulo 5: Cristo perturbaria o sistema político

Capítulo 6: O discurso de Cristo deixaria a medicina atual atônita e tocaria na maior crise existencial do ser humano

Capítulo 7: Um audacioso projeto: o público e o ambiente

Capítulo 8: Despertando a sede de aprender e desobstruindo a inteligência

Capítulo 9: Investindo em sabedoria diante dos invernos da vida

Capítulo 10: Um contador de histórias que sabia lidar com os papéis da memória e estimular a arte de pensar

Capítulo 11: Superando a solidão

Capítulo 12: Preservando a unidade e ensinando a arte de amar

Capítulo 13: Introduzindo as funções mais importantes da inteligência

O autor diz não defender nenhuma religião sem fazer um estudo teológico. O que quer é mostrar que a ciência cometeu um erro dramático ao não estudar a intrigante, misteriosa e fascinante personalidade de Jesus Cristo. O mundo ocidental se diz cristão, mas conhece pouquíssimo os meandros da sua psique. Se o Ocidente tivesse conhecido a mente de Cristo, não teria sido palco de guerras, discriminação, escravidão e violências. Se nas salas de aula (nos currículos acadêmicos) e nos lares se examinassem em profundidade as funções mais importantes da inteligência que Jesus trabalhou amplamente na personalidade dos seus discípulos, a humanidade teria sido outra. Analisar a inteligência de Cristo nos permite dispor de excelentes ferramentas para nos educar e educar quem amamos, pois os pensamentos de Jesus oxigenam nossas mentes, expandem o prazer de viver e estimulam a sabedoria.

**Metáforas
utilizadas no**

1) “Quem era esse que atuava como artesão da emoção e escultor da inteligência quando o mundo desabava sobre ele?”

livro	<p>(p.13)</p> <p>2) “Em poucos anos encerramos o espetáculo da existência” (p.16)</p> <p>3) “Ele a usava (a dúvida) para abrir as janelas da inteligência” (p.20)</p>	
Slogans utilizados no livro		
Autores citados no livro	Tipo de citação	
	Direta	Indireta
Agostinho		2
Aristóteles		1
Augusto Cury		1
Bacon		1
Confúcio		1
Cuit Lewin		1
Daniel Goleman		1
Darcy Ribeiro		1
Descartes		3
Einstein		3
Flávio Josefos		1
Freud		4
Galileu		1
Gandhi		1
Habermas		1
Harold Kaplan e Benjamin Sadock		1
Hegel		1
Heidegger		1
Hipócrates		1
Hume		1
João (Evangelho)	9	30
Jung		1
Kant		2
Lucas (Evangelho)	3	21
Maomé		1
Marcos (Evangelho)		15
Marx		5
Mateus (Evangelho)	7	28
Max Well		1
Moisés		1
Newton		1
Nietzsche		3
Otávio Josefos		1
Paul Valery		1
Pedro (Evangelho)		3
Piaget		1

Platão			6
Provérbios			1
Rousseau			1
Saquia – Muni			1
Sartre			1
Shakespeare			1
Sócrates			1
Spinoza		1	
Tomás de Aquino			2
Victor Frankl			1
Voltaire			2
Will Durant			3

6. CURY, Augusto. O mestre do amor . 2ª ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> • Possui uma única edição 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> • O livro possui referências bibliográficas
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
RESUMO: <p>O Mestre do Amor é o quarto livro da coleção Análise da Inteligência de Cristo, nele, Cury investiga a paixão que Jesus nutria pelo ser humano e busca estudar as últimas horas de vida de Cristo. Ele está morrendo, pregado na cruz. Era de se esperar que dessa vez ele não brilhasse em sua inteligência, que gritasse desesperadamente, fosse consumido pelo medo, derrotado pela ansiedade e reagisse por instinto, como qualquer miserável às portas da morte. Mas, ferido, Jesus Cristo foi mais surpreendente ainda. Seus comportamentos tornaram a abalar a psicologia.</p> <p>Segundo o autor, nenhuma espécie é tão complexa quanto a nossa, e nenhum sofre tanto como ela. Milhões de jovens e adultos são vítimas de depressão, ansiedade, estresse. A tecnologia do lazer numa foi tão grande e as pessoas nunca estiveram tão tristes e com tanta dificuldade de navegar nas águas da emoção. Os medicamentos antidepressivos e os tranquilizantes são excelentes armas terapêuticas, mas não tem a capacidade de conduzir o ser humano a gerenciar seus pensamentos e emoções. A psiquiatria trata dos seres doentes, mas não sabe como torná-los felizes, seguros, sábios, serenos. Jesus Falou sobre algo com que a psiquiatria sonha, mas na alcança. Convidou as pessoas a beberem de sua felicidade, tranquilidade, sabedoria.</p> <p>A crucificação de Jesus Cristo talvez seja o evento mais conhecido da população mundial. Mas é o menos compreendido, apesar de ser o mais importante da história. Bilhões de pessoas sabem como ele morreu, mas não têm ideia dos fenômenos complexos que estavam presentes no palco da cruz e, principalmente, atrás da cortina do cenário. Estudar seus últimos momentos abrirá as janelas de nossa mente para não apenas compreendermos melhor o mais misterioso dos homens, mas também quem somos.</p> <p>O livro é dividido em Prefácio, doze capítulos e Apêndice:</p> <p>Capítulo 1: Dois tipos de sabedoria</p>	

Capítulo 2: Um príncipe no caos: por que Jesus foi um carpinteiro?		
Capítulo 3: Uma humanidade inigualável		
Capítulo 4: A comovente trajetória em direção ao Calvário		
Capítulo 5: Os preparativos para a crucificação		
Capítulo 6: A 1ª hora: cuidando de seu Pai e perdendo homens indesculpáveis		
Capítulo 7: A 2ª hora: debochado publicamente		
Capítulo 8: A 3ª hora: cuidando de um criminoso e vivendo o maior dos sonhos		
Capítulo 9: Continuação da 3ª hora: cuidando carinhosamente de sua mãe		
Capítulo 10: 4ª à 6ª hora: abandonado por Deus		
Capítulo 11: Consumando seu plano. O cérebro e a alma		
Capítulo 12: Morreu na cruz, mas permaneceu vivo no coração dos seres humanos		
Apêndice: A destruição de Jerusalém em 70 d. C.		
Algumas figuras de linguagem utilizadas no livro	1) “A vida é um show, mas sem proteção emocional ela pode ser um espetáculo de terror” (p 92) 4) “Em poucos anos encerramos o espetáculo da existência” (p.12) 2) “Ele a usava (a dúvida) para abrir as janelas da inteligência” (p.25)	
Alguns slogans utilizados no livro	1) “A vida é um contrato de riscos, um palco de surpresas” (p. 29) 2) “ “O excelente educador é aquele que abraça os outros quando todos o rejeitam” (p. 163)	
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação indireta
Mateus (Evangelho)	10	18
Lucas (Evangelho)	23	10
João (Evangelho)	14	21
Isaías		1
Hipócrates		2
Freud		4
Jung		2
Roger		1
Erich Fromm;		1
Vitor Frankl		1
Piaget		3
Tânia Zaguri		1
Wiil Durant		3
Henry Bettenson		2
Flávio Josefo.		1

7. CURY, Augusto. O mestre da vida 2ª ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> • Possui uma única edição 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> • O livro possui referências bibliográficas
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
RESUMO: <p>O mestre da vida é o terceiro livro da coleção <i>Análise da Inteligência de Cristo</i>. Cury decifra as profundas mensagens deixadas por Jesus desde a sua prisão e seu julgamento até sua condenação à morte na cruz. Torturado, Jesus demonstrou esplêndida coragem e segurança. No extremo de sua dor física, produziu frases poéticas. No topo da humilhação, expressou serenidade. Quando não havia condições de proferir palavras, ensinou pelo silêncio, pelo olhar, pelas reações tranquilas e, algumas vezes, por suas lágrimas. Ele não usava armas nem tinha um exército atrás de si. Sua única arma eram suas palavras e atitudes. Quando falava, arrastava multidões, incendiava corações e destruía preconceitos.</p> <p>O livro é dividido em Prefácio, onze capítulos e Apêndice:</p> <p>Capítulo 1: As causas sociais do julgamento</p> <p>Capítulo 2: o Mestre da Vida paralisa os soldados</p> <p>Capítulo 3: O poderoso e dócil: um exímio psicoterapeuta</p> <p>Capítulo 4: Rejeitando e torturado na casa de Anás</p> <p>Capítulo 5: Condenado na casa de Caifás pelo sinédrio</p> <p>Capítulo 6: O julgamento pelo Império Romano</p> <p>Capítulo 7: Dois Herodes violentando Jesus</p> <p>Capítulo 8: Trocado por um assassino: os açoitados e a coroa de espinhos</p> <p>Capítulo 9: a última cartada da cúpula judaica</p> <p>Capítulo 10: O mais ambicioso plano da história</p> <p>Capítulo 11: As lições e o treinamento da emoção do Mestre da Vida</p> <p>Apêndice: Os homens do Império Romano na história de Cristo: o pano de fundo.</p> <p>Ao reafirmar suas convicções durante seu julgamento – sabendo que isso o levaria à morte –, Jesus provou que só tornamos nossa alma verdadeiramente livre quando somos fiéis às nossas crenças e agimos de acordo com o que nos faz felizes.</p>	

Enquanto seus inimigos estavam encerrados no cárcere da emoção, presos pelo ódio, pelo ciúme e pelo medo, o Mestre da Vida estava livre dentro de si.

Segundo o autor, a psicologia e a educação levarão muitos anos para perceber o erro que cometeram deixando de investigar a personalidade de Jesus Cristo e de aproveitar sua riquíssima história para o treinamento da emoção, bem como, os mecanismos psíquicos e pedagógicos que ele utilizava para prevenir doenças e gerar pessoas livres, felizes e líderes em seu próprio mundo. As histórias encontradas no livro ensinam que não devemos ter medo de viver e, principalmente, que precisamos ter fé e esperança para superar momentos difíceis de nossa existência.

Algumas figuras de linguagem utilizadas no livro	1) Educar é semear com sabedoria e colher com paciência. (p.14) 2) “A sociedade se tornou uma fábrica de estresse” (p.25) 3) “Para mim as ideias são sementes. O maior favor que se faz a uma semente é enterrá-la” (12) 4) “É fácil mostrar tranquilidade quando nossas vidas transcorrem como uma jardim tranquilo” (19)	
Alguns slogans utilizados no livro		
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação indireta
João (Evangelho)	22	3
Mateus (Evangelho)	37	8
Lucas (Evangelho)	40	5
Marcos (Evangelho)	21	4
Flávio Josefo		1
Carlos Drummond de Andrade		2
Shakespeare		1
Darwin.		1

8. CURY, Augusto. O mestre inesquecível . 2ª ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> • Possui uma única edição 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> • O livro possui referências bibliográficas
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
RESUMO: <p>É o quinto e último livro da coleção Análise da Inteligência de Cristo. Cury estuda o fantástico crescimento psíquico e intelectual vividos pelos apóstolos e mostra como Jesus os transformou nos excelentes pensadores que revolucionaram a humanidade. Para formar seguidores aptos a difundir suas palavras, Jesus escolheu homens simples e desenvolveu neles a arte de pensar, a tolerância, a solidariedade, o perdão, a capacidade de se colocar no lugar do outro, o amor e a tranquilidade. Embora muito jovens e inseguros eles atenderam prontamente ao chamado de Cristo e tornaram-se pescadores de seres humanos. Sabiam que estava seguindo um desconhecido, mas sentiam, no fundo do coração, que aquele mestre deixaria suas pegadas gravadas para sempre na história.</p> <p>Segundo o autor, numa época em que ensino está em crise, o exemplo de Jesus e seus discípulos nos ajuda a abrir os olhos para o verdadeiro sentido da educação: mais do que transmitir informações, educar é produzir a capacidade de pensar, de questionar, de superar desafios, de compreender o mundo e de tornar-se melhor a cada dia. A educação está em crise no mundo todo. Formamos repetidores de informações, e não pensadores. Até entre os mestres e doutores raramente encontramos criadores brilhantes de ideias originais. A falência da educação exaltou a psiquiatria. Sempre houve transtornos emocionais na história, mas nunca nos níveis e na intensidade a que estamos assistindo.</p> <p>A proposta do livro é de analisar a personalidade dos discípulos antes e depois de seu convívio com Jesus e compreender por que ele escolheu pessoas tão despreparadas, incultas e cheias de conflitos emocionais, e como as transformou em excelentes pensadores que revolucionaram a história.</p> <p>O livro é dividido em Prefácio e onze capítulos:</p>	

Capítulo 1: Características intrigantes da personalidade de Cristo		
Capítulo 2: Um convite chocante, um chamado irresistível		
Capítulo 3: A personalidade dos discípulos		
Capítulo 4: O vendedor de sonhos		
Capítulo 5: O coração dos discípulos: os solos da alma humana		
Capítulo 6: Transformando a personalidade: a metodologia e os principais laboratórios e lições		
Capítulo 7: Judas: antes e depois do mestre		
Capítulo 8: Pedro: antes e depois do mestre – o processo de transformação		
Capítulo 9: João: antes e depois do mestre – o processo de transformação		
Capítulo 10: Paulo: a mais fantástica reedição das matrizes da personalidade		
Capítulo 11: Uma carta de amor: o final da história dos discípulos		
Algumas figuras de linguagem utilizadas no livro	1) “Um semeador que lança as sementes nos corações. Um semeador do amor, da paz, da segurança, da liberdade, do prazer de viver, da dependência recíproca” (p. 27) 2) “As sementes que ele plantava dentro dos galileus incultos que o seguiam germinaria um dia” (p. 28) 3) “Uns preferem as labaredas dos aplausos e do sucesso instantâneo, outros preferem o trabalho anônimo e lento das sementes” (p. 34)	
Alguns slogans utilizados no livro		
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação indireta
Sartre		1
Marx		1
Nietzsch		1
Marcos (Evangelho)		33
Lucas (Evangelho)		35
Mateus (Evangelho)		21
Paul Allard		1
Henry Bettenson		1
John FoxF		11
Kidd B. J		
J. A Stenvenson		1
Marcel Viller		1

9. CURY, Augusto. **Maria, a maior educadora da história**. 2ª ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010

INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO

Reedições:

- 1º edição – 2007 – Editora Academia de Inteligência.
- 2ª edição – 2010- Editora Planeta do Brasil

Observações:

- O livro possui referências bibliográficas

INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO

RESUMO:

O autor define o livro como uma visão de Psicologia, Psiquiatria e Pedagogia sobre a mulher mais famosa e desconhecida da história. O melhor educador não é o que controla, mas o que liberta, Não é o que aponta os erros, mas o que os previne. Não é que corrige comportamentos, mas o que ensina a refletir. Educar é a tarefa intelectual mais fascinante e, ao mesmo tempo, a que mais revela nossa impotência. Se educar uma criança ou adolescente é uma incumbência difícilima, imagine educar a criança mais instigante que pisou nesta terra, o menino Jesus? Havia milhares de candidatos. Mas uma jovem destacou-se diante do olhar clínico apuradíssimo do Autor da existência. Seu nome: Maria.

Maria era aparentemente frágil, muito jovem e inexperiente. O que ela tinha de tão especial do ponto de vista psiquiátrico, psicológico e pedagógico? Sob o olhar a ciência é possível vislumbrar que muitas coisas no relacionamento de Maria com Deus Altíssimo e com o menino Jesus romperam o cárcere da rotina. Por que Deus Todo-Poderoso descrito na Bíblia não escolheu um grupo de notáveis intelectuais entre os escribas e fariseus para educar o menino Jesus?

A partir desses aspectos o autor trata da trajetória de Maria e seu potencial de educadora afirmando que os princípios utilizados por ela para educar Jesus são fonte de lucidez para a educação moderna. Divide o livro em onze capítulos:

Capítulo 1: Maria vivia sua vida como um contrato de risco

Capítulo 2: Maria era rápida em agradecer e corajosa em agir

Capítulo 3: Maria usava a intuição e não um manual de instruções para educar o menino Jesus

Capítulo 4: Maria educava seu filho para servir à sociedade e não para ser servido por ela

Capítulo 5: Maria tinha uma espiritualidade inteligente, transformava informações em sabedoria

Capítulo 6: Maria estimulava a proteção da emoção

Capítulo 7: Maria estimulava a ambição interior

Capítulo 8: Maria vivia e ensinava a arte da contemplação da natureza

Capítulo 9: Maria estimulava a inteligência para construir um projeto de vida e a disciplina para executá-lo

Capítulo 10: Maria contava sua história de vida como o melhor presente na educação do seu filho

Capítulo 11: O último encontro: a dramática despedida da mãe mais fascinante e do filho mais brilhante

Para o autor, em tempos atuais em que a educação mundial, do ensino à universidade, está formando uma massa de jovens que não pensam criticamente nem sabem lidar com desafios existenciais, estudar a mulher que foi incumbida de educar o menino Jesus oxigena a inteligência. De acordo com o mesmo, livro respeita toda e qualquer religião. É um livro que analisa o lado humano de Maria, sua personalidade, inteligência. Não tem uma visão teológica, mas a percepção de alguns ângulos da psiquiatria, psicologia e pedagogia.

Algumas figuras de linguagem utilizadas no livro	<p>3) “A vida é um show, mas sem proteção emocional ela pode ser um espetáculo de terror” (p 92)</p> <p>4) “Os que admiram a natureza fornecem algumas “proteínas” para nutrir a personalidade, os que a contemplam mergulham-na no néctar da emoção” (p. 127)</p>
Alguns slogans utilizados no livro	<p>3) “A vida é um contrato de riscos, um palco de surpresas” (p. 29)</p> <p>4) “Quem não sabe agradecer é servo da insatisfação” (p. 41)</p> <p>5) “Quem não sabe agir é escravo da passividade” (p. 41)</p> <p>6) “O sábio valoriza o que tem, o astuto valoriza o que lhe falta” (p.41)</p> <p>7) “A educação mais inteligente é a que gera compromissos sociais, a mais insana é a que gera parasitas sociais” (p. 62)</p> <p>8) “Um educador experiente incentiva a ambição exterior, um educador deslumbrante incentiva a ambição interior” (p 123)</p> <p>9) “Esvaziar-se dos preconceitos é a condição básica para o aprender a aprender” (p.123)</p> <p>10) “O dinheiro na traz, em si, felicidade, mas nada é tão capaz de</p>

	tirá-la” (p.113) 11) “Educar é nos transportar para o mundo do outro sem penetrar nas suas entranhas” (p.152) 12) “O mais excelente papel de um mestre não é educar para o mercado de trabalho, mas para a vida, não é educar para corrigir erros, mas para pensar” (p. 162) 13) “O excelente educador é aquele que abraça os outros quando todos o rejeitam” (p. 167)	
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação indireta
Alfred Adler		1
Freud		7
Sartre		1
Marx		1
Diderot		1
Nietzsche		1
Einstein		1
Jung		2
Foucault		1
Vigotsky		2
Piaget		2
Morin		1
Hipócrates		1
Platão		1
Sócrates		3
Confúcio		1
Aristóteles		1
Tomás de Aquino		1
Paulo Freire		1
Gardner		1

ANEXO E

1. CHALITA, Gabriel. Pedagogia do amor: A contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. 29ª ed. São Paulo: Editara Gente, 2003.	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> O livro está em 29ª edição 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> O livro possui referências bibliográficas
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
<p>RESUMO:</p> <p>Segundo o autor, num tempo em que a aparência vale mais do que a essência e a competição impera nos relacionamentos, é imprescindível falar com nossas crianças de companheirismo, amizade e amor. Num tempo em que a esperança parece cada vez mais escassa, é fundamental reavivar nossa confiança em dias melhores. No livro são utilizadas 10 histórias de literatura universal que foram escolhidas para trazer valores essenciais aos tempos de hoje, como respeito, solidariedade e idealismo. A obra pretende contribuir para que se resgate a amorosidade, a ternura e a pureza predominantes na criança existente em cada um de nós. Uma criança que, com o passar dos anos - e todas as exigências que vêm no seu encalço -, vai se tornando um tanto quanto sonolenta, tímida, reclusa e esquecida dos valores nobres que dão a ela dignidade e a fidelidade aos seus princípios mais básicos: ser feliz e fazer o outro feliz.</p> <p>A proposta do livro é de apontar caminhos a partir das histórias, fazendo um elo permanente e inquebrável entre a razão e a emoção, determinando o equilíbrio necessário às realizações da vida. Com o auxílio dos textos a intenção é resgatar alguns valores presentes nas obras, salientando a importância de repassá-los a crianças e jovens com quem convivemos em casa ou na escola. Ler essas histórias, atentar para seus ensinamentos e explorá-los da melhor forma possível com as novas gerações é contribuir para a construção de um novo tempo mais justo e fraterno.</p> <p>O livro é composto a partir das seguintes histórias:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) “<i>Sherazade e o valor do amor</i>”; 2) “<i>Damon e Pítias e o valor da amizade</i>”; 3) “<i>Dom Quixote e o valor do idealismo</i>”; 4) “<i>Davi e Golias e o valor da coragem</i>”; 5) “<i>Vidas secas e o valor da esperança</i>”; 6) “<i>Hércules e o valor do trabalho</i>”; 7) “<i>Cinderela e o valor da humildade</i>”; 	

- 8) “O Rei Salomão e o valor da sabedoria”;
- 9) “O patinho feio e o valor do respeito”;
- 10) “Estrela de Jóias e o valor da solidariedade”.

O roteiro traçado pelo livro traça ainda, uma incursão pelos textos das Sagradas Escrituras. Até porque a Bíblia – livro tão belo quanto fundamental para a compreensão da natureza humana – reúne narrativas de natureza épica, lírica e dramática. De acordo com o autor, o livro tem o objetivo de ser útil para pais, mães, professores e todas as pessoas comprometidas com o ato gratificante de formar, informar, transmitir saberes, lições e, principalmente, afeto – esse signo que deveria reger todos os relacionamentos, todas as ações, todos os vínculos

Semeadores são aqueles que se dedicam a fomentar a vida. Semeiam porque acreditam na dádiva futura de cada semente. Semeiam porque sabem que os frutos de existência dependem da fertilidade dos campos. No cultivo da vida, como no amanhar da terra, é preciso permanente cuidado. Antes, durante e depois. O prêmio é a boa colheita que alimenta.

Professores são semeadores. Semeadores da esperança. O livro é uma homenagem a mulheres e homens que fazem da vida uma lição de amor. Isso mesmo. Sem medo das múltiplas possibilidades de interpretação que a palavra amor – a mais bela que existe -

Algumas figuras de linguagem utilizadas no livro	1) “É nosso desejo também espalhar sementes...” (p. 14) 2) “O mundo precisa de idealistas que olhem pela janela, vejam as rosas murchas e, ainda assim, fiquem felizes...” (p. 69) 3) “Os seres humanos trazem consigo o gene da esperança” (p. 101) 4) “Cinderela, aparentemente frágil, e indefesa, traz em si a fortaleza que caracteriza as pessoas que têm em seus sonhos um porto seguro onde ancorar no fim de violentas e perigosas tempestades.” (p.136)	
Alguns slogans utilizados no livro	1) “A dor é um estágio importante no processo de aquisição de sabedoria” (p. 134)	
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação indireta
Adélia Prado	1	
Ariano Suassuna		1
Aristóteles	2	1
Bíblia (carta de São Paulo aos Coríntios)	1	
Bíblia (Davi e Golias)		1
Bíblia (Eclesiastes)	1	
Bíblia (Livro de Jó)		

Camões	1	
Carlos Drummond de Andrade		1
Charles Chaplin		1
Charles Perrault		1
Cícero		1
Daniel Dafoe	1	
Dante Alighieri		1
Dom Hélder Câmara	1	
Eleonor Roosevelt	1	
Euclídes da Cunha	1	
Fernando Pessoa	1	
Gandhi	1	1
Goethe	1	
Graciliano Ramos		1
Hans Christian Andersen		1
Hegel	1	
Homero		1
Jacob e Wilhelm Gumm		1
Joana D'Arc		1
João Cabral de Melo Neto		1
João Guimarães Rosa	1	
Jorge Luis Borges		1
Kalil Gibran	1	
Lima Barreto		1
Machado de Assis	1	1
Martin Luther King		1
Miguel de Cervantes		1
Oscar Wilde		1
Paulo freire		1
Protágoras	1	
Rubem Alves		1
São Tomás de Aquino	1	
Shakespeare		1
Soren Kierkegaard	1	
Thomas A. Edison	1	

2. CHALITA, Gabriel. Educação: a solução está no afeto . 19ª edição, São Paulo: Editora Gente, 2004	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> Desde sua primeira edição, em 2001, o livro é publicado pela Editora Gente 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> O livro possui referências bibliográficas ao final
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
Resumo: <p>O autor diz apresentar uma tese revolucionária sobre educação que consiste em possibilitar um novo olhar para um universo a ser descortinado. Um olhar de afeto, um olhar amoroso. Discutir sobre educação é a única alternativa política e social para que este país encontre a dimensão de sua grandeza e para que o povo que aqui vive encontre a dignidade. Traz à tona antigas questões para auxiliar o educador a exercer com mais competência e maestria sua missão e propõe uma nova relação educacional com base em três pilares: habilidade cognitiva, habilidade social e habilidade emocional.</p> <p>A <i>habilidade cognitiva</i> refere-se à articulação entre o conhecimento propriamente dito e suas relações com as formas de transmissão. Sua eficácia passa por uma profunda mudança de postura, uma quebra de paradigma. A <i>habilidade social</i> refere-se à questão: O aluno é preparado para quê? O autor afirma que naturalmente é para a convivência em grupo, o desenvolvimento da capacidade de trabalhar em um mundo multicultural onde as diferenças sejam respeitadas. Por fim, a <i>habilidade emocional</i> proporciona o aprimoramento das outras e impulsiona a aprendizagem libertadora e a felicidade do educador e do educando.</p> <p>O livro é dividido em duas partes:</p> <p>Primeira parte: Reflexões</p> <p>Capítulo I – O ser humano, esse gigante</p> <p>Capítulo II – O mundo</p> <p>Segunda parte: Ação</p> <p>Capítulo I – A constituição e a LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional</p> <p>Capítulo II – Os atores do processo educacional</p> <p>Capítulo III – Três pilares da educação</p> <p>Conclusão</p> <p>A obra dá ênfase à importância da participação familiar em qualquer projeto educacional e afirma que a escola nunca vai suprir a carência deixada por uma família ausente. Segundo o autor, falar de educação é muito mais do que discorrer sobre práticas pedagógicas, verbas e construções de novas escolas. A cada dia, a dimensão desse tema ganha amplitudes imensuráveis que ultrapassam em muitos milhões de anos o que tem sido feito em termos práticos. As cabeças dos jovens e das crianças são um poço sem fundo que tem de processar</p>	

entre outras coisas, as novidades da internet, os apelos para o consumismo desenfreado, programas televisivos idiotizantes e, ainda bem, uma curiosidade interminável, um arsenal de sonhos lindos, uma vontade louca de mudar tudo para melhor. E é em meio a isso tudo que se encontram perdidos pais e educadores, cercados por duas instituições que pedem socorro: família e escola. Aos olhos do autor, a educação, é mais do que nunca, o único sinônimo tangível para definir um futuro mais humano para as próximas gerações e este livro é o primeiro passo para a mudança.

São utilizados trechos da Constituição Federal e da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) para discorrer sobre a construção da cidadania, participação e democracia e para afirmar que o processo educativo não termina com os ciclos previstos nas leis. A finalidade da obra é deixar uma mensagem e um convite para o início da revolução educacional que deve começar com manifestações de amizade e comprometimento, de competência, solidariedade e amor. Como educação é vida, a solução está no afeto. (p.260)

Algumas figuras de linguagem utilizadas no livro	<ol style="list-style-type: none"> 1) Sobre o diretor em relação aos funcionários da escola – o diretor não pode ser acometido da síndrome do pequeno poder “é o bedel que se acha o dono do café e ninguém pode, sem autorização, se aproximar da garrafa” (p.183) 2) “O aluno não é uma tábua rasa, sem nada, em que todas as informações são jogadas. Não é um carrinho vazio de supermercado em que alguém coloca o que bem entende e o carrinho vai agüentando tudo o que nele é jogado” (p.257)
Alguns slogans utilizados no livro	<ol style="list-style-type: none"> 1) “Educação é afeto” (p.11) 2) “O ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor” (p.11) 3) “A alfabetização tem que ser acompanhada da família” (p.27) 4) “O conforto não é mais importante que o afeto” (p.28) 5) “A escola tem que estar preparada para conviver com a diferença” (p.31) 6) “É triste a educação que não prepara para o sonho” (p.56) 7) “O aprendizado é libertador, como o trabalho deve ser libertador” (p.60) 8) “É triste a educação que na prepara para o sonho” 9) “A possibilidade de escolher é condição de liberdade” (p.68) 10) “Podemos construir a liberdade” (p.69) 11) “É ministrando aula que se aprende a dar aulas” (p.123) 12) “Respeito não se impõe, conquista-se” (p.149) 13) “Sem afeto não há educação” (p.149) 14) “A melhor experiência para um professor é a convivência com o aluno” (p.151) 15) “Para que se possa transmitir o afeto é preciso que sinta afeto, que viva o afeto” (p.162) 16) “A dignidade de um profissional é requisito básico para uma relação de trabalho” (p.168)

	<p>17) “O professor precisa ter método” (p.170)</p> <p>18) “O processo educativo é participativo” (p.172)</p> <p>19) “O bom ambiente escolar depende da participação de todos” (p.172)</p> <p>20) “A grande responsabilidade para a construção de uma educação cidadã está nas mãos do professor” (p.175)</p> <p>21) “O professor só conseguirá fazer com que o aluno aprenda se ele próprio continuar a aprender” (p.176)</p> <p>22) “A parceria escola/família, escola/comunidade é vital para o sucesso do educando” (p.177)</p> <p>23) “A arte é capaz de despertar para a sensibilidade” (p.198)</p> <p>24) “A arte é libertadora” (p. 207)</p> <p>25) “O grande pilar da educação é a habilidade emocional. Não é possível desenvolver a habilidade cognitiva e a social sem que a emoção seja trabalhada” (p.230)</p> <p>26) “o professor é exemplo e o que faz ode mobilizar o aluno” (p.248)</p> <p>27) “A escola não é a única responsável pela educação” (p.255)</p> <p>28) “O professor, a alma da educação, a alma da escola, o sujeito mais importante da formação do aluno” (p.258)</p> <p>29) “A sala de aula é um lugar sagrado” (p. 258)</p> <p>30) “É o grande professor que fará o aluno” (p.258)</p> <p>31) “O diretor da escola é um agente de motivação” (p.258)</p> <p>32) “A solução está no afeto” (p.260)</p>	
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação indireta
Alphonse Daudet	1	
Álvaro de Campos		1
Antoine de Saint-Exupéry	1	
Bertold Brecht		1
Bocage		1
Boudelaire	1	
Carlos Drummond de Andrade	1	
Chico Buarque	1	
E. Goto	1	
Eleonor Roosevelt		1
Guimarães Rosa		3
Herbert Spencer	1	
Helen Keller	1	
Machado de Assis	1	
Manuel Bandeira	1	
Manuela Bandeira	1	
Maquiavél		1
Padre Antônio Vieira	1	
Paulo Mendes de Campos	1	
Pitágoras		2
Ricardo Reis		1
Rousseau	1	
Rubem Alves		2

Sartre		1
Sêneca	1	
Shakespeare	1	1
Sócrates	1	
Teilhard de Chardin		1
Thomas Morus		1
Victor Hugo	1	
Vinícius de Moraes	1	

3. CHALITA, Gabriel. Histórias de Professores que ninguém contou (mas que todo mundo conhece) . 4ª edição, São Paulo: Editora Gente, 2004	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> Desde sua primeira edição, em 2001, o livro é publicado pela Editora Gente 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> O livro possui referências bibliográficas ao final
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
RESUMO: <p>O livro é composto por narrativas e experiências vividas em sala de aula, por mestres que fizeram a diferença na vida de seus alunos. Em cada relato, há um professor que contribuiu, com orientação e estímulo, para que o aluno descobrisse e realizasse suas potencialidades. Segundo o autor, o livro traz histórias que homenageiam os professores. Algumas reais, que ouviu durante confissões emocionadas. Algumas fictícias, que imaginou a partir de eventos que presenciou ou das quais participou.</p> <p>Algumas indagações são feitas sobre magistério pelo autor, como: Que missão é essa que espalha o conhecimento, propaga o saber e gera ideais? Que missão é essa cujo objetivo é formar pessoas e cultivar sentimentos, esperanças, sonhos expectativas, desejos e quereres de todos os tamanhos, tipos e gêneros? Que missão é essa de ser, ao mesmo tempo, cúmplice e referencial? A resposta para essas questões pulsa com intensidade nos corações de milhões de professores de todo mundo: missionários da educação, construtores de amanhãs, semeadores de um tempo melhor, mais belo, fraterno e igualitário. Em síntese, a missão do amor.</p> <p>O livro é dividido em Apresentação e 14 histórias:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) As duas faces de Ana 2) Reencontro 3) Lição de confiança 4) Historinha bem-humorada 5) A primeira professora 6) Ela, que ensinava à sombra da árvore 7) Terceiro lugar 8) A sabedoria da velha mestra 9) Cumplicidade 10) Reflexões em torno de mim mesmo 	

11) “Ao vencedor, as batatas” 12) Sinfonia da tarde 13) Sempre há esperança 14) Minha profissão de fé <p>Educar é possibilitar ao outro as condições necessárias à transcendência, à superação de suas limitações, à concretização de seus ideais, à realização dos sonhos. Educar é criar, impulsionar e capacitar para a vida. É conceber ao outro a aquisição de saberes essenciais a uma existência digna. É preciso homenagear o professor. É preciso fazê-lo todos os dias. É a profissão, de todas, a mais nobre. O professor alicerça a lama, antecipa a plenitude, prepara para a vida e para os desafios. Jesus de Nazaré conquistou a humanidade como o maior e todos os educadores. E conseguia ensinar contando histórias, pequenas parábolas que surgiam como parábolas que tocavam as pessoas. Era iluminado, e por isso contagiou com sua pedagogia do amor. Seguindo o exemplo de Jesus o livro pretende, a partir de histórias, <i>“manter acesa a chama interior existente em cada professor – profissionais que formam uma constelação de brilho intenso”</i>. (p.16)</p>		
Algumas figuras de linguagem utilizadas no livro	1) Epígrafe - “Algumas pessoas olham pela janela, veem as rosas murchas e ficam tristes. Outras pessoas olham pela janela, veem as rosas murchas e ficam felizes...são capazes de ver a semente. Este livro é dedicado a todos aqueles que têm a capacidade de ver a semente. Este livro é dedicado a professores e professoras.” 2) “Mestres que conduzirão seus alunos ao voo infinito e instigante do aprendizado” (p.120) 3) “...todas praticam a saudável promessa de acreditar na semeadura e na colheita” (p. 11) 4) “É preciso ser especial lapidar diamantes em estado bruto requer alma lapidada” (p.21) 5) “OS educadores sonhadores jamais desistem de suas sementes, mesmo que não germinem no tempo certo” (111) 6) “Como é indescritível o resultado de ver transformar uma planta frágil em uma árvore frondosa” (p.112)	
Alguns slogans utilizados no livro	1) “Educação se faz com amor” (p. 66) 2) “Sem amor ninguém educa ninguém” (p.66) 3) “Educar é preparar para a vida” (p.116)	
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação indireta
Carlos Drummond de Andrade		1

Cecília Meirelles	1	
Chateaubriand		
Dom Bosco		1
Fernando Pessoa	1	
Herbert Spencer		1
Machado de Assis		1
Platão		1
Rousseau		1
Sócrates		1

4. CHALITA, Gabriel. Pedagogia da amizade – Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores . 3ª edição. São Paulo: Editora Gente, 2008	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> • Edição analisada 3ª - 2008 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> • O livro possui referências bibliográficas
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
<p>Resumo:</p> <p>Segundo o autor tornou-se comum assistirmos a cenas de desrespeito e humilhação de pessoas contra pessoas. Não há outra forma de eliminarmos esses males de nossa vida senão desenvolvendo, via processo educacional, o valioso sentimento da amizade. Não é possível viver sem amigos. A amizade faz parte da essência humana. Chalita chama a atenção de pais, professores e educadores para as consequências do bullying, um problema crescente no mundo inteiro, oriundo da falta de amizade entre as pessoas, em especial entre crianças em fase escolar.</p> <p>O livro trás histórias reais de sofrimento e de felicidade, exemplos de fracasso, mas também de sucesso. Histórias de dor e superação usadas para ajudar a compreender a amizade como solução para o bullying.</p> <p>O livro é dividido em Introdução e 12 partes:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Amizade – uma atitude que protege 2) Educação – simplicidade na complexidade 3) Bullying – questões conceituais 4) Bullying – Panorama mundial 5) Bullying – Retrato brasileiro 6) Experiências de fracasso 7) O papel da família 8) O papel da escola 9) O papel da sociedade 10) O papel do governo 11) Um olhar de amizade <p>O objetivo do livro é falar sobre a amizade como um caminho para educar com excelência, tanto em casa quanto na escola. Os pais são os primeiros amigos. São aqueles que se oferecem para dar continuidade à vida. São os que conduzem os primeiros sonhos. Os professores continuam a tarefa de apresentar conhecimento e o mundo aos aprendizes.</p>	

O bullying é a negação da amizade, do cuidado, do respeito. O agente agressor impiedosamente expõe o agredido às piores humilhações. Dos apelidos perversos às atitudes covardes de quem tem mais força física ou mais poder. O agredido dificilmente encontra coragem para se defender. Dos mais leves desrespeitos aos mais graves crimes contra a humanidade, todos nascem da ausência da amizade.

De acordo com o autor, o livro é um convite à reflexão. Não traz fórmulas, e sim olhares colecionados em experiências vividas e ouvidas, encontros com educadores, com pais e filhos que se esforçam por encontrar um caminho. É dedicado a quem acredita n ser humano e se esforça para melhorar o mundo, mesmo que o mundo seja um filho, um aluno ou uma sala de aula. Trata do bullying dando o panorama mundial e relata o caso brasileiro a partir de histórias e experiências de fracasso, tentando assim, situar o papel da família, da escola, do governo e da sociedade nesse processo propondo um olhar de amizade para a resolução desse problema.

<p>Figuras de linguagem usadas nos livros</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) “A criança é como uma esponja, que vai sugando o que percebe, ouve, sente.” (p.23) 2) “Nada disso pode ficar na mesma estante mental de uma fórmula que não mais se irá usar.” (p.27) 3) “...Educador não é somente o professor, mas também o pai e a mãe – mesmo que não seja por mal, semeiam inferioridades.” (p.28) 4) “Não pode a águia voar por seus filhotes. Pode ensiná-los, protegê-los. Alimentá-los. E depois orientá-los para que se alimentem sozinhos. Estará por perto, no início. Depois o mundo será a escola.” (p.38) 5) “Ao educador compete essa viagem tênue pela dor e pelo amor.” (p.45) 6) “...e um pouco do que semeiam os educadores sempre fica, principalmente o que toca a alma.” (p.45) 7) “...tal como um arqueiro, na vida é possível errar de muitas maneiras, mas acertar o centro é para aqueles que foram educados.” (p.49) 8) “Um professor quando entra em uma sala de aula, tem de saber que ali desfilam universos muito diferentes. E tem de saber estimular cada um desses universos.” (p.53) 9) “...a sedimentar valores sempre.” (p.55) 10) “A poesia alimenta a alma.” (p.55) 11) “O professor tem que conseguir tocar no ponto fraco do aluno para incentivá-lo.” (p.55) 12) “O importante não é necessariamente o que ele retém na sala de aula, mas o que ele busca depois. É como cheiro de comida para despertar a fome.” (p.59) 13) “O semeador é o pai, o educador. A semente é tudo aquilo que foi pesquisado para ser discutido em sala de aula, de maneira que o aprendiz aperfeiçoe o pensamento e a razão crítica. É preciso escolher bem a semente mais adequada para aquele solo específico.”
--	--

	<p>(p.74)</p> <p>14) “E o que é o solo, a terra onde cai a semente? É o grupo de aprendizes, o auditório, as pessoas da sala de aula.” (p.74)</p> <p>15) “Não significa que alguns alunos sejam como terra infértil. Significa que o professor deve entender o momento certo de lançar a semente para que dê frutos.” (p.74)</p> <p>16) “Todo professor é ou deve ser, um semeador. Semeia conhecimentos e atitudes. Semeia técnicas e filosofias. Semeia competência e ternura.” (p.74)</p> <p>17) “Sementes lançadas à beira do caminho. Isto é, sementes que não encontraram a alma dos aprendizes.” (p.75)</p> <p>18) “As marcas não são acumuladas apenas pelas cicatrizes do sangue que jorra de uma surra. Há sangramentos internos, que dificilmente estancam.” (p.90)</p> <p>19) “Patinhos feios que não encontram seu grupo de cisnes.” (p.126)</p> <p>20) “Os governantes são atores que operam no governo.” (236)</p> <p>21) “O “carregar” da águia não significa voar pelos filhotes, mas compartilhar esse voo com eles. De que outra maneira os filhotes poderiam conhecer a existência de diferentes espaços? Assim são os pais que governam a casa, servindo os filhos, e servindo os pequeninos, os mais fracos e indefesos, para que aprendam a “voar”. (p.244)</p> <p>22) “Contudo o que importa é lançar a semente.” (p.254)</p> <p>23) “A educação é o termômetro que revela a capacidade do governo de amar e proteger suas crianças jovens.” (p.254)</p> <p>24) “Cada encontro é, em semente, uma nova amizade. E cada nova amizade representa uma nova possibilidade de aprender e ensinar.” (p.258)</p> <p>25) “As possibilidades ajudam o navegante a não desistir no início de uma jornada...” (p.258)</p> <p>26) “Se existe a luz, por que deixar as pessoas vivendo na escuridão.” (p.258)</p> <p>27) “Se o oceano é violento demais, se os instrumentos necessários são desconhecidos, o destino começa sendo a apatia de apenas observar as velas e esperar que haja vento para empurrar a embarcação, ou o desespero de quem observa as velas e não vê um mínimo sopro de vento ou de vida.” (p.259)</p> <p>28) “Que felicidade erradia o professor ao fazer brotar sementes de esperança em seus alunos.” (p.260)</p> <p>29) “Um novo aluno é sempre uma nova terra a ser descoberta.” (p.267)</p> <p>30) “Os pais são os semeadores.” (p.272)</p> <p>31) “Enquanto a nau está no oceano não há por que desistir de ser viajante. Os riscos estão aí, mas são menores do que a coragem e do que a capacidade de conduzir a embarcação.” (p.272)</p>
Slogans utilizados no livro	<p>1) “A educação é arte do coração.” (p.48)</p> <p>2) “Cada aluno é único, portanto diferente.” (p.53)</p> <p>3) “É preciso que se estabeleça uma aprendizagem significativa.” (p.57)</p> <p>4) “Arte de educar.” (p.58)</p> <p>5) “Jesus Cristo foi o maior educador da história.” (p.61)</p> <p>6) “Livrar-se da agressão, e não do agressor, deve ser o propósito de todos nós.” (p.97)</p> <p>7) “O panorama global emerge das ações locais.” (p.118)</p> <p>8) “Quando mudamos o modo de ver e sentir, mudamos a maneira de agir e reagir.” (p.128)</p>

	<p>9) “Quando a diversidade não é acolhida, a desigualdade é legitimada.” (p.128)</p> <p>10) “A humanidade fracassa quando sem distancia da sua essência.” (p.147)</p> <p>11) “Escola é espaço sagrado, e o sagrado não convive com o desumano.” (p.150)</p> <p>12) “Quando um fracassa, é a humanidade que fracassa.” (p.151)</p> <p>13) “Aprender a aprender” (p.162)</p> <p>14) “A família é uma entidade.” (p.164)</p> <p>15) “Os pais são espelhos para os filhos.” (p.173)</p> <p>16) “O bullying é uma violência silenciosa.” (p.174)</p> <p>17) “Na vida tudo é questão de equilíbrio.” (p.178)</p> <p>18) “Amizade é o antídoto da violência.” (p.180)</p> <p>19) “Vão-se os pais, ficam os exemplos.” (p.185)</p> <p>20) “Cidadania inclui participação democrática e sentido de pertencimento.” (p.200)</p> <p>21) “É participando que se aprende a participar.” (p.201)</p> <p>22) “Uma escola de qualidade precisa de professores qualificados.” (p.253)</p> <p>23) “Uma questão essencial para a melhoria da educação é a valorização do educador.” (p.253)</p> <p>24) “O professor é a alma de todo processo educativo.” (p.253)</p> <p>25) “A formação continuada é uma estratégia necessária, imprescindível e fundamental para a construção de docentes críticos e reflexivos.” (p.253)</p> <p>26) “O poder deve ser uma oportunidade de servir.” (p.263)</p> <p>27) “Não é possível ensinar sem aprender.” (p.264)</p> <p>28) “A escola prepara ou devia preparar para o mundo.” (p.265)</p> <p>29) “Os educadores têm o poder de apresentar um novo mundo aos seus alunos.” (p.267)</p> <p>30) “Não se negocia a vocação.” (p.273)</p>	
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras de:	Indireta
Albert Einstein	1	1
Alda Lara	1	1
Almir Sater e Renato Teixeira	1	
Aristóteles	2	5
Assis Almeida	1	
Ataúfo Alves	1	
Belchior	1	
Camões	1	
Carlos Drummond de Andrade	1	1
Carlos Fuentes	1	
Castro Alves	1	
Cecília Meirelles	1	
Charles Chaplin	1	
Chico Buarque	2	
Cícero	1	
Cléo Fante		3
Constituição Federal – Artigo 5º	2	1

Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU		1
Dan Olwes		3
Darcy Ribeiro		2
Del Plácido e Silva		2
Diretrizes Curriculares Nacionais		1
Dom Bosco		1
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente		1
Eduardo Alves da Costa	1	
Epicuro	1	
Esopo	1	
Fernando Pessoa	2	
Foucault		1
Gabriela Mistral	3	
Gandhi		2
Gonzaguinha	1	
Herbert de Sousa (Betinho)		1
Israel Figueira e Carlos Neto		1
Jacob Riis	1	
Jean de La Fontaine	1	
Jesus Cristo		7
José Pedro Machado		1
Judith Junqueira Vilella	1	
Leon Tolstói	1	
Leonardo Boff	1	
Leonardo Cheffer		1
Lewis Carroll		1
Luiz Vieira	1	
Luíza Cortesão	1	1
Machado de Assis	1	2
Maria Aliete Galhoz	1	
Marta Canfield		1
Martin Luther King		3
Maurice Druon	1	
Mechthild Schafer	1	1
Miguel de Cervantes		1
Milton Nascimento	2	
Molière		1
Monteiro Lobato	1	1
Montesquieu		1
Nélida Piñon	1	
Nietzsche	1	
Olavo Bilac	1	
Ovídio	1	

Padre Antônio Vieira		1
Padre Fábio de Melo	1	
Padre Zezinho	1	
Paulo Bomfin	1	
Paulo Freire	1	
Pero Vaz de Caminha (livro de Silvio Castro)	1	
Peter Mortimore	1	
Piaget		1
Platão	1	4
Plutarco		1
Quentiliano		1
Rachel Simmons		1
Raíssa Maritain		1
Roberto Carlos	1	
Roberto da Silva		1
Rosário Ortega Ruiz e Rosário Del Rey	1	
Rubem Alves	1	
Santo Agostinho	1	
São Tomás de Aquino		1
Sara Brightman	1	
Shakespeare	2	
Sócrates		1
Thomas Hobbes		1
Toquinho	1	

5. CHALITA, Gabriel. Educar em Oração . 21ª ed. São Paulo. Editora canção Nova, 2009	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> Desde sua primeira edição o livro é publicado pelo editora Canção Nova 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> O livro não possui referências bibliográficas Vem com dois CDs contendo as orações para serem ouvidos Seu prefácio é escrito pelo Padre Jonas Abib – Fundador da Comunidade Canção Nova
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
RESUMO: <p>Para o autor a verdadeira educação só acontece em clima de amor. E os educadores precisam cada vez mais ser adestrados nesse amor que significa decisão. O educador é e precisa ser cada vez mais um sócio de Deus e devem ser homens e mulheres de oração e não sabendo orar é urgente que aprendam. Quando menos esperamos chega o momento em que é preciso pensar no modo como agimos, relembrar situações, reconsiderar alguns pontos, voltar atrás, buscar reconciliação ou simplesmente constatar que tomamos a atitude correta no momento certo. Refletir, ponderar, pedir ajuda a Deus para ser melhor, tudo isso é orar. No livro estão orações e reflexões para obter conhecimento, paz, para pedir pelos filhos, pelos netos, pelos amigos, ou para agradecer pela formatura, pelo dia que surge, pelas dificuldades que já foram superadas.</p> <p>O livro é dividido em Prefácio, 4 partes e 30 orações:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Oração pela escola. Onde existem orações do professor, da professoras aposentada, Servente, diretor, entre outras. 2) Oração pela família Onde existem orações do pai, da mãe, filho, avó, entre outras. 3) Orações que acalentam Onde existem orações da manhã, da ética, dos amigos, do idoso, da paz, entre outras. 4) Oração especial Onde existe a oração para a Mãe de Deus. 	
Algumas figuras de linguagem utilizadas no	<ol style="list-style-type: none"> 1) “São alunos, são sementes” (p.26) 2) Sou servente, sou educadora” (p.26)

livro	3) “É preciso deixar brotar em mim essa semente do conhecimento” (p. 48) 4) “A semente plantada com carinho, regada com cuidado e atenção, não pode fazer brotar ervas ou pragas” (p.72) 5) “A semente existe e existirá sempre. Ela busca apenas terra fértil para virar planta, virar flor e virar fruto. E alimentar.” (p. 93) 6) “...derrama a tua luz para que possamos ver essa semente” (p. 93)	
Alguns slogans utilizados no livro	1) “Sem amor não há educação” (p. 13) 2) “Missão de partilhar” (p.18) 3) “Ninguém é tabula rasa” (p. 29) 4) “Nossa vocação é a liberdade” (p.31) 5) “O conhecimento é um dom e um ofício” (p. 61)	
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação indireta
Jesus Cristo	Não há citações de autores ou obras no livro. Os grandes referenciais são Jesus e a Bíblia.	
Bíblia Sagrada		

6. CHALITA, Gabriel. A escola dos nossos sonhos . São Paulo: Ciranda Cultural, 2009		
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO		
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> • O livro está em sua primeira edição 		Observações: <ul style="list-style-type: none"> • O livro integra uma coleção de quatro obras acrescidas de CD.
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO		
RESUMO: <p>O livro “<i>Escola dos nossos sonhos</i>” é um convite à reflexão e à ação. Segundo o autor, somos todos privilegiados observadores da história da educação e do desenvolvimento experimentado pelo conceito de escola, relativamente ao seu papel e à sua importância na relação entre o processo de ensino e aprendizagem. Escolas mais tradicionais e fechadas que tentam provar a ferro e fogo o desempenho educacional dos seus alunos, até instituições de ensino mais liberais, em que a construção do conhecimento se dera em consonância com o educando. Escolas discretas, escolas grandiosas. Escolas em que os alunos passam pequena parcela do dia porque a educação se dá no lar, com a família; escolas em que todo o tempo era dedicado à aprendizagem; escolas de formação integral. Escolas com saberes práticos, escolas com saberes teóricos.</p> <p>O livro divide-se em:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Palavras iniciais • Capítulo I – A escola na Antiguidade • Capítulo II – o teocentrismo medieval e o antropocentrismo renascentista • Capítulo III – A educação contemporânea • Capítulo IV – A escola com que sonhamos 		
Algumas figuras de linguagem utilizadas no livro		
Alguns slogans utilizados no livro	1) “Não se pode ensinar a importância da liberdade sem permitir que o aluno seja livre” (p. 96) 2) “Pasteurizar a educação é destruir a liberdade criativa do professor” (p. 96) 3) “O educador tem de dar o exemplo, e o aluno tem de ter limites” (p. 97) 4) “O diretor há de ser um líder” (p. 103)	
São usados como referenciais nos	Tipo de citação	

livros	Citação integral de trechos das obras	Citação indireta
Aristóteles		8
Camões	1	1
Cecília Meirelles	2	
Cícero		1
Clarice Lispector	3	
Comênios		1
Comte		1
Descartes		2
Durkheim		1
Edgard Morin		1
Erasmus de Rotterdan		1
Fernando Pessoa	1	
Francis Bacon		2
Galileu		2
Guimarães Rosa	2	
Habermas		1
Hegel		4
Heráclito		1
João Cabral de Melo Neto	1	
John Locke		2
José de Alencar		1
Kant		1
Lutéro	1	
Manuel Antônio de Almeida	1	
Maquiavél		2
Marx		1
Mia Couto	1	
Michel de Montaigne		1
Nietzsche		4
Parmênides		1
Paulo Freire	1	
Platão		10
Rousseau		3
Santo Agostinho		1
Sartre		1
Sócrates		2
Tales de Mileto		1
Umberto Eco		1

7. CHALITA, Gabriel. Aprendendo com os aprendizes . São Paulo: Ciranda Cultural, 2009	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> O livro está em sua primeira edição 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> O livro integra uma coleção de quatro obras acrescidas de CD.
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
RESUMO: <p>O objetivo do livro é tratar principalmente de um dos desafios postos à eficiência do processo pedagógico:</p> <p>Aprender a ser</p> <p>Aprender a conviver</p> <p>Aprender a conhecer</p> <p>Aprender a fazer</p> <p>Sabe-se que ninguém consegue conviver sem primeiro aprender a ser, ou seja, sem antes assumir a própria individualidade. Cada ser é único, com identidade, condições e aspirações próprias, cuja existência, porém, não se cumpre isolada e privada do concurso da alteridade, do diálogo com os outros. Ser é conviver. É na relação com os outros que nos firmamos e nos realizamos.</p> <p>O livro é dividido em:</p> <ul style="list-style-type: none"> Palavras iniciais Capítulo I- Quem é o aluno? Capítulo II – A heterogeneidade do processo educativo Capítulo III – Professor-aluno: uma relação de vida Capítulo IV – Educar acreditando no outro Capítulo V – Superando vícios e construindo virtudes 	
Algumas figuras de linguagem utilizadas no livro	“ Ser capaz de não desanimar quando o jardim não estiver florido. Ser capaz de enxergar sementes por debaixo da terra. “ (p. 85)
Alguns slogans utilizados no livro	1) “Aprender a ser” (p.15) 2) “Aprender a conviver” (p.15) 3) “Aprender a conhecer” (p.15)

	4) “Aprender a fazer” (p.15) 5) “A sala de aula tem de ser um espaço de construção” (p. 21) 6) “O aluno deve ser instigado, movido a aprender” (37) 7) “Educar é acreditar no outro” (p. 85) 8) “É preciso construir coletivamente a virtude da liberdade” (p. 103)	
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação indireta
Adélia Prado	1	
Aristóteles		1
Bertrand Russel	1	
Carlos Drummond de Andrade		1
Casimiro de Abreu	1	
Clarice Lispector	1	
Cora Coralina	1	
Eugen Bavcar	1	
George Bernard Shaw		1
Gilberto Freire	1	
Graciliano Ramos	1	
Guimarães Rosa	1	1
José Saramago		2
Lygia Fagundes Telles	1	
Manoel Barros	1	
Pablo Neruda	1	
Paulo Freire	1	1
Platão	1	
Sócrates		5
Tagore	1	

8. CHALITA, Gabriel. Famílias que educam . São Paulo: Ciranda Cultural, 2009	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> O livro está em sua primeira edição 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> O livro integra uma coleção de quatro obras acrescidas de CD.
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
<p>RESUMO:</p> <p>Esse livro tem o objetivo de refletir sobre a difícil arte da convivência no seio das famílias. A impossibilidade de uma coexistência harmoniosa, num contexto tão privilegiado como o familiar, em que o respeito, a compreensão e o carinho mútuos deveriam, em princípio, inspirar as pessoas a viver sem receio de errar ou acertar, tem provocado aquilo que se convencionou chamar de conflito de gerações.</p> <p>Pais e filhos parecem seres estranhos. Frases monossilábicas ocupam o lugar dos diálogos. Violência doméstica, drogadição, desencontros cotidianos, ausência de uma educação correta, tudo isso faz com que as novas gerações cresçam sem limites nem afetos.</p> <p>Uma família que conviva em harmonia e ensine o amor: eis o ideal pretendido neste livro. Os problemas cotidianos, evidentemente, não serão resolvidos e forma definitiva; os temperamentos diferentes não se conciliarão de uma só vez; a rotina será sempre um desafio; enfim, os percalços inerentes ao convívio familiar continuarão a existir, mas não terão o poder de destruir a fortaleza de uma família que educa.</p> <p>O livro é dividido em:</p> <ul style="list-style-type: none"> Palavras iniciais Capítulo I – O valor da compreensão e do respeito Capítulo II – Dizer “sim” e dizer “não” Capítulo III – A família na escola Capítulo IV – O amor conduzindo a vida 	
Algumas figuras de linguagem utilizadas no livro	
Alguns slogans utilizados no livro	1) “A família é o alicerce da vida de uma pessoa” (p.26) 2) “Sem solidariedade, não há educação” (p.35) 3) “...o pais, conscientes do seu dever de educadores por excelência, melhoram a escola” (p.65)

	4) “E, aos pais, compete a missão primeira de apresentar o amor e deixar que seus encantos apresentem o resto.” (p.97)	
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação indireta
Adélia Prado	1	
Cecília Meireles	1	
Chico Buarque	1	
Cora Coralina	2	
Eduardo Galeano	1	
Érico Veríssimo	1	
Estatuto da Criança e do adolescente	1	
Flávio de Souza	1	
Gibran Khalil Gibran		1
Guimarães Rosa	1	
John Locke	1	
Paulo Mendes Campos	1	
Ruy Barbosa	1	
Victor Hugo	1	
Walcyr Carrasco	1	

9. CHALITA, Gabriel. Semeadores da esperança: uma reflexão sobre a importância do professor . São Paulo: Ciranda Cultural, 2009	
INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO	
Reedições: <ul style="list-style-type: none"> O livro está em sua primeira edição 	Observações: <ul style="list-style-type: none"> O livro integra uma coleção de quatro obras acrescidas de CD.
INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DO LIVRO	
RESUMO: <p>Semeadores são aqueles que se dedicam a fomentar a vida. Semeiam porque acreditam na dádiva futura de cada semente. Semeiam porque sabem que os frutos de existência dependem da fertilidade dos campos. No cultivo da vida, como no amanhar da terra, é preciso permanente cuidado. Antes, durante e depois. O prêmio é a boa colheita que alimenta.</p> <p>Professores são semeadores. Semeadores da esperança. O livro é uma homenagem a mulheres e homens que fazem da vida uma lição de amor. Isso mesmo. Sem medo das múltiplas possibilidades de interpretação que a palavra amor – a mais bela que existe –, ou o conceito de educar com amor, possa ensejar.</p> <p>O livro é dividido em:</p> <ul style="list-style-type: none"> Palavras iniciais Capítulo I – A construção da Ética Capítulo II – O novo desafio do conhecimento Capítulo III – o poder da ternura Capítulo IV – Ensinar – um ato de generosidade Capítulo V – Os medos contemporâneos do professor Capítulo VI – Os sonhos contemporâneos do professor. 	
Algumas figuras de linguagem utilizadas no livro	<ol style="list-style-type: none"> 1) “Semeadores são aqueles que se dedicam a fomentar a vida. Semeiam porque acreditam na dádiva futura de cada semente. Semeiam porque sabem que os frutos da existência dependem da fertilidade dos campos” (p.11) 2) “No cultivo da vida, como no amanhecer da terra, é preciso permanente cuidado. Antes, durante e depois. O prêmio é a boa colheita que alimenta.” (p.11) 3) “Os professores são semeadores. Semeadores da esperança” (p.11) 4) “Gosto de ser semeador. A semeadura é meu ofício. É o meu prazer. É por isso que se me perguntarem como me vejo daqui a cinquenta anos, eu sem dúvida responderei: dando aulas, ou sem preferirem, semeando esperança.” (p.111)
Alguns slogans utilizados no	<ol style="list-style-type: none"> 1) “Sem liberdade, não há educação” (p.12)

livro	2) “Não se pode ensinar sem motivação” (p.15) 3) “Para sermos bons educadores, é indispensável que, além de conhecimentos, saibamos nos valer de ternura para ensinar” (p.54) 4) “o ato de ensinar exige paciência. O ser humano não é máquina para ser programada em série” (p. 61)	
São usados como referenciais nos livros	Tipo de citação	
	Citação integral de trechos das obras	Citação indireta
Adélia Prado	1	
Cecília Meireles	1	
Chico Buarque	1	
Cora Coralina	2	
Eduardo Galeano	1	
Érico Veríssimo	1	
Estatuto da Criança e do adolescente	1	
Flávio de Souza	1	
Gibran Khalil Gibran		1
Guimarães Rosa	1	
John Locke	1	
Paulo Mendes Campos	1	
Ruy Barbosa	1	
Victor Hugo	1	
Walcyr Carrasco	1	

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Entrevistado(a) _____

RG: _____

Concordo em participar do projeto de pesquisa intitulado *A formação e o trabalho docente: estudo crítico das teorizações acerca das dimensões pessoais no exercício da profissão*, que tem com pesquisadora responsável Juliana de Souza Silva da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, orientada pela a Profa. Dra. Denice Barbara Catani, que podem ser contatadas pelo e-mail juped@usp.br ou pelo telefone (11)6318-8468. O presente trabalho tem por objetivos: **a)** Estudar a produção e circulação das obras de Gabriel Chalita e Augusto Cury; **b)** Estudar a posição dos autores no campo educacional; **c)** Analisar as características internas das obras selecionadas; **d)** Conhecer as modalidades de apropriação das leituras dessas obras pelos professores; **e)** Contribuir para as análises acerca dos conhecimentos produzidos no campo educacional com vistas à formação/aperfeiçoamento dos professores. E minha participação consistirá em fornecer entrevista ou entrevistas para o estudo. Compreendo que este estudo possui finalidade de pesquisa, que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, com a preservação do anonimato dos participantes, assegurando assim, minha privacidade. Sei que posso abandonar a minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

São Paulo, _____ de _____ de 2011.

Assinatura do entrevistado(a) _____

Assinatura da responsável pela pesquisa _____

Juliana de Souza Silva

ANEXO G

Entrevista com Augusto Cury

Realizada no dia 21 de novembro de 2010

Juliana - Eu queria saber, qual o sentido maior o senhor vê na sua obra?

Cury - Durante mais de vinte e cinco anos e tive o privilégio, e falo isso com humildade, de produzir uma nova teoria sobre o funcionamento da mente, a construção de pensamentos e a formação de pensadores. Combinar esse processo, construir pensamento e formar pensadores abriu o leque da minha mente para entender que na atualidade a educação, ela, está com graves problemas na sua estrutura geral, quando eu falo educação é a educação da sociedade moderna, que nos estimula cada vez mais a conhecer o mundo de fora, mas não o mundo de dentro. Que nos ensina a conhecer o átomo que nós nunca veremos e o espaço, que os planetas nós nunca pisaremos, mas não nos ensina a conhecer o planeta psíquico, onde todos os dias nós andamos, respiramos, vivemos. Então, o objetivo da minha teoria, no qual eu aplico uma série de obras na psicologia, na sociologia, na pedagogia, é, dá uma pequena contribuição para formar pensadores, para estimular a arte de pensar, a consciência crítica, _____ de se colocar no lugar dos outros, de trabalhar perdas e frustrações, proteger a emoção e, entre outras funções complexas da inteligência em gerir pensamentos.

Juliana – Sim

Juliana - Como o senhor vê os professores brasileiros hoje em dia?

Cury – Os brasileiros, os professores de um modo geral, na minha opinião, são os profissionais mais importantes da sociedade, em tese, eu os valorizo porque eles tem a responsabilidade de levar os seus alunos a fazer a mais importante viagem que é uma viagem para dentro de si mesmo, tão ou mais importante eles são do que os psiquiatras, porque nós tratamos das pessoas que adoecem, eles estimulam a arte de pensar o autoconhecimento esquemático e também, até a criatividade para que esses alunos tenham ferramenta e consigam superar alguns conflitos e adoçam com menos frequência e intensidade. Eles são tão ou mais importantes também do que os magistrados, embora ganhem muito menos e tem menos visibilidade porque, os magistrados julgam os réus aos professores cumpre a educação para que os

alunos aprendam a respeitar os diferentes, aprenda a se colocar no lugar dos outros, a exporem e não imporem suas ideias e conseqüentemente não cometerem crimes e não ser julgados. Eu tenho essa visão dos professores em todas as esferas do ensino fundamental, médio e universitário, mas os professores brasileiros precisam ser melhor qualificados, melhor treinados, para desenvolverem o educar de maneira mais profunda, eles devem ter melhores salários, na minha opinião deveriam ganhar o dobro do que ganham e trabalhar metade do que trabalham, porque a carga é intensa e os alunos eles estão com baixo apetite intelectual. Os professores são cozinheiros do conhecimento que elaboram pratos, um cardápio para uma plateia sem apetite. Os professores precisam ser mais qualificados nas suas áreas de atuação e valorizados enquanto atores sociais, eles precisam desenvolver melhor qualidade de vida, precisam ter mais autonomia. As escolas precisam ter mais autonomia orçamentária, autonomia pedagógica, eles deveriam, os diretores deveriam ter liberdade de contratar e também de demitir professores, a gestão no processo educacional deveria ser rica e profunda e deveria haver uma respeitabilidade da instituição educacional. Mas, hoje as políticas são de cima para baixo, não existe autonomia, não se investe em qualidade de vida e nem se investe no equipamento intelectual para que esses professores possam brilhar no microcosmos da sala de aula.

Juliana – Quando o senhor começou a escrever tinha algum autor principal que o inspirava? Ou autores?

Cury – o autor que mais me inspirou foi o Will Durant, o historiador, autor da *“História da Filosofia”*...

Juliana – Ah, o senhor cita bastante em seus livros...

Cury – A filosofia mexe com as raízes de tudo o que eu produzo. Eu acho que a filosofia tem sido colocada em segundo plano nessa sociedade consumista, apressada, onde a indústria da pressa, a indústria da ansiedade tem levado a busca de respostas rápidas e superficiais. A filosofia, ela é a mãe de todas as outras, de todas as outras áreas do conhecimento e ela sobrevive da arte da dúvida. Princípio da filosofia é a arte da dúvida. E hoje existe um *fast-food* intelectual, respostas rápidas e prontas, não existe um processo onde a arte da dúvida esteja no processo do conhecimento. Will Durant e a filosofia de um modo geral, Agostinho, Kant,

Hegel, Sartre e os antigos, os filósofos da Grécia Antiga, desde Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, todos eles me inspiraram...

Juliana – E o inspiram até hoje?

Cury – E me inspiram até hoje...

Eu procuro ser um construtor de ideias eu não sei se consigo, mas eu tento elaborar ideias para que as pessoas deixem de ser repetidores ou repetidoras, leitores ou leitoras, para se tornar construtoras também...

Juliana – Nas suas obras o senhor usa muito passagens da vida de Jesus Cristo, eu gostaria de saber o que o impulsiona a fazer isso?

Cury – Eu fui um dos piores ateus que já pisou nessa terra, talvez mais ateu do que Nietzsche que escreveu sobre a morte de Deus, do que Marx que queria riscar a espiritualidade do teatro social e da mente humana. Quando eu fui pesquisa a personalidade de Jesus sob o ângulo da psicologia, da sociologia, da pedagogia e também da filosofia, por que como a minha teoria estuda a construção de pensamentos e formação de pensadores eu queria saber se esse personagem, do ponto de vista das ciências humanas brilhou, se ele era, se ele foi real ou imaginário, eu fiquei perplexo e eu percebi que ele não cabe no imaginário humano. As suas palavras rompem alguns paradigmas da ciência, por exemplo, no ato da traição, era de se esperar que esse homem Jesus fosse preso pelas janelas traumáticas como todo traidor diante da pessoa, reagisse como toda pessoa traída diante de seu traidor, golpeado pela raiva, pelo ódio, indignação, pela exclusão, mas para o espanto das ciências ele olhou para seu traidor e teve a coragem de abrir o leque da sua mente e dizer: *“Amigo, para que viste?”*, ele fez uma pergunta e não deu uma resposta e usou a palavra amigo usando uma afetividade incompreensível e, comparando com Freud quando ele foi questionado por alguns amigos a respeito da teoria da sexualidade como Jung e Adler, Freud os banuiu da família psicanalítica, como grandes pensadores baniram os seus pares quando foram confrontados também, ao passo que esse homem, Jesus, ele abraçou quem o pisoteou, ele apostou tudo o que tinha naqueles que pouco tinham ele deu aos seus alunos uma oportunidade fascinante para eles reescreverem a sua história nos momentos em que mais claudicaram, mais falharam. E ao estudar este homem sob o ângulo das ciências humanas e fiquei completamente assombrado e percebi que as religiões

cometeram a falha muito grande por tê-lo estudado sob a perspectiva religiosa. Eu abordo sobre Jesus, eu abordo como o maior educador da história, na minha opinião, eu abordo sobre aquele que foi capaz de escrever os capítulos mais importantes da sua vida nos momentos mais difíceis da sua história. Ele que desenvolveu a inclusão social em prosa e verso, um judeu, que investiu sua inteligência e sua afetividade em prostitutas e trouxe para o portfólio das pessoas íntimas. Usou também sua inteligência e sua solidariedade para com os leprosos. Antes de ser crucificado ele estava reclinado à mesa o que é uma posição altamente confortável e transformou alguém que era excluído socialmente num dos seus íntimos amigos. Por isso essa frase mexe com as raízes do meu ser, *“Nunca alguém tão grande se fez tão pequeno para tornar os pequenos grandes”*. Quando eu abordo Jesus eu faço uma crítica à história e, em especial, as religiões que não estudaram sob o ângulo da sociologia e eu procuro não tocar no assunto religião e abordá-lo sob essa perspectiva.

Juliana – O que o senhor, qual a intenção o que o senhor gostaria de transmitir aos leitores quando o senhor escreve?

Cury – Bom, os meus livros não são de autoajuda, os meus livros são de divulgação científica. Alguns jornalistas, por não desenvolverem uma leitura num nível mais profundo acabam pelo título classificando o conteúdo tal como se classificava negros pela cor da pele, sem, sem....reitero, meus livros não são de autoajuda são de divulgação da teoria da inteligência multifocal e a minha intenção é provocar os leitores é estimulá-los a eles mesmos construir as ferramentas para que eles se tornem autores ou autoras da sua própria história, é estimular as funções mais complexas da inteligência, pensar agir controlar emoção gerenciar pensamento, se colocar no lugar dos outros.

Julina – O senhor narra alguns acontecimentos em alguns dos seus livros, sobre educação. Têm histórias. O senhor viveu essas histórias, essas histórias são na maioria fictícias ou histórias que aconteceram com pessoas conhecidas ou de tudo um pouco?

Cury – As histórias que eu abordo algumas eu as vivi pessoalmente, outras os meus pacientes viveram e relataram em sessões de psicoterapia, por exemplo, uma garota

que com 12 anos de idade fez uma prova e teve baixo rendimento e ela pouco tempo antes um ou dois dias da prova havia tido um atrito com a professora. Quando ela teve baixo rendimento, a professora olhou para ela e disse, “*gordinha desinteligente!*”, e como eu estudo o processo de registro na memória sei que, o fenômeno RAM que é um dos fenômenos aqui do córtex cerebral, registra todas as experiências, todos os pensamentos, todas as dificuldades, todas as crises, mas registra em especial, de maneira privilegiada as experiência de alto volume emocional, de alto volume de tensão, enfim, essa garota registrou de maneira privilegiada e gerou uma zona traumática que eu chamo de *Janela Killer* que, controla a liberdade, a espontaneidade, a criatividade, enfim, a partir daí ela gravitou em torno dessa janela no córtex cerebral e toda vez que ia fazer uma prova ela tinha, na sua mente, que ela não tinha capacidade intelectual para fazer. Desenvolveu ao longo dos anos um quadro depressivo, tentou suicídio e quase ela falece. Esse é um exemplo, outro exemplo é um aluno da USP, eu não vou citar o curso e não vou citar a faculdade, um aluno da USP, no primeiro ano da faculdade de medicina ele foi fazer uma prova e teve baixo rendimento, porque no exato momento em que você está desenvolvendo uma atividade intelectual abrem-se uma série de janelas, não apenas as janelas que contém as informações que nós assimilamos, registramos e agora vamos utilizar para desenvolver a pauta das respostas. Abre também janelas que tem medo, ansiedade, expectativas frustradas, o que os outros pensam e falam de nós, autopunição se houver e assim por diante. O aluno teve um baixo rendimento e ele achou estranho porque sabia toda a matéria ou sabia grande parte dela. Depois foi fazer uma outra prova, novamente essas janelas traumáticas foram abertas e ele tinha estudado muito, teve baixo rendimento e os professores começaram a ficar desconfiados dele que era um aluno irresponsável, que não tinha metas, que não se preocupava com o futuro, que não valorizava o seu curso porque sucessivamente ele repetiu o péssimo desempenho em todas as provas que ele fazia e os seus colegas estavam impressionados que eles eram ensinados por ele. Isso aconteceu no primeiro ano, ele reprovou o segundo ano essa mesma trajetória se instalou, no terceiro quarto, quarto ano que estava e não saía do primeiro ano, então ficou múltiplos anos até que foi jubilado e desenvolveu um quadro depressivo. Achava-se uma pessoa sem habilidade intelectual, com graves deficiências para dar respostas inteligentes e completamente

inútil. Se autopunha frequentemente, desenvolveu também o quadro de autorrejeição e depressão. Chegou diante de mim, nem olhava nos meus olhos e eu estimei a ele desenvolver a arte da dúvida, que é o princípio da sabedoria na filosofia, a questionar os paradigmas, as verdades que se tornam _____, que era incapaz, que não tinha também de memorização nem de rendimento intelectual. E ele foi questionando e foi resgatando as causas do passado, conseqüentemente, ele foi reeditando aquilo do inconsciente, porque de acordo com a teoria da inteligência multifocal nós não apagamos a memória, os traumas os conflitos, crises psíquicas, é necessário reeditar o fio do inconsciente, reescrever a nossa história, o “eu” trabalhar como autor e protagonista da nossa trajetória existencial, e ele fez isso e aos poucos acabou reescrevendo sua história, desenvolvendo consciência crítica, autoconfiança, superando seu sentimento de culpa e autopunição. O fato é que ele entrou em outra faculdade que não tinha nada a ver com as ciências médicas e brilhou profundamente e começou a escrever poesias e se tornou um grande jornalista, enfim, as histórias que eu conto sempre objetivam estimular professores, alunos e pessoas da sociedade em geral dizendo que cinco minutos pode mudar uma história, pode nos controlar e encarcerar no único lugar que nós deveríamos ser livres, dentro de nós mesmos, produzindo cárcere da emoção, todas essas histórias tem um, às vezes são contadas de maneira poética, são romanceadas, mas respeitar a psique dos outros não passa apenas por respeitar a constituição, que estabelece os direitos e deveres, mas também, tomar muito cuidado com o que falamos porque senão nós podemos causar desastres no cosmos da sala de aula, no cosmos da sala de casa ou no cosmos das empresas.

Juliana – Em que categoria seus livros se inserem?

Cury – Como eu disse, meus livros se inserem na categoria de divulgação científica, divulgação...psicologia aplicada, sociologia aplicada, filosofia aplicada e também pedagogia aplicada. Ela não é uma teoria que não se fundamenta só na psicologia, tem várias vertentes e até mesmo estuda a natureza, os limites e alcances do conhecimento, portanto entra na área da epistemologia, e....alguns títulos, por exemplo, “*Doze semanas para mudar uma vida*” parece um título de autoajuda. No fundo é um livro que aborda um programa de qualidade de vida para que as pessoas tenham ferramenta para aplicar nessa sociedade que é uma fábrica de pessoas

ansiosas, estressadas, consumistas, e este programa de doze semanas ele deveria ser vivenciado uma lei de qualidade de vida por semana e ao longo de toda história. O resultado tem sido fantástico, aqui no Brasil em outros países, as pessoas enviam mensagem dizendo que estão aprendendo a proteger a emoção e quase ninguém fala sobre isso. Nós fazemos seguro de vida, seguro de carro, seguro empresarial, mas não sabemos segurar o mais delicado de todos os territórios, o território da emoção. Então, até quando eu tenho títulos de livros que tenham uma abordagem mais palpável, mais facilmente perceptível eles têm o conteúdo onde aplicam sociologia, psicologia e outras áreas do conhecimento.

ANEXO H

Professora A

Juliana – Eu trabalho com as leituras que os professores fazem e, eu estudo especificamente, os livros de dois autores: Augusto Cury e do Gabriel Chalita.

Juliana – Então eu vou começar perguntando sua idade, sua escolarização, sua experiência profissional, pra que série você trabalha

Professora A – Eu tenho 40 anos, minha experiência profissional em magistério é muito recente eu antes trabalhava em uma produtora teatral, e assim, minha história de vida, só pra você entender um pouco, eu não trabalhei todo tempo, eu não trabalhei a minha vida inteira, aos 18 anos eu engravidei e fui ser mãe, então, fui mãe exclusivamente, dona de casa até os 32 anos de idade. Com a separação que eu entrei no mercado de trabalho. Aí entrei e como eu fui trabalhar nessa produtora teatral como vendedora e trabalhei até 2008. Em 2008 eu fui chamada para os concursos tanto na prefeitura de São Bernardo quanto na prefeitura de Santo André e a partir disso que eu comecei a trabalhar com magistério. Dizer que foi um sonho, que era um sonho meu de infância ser professora, não, não era! Era um sonho do meu pai, então parece que eu to realizando uma vontade dele. Trabalho de primeira a quarta série ou de primeiro a quinto ano, e a minha formação é, eu fiz o ensino médio normal, não o magistério, fiz o ensino médio e Pedagogia e Pedagogia eu fiz em 2005, então minha formação em Pedagogia é recente também.

Juliana – E você leciona atualmente pra que série?

Professora A – Como eu trabalho em dois períodos na parte da manhã pra quarta série que é o quinto ano e pra segundo ano à tarde

Juliana – Entendi. Então, o que te levou a ser professora foi além da influência do seu pai a necessidade mesmo de trabalho?

Professora A – Sim, sim, uma necessidade de ganha-pão, de sustento, porque a empresa em que eu trabalhava o ganho era muito sazonal, eu tinha, no começo do ano eu recebia um salário mínimo e eu sou mãe de dois filhos, dois adolescentes, a minha filha agora já é adulta. Dois adultos né?! A minha filha tem 22 e meu filho tem 18, então eu tinha que provê-los, né?!

Juliana – Você pode falar um pouco sobre sua iniciação à leitura? Se ela se deu na sua casa, antes de entrar na escola, se você começou a ler mais na escola, se era uma coisa mais por lazer, se você gosta de ler, se você não gosta, onde você costuma ler...

Professora A – Eu não tenho pais leitores. Nunca vi a minha mãe ler um livro nem meu pai. Eles liam assim, revista que falavam mal da vida dos outros. Minha grande

incentivadora à leitura foi a minha tia que ela fazia parte daquele “Clube do Livro”, sabe? E ela sempre me fornecia, alimentava a minha vontade de ler. Eu comecei a ler assim...aliás, minhas tias, né?! Porque eu me lembro do meu primeiro livro, eu tenho guardado até hoje que uma tia minha, que é professora em Goiânia, quando eu morei lá, ela me deu meu primeiro livro e a partir dali eu comecei a ler. Eu adoro ler! Leio todo tempo, onde eu estou eu estou lendo, qualquer livro.

Juliana – Onde você costuma ler, por exemplo, no ônibus, aos finais de semana?

Professora A – Em todo lugar, todo lugar! Todo tempo. Se eu to parada na sala de espera do médico eu to com um livro, se eu to no banheiro, eu to no livro. O tempo todo, eu leio o tempo todo. Seu eu to sem nada pra fazer eu vou ler todos esses (Aponta para a estante de livros da sala onde estamos) títulos. E provavelmente eu vou dizer: Posso ver?

Juliana – O que mais te chama a atenção em um livro e o que a leva a ter vontade de ler?

Professora A – Depende muito do momento, né? Eu gosto muito de livros que me tragam algum significado para o momento que eu to vivendo, então esses livros me chamam muito a atenção. Então eu leio desde os livros de autoajuda como texto, texto de lei, por exemplo, não consigo ler! É mais fácil eu falar do que eu não gosto de ler do que do que me chama a atenção, depende, por exemplo, desde uma história sobre uma mulher que vive lá em, uma mulher islâmica até as Putas tristes lá, entendeu, então é bem variado!

Juliana – Existem autores que você gosta mais, que chamem mais a sua atenção?

Professora A – Tem! Eu gosto muito do Augusto Cury ele é um autor que eu gosto bastante, gosto daquela, mas agora eu não to lembrando o nome dela é Elizabeth não sei o que, aquela que fez “*Rezar e amar...*”, sei lá!

Juliana – “*Comer, rezar e amar*”.

Professora A – Depende do livro, depende dos autores. Tem livros que, por exemplo, Fernanda Young é uma pessoa que eu também adoro ler, adoro ler Jorge Amado, adoro ler Clarice Lispector. Depende, depende...

Juliana – O que chama mais a sua atenção nessas obras que você mencionou? A do Augusto Cury ou “*Comer, rezar e amar*”?

Professora A – É que elas se aproximam muito da minha vida. Por exemplo, esse livro “*Comer, rezar e amar*” o que ela retratou eu também vivi. Então ver que a outra pessoa sofreu ou viveu a mesma coisa é interessante. O Augusto Cury, por exemplo, aquele livro “*Pais brilhantes, professores fascinantes*” eu chorei de cabo a rabo, porque eram coisas que eu acreditava, entendeu? Coisas que fazem sentido. Clarice Lispector era outra também que pra mim fez, a loucura que às vezes aparece no texto dela, a confusão

mental é a minha, entendeu? É uma coisa muito próxima e às vezes muito distante, é difícil explicar...

Juliana – Essas questões que a atraem na leitura de um livro de autoajuda, por exemplo?

Professora A – Sim!

Juliana – O que mais a atrai é essa proximidade?

Professora A – Essa verdade. Me cheira a verdade, me dá a sensação de verdade

Juliana – Que tipo de questões os livros de autoajuda auxiliam você a pensar e o que você acha que eles têm ou acrescentam a sua experiência de vida ou ao seu conhecimento?

Professora A – Eu acho Ju, que é assim, os livros de autoajuda me ajudam a refletir sobre a minha prática e eu falo isso não em termos de educação de trabalho profissional, mas em termos de refletir o que eu estou fazendo da minha vida. Tem aquele “*Dez lições para ser feliz*” acho que é do Augusto Cury também que começa assim sabe, por que eu faço isso? O que me ajudam? Me ajudam a pensar a refletir sobre uma prática que eu tenho. Acho que isso que sempre me chama a atenção, reviver um momento e refletir sobre aquele momento.

Juliana – E em que você acha que os livros de autoajuda podem ajudar no seu trabalho. Efetivamente em sala de aula?

Professora A – Mexer também com essa coisa de, porque você também tem algumas verdades, eu gosto de coisas que me desestruturam e quando alguma coisa abala um valor que eu já tenho me faz pensar e, me faz parar e dizer: Peraí, vamos pensar de outro lado? Isso, isso me chama a atenção, de sair do local cômodo e passar pra um lugar onde eu não tinha estado antes. A gente costuma a acreditar muito nas nossas verdades então tudo o que chacoalha assim: Peraí, eu nunca pensei por esse lado, vamos pensar por outro lado? Então isso me chama a atenção...

Juliana – Existe alguma questão em sua vida pessoal ou profissional que a leitura de alguma obra de autoajuda a ajudou a refletir e a resolver? Alguma questão concreta da qual você se lembre?

Professora A - Esse livro, por exemplo, da Elizabeth, “*Comer, rezar e amar*” quando ela fala sobre a separação dela e de como ela se sentiu culpada isso me ajudou também porque eu também me sentia como ela. E essa coisa de às vezes, peraí, não é culpa, que a culpa não resolve muita coisa me fez refletir, me fez mudar, me fez sair daquela posição de “ai eu sou a réu da história” e não passar para o lado da vítima, mas pelo menos sair daquele patamar, sabe? Não existe culpado, é um acontecimento. O do Augusto Cury também, esse “*Dez....para ser feliz*”, eu acho que eu tava exigindo muito de mim, quando eu li falei, peraí, eu to exigindo pouco, eu to promovendo algo pra

minha vida que talvez não seja o mais interessante pra mim e criar em mim o tal do laço egoísta também, porque eu sou assim também “eu vou lá, vou doar...” e lá ele vai falar alguma coisa assim do tipo: talvez você tenha que aprender a dizer não.

Juliana – Como você vê os professores brasileiros na atualidade e como acha que os livros de autoajuda podem auxiliá-los?

Professora A – Os cara são infeliz hein?! &*@#&%\$ (risos) pelo amor de Deus! Tem umas mulher mal amada viu! (risos). Olha, o duro sabe o que é o problema? É que a maior parte das pessoas com quem eu convivo acha que é o dono da verdade e eu não sei se vai conseguir aproveitar o livro, você entende? Essa coisa de se para e pensar, é por que é assim quando o professor olha pra você e conversa com você ele fala uma língua que ele não aplica. Ele age, o discurso dele é diferente da ação. Então no papel ele faz muito bonito, mas eu não sei se na vida prática é real e eu acho que eles, é uma coisa até assim de resistência. Então talvez o livro de autoajuda, talvez tivesse que passar por isso, sabe?! De quebrar as resistências e tentar fazer as pessoas enxergarem o que fazem. Refletir, eu acho que esse é o X da questão. As pessoas, as pessoas não param. Outro dia eu tava conversando com um professor também, ele é do Estado, um professor de Filosofia. Aí a gente tava conversando e eu falei assim: as pessoas não param para perguntar “Por quê” e ele me disse uma coisa muito interessante, ele falou assim: é pior elas não perguntam nem “Por quê” e nem o “Pra que”. Então tem muitas vezes que eu fico assim, depois que ele me falou isso, putz, eu não pergunto pra que, eu pergunto por quê, mas eu não pergunto pra que. E há muitas coisas que a gente faz em todos os segmentos da nossa vida que a gente não sabe pra que. Então, sabe, eu acho que o livro de autoajuda talvez fosse nesse sentido, talvez de descobrir o pra que das coisas, não só o porquê. Explicar talvez fosse interessante, mas perguntar o pra que é essencial. Por que é que eu to fazendo tudo isso? Tem horas em que eu me pergunto, eu tenho uma classe muito difícil de quarta série, eles são, é um bairro muito periférico, eles vivem uma realidade de vida completamente diferente e acho que com 40 anos nunca vivi o que ele viveram e também nem quero, mas às vezes eu fico me perguntando: Pra que eu to ensinando isso para o garoto? O garoto não vai usar! Então tudo eu tento fazer, estabelecer essa relação de pra que. E eu acho que as pessoas tinham que se perguntar o pra que. Ah, pra que eu vou encher a lousa de purpurina, pra ficar bonito? Mas, pra que? Sabe?

Juliana – E você acha que a leitura desses livros ajudaria na reflexão dessas questões?

Professora A - Aham...

Juliana – Qual a importância maior você vê nessas obras?

Professora A – É sempre a reflexão. Eu acho que quando você lê um livro de autoajuda você sempre tem que parar e refletir. A reflexão pra mim é ponto, por que...a reflexão à toa não né?! A reflexão que gera uma ação, sempre, né? Eu acho que o livro de autoajuda tem que ter esse foco, a reflexão e uma mudança de comportamento. Não é

na primeira obra que ele vai mudar, porque as pessoas não mudam assim, nem a primeira leitura, mas se ele pudesse proporcionar esses momentos de, da pessoa parar e refletir teríamos um mundo melhor, né?

Professora B

Juliana – Eu gostaria de saber seu nome, idade, escolarização, experiência profissional e pra que série você trabalha.

Professora B – Bom, meu nome é ____ eu tenho 44 anos minha formação é Pedagogia e agora eu estou fazendo especialização no ensino fundamental e eu atuo na educação desde 86, já trabalhei com bebê, com alfabetização de adultos, com adolescentes, de 1ª a 4ª, com curso do magistério, já fui professora do magistério. Atualmente eu estou trabalhando com jovens, adolescentes de vulnerabilidade social, tem o pessoal com liberdade assistida e dificuldades assim e à tarde com berçário que são crianças de 3 a 1 ano e 7 meses.

Juliana – Você pode falar um pouco da sua trajetória? Como e por que você escolheu ser professora?

Professora B – Foi uma oportunidade que me apareceu do meu primeiro emprego. Minha irmã trabalhava numa creche assistencial e aí apareceu uma vaga e eu ia começar a procurar emprego eu tinha 16 anos, eu ia fazer 16 anos na época e aí, eu nunca pensei em seguir a carreira do magistério. Na família minha avó, minha tia, minha irmã são professoras, mas eu não tinha interesse eu queria até ter feito medicina, mas eu não achava fácil meu pai manter uma só fazendo medicina tendo cinco filhos, né? Daí eu comecei a trabalhar e comecei a me descobrir na área e vi que era o que eu gostava aí eu fui depois de dois anos fazer o magistério, depois fui fazer Pedagogia e não saí mais da área.

Juliana – Você pode falar um pouco sobre a sua iniciação à leitura? Se foi em casa, se foi na escola, se você gosta ou não gosta, onde você costuma ler?

Professora B – Óh, eu adoro ler! A gente sempre teve livros em casa, né? Minha mãe, minha avó era professora, minha mãe sempre foi de ler bastante. E, quando eu percebi que eu tava...quando eu fui pra primeira série quando eu vi me colocar numa sala de repetentes quando separaram os cadernos mais bonitos dos mais feios depois de uma semana quando eu fui pra sala de repetência eu percebi que eu já sabia até ler, tudo, quer saber que foi uma coisa estimulada em casa. Eu leio em tudo o que é lugar, quando eu tô. Se eu resolvo trabalhar de ônibus eu leio no ônibus, senão é na sala, no quarto o tempinho que dá eu to sempre lendo...

Juliana – O que você gosta de ler e o que você costuma ler?

Professora B – Bom, atualmente eu tenho lido muitos livros voltado à nossa formação aqui, principalmente para o TCC e a formação dos professores. Mas, eu geralmente leio ligado à área da educação ou senão livros espíritas, minha família é da filosofia espírita, então a gente lê muito romance espírita também.

Juliana – Onde você costuma ler? Aos finais de semana, durante a semana toda, é leitura de lazer?

Professora B – Tem, eu, a leitura de lazer, porque geralmente eu to lendo duas coisas a mesmo tempo. Então têm uns livros que eu separo para o TCC que é aquela coisa mais, é, que tem que ser mais rigorosa na seleção para poder fazer anotação. Têm uns livros que eu acho que tem uns temas interessantes e ligados à educação que eu leio nos intervalos entre uma leitura e outra e tem aquela de água com açúcar mesmo pra dar uma desestressada, tipo do Harry Potter, que eu peguei a coleção pra minha filha e eu acabei lendo em um mês os seis livros. Então eu leio durante a semana e também de final de semana, praticamente todos os dias.

Juliana – O que mais te chama a atenção em um livro e o que é o que te leva a ter vontade de ler?

Professora 2 – Primeiro o título, né? Se alguém já fez algum comentário ou alguma coisa sobre o livro eu vou procurar ver o que é e também procuro ver o título e leio mais ou menos a sinopse para saber se me interessa ou não.

Juliana – E geralmente esses livros que mais te interessam são voltados a que? São livros de ficção, biografias, livros para refletir?

Professora B- Eu acho que são mais ligados na área da educação mesmo, né? E também tem os de ficção que são histórias como as do Dan Brown que são livros que tem uma, um mistério por trás que prendem a atenção.

Juliana – Quais os tipos de livro e de quais autores? Tem algum autor em específico que você goste de ler. Que você olhe para o livro e diga: “vou ler esse livro por causa do autor”?

Professora B- Sim, Içami Tiba é um que eu leio pelo autor independente do livro e do título, tenho pego muito do António Nóvoa que está me interessando, atualmente eu to lendo o do Daniel Pennac, do Dan Brown eu também gosto aquela da autora do Harry Potter que eu li todos...é difícil....um autor que eu sou fiel mesmo é o Içami Tiba.

Juliana – O que a leva a ler essas obras, essas que você mencionou agora? O que a atrai nelas?

Professora 2- Eu acho assim, do Içami Tiba vem mais a questão da reflexão do dia a dia, né? De, contar alguma coisas que a gente naturalmente esquece de fazer ou que faz. Outras mais por diversão pra desestressar um pouco né? Para aquela coisa de muito conteúdo e outras é pela formação mesmo.

Juliana – Você gosta de ler livros de autoajuda?

Professora B – Eu já li alguns. Atualmente não tenho lido não tenho tido tempo!

Juliana – E, por que você gosta dessas obras?

Professora B – É por que, quando eu li era por causa da questão de você refletir um pouco, né? Mudança de pensamento de comportamento pra ver se facilita ou não, pra ver se a coisa dá certo mesmo!

Juliana – Que tipos de questões você acha que os livros de autoajuda podem te ajudar a pensar e o que você acha que eles têm ou acrescentam à sua experiência de vida ou conhecimento?

Professora B – Eu acho que eles analisam situações que a maioria das pessoas passam. Eles abordam pontos que são comuns a várias pessoas em situações de conflitos, de repensar posicionamentos essas coisas, né? Então acho que são questões que, principalmente assim, como você poderia pensar com o olhar do outro, né?! Na visão do outro porque a gente fica fechado só na nossa visão.

Juliana – E aí você acha que essa leitura acrescenta alguma coisa à sua vida profissional, por exemplo?

Professora B – Acrescenta mais na pessoal que acaba refletindo na profissional, né?

Juliana – No que você acha que os livros de autoajuda ajudam no seu trabalho, efetivamente no seu trabalho, tem alguma questão?

Professora B – Acho que a questão de você se colocar no lugar do outro, né? Os livros que autoajuda falam muito da questão das palavras, a forma como são colocadas, então como você coloca e como as pessoas recebem aquilo que você colocou, né? Então é difícil tentar inverter a posição.

Juliana – Como você vê os professores brasileiros na atualidade e como você acha que os livros de autoajuda podem auxiliá-los?

Professora B - Acho que atualmente os professores estão desesperados, né? Porque a gente tá vendo muitas questões acontecendo, tudo acaba sendo responsabilidade da escola e a escola responsabiliza aos professores, porque tudo acaba sendo para o professor. Se a secretaria não entregou o bilhete no prazo foi o professor que não colocou, foi o professor que não deu conta, então todo mundo pode falhar menos o professor e de uma ou outra forma tudo acaba refletindo no professor. Livros de autoajuda? Não sei se efetivamente iam tirar essa responsabilidade total né? No professor, porque é uma questão assim que envolve...os livros não vão ajudar a voltar a valorização do professor, os livros não vão trazer o respeito de volta, né? Eu acho assim que o livro de autoajuda ajuda para acalmar o professor como indivíduo, mas não como uma categoria, uma classe.

Juliana – Você vê uma importância maior nessas obras?

Professora B – Eu acho que é aquele, é um paliativo, um calmantezinho que você vai ler e que vai te colocar: “ó você é a pessoa, ein! Você é a pessoa, você pode, você é capaz, você brilha!” Mas, é só assoprar a ferida e não cura!

Juliana – Você disse que já leu uma obra. De quem?

Professora B - Li, do Augusto Cury, *“Pais brilhantes, professores fascinantes”*.

Juliana – E o que você achou dessa obra?

Professora B – Quando eu peguei pra ler eu peguei porque eu sou mãe de três filhos e eu peguei porque eu tenho um filho que vai fazer 20 anos e na época ele tava na fase da adolescência, então eu fui muito mais pontuada pelo lado de mãe, pai do que pelo de professora, assim que nem cheguei a ser professora dele, né? Mas, foi legal Ler, assim, aquela coisa de ser calmo, dá uma aliviada, mas efetivamente não é a solução.

Professora C

Juliana - Eu vou começar perguntando seu nome, idade, escolarização, experiência profissional e pra qual série você trabalha atualmente?

Professora C – Então _____, idade 46 anos, trabalho com 4ª série, formação, formação, eu fiz a minha, acho que a minha primeira faculdade foi Ciências, licenciatura curta, depois eu fiz Pedagogia, depois eu fiz complementação pedagógica, aí já fiz um...ah, aí fiz magistério superior, antes de fazer Pedagogia, acho que isso. Não, fiz Magistério Superior e já fiz complementação pedagógica e agora eu tô fazendo uma pós.

Juliana – E atualmente você trabalha pra qual série?

Professora C – Então quarta série atualmente. Duas quartas séries. Eu trabalho os dois períodos. Trabalho no Estado com uma quarta série e conveniada na prefeitura. Eu tenho dois cargos no Estado, dois cargos efetivos e um deles eu tô conveniada na prefeitura de Santo André.

Juliana – Você pode falar um pouco da sua trajetória? Como você resolveu ser professora? Foi uma escolha?

Professora C – Não, não foi! Jamais eu faria isso! Jamais! Tanto que jamais que desde quando a minha filha nasceu eu sempre falava pra ela “vc nunca vai ser professora! Nunca!”. Então eu acho que eu construí tanto esse conceito que ela não tem didática nenhuma para ensinar, paciência nenhuma. E, ela fez Química né, aqui na USP e ela num, e uma das coisas que ela se livrou é de fazer uma que desse pra lecionar.

Juliana – licenciatura...

Professora C – É, licenciatura, ela não foi pra licenciatura então eu fiquei muito feliz, foi um alívio pra mim. Porque eu falei, não, eu tenho certeza que ela não vai ser professora. Então, eu nunca pensei, na verdade eu nunca pensei no que eu queria fazer. Aliás, é bem difícil pensar no que eu quero fazer. Mas, aí logo de cara saindo, tipo, indo pro colegial, pensando em ir pro colegial, aí minha mãe falou: “Ah, faz magistério é tão boa a formação, se não usar como profissão pelo menos como mulher, ela vai te dar uma base pra educar seus filhos e tal.”. Aí, então tá, eu fui fazer, eu sempre fui muito obediente, né? Eu sempre fui bem boazinha eu obedecia e fazia tudo, né? Tudo direitinho, eu era toda certinha e como eu não tinha outra coisa em mente eu fui fazer magistério.

Juliana – E aí foi seguindo, fazendo uma coisa atrás da outra?

Professora C – É praticamente foi assim! E depois do magistério era uma fase que era fácil conseguir aula e aí no final do magistério eu já consegui aula, então quer dizer, foi

automático. Daí eu teria que ter feito uma Pedagogia, mas sempre falava que nunca faria Pedagogia, eu não queria fazer nada no campo do magistério. Era muita mulher, é muito chato estudar só com mulher. Eu nunca, eu pensei em entrar comecei a fazer Pedagogia uma vez, antes de fazer licenciatura curta em Ciências, e aí eu vi que não dava e desisti. Mas, assim, eu sempre fui resistente. Só que aí depois eu fiz licenciatura curta em Ciências inclusive porque eu não sabia o que eu queria fazer. Na licenciatura curta você define por Química, Física ou Biologia. Eu não sabia, é, Matemática, Química ou Biologia, né? Ciências Biológicas, tal, como eu não sabia o que fazer eu não fiz nada (risos). Aí eu fiquei só com licenciatura curta e aí o tempo foi passando e eu nunca sei o que eu vou fazer agora. Ai, sei lá, faço Direito, ah não sei o que, e é assim, né? Foi passando e eu fui dando aula e o pior é isso, né? Pior por um certo ponto, porque logo que eu comecei, foi assim, eu acabei o magistério e já comecei a dar aula. E pra mim ainda naquela idade ganhar o que ganhava. O professor até que ganhava bem, eu tinha tudo então usava o dinheiro pra nada, então tava legal. Aí, depois logo isso eu prestei um concurso, também prestei porque, ah, vou lá ver o que é passei e aí fiquei, né? E aí acabei ficando, você vê fiz depois magistério superior que foi também um curso oferecido com São Bernardo também com a USP e tô fazendo aqui uma especialização que eu nunca quis fazer. Eu ainda pensava em fazer Direito Educacional, mas também apareceu essa oportunidade aí eu fiz. Então as coisas foram aparecendo. Agora sim eu posso dizer que eu gosto de dar aula, eu acho que as minhas aula são boas então eu tento me contentar com isso. Com o que eu consigo fazer, poderia ser muito melhor se eu tivesse mais tempo e exclusividade em uma escola.

Juliana – Você pode falar um pouco sobre sua iniciação à leitura? Se foi em casa, na escola, se você gosta ou não gosta?

Professora C – Foi em casa, porque eu lembro que a minha mãe, antes, acho que da gente começar a andar, isso eu lembro também, nós somos quatro irmãos eu sou gêmea. Então, éramos três, até chegar a pequeninha, mas já nós três eu lembro que ela sentava a gente, a gente morava num lugar, numa região que não tinha muita coisa, transporte, meu pai comprou uma casa que era muito, que era grande assim, não era muito grande, mas era grande era tipo uma chácara então era uma casa grande e o terreno era grande. Só que não tinha água encanada, nada! Acho que luz eu não sei como que era também! Não, luz tinha, então não tinha muito o que fazer, não tinha vizinha, vizinhança e a minha mãe nunca foi de ficar, deixar brincar com ninguém, na rua nada. Então ela lia muito pra gente, então principalmente à noite, então ela chegava não lembro se a gente não tinha TV ou se ela não ligava, isso eu não lembro, mas eu lembro que ela punha a gente na cama dela, meu pai viajava muito, e ela ficava contando as histórias, principalmente, ah, depois ela comprou a coleção do *“Sítio do pica-pau amarelo”* e ela contava um pouco por dia. E aí depois eu fui encaminhando quando eu entrei na escola, tudo, a minha mãe lia muito então a gente também foi começando a ter esse hábito.

Juliana – Onde você costuma ler? No ônibus, em casa?

Professora C – Não leio em ônibus, carro, condução porque eu passo mal. Às vezes eu passo mal até sem ler, então imagina, né? (risos). Eu leio em qualquer lugar! Lia, lia! Detalhe, lia! Isso faz parte do meu passado! Atualmente eu só leio apostila.

Juliana – Bibliografia do curso de especialização?

Professora C – E assim daquele jeito! Eu lia em todos os lugares, todo tempo que eu tinha. Eu lembro do, na época que eu estudava que eu levava o livro pra escola e todo o tempo que sobrava eu lia! Então nas viagens, consultas, todo tempo que sobrava eu lia. Eu levava o livro, porque eu pegava condução ia para algum lugar e enquanto eu esperava eu lia. E, podia tá movimentado ou não eu lia em qualquer lugar conseguia me abstrair. Atualmente não muito porque acho que eu perdi um pouco, por causa do cansaço extremo às vezes eu tento ler e acabo dormindo, coisa que eu não fazia antes. E, por falta mesmo do tempo pra ler de dar sequência numa leitura acabo não lendo um livro em si! E você não tendo um livro você não leva nos lugares, aí você me perguntando isso eu fico pensando quando que eu perdi isso, sempre ter um livro de cabeceira. Eu acabei acho que perdendo isso não sei quando. Vou ter que fazer uma revisão disso (risos). De perder essa coisa do livro de cabeceira, porque se você tem você realmente leva. Eu lembro que eu sempre carregava um livro na mão e eu não faço mais isso!

Juliana – O que você gosta de ler? Você tem alguma preferência?

Professora C – Ai, como toda romântica já li um monte de romances, um monte!

Juliana – Você gosta daqueles romances que vendem na banca de jornal? Já leu esses?

Professora C – Já, já li! Mas, você tá falando livro? São esse livros de papel jornal?

Juliana – São uns romances, geralmente, vendidos nas bancas de jornal. Você já viu?

Professora C – Já! Mas, minha mãe nunca deixou ler! E aí, minha mãe sempre foi muito preconceituosa com muita coisa, porque foi a educação também que ela teve, né? E ela fazia muita distinção do que é bom do que não é até autores, livros, sabe? E ela sempre pontuava muito, muitas críticas, então, imagina! Até jornal eu nem pegava e eu ia morrer de vergonha se alguém me visse com um negócio desse.

Juliana – E hoje em dia o que você gosta de ler?

Professora C – Hoje me dia nem romance, por exemplo, eu li uma época Ágatha Christie né? Eu acho que, geralmente, a gente passa por essa fase, né? Aí eu cansei, enjoiei! Era sempre, mais ou menos tinha o mesmo estilo, né? Eu li aqueles romances Best-seller, né? Aqueles, igual esse filmes americanos que é sempre aquelas coisas, tal...então, tem autores, (eu sou péssima pra memória, tá?! Já falei....) que eu li com muita frequência. Vários, ah, Daniele Still, entendeu?! Mas, assim, são legais, são romances, mas eu acho que eu partiria para um outro lado agora. E Paulo Coelho li muitos livros dele numa época. Até que o meu amigo fez uma crítica danada dele, mas

como eu nunca assisto TV nada, às vezes fico, nunca dá tempo, da questão política dele. Então, já fiquei meio assim. Mas, eu sou muito fantasiosa, acredito muito nas coisas, essa coisa do mundo conspirar, então o efeito que causa em mim não causa no outro.

Juliana – O que mais te chama atenção em um livro e o que te leva a ter vontade de ler?

Professor C – Hum, bom, eu vou falar da parte estética. Eu não gosto de livros, assim, com papel jornal. Não gosto! Eu gosto, assim, de livros novos e não gosto de emprestar livros porque eu gosto de fazer as minhas anotações. Então, na parte estética é isso o que chama a atenção. Agora, eu lembro de um livro que eu li quando era pequena, tava estudando ainda, acho que ginásio, e era um livro muito velho, só que era da minha mãe, então eu achava, é, Milka Valtari, “*Os egípcios*”, é, então eu tenho algumas considerações por alguns livros velhos em especial, mas normalmente eu gosto de livro novo, esteticamente. Agora, o que me chama a atenção, eu acho que, se eu fosse pensar em ler agora eu gostaria de ler alguma coisa que também me instruisse. Eu adoro teorias, adoro teoria, por exemplo, teorias, História da Educação e teorias em geral. Alguma coisa que me comprove pensamentos ou que me dê diretriz. Então eu gosto muito disso, mas, eu acho que eu sou bem eclética na questão de livros eu leria romances...acho que é bem eclético. Desde que o livro seja bom e que, por exemplo, tem muitos romances que fazem você conhecer mesmo lugares, então te dá outras informações, acho que por isso, por aí.

Juliana – Você mencionou a Daniele Still, tem algum outro autor que chame a sua atenção? Porque, às vezes, procuramos livros por gostar do autor e não apenas pelo título da obra...

Professora C - É sim! Então, Danielle Still, não que seja uma grande escritora do ponto de vista de informações, é o que eu falei, é como se fosse filme americano, você assiste e só passa o seu tempo, né? E, eu tive a minha fase do Paulo Coelho, então eu queria ler tudo dele. Agora eu não sei se eu leria alguma coisa, talvez retomaria...ahh, eu não sei, é aquilo, né, eu sou péssima pra lembrar questão, você vê, eu tinha lido um livro que eu nem sei de quem que era (risos), eu sou péssima, mas eu sou péssima em geral, música, eu não guardo o nome de letra, de cantor, de nome, de título de música. Então agora mesmo eu não sei te dizer. Olha Milka Valtari foi um nome que eu guardei muito, que é essa dos *Egípcios*, que é um livro muito rico, muito minucioso, então você fica conhecendo assim uma cultura. Então, eu acho, eu gosto de autores que são assim minuciosos, detalhistas, acho que você consegue viajar mais.

Juliana – Você gosta, ou já leu livros de autoajuda?

Professora C - Deixa eu ver se eu li algum. Eu acho que eu não li nenhum. Mas, como isso tá meio em moda, não só livros, a questão também de vídeos, DVDs e tudo mais que assim, te levam de alguma forma a refletir ...

Juliana – Você disse que já leu um do Cury, do Augusto Cury...

Professora C – Ah, é verdade! (risos). Já tinha esquecido! Eu, nem considerei como autoajuda, sabia? Se eu soubesse, se ele dissesse num subtítulo autoajuda.

Juliana – Mas, eu não estou dizendo que é viu! Não existe um consenso em relação a isso...

Professora C – Então, porque autoajuda, é uma definição que eu também não tenho né? Mas, assim, pelo que eu definiria, seria assim, uma ajuda sua particular e esse do Cury é profissional, então ele vai pro campo profissional. Eu não pensaria em um livro de autoajuda para o campo profissional. Eu penso sempre assim no seu eu, no interior, então não associo! Tanto é que você falou eu já tinha esquecido desse. E, aí, tudo bem, é pra dizer o que acha dele?

Juliana – É, o que a levou a ler esse livro? Por que você leu?

Professora C – Eu li por recomendação, foi uma professora, uma coordenadora da minha escola que comentou, já tinha ouvido falar também no tema, né? E li por curiosidade. Achei interessante, tem uns temas também né? De autoajuda que já induzem e eu nem leria, nem perderia meu tempo né? Quando é muito assim apelativo, sentimental, amor, então coloque outro título pra me instigar, porque, às vezes você coloca o título e já te induz a um raciocínio, né? Você acha que ele vai ler e já vai pensar mais ou menos o, a diretriz que ele vai tomar, né? Então, quer dizer, se ele não quer isso ele que coloque um título mais interessante, né?

Juliana – Que tipos de questões você acha que os livros de autoajuda podem ajudar a pensar? Você acha que eles acrescentam algo à sua vida pessoal ou profissional?

Professora C – Nossa, sem dúvida! Eu acho!

Juliana – E, o que, por exemplo? Você pode mencionar?

Professora C – É porque assim, o livro de autoajuda, por menos que ele ajude ele te faz refletir, pronto! É como se você fosse uma, fizesse uma viagem pro seu próprio interior e, nem sempre, nem sempre não, você não tem esse tempo, não é que você não tem, você não busca esse tempo. Atualmente, a gente tá numa correria tão grande que você mal reflete das coisas que você vê. Você vê um pássaro, você vê uma flor linda mal você tá enxergando aquilo lá! Só que se você parar tem tanta coisa linda na natureza, as pequenas coisas te fazem né? Te leva a esse tipo de reflexão sobre o que realmente, os valores da vida. Então, eu acho que os livros de autoajuda, mesmo que eles não ajudem, não sei se eles ajudam ou não, eu não sei se eu teria paciência para ler um livro de autoajuda, assim, pensando no que ele vai tentar, não sei, te colocar, te convencer, mas eu acho assim que, eu não vejo tanto quanto livro de autoajuda, eu entendo como um livro reflexivo. Eu acho que o principal dele, a característica principal é provocar essa reflexão e a auto-reflexão. Então eu acho que ele já sai no lucro por si só. Só por isso, só por essa questão.

Juliana – Você acha que os livros de autoajuda podem te ajudar no trabalho? No cotidiano da sala de aula?

Professora C – No profissional, bom, eu não desvinculo o profissional do pessoal. Você é, age profissionalmente, é lógico que você não vai, ah, porque você tá de mau humor você vai dar uma aula diferente. Não, diferente sempre, cada momento é um momento, né? Isso não dá pra, então, não é porque você tá de mau humor que você não quer dar aula, vai xingar os alunos. Sei lá, falando uma bobeira aí qualquer! Então, como o profissional interfere no pessoal de alguma forma, isso não quer dizer que você vai transpor o pessoal para o profissional, “ah, que eu tenho um rinha com aquele outro professor então eu não vou ser profissional” não é isso, são coisas diferentes. Mas como você é um ser único, então eu acho que ele ajuda sim profissional, lógico!

Juliana – O que você acha que ajuda no seu trabalho?

Professora C – Bom, se esse também que eu li é, do Cury, é também de autoajuda, eu acho que ajuda. A partir do momento que você é reflexivo, que você, né, pensa, critica, se você pensa você critica positiva ou negativamente as coisas você analisa melhor todas as coisas. Então, consequentemente você vai ter uma outra visão de aula, você vai se preocupar mais com o que é dar aula e tudo mais, então eu acho que ajuda sim!

Juliana – Existe alguma questão na sua vida pessoal ou profissional que a leitura do livro de autoajuda ajudou a resolver? Você disse que talvez o único que você tenha lido seja o do Cury, mas tem alguma questão que você se lembre ou que estava vivendo no período e que a leitura dele ajudou a resolver?

Professora C – Não, não. Não lembro mesmo, porque já faz uma tempo, mas eu lembro da valorização do aluno...olha, se eu fizer uma retomada. Eu to fazendo aqui na memória a retomada de alguns aspectos do livro, com certeza eu acho que ajuda sim! Porque são coisas que a gente já, eu, por exemplo, algumas das coisas que estão lá são meio óbvias. É claro que, nesse livro que eu li ele fala muito da relação do professor com o aluno e a família, o resgate, são conceitos humanos. Então eu acho que só tem como ajudar, porque se você tem essa preocupação com o ser humano, algumas questões de relacionamento, mesmo que não seja pontual no momento. No momento não tinha nada assim, específico. Às vezes você tenta procurar a resposta e não adianta no momento porque cada caso é um caso. Então, os livros de autoajuda algumas questões que eles pontuam e que a interpretação também fica pra cada um de maneira diferente eu acho né? Uns podem utilizar mais ou menos eu acho que em algum momento vai ajudar mesmo que você transfira pra um outro significado também. Mas, em suma é a valorização do ser humano e da relação.

Juliana – Como você vê os professores brasileiros na atualidade e como você acha que os livros de autoajuda poderiam auxiliá-los?

Professora C – Esse era um dos motivos pelo qual eu não gostaria de continuar na profissão. Esse é um dos motivos que eu falo que eu tô no lugar errado, fazendo a coisa errada. Esse é um dos motivos que eu nunca quis que minha filha fosse professora e em ficar fazendo magistério e Pedagogia e depois cursos. No Brasil eu não tenho um conhecimento pra essa análise, eu tenho um conhecimento dos professores de São Paulo, os professores do município de São Bernardo e de professores que eu conheço aleatoriamente ou no caso um ou outro, uma reportagem que você ouve falar. Ai meu Deus do céu, isso dá quase uma tese! Os professores em geral, meus colegas, eu faço parte também eu faço algumas críticas minhas eu acho que eu poderia fazer muito mais coisas do que eu fiz, mas eu também fiz bastante, sempre tento mesmo até sozinha. Os professores precisam primeiro mais conhecimento, precisam muito, muito mais informação, muito, muito, muito mais! Formação, mas uma formação, uma boa formação, aí posso fazer uma crítica. Tirando os CEFAM's da vida to criticando de maneira geral, deve ter lá suas exceções. Mas, eu vejo, por exemplo, os CEFAM's que era formação de mão de obra barata, né? Então, agora conseguem professores para trabalhar por qualquer preço porque a perspectiva deles é outra, né? E, eu posso estar errada, mas nada me dá indícios de que eu estou errada. Então, o que eu vejo atualmente? O que eu vejo de resquício de professor que luta, que acredita em alguma coisa e que tem uma filosofia de vida e profissional, que tenha uma visão política das coisas são professores que estão saindo, sempre tem as exceções, eu tô falando de uma maneira geral. Na última greve que eu participei eu comecei também a observar isso, por isso que eu falo, tudo da indício, entendeu? Se eu falo é assim, com conhecimento né são assim, com as características e alguns conhecimentos que eu tenho tido no meu dia a dia em alguns momentos. Então, nessa ultima greve foi uma greve difícil do Estado eu pensei que nunca mais fossemos conseguir fazer uma greve a que nós fizemos nessa última em virtude da municipalização porque a municipalização já foi um jogo pra desunião do professor, como se já precisasse mais coisas, mais intervenção pra isso né? Porque a categoria já é por si só já faz isso! Nessa última greve eu comecei a observar muito isso. Os grevistas, a gente sai de ônibus de São Bernardo pra São Paulo e tanto outros ônibus de tantos outros municípios. Os professores são aqueles que já estavam em outras greves, são aqueles com quem eu convivi, que eu também fiz greve, que aí a gente pode dizer, ah esses aí são os professores “das antigas”. E aí você imagina o que que os jovens não tem aquela, ai, sabe? Aquela, você é o futuro da nação, né? Então tá, cadê? Cadê os jovens? Nos nossos ônibus pouquíssimos eram os professores novos, então a perspectiva é pior ainda! Se você já não tinha por causa de todo esse massacre que tem acontecido e municipalização e todos os direitos e muitos dos direitos que nós conquistamos nós também perdemos e se eu estivesse no poder eu também faria a mesma coisa porque eles sabem com quem eles estão lidando com que categoria que eles estão lidando, então os professores são o que? Frágeis, distraídos, uma boa parte deles os que tão entrando pior ainda! Eu não vejo boas perspectivas, porque se eu sei que estão entrando estão apáticos de tudo o que tá acontecendo e eles já estão entrando com todo esse massacre ainda achando que tá bom, então pra que que vai melhorar? E essa questão política é questão de formação cultural! Então falta leitura,

falta uma boa formação. Por exemplo, eu já fiz, já passei por algumas faculdades e eu faço as minhas críticas até dos cursos, dos professores e das disciplinas que eu faço eu sei quais são boas e quais não são e quais professores foram realmente bons ou não. Em questão assim de conteúdo mesmo e de tá auxiliando na minha formação. Então, quando se coloca, ah, essa faculdade não é boa e ah, a USP é ótima A UNIBAN que, por exemplo, foi uma que eu fiz, uma das que eu fiz. Ah, A UNIBAN, imagina, tal, né? Então, tem, a primeiro momento tem uma diferença mesmo eu já fiz as duas então posso até dizer. Só que não quer dizer que se uma UNIBAN não é boa, mas eu tive professores também que foram bons então eu também sei aproveitar o que tem de bom. A própria estrutura é que às vezes prejudica, né? Como nós professores, têm professores que dão aula no Estado e no particular, por exemplo, e são...então vai dizer ah, professor do Estado não é bom e do particular é, mas é o mesmo professor! Então é por uma questão de estrutura. Então os professores estão muito deficitários acho e eles são muito inseguros! Meu Deus do céu como eles são inseguros! Eu não consigo entender, isso me revolta, me dá um nervoso! Eu não consigo entender, eles são inseguros e são totalmente descrentes, é, acho que descrentes, não tem perspectiva. Tem coisas que vc fala pra tentar abrir o olho, pra que eles reflitam com nós, né? Lógico, eu sou da categoria, mas às vezes eu me sinto à parte e eu me sinto à parte porque dentro da minha escola mesmo quantas vezes eu fiquei falando sozinha, pensando sozinha uma coisa e os outros do outro lado, né? Então, aí você quer fazer com que eles reflitam e eles até acabam entendendo o que você tá dizendo. Mostrar olha a situação em que nós estamos e tudo mais! Ah, então concordo...

Juliana – Mas, não querem comprar a briga...

Professora C – Entendeu?! Eu não entendo isso! Aí eu falo, mas você concorda, você concorda, e aí?! E por incrível que pareça às vezes...Outro dia eu vi uma situação que eu nem acreditei. A pessoa, eu discuti um fato, que aí acho que já é até questão de moral né? Eu discuti, e falei eu não concordo com isso, porque o que eu não quero pra mim eu também não quero pros outros. Tá, isso com professores, discutindo na escola. Nós tínhamos que dar sugestões, encaminhamentos pra algumas coisas. Então tá, eu não quero pra mim, não concordo, então tá, então não quero pro outro. Nessa mesma discussão outros professores falando “eu não concordo”, “realmente, não é certo, mas a gente vai fazer assim!” Porque tem a disputa de mercado, porque se eu fizer de outra forma, se eu abrir, por exemplo, se eu abrir um concurso porque agora eles também estão imitando concurso, né? Fazendo, não sei como é lá o nome correto. Concursos assim por acesso. Então entra, por exemplo, como diretor na prefeitura de São Paulo só quem já é professor. Eu não concordo com isso, né? Acho que isso te restringe, então eu quero ser diretora e não posso só por que eu não sou professora da prefeitura. Eu não posso, eu tenho que primeiro ser professora da prefeitura, mas sou professora do Estado há 15 anos, entendeu? Então tá, todo mundo concordou com isso que não é certo porque diminui as suas chances, mas como outros estão fazendo o que eu não acho certo eu também vou optar vou votar pra que seja por acesso. Entende? Então são assim coisas que são morais, são questionamentos morais, são, é, assim, eu acho que o que é certo é

certo, sabe?! São injustiças que você vê, não tem solidariedade. Então junta tudo isso para o professor, tudo! E aí, a leitura poderia ajudar? Toda a leitura em si claro que ajuda, mas os professores não leem. O que eu vejo, que eu percebo eu me incluo nisso e numa auto-avaliação que eu fiz na escola uma das críticas que eu, da auto-crítica foi isso eu não concebo um professor que não leia, não concebo um professor que não estude! Só que toda política faz com que isso aconteça! Eu por exemplo não posso estudar porque, por exemplo, nós temos os HTPCs que são reuniões à noite uma vez por semana, mas aquela uma vez por semana não tem permite fazer uma faculdade à noite pra começar.

Juliana – perderia um semestre de uma disciplina, né?!

Professora C – É, se entendeu?

Juliana – Porque seria faltar todas as semanas naquele mesmo dia...

Professora C – Exatamente! E isso quando você tem uma abertura numa faculdade pra isso, quando você tem uma flexibilidade ainda você, né? Mas, de qualquer jeito é um prejuízo muito grande porque você vai ficar sempre devendo uma, quando você não tem essa flexibilidade você vai pagar por isso.

Juliana – E se for uma faculdade paga você perdeu um semestre de uma disciplina, vai ter que refazer e pagar...

Professora C - Já é difícil o professor pagar qualquer coisa porque no estágio em que o professor se encontra. Então olha como são as coisas, então aí eu que não concebo um professor que não lê e que não estude e a política pro professor é essa! Porque eu poderia falar “você faz o HTPC desde que você não estude agora a partir do momento em que você tá estudando, porque o HTPC é um momento de, é pra você aprimorar conhecimentos também...agora, a partir do momento que você tá fazendo essas reuniões que você tá estudando então não precisa, mas não! E aí o livro, a leitura a mesma coisa não tem como sem dizer na questão do comércio né? De preço, tudo mais, a questão que não mandam para os professores. Professor tinha que ter acesso livre, livros. Aluno recebe a cada três anos uma quantidade imensa de livros e às vezes não é o que você quer e você na usa e o professor não recebe, entendeu? Então tudo isso acaba contribuindo para que a formação do professor fique nessa.

Juliana – E aí você acha que esses livros de autoajuda em específico podem ajudar em alguma dessas questões que você pontuou?

Professora C – Bom, na questão da reflexão sem dúvida nenhuma e na questão de, aí, de, por exemplo, mostrar a força do ser humano em si que isso que se perdeu, então é, atualmente a gente vê o que, o professor só vai levando, ele não faz por mudar. Ele vai levando a vida contando os dias para sair dessa vida, muitos, né? Outros não, outros têm aquela relação de amor, né? Ah, então, mas o importante é que eu amo o que eu faço e tudo mais e aí até você se sente mal tem uma pontadas eu não, mas tem aquelas

pontadas, né? Tudo bem né? Você pode comer amor, né? Quem sabe por amor você consegue ganhar uma faculdade algum mestrado sem pagar, sem nada, né? Entendeu? Então aí ficam essas coisas...aí você fala assim, gente, se você ler pelo menos um de autoajuda que te faça refletir e dizer você ainda pode fazer alguma coisa na vida e não esperar “Ah, eu só faço se todo mundo fizer! Eu vou esperar os todo mundo pra depois eu fazer”. E os outros todo mundo também esperando por você. Todo mundo espera todo mundo, né? E aí fica! E o pior é que quando você faz você não tem contribuição ainda, você entendeu? Ainda fica meio assim, colocada de lado! Então eu acho que a leitura é boa em si, né? E de qualquer jeito, olha, se não pela leitura eu vou dizer, porque eu falo para os meus alunos “Se vai assistir TV assiste alguma coisa que seja legal que te passe uma informação boa, né?” Aí eu já pego aquela lista dos programas que eles assistem e falo, “não vai assistir isso, não vai assistir aquilo, né?” Se vai assistir uma coisa assiste uma coisa boa. A minha mãe sempre falava “Se vai ler, lê algo bom!” Mas, se não por isso, se você não sabe o que é bom e o que não é tudo bem, leia! Porque a leitura acho que também é um pouco de hábito, a partir do momento em que você vai lendo mesmo aquilo que não é tão bom, que não vai...aqueles jornais sensacionalistas, aquelas coisas, mas você vai se habituando e aí você mesmo vai começar a...eu acho né? Lógico, com nem todos é isso. Tem gente que vai gostar sempre daquele mesmo gênero ruim mesmo que seja. Mas, eu acho que é uma possibilidade de você passar pra outros universos. Porque aí você vai aprimorando, né? As suas informações, vai querendo mais, é uma possibilidade. Então a leitura em si de qualquer jeito eu acho que ela é boa.

Juliana – Qual a importância maior que você vê nas obras de autoajuda?

Professora C – Não são receitas, não dá pra você ficar, é, levar ao pé da letra, não dá pra receber como uma religião, ficar uma coisa assim extremista, aquela coisa de, sabe? Porque acontece, eu acho, acredito que tem muito isso de você ficar aficionado pelo negócio, “Ah, autoajuda, autoajuda”. Então acho que tudo tem que ter sempre bom senso, né? Fazer uma leitura crítica e seguir nessa coisa de não ter a leitura como uma receita, mas ter esse tipo de leitura como uma auto-reflexão e eu acho, uma coisa que eu lembrei agora, um cuidado pra que não ocorra uma frustração, porque agora que assim, eu me toquei, até remetendo ao que eu li né? Então, esse cuidado, por isso que eu falo isso de não ser tão extremista, não ir cega numa linha só, porque de repente você pode também ficar frustrado com o que serve pra um não servir pra você e como que o sucesso de alguma forma é sempre empenhado num sucesso né? Numa vitória, assim, no vencer obstáculos tanto profissional quanto pessoal. “Ah, então por que eu não to conseguindo? Eu tô lendo tanto livro de autoajuda, então eu sou pior ainda, sou incapaz!”. Então acho que é bom assim, sempre ter esse, essa reflexão, então que sirva de auto-reflexão, mas até pra você fazer outras auto-reflexões. É um ponto de partida! Porque a sua ajuda, na verdade, cabe a você mesmo! Ninguém consegue te ajudar, por melhores que sejam todas as terapias e tudo mais, vai depender da sua própria cabeça, né?! Das suas próprias reflexões, encaminhamentos, porque as decisões são sempre suas. Então eu acho que é isso!

Professora D

Juliana – Você pode falar o seu nome, idade, escolarização, experiência profissional e pra que série trabalha atualmente?

Professora D – Meu nome é _____, eu tenho 43 anos, trabalhei 17 anos com educação infantil, com crianças de 3 a 6 anos e atualmente eu tô trabalhando, já tá indo pra cinco anos como Pedagoga na Secretaria de Educação de Mogi-Guaçu e na formação de professores também, que não querem ser formados!

Juliana – Você pode falar um pouco sobre sua trajetória? Como e por que resolveu ser professora?

Professora D – Eu vou ser sincera, eu tive uma forte influência da minha família mesmo pra escolher essa profissão. Não no sentido deles falarem assim: “Ai vai estudar magistério vai ser professora!”, não assim, mas falas de infância que eu ouvia da minha avó, né? Então, eu sou uma das netas mais velhas então eu entrei na escola e eu venho de uma família onde meu pai é pouco escolarizado, minha mãe não é nem um pouco alfabetizada. Então quando eu entrei na escola e comecei a aprender a ler e a escrever eu comecei a ser o orgulho da família, né? Minha vó também, a mãe da minha mãe, não sabia escrever então eles tinham um certo encantamento de eu, tão pequenininha e sabendo ler e escrever, então eles tinham comentários assim “Olha, agora é nossa professora, olha como é que ela sabe, ela é a professorinha da vó”. Então, querendo ou não, isso acabou influenciando a escolher essa profissão. Depois trabalhando como professora, eu nunca pensei em ser professora, nunca planejei ser professora de educação infantil, porque quando eu comecei a trabalhar, em 1990, aqui a rede aqui de Mogi-Guaçu era um trabalho bem diferenciado, bem diferenciado, então era assim, as crianças faziam um trabalho tudo muito lindo, tudo muito perfeito e eu não me achava capaz de fazer com que as crianças fizessem aqueles trabalhos lindos maravilhosos e perfeitos, né? Mas, a gente termina de se formar, eu tinha acabado Pedagogia e um dos primeiros concursos que teve foi o de professor de educação infantil ao qual eu passei e entrei. Inicialmente foi uma desmistificação, eu vi que não precisava, aliás, muito pelo contrário, a gente tem que fazer com que a criança se coloque nas suas funções e não aquilo que o professor quer tudo lindo e maravilhoso. Ao longo dos anos, eu sempre gostei muito de estudar, eu fui me encantado também com a questão da formação de professores que é um desafio muito maior do que trabalhar com criança, do que ensinar criança. A gente sempre conversa e eu sempre digo que a criança tem, assim, uma satisfação muito grande, porque tudo o que você faz a criança imediatamente te dá uma resposta positiva e com o professor não, tudo o que você faz leva muito mais tempo pra você conseguir ver um fruto, né? Pra você conseguir ver seu trabalho reconhecido e valorizado. É um desafio novo, né? Eu prestei esse concurso pra Pedagoga e aí trabalho nessa área que também é uma área onde além de trabalhar com formação de professores a gente participa de decisões e tudo mais que eu gosto muito.

Juliana – Você pode falar um pouco sobre a sua iniciação à leitura? Se foi em casa ou na escola, se você gosta ou não gosta?

Professora D – Por minha família ter pouca escolarização então o meu maior incentivo foi justamente esse, né? Todas as formas de leitura na minha casa sempre foram muito valorizadas. Então, a partir do momento em que eu aprendi a ler com sete ou oito anos eu passei a ser a leitora da casa. Chegava uma conta de luz eu que lia, chegava uma conta de água eu que lia, saía com a minha mãe eu que lia o ônibus que ia pegar, então eu passei a ser a leitora de casa e quando eu cheguei na adolescência ia pra biblioteca, pegava livros, nossa eu lia aqueles livros grossos de 300, 400 páginas, dois, três quatro por semana! Então, a minha iniciação foi basicamente essa.

Juliana – Onde você costuma ler? Por exemplo, no ônibus, em casa, aos finais de semana, nos intervalos de aula?

Professora D – Eu leio em casa, basicamente, e em todos os lugares em que eu tenha que esperar! No consultório médico ou se eu tô em alguma situação de espera onde eu vou ficar duas, três horas então eu acabo lendo nesses lugares! Não leio no ônibus, nesses lugares assim, porque eu passo mal.

Juliana – O que te chama mais atenção em um livro e o que a leva a ter vontade de ler?

Professora D – Se é um livro de literatura eu gosto de me identificar com a história eu gosto de narrativas que por algum motivo me encantam, pode ser a questão cultural que o livro traz, pode ser a própria história mesmo, né? Isso me encanta, e, quando não é uma literatura, é um livro assim mais técnico, mais denso aí entra a questão da minha necessidade. O que eu tô precisando de aprender, o que esse livro pode me dar em termos de conhecimento? Vem de acordo com a minha necessidade ou não vem? E tem aquelas coisas de curiosidade mesmo. Às vezes leio sobre medicina, leio sobre astronomia, porque tem uma curiosidade nata que eu gosto muito de saber essas coisas. Então isso aí também me fascina.

Juliana – Que tipos de livros você costuma ler? De quais autores?

Professora D – Bom, eu já respondi, né?

Juliana – Mas tem algum autor específico?

Professora D – Não, eu não tenho autor específico. Eu acho assim, eu já falei da questão cultural, né? Conhecer outras culturas através de livros é algo que me fascina muito, né? Então eu posso citar um livro que eu li que eu sou apaixonada por ele que é “*Cidade do Sol*”, que traz essa questão da cultura da mulher, né? Como ela é tratada em outros países e como isso possibilita, isso que é o propósito do livro, né, que é você conhecer o outro, conhecer o diferente e aprender a respeitar, né?

Juliana – Você gosta de ler livro de autoajuda?

Professora D – Não!

Juliana – Por quê?

Professora D – Porque eu acho que eles são superficiais demais. É de uma superficialidade que não me acrescenta nada! Eu acho que as pessoas são muito mais complexas do que frases prontas, jargões bonitos e tudo mais, né? Então eu não leio!

Juliana – Você já leu algum?

Professora D – Já comecei a ler e não consegui prosseguir na leitura justamente por causa disso, porque eu acho a leitura algo assim muito importante e extremamente útil pra vida da gente e como eu tenho pouco tempo pra ler eu prefiro ler coisas que me sejam mais úteis do que perder tempo e ler uma coisa que...

Juliana – Você lembra o nome do livro que tentou ler e não terminou?

Professora D – “*Pais Brilhantes, professores fascinantes*”, do Augusto Cury, deve ter mais algum, mas eu sou péssima pra lembrar nome de livro!

Juliana – E você não gostou?

Professora D – Não, achei de, muito superficial!

Juliana - Que tipos de questões você acha que os livros de autoajuda podem ajudar a pensar? O que você acha que eles têm ou podem acrescentar à sua experiência pessoal ou profissional?

Professora D – Olha, apesar de eu achar que eles são muito superficiais eu acho que existem momentos da vida da gente que todo mundo precisa de uma superficialidade. Então, de repente, algumas frases prontas, alguns jargões eles, de repente, naquele momento em que você tá mais cansada, tá um pouco mais desgostosa aquilo ali pode até, no momento, te servir pra alguma coisa, sabe? Te dar um “up”, é verdade mesmo, aquilo que a gente comentou “só se aprende a dar aula dando”. Então é assim, tem hora que você pega e diz, é realmente existe uma verdade por trás disso, né? Apesar de ser uma superficialidade existe uma verdade por trás disso! Então acaba assim, servindo pra isso! Agora assim, dizer que vai acrescentar alguma coisa à vida profissional eu acho meio perigoso, por quê? Por causa dessa superficialidade! Eu acho que o que acrescenta alguma coisa na vida profissional da gente são coisas que trazem uma consistência maior teoricamente, né? Que te possibilitam fazer escolhas melhores no seu dia a dia. Você ler Augusto Cury ou ler Chalita eu acredito que não te possibilite. Na hora em que você tá lá na frente do seu aluno e que você tem que tomar uma decisão que vai influenciar diretamente na aprendizagem dele, eu num, eu acredito que eles não tragam nada que venha a aumentar esse potencial de escolha do professor e acredito até que nem é o objetivo deles que isso aconteça. Acho que o objetivo deles é muito mais fazer um afago no ego do professor, fazer um carinho no professor do que necessariamente subsidiar a prática pedagógica do professor.

Juliana - Existe alguma questão na sua vida pessoal ou profissional ou na de alguém que você conheça que a leitura dessas obras influenciou ou ajudou?

Professora D – É uma coisa muito momentânea, você lê te satisfaz aquela necessidade ali, passou o tempo acabou! Se for um caso de depressão você vai continuar deprimida, se for um caso de autoestima você vai continuar com a autoestima baixa, né? Porque não tem essa consistência que vai fazer a pessoa realmente refletir e mudar tanto profissionalmente como pessoalmente.

Juliana - Como você vê os professores brasileiros na atualidade e como você acha que os livros de autoajuda podem ajudá-los?

Professora D – Eu acho assim que o professor brasileiro ele é um professor que não tem determinadas competências desenvolvidas que são essências para o seu trabalho uma delas é a competência escritora e a outra delas é a competência leitora. Professor brasileiro não sabe escrever e professor brasileiro não sabe ler. É por isso que ele lê livros de autoajuda, porque são superficiais, são uma leitura fácil, são comerciais, então diz o que o professor quer ouvir e até a escrita deles é fácil o professor não tem que pensar! Ele não tem, quando ele tá lendo um livro de autoajuda ele não tem que pensar ele tem só que “escorregar”! E além dessas duas competências que eu acho que o professor brasileiro não tem falta ainda pra o professor brasileiro aquilo que tem que ter em todas as profissões que é o desejo, a vontade o reconhecimento da necessidade dele aprender. O professor brasileiro ele não quer aprender. Ele se acha, ele pode estar à frente de qualquer classe, a classe dele pode ser a pior do lugar onde ele está, mas ele nunca se coloca como responsável por aqueles resultados. Vai dizer que o culpado é o aluno, que o culpado é a família, que é sempre é o outro e nunca que é a prática dele que está errada. Ele se acha muito, ele acha que tudo o que ele faz é o melhor que pode ser feito, que não existe nada melhor do que o que ele tá fazendo naquele momento. E ele não quer ter formação

Juliana - Qual a importância maior você vê nessas obras?

Professora D – Então, como a leitura é uma competência e toda a competência ela se desenvolve, pro professor que não tem a competência leitora de repente ler esses livros é o início do desenvolvimento dessa competência. Ele começa a ler algo que não exige muito dele, né? Porque é uma leitura mais fácil que vem ao encontro do que ele quer ouvir, mas que se ele tiver consciência de que é uma necessidade dele é um começo! Ele começa com essas obras e vai depois buscando outras obras, né? Outras literaturas. Agora, em termos de conteúdo mesmo pra prática pedagógica do professor eu acho que elas não acrescentam nada. Minha opinião, assim pra modificar a prática pedagógica ou pra acrescentar alguma coisa à prática do professor eu acredito que essas obras não acrescentam nada.

Juliana – E você acha que pessoalmente elas podem ajudar?

Professora D – A vida delas pessoalmente? Não, não porque é muito superficial e, momentaneamente sim. Então agora eu tô pra baixo então eu pego lá um livro que de repete me ergue aquela moral naquele momento, mas o problema que me deixou pra baixo vai continuar existindo. Se o que faz eu entrar na minha sala desmotivada é o meu baixo salário é o ambiente onde eu estou trabalhando é aquela questão sócio-político-cultural que a minha escola tá envolvida esses livros eles não vão me acrescentar nada. Eu vou ter um “*up*” naquele momento e depois voltar ao que era.

Professora E

Juliana – Qual o seu nome, idade, escolarização, experiência profissional e pra que série trabalha atualmente?

Professora E – Bom, eu tenho 52 anos, trabalho há 23 com educação infantil eu nunca trabalhei com formação ou com as crianças maiores, sempre foi educação infantil e continuo trabalhando com crianças na faixa dos 5 anos que são as crianças que saindo da minha sala vão para o treino de alfabetização (risos)

Juliana – Você pode falar um pouco sobre sua trajetória? Como e por que resolveu ser professora?

Professora E – Nossa! Na verdade quando eu pensei em um caminho pra me formar a educação não estava nos meus planos. Eu comecei trabalhando com Psicologia, fiz dois anos de Psicologia, depois eu deixei e fui fazer o normal que a gente tinha aqui e prestei concurso pra dar aula, acabei passando e comecei a trabalhar. No início era uma coisa que não me satisfazia muito, mas como eu tenho essa dificuldade de tudo aquilo que eu não consigo fazer eu insistir em fazer eu insisti em dar aula e hoje eu faço porque gosto muito do que eu faço. Então eu sempre trabalhei na rede municipal de Mogi-Guaçu, nunca na rede particular e em periferia, com crianças de periferia que é uma coisa que me traz prazer.

Juliana – Você pode falar um pouco sobre a sua iniciação à leitura? Foi em casa, na escola, se você gosta, não gosta?

Professora E – Eu gosto muito de ler e isso sempre foi uma postura da minha família. Meu pai sempre gostou muito de ler, sempre trouxe muito livro pra casa desde Gibi até o que a gente quisesse. Quando eu entrei no primeiro ano, naquela época com sete anos o meu pai tinha uma conta, né? Caderneta numa livraria e a gente tinha autorização pra ir comprar livros lá. Então a gente podia comprar e ler, naquela época em Mogi-Guaçu nós não tínhamos uma biblioteca que tivesse muito livro, mas eu tive essa facilidade, porque foi muito valorizado sempre. Eu deixava de sair quando eu era adolescente pra ficar lendo e gosto de ler tudo, assim, o que cai na mão eu gosto de ler.

Juliana – Onde você costuma ler? Por exemplo, no ônibus, nas horas vagas...

Professora E – Não, em nada que balance! (risos). Basicamente leio em casa e como diria o Rubem Alves: “gosto de ter o objeto de desejo nas mãos”, eu não gosto de ler no computador porque eu não consigo, gosto de livros mesmo! Eu leio sentada, na mesa, na cama, deitada no sofá onde tiver um canto onde eu possa ficar tranquila e quando eu pego pra ler é assim, tem que acabar e ver o fim!

Juliana – O que te chama mais atenção em um livro e o que a leva a ter vontade de ler?

Professora E – O que mais me chama a atenção em um livro são duas coisas e assim, duas coisas bem opostas, em alguns quando eu me identifico com o assunto e em outros

quando eu realmente não gosto do assunto. Os extremos. Esses são os que mais me atraem, obviamente por esses motivos, né? Ou porque eu gosto e é fácil ler ou por aquilo que eu não entendo e quero entender.

Juliana – Que tipos de livros você costuma ler? Se você quiser listar alguns autores que você gosta ou falar de algum autor específico...

Professora E – Então, eu não tenho um autor específico. Eu gosto de ler e escolho livros, na verdade a gente vai falar sobre livros de autoajuda, mas menos os livros de autoajuda. Alguns que me fazem sonhar com coisas com as quais eu ainda não tenho possibilidade de conviver, então eu gosto muito de ficção científica, tudo aquilo que me parece impossível de tá vivendo agora eu gosto de tomar conhecimento e acreditar que um dia vai ser possível. Lógico que dentro dos parâmetros nas quais eu acredito minhas posturas. E, o que mais?

Juliana – E de quais autores...

Professora E – Eu não tenho um autor específico, na verdade eu não tenho, assim, não tenho ídolos, então não tenho autores específicos que eu leia pelo autor.

Juliana – Você gosta de ler livro de autoajuda?

Professora E - Não!

Juliana – Por quê?

Professora E – Porque eu não acredito em respostas prontas, né? Primeiro de tudo e eu acho que livro de autoajuda só ajuda quem escreveu! E pra mim, em específico, ele não acrescenta nada, eu falei que ele não acrescenta nada no geral, mas pra mim ele não acrescenta nada porque eu sou meio “do contra”. Se alguém falar que isso é bom eu vou lá pra provar que não é bom, então eu vou ler um livro de autoajuda e ficar brigando com o autor pra falar que ele tá errado!

Juliana – Você já leu algum?

Professora E – Já, já li sim, mas na época em que eu era mais adolescente, depois que eu deixei, né, depois que eu tomei ciência de que aquilo não acrescentava nada na minha vida eu parei! Mas, eu não sei falar pra você, assim, não ficou uma memória de alguma coisa que eu possa citar pra você.

Juliana – Você lembra o nome de algum desses?

Professora E – Não!

Juliana – Nem os autores?

Professora E – Não!

Juliana – Do Chalita e do Augusto Cury você já leu algum?

Professora E – Eu já li artigos que eles escreveram! Mas, livros eu ouvi falar. E assim, ouvir eles dando palestras e escrevendo alguns artigos em revistas e, sabe não me foi simpático!

Juliana – Que tipos de questões você acha que os livros de autoajuda podem ajudar a pensar? Você acha que eles podem acrescentar alguma coisa à sua experiência pessoal ou profissional?

Professora E – Olha, o que eu posso falar pra você nesse momento é que os livros de autoajuda podem me ajudar a pensar quais caminhos eu não vou percorrer! Porque é aquilo que eu falei pra você, eu não acredito no que eles estão falando, então eu sei já...quer dizer até uma coisa, não gosto muito e nem quero ser radical e falar: “isso é uma porcaria e não serve pra nada!”, talvez, pra algumas pessoas, ajude mesmo, não que elas sigam aquilo passo a passo, mas a gente pensando no que tá lendo ali, eu acho que, se tudo o que a gente ler a gente refletir, né, sobre o que tá lendo ele dá caminhos mesmo que seja o que são pra gente não seguir! Então eu acredito que pra mim é isso! Eu acho que as colocações que eles fazem elas sempre tem um lado que eles colocam que é o positivo, mas todas elas têm o reverso da medalha e quando você não tem consistência naquilo que você acredita é muito fácil você olhar um outro lado e mudar a sua posição então você vai trabalhar de uma determinada forma aquilo te traz, te causa uma angústia você já fala: “Não vou fazer mais...” e já vai fazer outra, porque esse tipo de cultura te dá essa possibilidade. Eu brinco eu digo assim que é a cultura que a gente tá tendo hoje de 1,99. Você vai na 1,99 brinca com aquele brinquedinho vagabundo e ele quebra você joga fora e pega outro. Então eu acho que isso, os livros de autoajuda são uma cultura de 1,99.

Juliana – Existe alguma questão na sua vida pessoal ou profissional ou na de alguém que você conheça em que a leitura das obras de autoajuda influenciou ou ajudou?

Professora E – A gente até conhece até varias pessoas, mas essas mudanças e essas influências eu, a gente percebe que elas ocorrem durante a leitura do livro dali uma semana se você conversar com aquela pessoa tudo aquilo passou. É uma coisa vazia. Então as pessoas têm isso “Ah, elas estão em depressão doentes...” a minha mãe é assim! Aí vai lá lê e diz “Olha isso que maravilha, minha vida é outra a partir de hoje!” e daqui uma semana tá igualzinho ao que tava antes! A minha mãe é assim, então eu posso falar! Ninguém muda porque leu um livro de autoajuda!

Juliana – Como você vê os professores brasileiros na atualidade e como acha que os livros de autoajuda podem ajudá-los?

Professora E – Bom, por tudo o que eu venho falando eu não posso acreditar que esses livros venham a acrescentar alguma coisa. O que eu vejo em relação aos professores é uma coisa que eu tenho muito na minha cabeça e eu acho que a educação só vai

melhorar o dia em que os cursos de formação de professores forem iguais aos cursos de medicina de uma universidade excelente! Que não seja uma formação de apostila, que não seja uma coisa que eles não façam, porque...tem que ser bem feito! Eu acredito que a única resposta pra tudo na vida da gente hoje tem que partir da educação! Agora se o professor vai pra uma sala de aula, sem vontade de trabalhar, sem condição básica, teórica pra ele se amparar, que é isso que a gente falou que o livro de autoajuda não dá essa sustentação pra ele, porque você pode mudar de ideia a todo momento, então como que ele vai poder se colocar na frente de uma classe? Eu vou ser bem cruel, mas eu vejo um monte de professor medíocre, transformando uma sala de aula em futuros cidadãos medíocres! É exatamente assim que eu consigo ver uma grande maioria. De vivência mesmo, de assistir! O professor não quer ter formação, não quer! Ele fez um curso lá se formou e acha que aquilo lá serve “vou fazer o que mais com essa criançada? Tá bom demais pra eles”. Eu sinto assim, sabe? Eles dão muito pouco e eles acreditam que os alunos querem muito pouco. E quando a gente acredita muito numa coisa isso acaba se tornando realidade, não é? Se você acha que um aluno não quer, não se interessa é muito mais fácil.

Juliana – Você vê alguma importância maior nessas obras? Qual?

Professora E – Olha, o que eu posso falar, eu não vejo uma importância maior numa obra, mas eu também não posso dizer que um livro é um lixo, pois qualquer livro que seja mesmo que ele tenha muito pouco a acrescentar à minha vida talvez na vida de quem não tem outro livro ele seja muito. Então eu acho que não só com livro, mas com tudo acho que a gente tem que aprender a olhar não só o lado da gente, mas o lado do outro. Qualquer livro, qualquer coisa porque você imagina uma escola em que ela não tenha outras coisas a não ser uns livros didáticos para aprender a ler e a escrever do jeito que ela quiser. É aquilo que ela tem é aquilo que ela vai usar e aí eu falo. Se o professor tiver boa vontade com um pouquinho, com uma porcaria ele pode fazer muito! E talvez até com uma leitura que pra mim não vá acrescentar nada pra alguém dá algum caminho desde que, ele esteja aberto pra refletir sobre aquilo que ele tá fazendo.

Professora F

Juliana - Bom, eu vou começar perguntando qual o seu nome, idade, escolarização, experiência profissional, e para qual série você trabalha atualmente?

Professora F - Ah tá, meu nome é _____. Meu nome é _____, mas todo mundo me conhece por _____, eu prefiro, acho que é mais curtinho né, melhor de falar. Eu tenho 58. Fiz Pedagogia pela USP. Era um curso a distância PEC, não sei se você já ouviu falar. Foi um curso muito bom. Tinha semanas presenciais, mas, de uma maneira geral era mais com os livros, apostilas, com um material muito bom mesmo.

Juliana - Você fez magistério também, ou não?

Professora F - Fiz magistério também, pela prefeitura.

Juliana - Experiência profissional?

Professora F - Experiência profissional... Eu comecei... Você diz na área da educação ou de tudo?

Juliana - Ah, pode falar de tudo. Desde que você começou a trabalhar...

Professora F - Eu comecei a trabalhar com 14 anos numa fábrica de meias, depois eu passei para uma fábrica de tecidos, depois eu fui para supermercado, mas eu tinha muita vontade de trabalhar numa área que ocupasse menos o meu tempo. “Então, eu fui servente numa escola do Estado, prestei concurso e trabalhei seis anos como servente e, aí eu comecei... É, eu resolvi que eu ia voltar a estudar, que eu só tinha até o antigo quarto ano primário... Quarto ano... E, então como eu trabalhava na escola do Estado como merendeira, servente eu comecei fazer. Sabe esses cursos que são dados pelo governo, é, que tem eliminação de matéria. Não sei se ainda tem. É, e eu fazia, eu estudava em casa e também tinha o Telecurso na TV e eu assistia algumas aulas na TV antes de ir trabalhar, estudava em casa pegava livros de colegas que tinham feito o primeiro grau completo o segundo e fui prestando fazendo as provas e fui eliminando as matérias. Mas, quanto à matemática eu precisei fazer supletivo, então em 99 eu fui fazer supletivo porque a matemática não conseguia eliminar. Então como eu fiz supletivo de todas as matérias aí eu peguei, de tudo, né? Eu peguei um certificado só, porque eu fiz tudo de novo. Então, teve um curso de magistério que a prefeitura promoveu. Então, eu, e assim... Mais nove pessoas daqui, desses seis, foram fazer magistério. Fiz em um ano, e aí eu comecei a estudar na (nome da instituição). Fiz um semestre e tinha sempre essa promessa que nós teríamos a Pedagogia pela PUC ou USP, mas, eu não confiei muito né. Aí fiquei estudando na faculdade particular mesmo. Quando saiu o curso de Pedagogia pela USP eu fui. Eu fui fazer o curso, aí eu tranquei a matrícula na UNG e fui fazer o curso e eu achei o curso maravilhoso, exigia muito da gente, mas fazia a gente participar sabe. Era um tipo de estudo que eu não conhecia porque eu estudei na escola tradicional né? Educação tradicional e eu achei que essa oportunidade de fazer Pedagogia em contato mais direto com o professor, que o professor ouve o aluno, que a gente pode interagir, e com vídeo aula, e a gente conversava com o aluno. E então eu

achei... Eu acho que a Pedagogia onde a pessoa é valorizada, ela aprende muito mais não é só aquela educação como o professor detém o saber e vai só passando. Existe uma troca, então você mesmo se descobre né? Quando é uma relação assim, uma Pedagogia baseada nas relações humanas assim, eu acho que agente aprende muito mais.

Juliana - Para que série você trabalha atualmente?

Professora F - Aqui no CEI nos atendemos crianças de 0 a 3 anos e 11 meses. Então são por agrupamentos. Então o agrupamento com o qual eu trabalho é mini-grupo, é mini-grupo 1 que são crianças de 2 a 3 anos. Então são bem pequenininhos.

Juliana - E assim... O que efetivamente a fez ser professora? Por que você resolveu? Por que você quis?

Professora F - Eu não queria ser professora não! Não, eu não queria. Mas eu fiquei dentro desse contexto, dentro desse ambiente, então comecei a me interessar por causa de necessidade de aprender, sabe? Curiosidade e o convívio com os professores e também...

Juliana - Você pode falar um pouco sobre a sua iniciação à leitura? Se foi em casa, se você aprendeu a ler na escola mesmo, se você gosta não gosta?

Professora F - Eu gosto muito, muito, muito! A minha iniciação à leitura foi com meu pai. Meu pai era alfabetizado e minha mãe não. Mas meu pai lia muitas histórias, contos de fada para gente. Ele lia e às vezes ele contava. E sabe que eu lembro Juliana, dele lê a história com uma entonação de voz assim que me transportava, sabe? E eu pensava um dia eu vou conseguir eu mesma lê tudo isso que ele tá lendo aí. Uma curiosidade, e eu admirava muito meu pai passar aquilo que tava no papel passar para nós. E depois ele começou, ele lia notícias de jornal para gente e começou a ensinar a gente fazer palavras cruzadas no jornal, e também tinha uma revista manchete, uma revista muito antiga. Então alguma palavrinha que tinha uma resposta fácil ele perguntava para gente. Então, eu comecei, eu tinha uma sede de aprender fazer aquilo. Então a minha iniciação a leitura foi muito boa! Foi em casa, foi em casa... No empenho do meu pai mesmo.

Juliana - Mas aprender efetivamente a ler você aprendeu na escola?

Professora F - Na escola.

Juliana - Mas o incentivo veio de casa?

Professora F - Veio de Casa.

Juliana - Onde você costuma ler? Por exemplo, dentro do ônibus, nos intervalos de aula, quando vai esperar na fila do médico?

Professora F - Eu leio nos intervalos, na nossa hora atividade eu leio, e assim mais relacionado à educação infantil mesmo. Já em casa eu leio, eu gosto de outro tipo de

leitura, eu leio bastante quando eu tenho algum trabalho para fazer, um projeto, aí eu leio ainda sobre a educação, Pedagogia. Mas a leitura que eu escolho mesmo, eu faço em casa, geralmente na sala. Eu não leio no ônibus, não leio na condução, nem na fila, não consigo me concentrar, porque eu me envolvo muito então se tiver muito...O ambiente, assim, meio tumultuado assim, aí eu não consigo ler não, mas eu amo ler.

Juliana - O que a chama mais atenção num livro e o que a leva a ter vontade de ler esse livro?

Professora F - O título me chama muita atenção, eu já fico imaginando o desenrolar da história. E a sinopse, eu leio e vejo se realmente me interessa, mas se eu começar a ler um livro dificilmente eu paro, mesmo se eu não tiver gostando muito, não consigo interromper uma leitura, não gosto .

Juliana - Quais os tipos de livros que você costuma ler, de quais autores? Além desses mais voltados à profissão, pedagógicos e que você usa mesmo para profissão.

Professora F - Eu gosto muito da Agatha Christie, contos de crime e mistério, né? Eu gosto de autores como: Jorge Amado, José Lins do rego... Ficção...

Juliana - Têm livros que você lê pelo autor, independente do nome do livro?

Professora F - Sim. Isso acontece bastante. Sidney Sheldon também, eu, eu gosto... Têm outros que agora eu não me lembro.

Juliana - O que a leva a ler essas histórias e o que a atrai nelas?

Professora F - Sabe o que me atrai conhecer outra história, outra vivência, um outro cotidiano, mesmo o panorama as paisagens e, é o que me leva, me atrai muito conhecer a alma humana sabe? A personalidade as vivências!

Juliana - Você gosta de ler livros de autoajuda?

Professora F - De autoajuda? Não, nunca li.

Juliana - Não? Por quê?

Professora F - Sabe, eu num experimentei. Na verdade eu fico achando que, autoajuda, ajuda assim, toda ajuda vem de Deus e acho também que a gente tem que se ajudar, e livros de autoajuda... Eu fico meio cética em relação a isso. Eu ainda não experimentei e num tenho vontade, mas eu penso que se alguém me indicasse comentasse alguma coisa sobre esse tipo de leitura eu faria, mas nunca fiz.

Juliana - Que tipos de questões você acha que os livros de autoajuda podem ajudar a pensar?

Professora F - Que tipos de questões? Eu acho que ajuda a gente, eu acho que é uma leitura introspectiva, faz você rever conceitos e provavelmente seja isso. E para garantir uma melhor qualidade de vida uma estabilidade emocional.

Juliana - Você acha que os livros de autoajuda podem acrescentar alguma coisa a sua experiência de vida ou ao seu conhecimento?

Professora F - Eu não sei Juliana. Mas, provavelmente, porque não é possível né? Porque tem muitos livros de autoajuda, né? E eu acho que eu posso tá perdendo por não conhecer.

Juliana - Você acha que os livros de autoajuda podem te ajudar no seu trabalho efetivamente?

Professora F - Eu acho que sim!

Juliana - De que forma você acha que isso pode acontecer?

Professora F - Porque todos nós precisamos de ajuda, e eu acho que pode ser que ajude numa mudança de comportamento, mudança de atitude, e para... Para valorizar o seu trabalho, e conscientizar também o que a gente passa né. Conscientizar a gente da importância que a gente tem nas relações. E influência também no caráter, principalmente das crianças.

Juliana - Existe alguma questão na sua vida pessoal ou profissional, ou de alguém que você conheça, que a leitura de alguma obra de auto ajuda ajudou a resolver?

Professora F - Existe, é uma amiga ela leu um livro de autoajuda. Ela leu alguns e ela fala que ela se fortaleceu que tava passando uma situação, difícil vivendo uma situação difícil emocionalmente. E esse livro de autoajuda é muito ligado à religião, ao catolicismo e ela é muito católica. Então, ela me relatava isso, que aquele livro tava ajudando bastante. Espiritualmente, assim...

Juliana - E ela relatou alguma mudança que afetou diretamente o trabalho?

Professora F – Não! Pessoal mesmo. Sobre o trabalho ela não...

Juliana - Como você vê os professores brasileiros na atualidade? Você acha que a leitura de obras de autoajuda pode ajudar esses professores?

Professora F - Juliana, se, se ela... Se uma obra de autoajuda faz a pessoa repensar, faz a pessoa se questionar e se ela tiver consciência, pode ser que sim.

Juliana - E como você vê os professores hoje em dia?

Professora F - Eu acho Juliana que os professores hoje em dia estão, uma grande parte deles, interessados na evolução mesmo do ser humano, em trocar experiências. Mas eu acho que é muito né? Muito misturado, assim. Eu também noto pessoas que estão

apenas trabalhando mecanicamente, que assim “vou cumprir horário e vou receber meu dinheiro” e num tem muita responsabilidade com o que ele tá passando e com a influência que ele tem na vida das pessoas, dos educandos, né?

Juliana - E partindo disso você acha que a leitura dessas obras pode mudar alguma coisa, auxiliar em alguma coisa?

Professora F - Ah, eu... É que eu não sei o conteúdo, né? Mas, autoajuda. Se a pessoa consegue absorver esse tema esse assunto de autoajuda, se ela consegue fazer mudanças, ela consegue também ajudar os outros, né? Mas eu penso que, para um livro desses ter um significado, autoajuda tem que ser a pessoa se autoajudar e transmitir. Porque se ela for egoísta, tentar se autoajudar e pronto e não puser aquilo na vida pessoal e profissional aí eu acho que ele não, não produz frutos, não é? Eu penso.

Juliana - Qual a importância maior você vê nessas obras?

Professora F - Eu acho que ela deve enfatizar o autoconhecimento, uma análise de si mesmo. Eu acho...

Professora G

Juliana - Vou começar perguntando seu nome, sua idade, escolarização, experiência profissional?

Professora G - 49 anos

Juliana - Escolarização?

Professora G - Nível superior.

Juliana - Pedagogia?

Professora G - Eu fiz Educação Física primeiro e depois Pedagogia. E depois eu fiz a conclusão que dava mérito para gente poder tá atuando como coordenadora na prefeitura, né? Ou trabalhar na supervisão dentro da diretoria de ensino também.

Juliana - E atualmente você está na coordenação? Já tinha trabalhado antes como coordenadora?

Professora G - Não, não. Eu já trabalhei dez anos em uma escola particular de Educação Infantil, no centro. Aí vinculado um período, eu ingressei na prefeitura como titular. Aí fiquei dois anos como efetiva. Aí eu casei mudei de Estado e não retornei. Exonerei o cargo, depois eu prestei novo concurso para professor adjunto dentro da rede pública também, e aí eu fiquei até praticamente ano passado dentro de sala de aula, todos os anos dentro de sala.

Juliana - Com Educação Infantil?

Professora G - Com Educação Infantil.

Juliana - Você pode falar um pouco sobre a sua trajetória profissional. Como e por que você escolheu ser professora?

Professora G - É assim, olha. Desde pequena na realidade eu sempre quis ser professora de Educação Física, porque além de envolver a natureza, gostar muito de esporte, a professora da época de Ginásio, ela foi muito forte. Como expectativa, como vivência, como modelo. E depois chegando no magistério também. Acho que esse perfil de professor, e a matéria em si foi uma coisa que foi muito apaixonante também. Então já desde o finalzinho do Ginásio eu já tinha essa queda, então eu nunca pensei em outra questão, mesmo que seja vinculada a isso. Aí eu fiz a faculdade, e aí nessa trajetória do término do magistério para a faculdade de Educação Física surgiu a oportunidade de eu estar trabalhando nessa escola particular. Inclusive é daqui da rede da Penha.

Juliana - Como professora de Educação Física?

Professora G - Como professora, então eu fui trabalhar eu estava no terceiro ano de magistério, terminei os quatro anos de magistério aqui em São Vicente, e aí no terceiro ano eu e mais três colegas fomos convidadas para trabalhar como, como estagiária. Podia. Então aí nós fomos trabalhar, eu fui apaixonada, né? Porque eu acabei ficando apaixonada pelo trabalho desenvolvido com as crianças pequenas. Porque eu sempre gostei das crianças pequenas na realidade. E aí foi dando forma, porque aí depois da escola particular eu acabei prestando também para Educação Infantil e aí fui dando continuidade, né? Aí depois eu fiz a Pedagogia, posteriormente. Fiz a supervisão também, foi tudo assim nessa sequência basicamente.

Juliana - Você pode falar um pouco sobre a sua iniciação à leitura. Se foi em casa, se foi na escola?

Professora G - Olha, na época, mesmo pelos meus pais, assim, não terem, assim, muitos recursos financeiros, mas, meu pai sempre se preocupou muito com a leitura. Então na época assim, nós não tínhamos o acervo que nós temos hoje de livros infantis. Na realidade, na época, eram mais os gibis, né? De Mônica, assim, aquela turma toda, e principalmente os clássicos, os de contos de fada. Tanto é que eu sou extremamente apaixonada. Então meu pai sempre nos beneficiou com livros, né? De histórias. Então tinham uns que eram grossos com várias histórias, tudo em um livro só. Tinham uns livrões para colorir que tinham as histórias. Então a trajetória seria mais essa assim, quando eu era pequena mesmo. Desde que eu lembro acho que o que... Uns seis anos mais ou menos, meu pai sempre nos deu, nos presenteou com os livros de história.

Juliana - E aprender a ler efetivamente você aprendeu na escola?

Professora G - Não, porque na época é, há uns anos atrás, era forte, por exemplo, principalmente a mãe que ficava em casa, auxiliar as crianças para quando elas entrassem na primeira série estarem alfabetizadas. E eu me lembro que na época eu e meu irmão entramos mais novos, com seis anos naquela época. O que não era comum entrava-se com sete anos. Então o que acontecia? Tinha uma escola particular aonde essas crianças podiam estar fazendo esse primeiro ano nessa escola particular e depois a escola do Estado recebia essas crianças mesmo sendo fora da faixa etária. Agora, por que a minha mãe resolveu me colocar com seis anos, eu não sei. Mas na época não era comum mesmo, entrava com sete anos. Mas eu me lembro que tanto eu, quanto meu irmão e minhas irmãs, todas, eu tenho quatro irmãos, são quatro irmãos, todos entraram alfabetizados, mas pela minha mãe.

Juliana - Você gosta de ler?

Professora G - Gosto.

Juliana - Onde você costuma ler? Por exemplo, no ônibus, esperando o médico...

Professora G - É, normalmente eu sempre busco alguma coisa para ler. Agora muito mais os livros didáticos para poder preparar o, preparar os estudos, até filmes. Então

você fica muito vinculada nisso. Mas normalmente todo espaço principalmente no ônibus, se eu vou no médico, só sei que, qualquer lugar eu levo, se de repente eu consigo ler alguma coisa então eu já... Em casa também.

Juliana - Você costuma ler no computador?

Professora G - Não, porque como eu tenho dificuldade para enxergar, então cansa muito minha vista, então normalmente, eu leio assim, textos, pesquisas que eu vou trabalhar no... Então eu faço essa leitura, mas não é comum assim. Livros, essas coisas não, para mim não é bom.

Juliana - O que a chama mais atenção em um livro e o que a leva a ter vontade de ler esse livro?

Professora G - Acho que primeiro pelo nome. Dependendo da figura, e algumas recomendações que algumas pessoas comentam, né? Sobre determinado livro, “Você já leu tal livro, olha é interessante”, aí você acaba sendo despertada para poder fazer a leitura daquele livro. Eu não digo de imagens hoje, porque para mim já não é tão significante, quando é criança já esse parâmetro é diferente, né? Da figura, das imagens...

Juliana – Têm livros que a chamem atenção por conta do autor e não pelo livro em si?

Professora G - Tem o Paulo Coelho... É que de nome assim eu não me lembro. Eu sou assim, para mim gravar os nomes é...

Juliana - Não, mas tudo bem... O Paulo Coelho é um autor que você lê por ele não pelo título do livro?

Professora G - Não, por ele. Mas muitas vezes assim eu não me prendo, por exemplo, no autor. Eu me prendo, por exemplo, quando alguma pessoa me faz alguma referência, de que leu que realmente é bom ou do que se trata. Dependendo do foco que você tem naquele momento, então te leva a ler. Então eu não fico focada no autor e sim no conteúdo do livro, no contexto do livro.

Juliana - Que tipos de livro você costuma ler?

Professora G - Eu falei, agora eu to mais interessada nos didáticos. Que é para aumentar até o meu repertório como educadora, ou então que eu possa trazer algo diferente para elas, né? Porque, esse grupo aqui é um grupo que já estudou muito, já leu muito, então eu sempre procuro trazer algo que seja novidade, diferente. Então, por exemplo, nem sempre... Que nem... Normalmente eu não trabalho o livro inteiro, então eu faço alguns recortes de acordo com o que esta sendo apresentado aqui... Do ano... Daí eu vou pegando os recortes. Daí eu tiro fotos, leio, né? Adequadamente, vejo o que ta adequado, aí... Porque você tem que buscar algumas coisas de recurso na internet para poder dar subsídios para poder passar para elas. Agora, o livro inteiro não.

Juliana - Você gosta ou já leu livro de autoajuda?

Professora G - Nunca li.

Juliana - Não?

Professora G - Não.

Juliana - Por quê?

Professora G - Olha, eu nunca senti a necessidade assim, e nem a curiosidade de ler assim. Nunca... Nunca. Se alguém me recomendasse também... Nunca me chamou atenção... Em nenhum aspecto...

Juliana - Que tipos de questões você acha que esses livros poderiam te ajudar a pensar?

Professora G - De autoajuda? Talvez me ajudar em algumas situações do cotidiano, que são mais frequentes entre as pessoas. Mas, se eu te falar, o quê? Eu acho muito difícil. Porque, particularmente, eu sou muito de observar as pessoas. Olhar as formas assim, por exemplo, que as pessoas se apresentam no grupo, a maneira como elas ajudam como, elas têm dificuldade de lidar com o outro, de que forma que eu posso, assim, através da observação, aonde que aquele professor tá precisando de um auxílio, de uma palavra. Olhar o que ele faz de bacana e, de repente, fazer a mesma coisa porque da resultado. E não na leitura em si, eu sou mais a observação pessoal mesmo.

Juliana - Você acha que essas obras, elas poderiam acrescentar alguma coisa ao seu conhecimento ou a sua experiência profissional?

Professora G - Eu acho que tudo é possível. Eu realmente nunca tive interesse mesmo. Se eu falar que eu tive eu estaria mentindo. Mas, não que assim, por exemplo, eu não leria ou não acho que é interessante. Então pessoas que conseguem, assim, se modificar e melhorar muito ou até encontrar soluções que normalmente elas não encontram no dia a dia. Eu acho que tudo é válido.

Juliana - Existe alguma questão que você ou alguma pessoa que você conheça tenha conseguido resolver a partir da leitura de um livro de autoajuda?

Professora G - Não, não porque eu acho que nunca tive interesse.

Juliana - Como você vê os professores brasileiros na atualidade e como você acha que a leitura dos livros de autoajuda poderia ajudar ou influenciar?

Professora G - Olha eu vejo aqueles que já são bem antigos na rede que tem assim, muita resistência a mudanças e uma forma diferente de ensinar, alguns até já estão se modificando, já tão mudando sua prática em relação a isso. Têm uns que são extremamente abertos, né? Estudam demais, leem demais, fazem as faculdades, as pós, e aí eles conseguem um trabalho muito rico. E muitos que estão naquela mesmice, né? Que não adianta você mostrar nada que eles são muitos fechados, não estão dispostos a

nada. Eles acreditam na linha de trabalho deles e não mudam de jeito nenhum. A única coisa assim, que eu me lembro quando eu trabalhei com, eu trabalhei um ano foi no magistério no ultimo ano, eu trabalhei com Educação Infantil e eu fiquei assim horrorizada, isso faz o que? Uns quinze anos atrás mais ou menos que eu trabalhei no quarto ano do magistério, em que os professores tinham muita dificuldade na escrita, na leitura, na concordância, erros gravíssimos de português. Então aquilo me incomodava muito, porque eu falava assim “meu Deus eu estou no quarto ano”. Não que eles não eram bons profissionais, isso não. Mas, é a forma, se eu não me coloco de uma postura correta para minha criança na escrita, como é que eu vou cobrar dele, se eu mesmo não sei. Eu achei que já na época tava tendo assim muita falha no modelo do magistério. Agora o curso que eu ouvi falar muito bem foi do CEFAM, mas foi um curso muito difícil. Pelo menos que, na época eu trabalhava na prefeitura, muitas faziam então elas falavam assim que, olha, que trabalharam muito, muito, muito! Mas disse que foi excelente. Então pelo que eu imagino na época devem ter sido formados bons profissionais na área.

Juliana - Em relação a esses profissionais que não querem mudar de postura você acha que a leitura dos livros de autoajuda poderia influenciar?

Professora G - Eu acredito.

Juliana - De que forma você acha que isso poderia acontecer?

Professora G - Se eles tivessem acesso ou se alguém pudesse indicar. Que tivesse mais divulgação. Eu acho que sim, porque tem pessoas que precisam sim dessa leitura, para se fazer uma auto- análise, para rever conceitos, rever situações, rever práticas. Que têm coisas que são possíveis sim, só que você tem que estar aberto para.

Juliana – Você vê uma importância maior nessas obras? Qual?

Professora G - Eu acho, por quê? A pessoa que escreve ela quer, eu penso assim que, eles querem dar esse auxílio para o professor ou para professora, no caso aí a questão, né? Então eles devem ta... Estudaram demais para saber quais são as dificuldades, de que forma ajudar, até de uma forma psicológica, como dar esses encaminhamentos. Por isso que eu acho que é válido, eu acho que são importantes sim. Não é porque, por exemplo, eu não li que eles são ruins, é que eu nunca achei necessidade na minha prática, mas, eu penso que muitas pessoas procuram. Principalmente nesse mundo de turbulências, né? Com muitas dificuldades, em todas essas áreas, Em toda área profissional, não é só na parte da educação não, em todas as áreas. E as pessoas, às vezes, ficam um pouco desestruturadas, um pouco. Até que, com a situação financeira e tudo, então de repente ela precisa mesmo estar se sentindo valorizadas, que elas têm potencial aonde buscar esse potencial. Esse lado positivo deixar aflorar que da certo! Olha “vai lá, faz assim”, então estimula essa pessoa a ir pro caminho, entendeu? E achar que realmente vai dar certo, e acreditar! Acreditar nele. Eu acho que vale a pena.

Juliana - Você acha que a leitura vai influenciar na mudança pessoal que pode influenciar na mudança profissional?

Professora G – Sim, na vida pessoal e profissional.

Professora H

Juliana - Eu vou perguntar seu nome, idade, escolarização, experiência profissional, e pra que séries você trabalha atualmente?

Professora H - Minha idade é 58.

Professora H - Trabalho no B1.

Juliana - B1 é de?

Professora H - É bebê, né? De até um ano e meio.

Juliana - E escolarização?

Professora H - Eu tenho faculdade.

Juliana - De pedagogia?

Professora H - É.

Professora H - Magistério também?

Professora H - Não. Ah Tenho também...

Juliana - Você pode falar um pouco sobre a sua trajetória profissional. Como, e por que você escolheu ser professora?

Professora H - Eu sempre gostei de criança. E eu cheguei a alfabetizar uma garota uma vez. E eu sempre vivi rodeada de criança. Então eu acho que já era, eu num tive filho nenhum, eu acho que já era algo meu mesmo, que me acompanhava, né? Eu tenho muitos sobrinhos, mas não tenho filho nenhum, sempre fiquei envolvida com criança, sempre me liguei muito, né? E, sei lá, não era um sonho ser professora, num almejava tanto, mas com o caminhar, né? Das coisas, aí acabei fazendo magistério, a faculdade. Eu já estava aqui quando...

Juliana- As coisas foram te levando a ser professora.

Professora H - É

Juliana- Entendi.

Professora H - E hoje eu mudei bastante, adquiri bastante experiência no meu trabalho. Me abri bastante. Porque eu era uma pessoa que, até hoje eu ainda sou, meio resistente às mudanças, né?

Juliana - Faz quanto tempo que você é professora?

Professora H - Vinte e três anos. Não, que eu trabalho com criança, né? Agora de professora mesmo, na função, assim, uns dez anos, né? Contando com o magistério, tudo. Mas, com as crianças...

Professora H - Era fácil quando eu entrei na época, né?

Juliana - Era o que?

Professora H - Que é fácil...

Terceira pessoa: Era assistência social, depois é que veio Educação.

Juliana - É porque antes a Educação Infantil era da Assistência Social?

Professora H - É, porque era bem diferente mesmo. Hoje não...

Juliana - Era mais cuidado?

Professora H - Era mais o cuidar, por isso que eu penei bastante! Porque você acostumava tantos anos no cuidar depois vem essas mudanças, né? Mas hoje não, hoje eu já consigo ver que é bem diferente, e a trajetória das crianças, como ela entra, aí, o tempo, o caminho... O caminhar delas é bem legal mesmo!

Juliana - Você pode falar um pouco sobre a sua iniciação à leitura? Você começou a ler em casa, na escola ou em algum outro ambiente?

Professora H - Em casa. Meus Irmãos são professores. A família toda tem muito professor, né? Então...Quer dizer já desde... meu pai lia muito para gente. Então desde pequena eu sempre gostei de ler.

Juliana - Você aprendeu em casa?

Professora H - É, em casa.

Juliana- Bom, então a próxima pergunta era se gosta ou não gosta de ler.

Professora H - Gosto.

Juliana: Onde você costuma ler? Por exemplo, no ônibus, em casa, nos intervalos de aula?

Professora H - No ônibus. Em casa também eu leio, assim, depois das quatro e meia eu já não consigo mais ler por que aí eu já não enxergo direito. Mas eu, eu gosto de ler!

Juliana - Todas as professoras que eu entrevistei não conseguem ler no ônibus, porque dizem que balança e ficam passando mal...

Professora H - É, mas aí acho que já é costume, né? Porque eu cuidava de uma sobrinha minha e toda vez que eu tinha que ir pra casa dela era de ônibus. E eu, foi logo

quando comecei a ler os livros mesmo, né? E eu peguei essa mania de ler. Em casa todo mundo lê no ônibus, as meninas vão trabalhar e levam o livro aí ainda falam: “Mas todo mundo quer ir pra cochilar no ônibus de manhã, né? E pra ouvir música, né? Não, elas gostam de ler mesmo...”

Juliana - O que mais lhe chama atenção em um livro e o que a leva ter vontade de ler?

Professora H - Quando eu... Eu leio muito o... Eu não sei se é o... como que a gente fala? Tem um resumo, né? Eu vou pelo resumo. Eu gosto muito de histórias mesmo de vida, né? E você aprende muito com o livro de leitura, né? Esses tipos de... Então eu vou mais pelo resumo, aí eu leio o livro. Ultimamente eu to interessando um pouquinho mais, eu não gostava, mas eu li um que a minha diretora me deu e gostei, sobre livros que falam sobre... É a história de uma menina que morreu então ela vem... Não sei, ainda não tô no meio do livro. A criança tinha três anos, então dali tá contando uma história dela depois da morte, entende? Eu gostei...

Juliana - É um livro espírita?

Professora H - É, é espírita. E eu nunca gostei, porque eu tenho medo, né?

Juliana - Você lembra o nome do autor? Da autora?

Professora H - Não, tava até na minha bolsa, eu tirei. Minha diretora que me emprestou. Não lembro não! Ela leu, a diretora leu, aí falei agora quem vai ler sou eu, porque elas comentando, né? Aí eu quis ler...

Juliana - Quais tipos de livros você costuma ler? Você possui algum autor favorito?

Professora H - Um que é Érico Veríssimo.

Juliana - Você gosta de ler livros de autoajuda? Você já leu?

Professora H - Gosto.

Juliana - Por que você gosta de ler?

Professora H - Eu gosto porque... Tem tantas dúvidas que você acaba lendo algumas coisas assim e vai te aliviando, te abrindo mais a mente, né?

Juliana - Que tipo de questões você acha que os livros de autoajuda podem te ajudar a pensar?

Professora H - Eu falo... Mais a... Questões assim... Que eu tenho medo de enfrentar e você lê um certo livro que traz uma clareza melhor e te ajuda mais na tua decisão.

Juliana - O que você acha que esses livros, eles crescem a sua experiência de vida ou ao seu conhecimento?

Professora H - Ele me dá mais equilíbrio para mim tomar minhas decisões e me deixa sem ter medo de tomar tal iniciativa.

Juliana - Em que você acha que os livros de autoajuda podem ajudar no seu trabalho como professora? Você acha que pode?

Professora H - Pode sim. Como berçário a gente lida com os bebês, então tem certas coisas que você tem medo de fazer por você. Você achando que aquilo é certo, e aí você faz e de repente não é. Então eu sempre me questiono sobre isso, porque eu tenho medo de fazer uma coisa e praticamente quando eu faço alguma coisa ou eu conversei com alguém ou eu li e fiz um comentário com a minha amiga, e é bem por aí você entende? Aí eu já não tenho tanto medo de tomar iniciativa ou de me envolver a partir daquele trecho que eu li assim, que me trouxe essa abertura você entende?

Juliana - Existe alguma questão na sua vida pessoal ou profissional que a leitura de alguma obra de autoajuda auxiliou a resolver?

Professora H - Olha, eu li um livro, porque eu fui uma pessoa que, aliás, eu não gosto nem de comentar muito, mas eu vou falar sim, porque eu ainda me sinto melindrada com isso. Eu tenho uma tia, ela ainda é viva, minha tia tá com quase noventa anos, mas até hoje ela é uma pessoa lúcida, ela é uma pessoa... Ela é muito clara nas decisões dela. Para você ver com essa idade, ela sempre... Foi a primeira mulher a entrar nos escritórios dos Matarazzo. Ela foi coroada rainha dos Matarazzo pela Tânia Carreiro, tem foto dela sendo coroada, sabe? E essa minha tia ela sempre foi muito enjoada, assim... Porque a gente, nós somos morenos e a família, tudo eles eram tudo branco do olho claro então nós éramos chamados de negro da Maura, minha mãe chamava Maura. Então a gente cresceu com certo receio, mas naquele tempo não era igual hoje, que tem ajudas fora, né? Não, o povo te massacrava e ficava por isso mesmo. Ai eu cresci a vida inteira e a minha tia me chamava de retardada e eu demorei muito para tirar isso da cabeça. Você sabe que eu tirei isso quando eu entrei para trabalhar na creche. Num é que eu tirei, eu ainda lembro, e essa palavra me machuca muito. Se eu ver alguém chamar uma criatura de retardada aquilo me acaba, porque é uma coisa que te traz um trauma ali. Por isso que eu falo que, essas coisas marcam demais. E na minha época marcou demais, porque meus pais eram pessoas de interior, né? Meu pai principalmente falava que mulher não precisa saber ler e escrever. Então são coisas que, né? Fomos crescendo naquele ambiente. Mas uma coisa que o pai sempre deixou muito claro para gente era honestidade, né? E força de vontade, e ser batalhador, meu pai, a minha família, né? Então isso eu não questiono. Mas em questão de saber, de te valorizar, de reconhecer que você tá machucado e precisa de ajuda não, nunca teve nada disso. Então, a gente penou muito. Eu tive uma infância assim, era rica... Era rica em amor de família... Que a gente sempre foi muito unido, né? E a simplicidade, coisas que hoje você não vê por aí, né? Tudo isso. Então era assim, a minha mãe agia de um jeito e meu pai... A mãe já achava que a gente tinha que estudar escondido do pai. Eu terminei o ginásio escondido do meu pai, eu, minhas irmãs... Os meninos não, os meninos podiam tudo, mas as

meninas não, não podiam nada, sabe? Você tinha que fazer trabalho de casa e acabou. Então pela minha mãe que a gente teve alguma coisa, né? Em matéria de estudar de... E eu sempre fui uma pessoa muito recriminada em escola, porque a gente era muito pobre esse tipo de coisa, e a minha tia me fez crescer cheia de revolta, né? Tudo isso. De vez em quando eu ainda tenho uma mágoa porque a gente lembra a gente fala que acabou, mas não acabou. Acabou pela tua maturidade, você entende? Você fala não, eu vou vencer, eu sou igual a qualquer um e acabou, mas no fundo no fundo fica alguma mágoa, fica alguma coisinha, né? Então, às vezes eu procuro nem... A minha tia é viva, é muito bem de vida, mas é assim... Ela mora na Penha agora, a minha irmã é a única que vai na casa dela, a gente não vai, porque é assim se você vai lá você tá interessado na herança dela e ela não tem filho não tem ninguém só tem nós. Então eu já não vou. Aí eu ainda comento com a minha irmã que ela da risada, né? Falo: “Eu não vou!”, aí ela fala “Ah, mas, eu vou porque é a única tia que a gente tem agora, né?”. E eu não, ela fala que a gente quer a herança dela, mas, eu não vou, mas tem uma coisa se ela deixar alguma coisa para mim eu vou pegar, porque ela não deixou? Então. Mas não ela me deixou muito... Crescendo muito magoada, hoje não. Ela, quando eu me formei da faculdade ela me chamou, eu fui lá ela me deu dois mil reais num envelope, ela falou que era um presente por eu ter me formado porque ela sempre foi assim, aquele que se formava, que estudava era muito bem avaliado por ela, você entende? Tem um valor tremendo. E eu com essa idade agora me formando na faculdade, né? Aí ela me chamou, me... Então ainda ela me lembrou do passado, ela falou águas passadas que a gente, né? Sente tanto... Mas era a vida da gente, tão bruto e, então é isso.

Juliana - E aí a leitura de algum livro te ajudou a resolver?

Professora H - Me ajudou muito!Muito mesmo.

Juliana - Você lembra o nome desse livro?

Professora H - Tem um que eu li. Comprei do Avon. Eu não sei se é...Era do padre...

Juliana - Padre Fábio?

Professora H - É. Nossa tem coisas ali muito lindas.

Juliana - E aí você conseguiu amenizar essas questões em relação a esse seu trauma? Ele te ajudou então?

Professora H - Me ajudou muito.

Juliana -- E profissionalmente. A leitura de algum livro lhe ajudou na profissão?

Professora H - Ajudou, porque quando nós entramos para trabalhar que foi mudando a forma do cuidar mais para a educação, mas no nosso caso é mais o cuidar, porque são bebês, né? E tem muito livro que fala do desenvolvimento do bebê e a gente no berçário você lê muito porque é importante, né? E eu tive muita ajuda assim...

Juliana - Mas você teve alguma auxílio dos livros de autoajuda na na sua profissão?

Professora H - Ah sim! Eu lembro. Ainda mais numa época em que nós ficamos brigando por não ter o magistério, foi na época que eles estavam pedindo. E quem tinha magistério ficou no nosso horário, pôde escolher tudo e nós fomos pro horário da tarde, e no horário da tarde que eu entrei, eu não consegui pegar berçário, porque eu sempre trabalhei em berçário, aí foi quando eu fui trabalhar com crianças maiores. Ai penei bastante, viu? E foi por meio de livros assim que eu consegui me levantar, fazer trabalhos com eles, né?

Juliana - Como você vê os professores brasileiros na atualidade?

Professora H - Eu acho assim, eles são muito pouco valorizados. A gente tá vendo muita coisa triste acontecendo, porque de primeiro, na época da gente que somos bem mais velhos, nossos professores tinham valor, né? Eu lembro que o meu irmão como professor, ele sempre foi um ótimo professor. Meu irmão deu aula muitos anos no (nome da escola) é uma escola que tem na Vila Light. E ele sempre foi um professor tão bem quisto, tão querido. Dia de aniversário dele os alunos faziam reunião para fazer festa mesmo assim, com direito a tudo. E iam na casa dele, quando ele deixou de dar aula, os ex- alunos, até hoje eles ainda vem, na casa dele pra ver como ele tava, saber como ele tá, trazer presente, eu acho muito bonito. Mas, porque ele sempre se dedicou, né? É que nem ninguém hoje em dia quer dar aula pros jovens, pra essa turminha de 15... E é a idade que ele gosta. Ele se da muito bem. Hoje ele é avô, já tá mais, né? Mas, ele adora a profissão dele. Então ele pegou uma fase muito difícil. Ainda me lembro quando ele fazia faculdade, essa minha filha que pagou a faculdade dele. E ele... Certas fases na vida que você vai estudar... A minha filha pagava faculdade e os trabalhos que ele conseguia antes de terminar a faculdade... ele sempre foi vendedor de livros essas coisas, né? Então assim, ele nunca tinha um dinheiro para comer. Você ta sempre com a barriga vazia, né? Nossa ele contava os apertos que ele passava, muito triste, viu? Mas é um homem batalhador que merece muito de Deus, porque ele é muito bom.

Juliana - Você acha que a leitura das obras de autoajuda podem auxiliar nesse processo de valorização?

Professora H - Ah pode!

Juliana - Como você acha que isso poderia acontecer?

Professora H - Eu acho assim, porque tem muito professor que já perdeu a vontade... Perdeu a vontade de voltar pra uma sala de aula e ainda relembra com tristeza tempos bons que passaram. Então vem ajudar muito você, entende? Na forma das reações dele de afastar um pouco a... As coisas ruins.

Juliana- Qual a importância maior você vê nas obras de autoajuda?

Professora H - Que faz a gente crescer, que valoriza mais... Faz a gente se valorizar um pouco mais. Um pouco mais, bem mais, né?

Professora I

Juliana - Eu vou começar perguntando qual o seu nome, sua idade, escolarização, experiência profissional e para qual série você trabalha atualmente?

Professora I - Eu sou _____, eu estou atualmente com 46 anos. A minha experiência é... Vinte e quatro... Dia primeiro de abril do próximo ano eu faço 25 anos em sala de aula, sempre com educação infantil. Eu tive durante nove anos em uma escola onde eu era diretora e coordenadora e atualmente eu estou com a turma do mini grupo dois que aqui nessa unidade são crianças acima de três anos e meio que já estão beirando os quatro anos, porque a seguir eles vão para EMEI.

Juliana - E qual a sua escolarização?

Professora I - Superior completo. Eu tenho... Na época era administração escolar, hoje é gestão, né? Então eu tenho o curso de Pedagogia, licenciatura plena, gestão e supervisão escolar.

Juliana - Você pode falar, por favor, um pouco sobre a sua trajetória. Como e por que você resolveu ser professora?

Professora I - A minha trajetória é interessante. Eu nunca... Eu sempre gostei de brincar de escolinha quando era pequena, mas na realidade nunca pensei em ser professora e quando eu terminei, hoje é o ensino médio, né? Eu fiquei um ano sem estudar, porque eu falei que não ia mais estudar, e eu sempre gostei muito de estudar, fazer cursos, e eu simplesmente cismeiei que não ia fazer faculdade. Mas uma amiga minha “Não, vamo prestar vestibular, vamo comigo! Vamo comigo! Vamo comigo!” “Ah ta bom, o que você vai prestar?” Uma tal de Pedagogia que eu não sabia nem do que se tratava na época. Nem me apeguei ao que era. Ai fui, eu prestei, passei, falei: “Bom agora eu passei, vou cursar, vamos ver o que é”. E aí sempre visto a camisa daquilo que eu faço. Eu amo o que eu faço. Por isso que eu to tantos anos. E eu sou muito idealista na área de educação. Às vezes da aquela vontade de chutar o pau da barraca e desaparecer, mas eu ainda acredito que pode ser que um dia nós consigamos fazer a diferença.

Juliana - E logo quando você se formou já conseguiu um emprego?

Professora I - Eu comecei a trabalhar enquanto ainda estava na faculdade.

Juliana - Você pode falar um pouco sobre a sua iniciação à leitura? Foi em casa ou na escola?

Professora I - Eu fui alfabetizada pela minha mãe. Não fiz educação infantil, então é... Talvez isso que tenha pegado quando eu comecei a trabalhar com educação infantil que como eu não tive necessidade eu achava que era algo supérfluo. Hoje eu vejo a importância, né? Eu debato muito a questão dessa importância realmente do trabalho

com essa criança de zero 0-6 que muitas vezes ela é tratada como um objeto para ficar num depósito. E, então eles tão sobrecarregando professores, eles estão colocando um número excessivo de crianças em sala e a gente não consegue dar a atenção que a criança precisa. E a questão da leitura a minha mãe...(inaudível) filha de portugueses, então portugueses eles lidam muito com a questão do...”Eu preciso trabalhar para conseguir as coisas o restante é supérfluo”. Então, para os meus pais, parar para contar uma história, para ler um livro eu não lembro de nenhuma vez acontecer. Agora eu lembro que eu ganhei um livro, eu tinha sete anos, foi da minha professora de primeiro ano, a partir daí eu comecei a ler tudo.

Juliana - Então você aprendeu a ler em casa com a sua mãe?

Professora I - A leitura mesmo com 7 anos. Na escola... isso no primeiro ano eu lembro que ela deu um livro chamado “A ratinha vaidosa” que este ano eu encontrei um no sebo e até eu comprei porque eu não sabia aonde estava o outro. Também eu já sou do século passado né, diga-se de passagem. E eu lembro que a partir desse livro eu comecei a devorar livro. Hoje eu incentivo a leitura em todas as salas por onde eu passo. Sempre trago muitos livros, eu empresto livros para as crianças porque eu sei a importância que isso tem na vida das pessoas, né? Meu grupo hoje já está escrevendo histórias, eu só sou a escreva e organizo as ideias, mas a maior parte das falas são deles e a ordem dos acontecimentos também.

Juliana - Onde você costuma ler? Por exemplo, no ônibus, em casa...

Professora I - No ônibus não mais porque é impossível a minha visão não permite mais. Mas em casa... Ou local parado às vezes até aqui na unidade a hora que as crianças estão dando uma cochilada, aí pego alguma coisa para ler, mas normalmente em casa.

Juliana - O que te chama mais atenção em um livro e o que te leva a ter vontade de ler?

Professora I - Eu compro livro... Compro não é compra/pagar... É comprar assim, eu passei... To passando por uma prateleira, eu compro com os olhos. Pela capa... Pela capa, sempre. É a primeira coisa que eu faço, aí eu vou para contracapa, vejo o resumo. Isso se for livro para ler, se eu tiver comprando livro para criança eu abro aleatoriamente uma página, é pelo desenho.

Juliana – Quais seus autores preferidos? Você compra livros por causa do autor?

Professora I - Acho que não. Acho que eu já li de tudo. Não lembro de nenhum autor que eu tenha ido propositalmente... É... Não, não lembro assim de nunca ter acontecido essa situação.

Juliana - Que tipo de livros você gosta de ler?

Professora I - De gibi, passa por autoajuda, área de educação. Agora eu to namorando um (nome do autor) que é de múltipla deficiência, que eu não consegui pegar eu to fazendo um curso lá, e a hora que eu saí já tava meio que fechando a livraria deles então eu falei “Ah! Eu pego da próxima vez”. Então agora... Esse vai pelo autor né, que são dos autores da (nome do autor). Acho que é a única vez que aconteceu isso, porque eu vi mais ou menos do que se trata e to namorando ele faz quinze dias. Só daqui a quinze dias que eu vou comprar, só tem lá.

Juliana - E assim... Tanto nas suas leituras de lazer quanto nessas mais voltadas a sua profissão, o que te atrai? O que te leva a ler essas coisas? O que te atrai? Por exemplo, numa leitura de lazer, o que te leva a ler um livro?

Professora I - De lazer... Aí eu vou procurar ou texto de autoajuda... Ou até aquelas revistas “quero mais” até essas eu leio. Eu não tenho... Não sou assim exigente não, eu gosto de ler tudo. Assim de lazer, eu acho que é mais essa mesmo área de autoajuda, ler a história dos outros, história de vida das pessoas me chama muita atenção. Porque sempre acrescenta, né? Então situações... cada um vive de uma maneira, mas sempre acrescenta alguma coisa nem que seja “Olha! Eu acho que eu não teria feito isso que essa pessoa fez” já acrescentou em você, reforçou um conceito interno que você tem.

Juliana - Você gosta de ler livros de autoajuda?

Professora I - Gosto.

Juliana - Por quê?

Professora I - Às vezes a gente fica deprimida por alguma coisa, acha que o mundo tá totalmente contra você e esses livros te dão um “up” na vida. Eu acho que a gente deveria pelo menos uma vez por semana ler alguma coisa para superar os traumas.

Juliana - Que tipos de questões os livros de autoajuda te ajudam a pensar? Te ajudam a pensar alguma questão específica ?

Professora I - O respeito pelas diferenças dos outros. Eu acho que isso é uma... É algo que eu tenho forte em mim, porém, como tudo que a gente incorpora às vezes a gente acaba achando que ta executando, mas acaba deixando de lado. Então é uma coisa que eu to sempre reforçando que é para não esquecer... Retomando.

Juliana – Você acha que os livros e autoajuda acrescentam alguma coisa à sua experiência de vida ou ao seu conhecimento?

Professora I - Quando eu busco algo que seja diferenciar valores, que reforcem os bons valores, os valores que estão sendo esquecidos pela sociedade, eu acho que me fortalecem para agir dessa maneira. Porque tem hora realmente que a gente tem vontade de pegar o outro pelo pescoço. Só que não ta sendo valorizada positivamente essa situação, e de repente você lendo um livro, você consegue parar e pensar na situação, tentar se colocar às vezes... No lugar do outro mesmo. Porque às vezes a pessoa... Tem

gente que age por maldade que é para te ver mesmo lá no fundo do poço, mas tem gente que age tão inocentemente que acaba te jogando no poço da mesma maneira. Então realmente é para retomar esse conceitos, retomar a calma antes de mais nada.

Juliana - Em que você acha que a leitura dos livros de autoajuda podem te ajudar no seu trabalho efetivamente? Elas podem te ajudar?

Professora I - O trabalho com a educação infantil, ele é bastante desgastante para gente. Porque a gente tem que trabalhar não só vinte e cinco crianças que nos temos em sala, nós temos vinte e cinco famílias junto. E às vezes a questão não é a criança, a criança é só o reflexo... É a ponta do iceberg, né? O problema é muito maior, muito mais profundo. E a gente tem que ter esse autocontrole para não pegar os pais pelo pescoço, por exemplo. Que você tá vendo que não tá agindo da maneira correta, mas aí você tem que parar e pensar “Mas será que não foi assim que ele aprendeu?” então se foi assim que ele aprendeu pode não tá correto, mas tá correto dentro do pensamento dele e agente que tem que levá-lo a perceber que aquela atitude não é correta. É muito difícil... muito difícil mesmo. E fora que você não trabalha sozinha na unidade, né? Nós temos... Começa numa escala hierárquica, né? Que às vezes você tem que engolir alguns sapos. Aí você tem que engolir sapos também das suas companheiras que hierarquicamente estão no mesmo patamar que você, e aí você tem que engolir sapo da pessoa que faz a limpeza, que tá no mesmo patamar que você, só que dentro de uma outra função. A pessoa que faz a limpeza porque de repente cai um pouquinho mais de lasquinha de lápis que apontou no chão. Então, você tem que engolir porque de repente essa pessoa brigou com o pai, brigou com a mãe, brigou com o filho, tá estressada e você é obrigada a engolir cada um para não ampliar a situação.

Juliana - E você acha que a leitura dessas obras pode influenciar nessa convivência?

Professora I - Eu acho que sim acho que é bem o que o nome diz autoajuda, você mesmo interioriza algo de bom para você.

Juliana - E a partir disso você...

Professora I - Exterioriza atitudes...

Juliana - Existe alguma questão na sua vida pessoal ou profissional em que a leitura de alguma obra de autoajuda te ajudou a resolver?

Professora I - Existe uma questão atualíssima. Nós temos uma criança que começou aqui á vinte dias e duas semanas depois a mãe escreveu na agenda dizendo que a criança chegou com uma mordida no rosto, que ela tinha certeza que era de criança e com uma marca roxa... Desculpa a palavra, mas vou colocar a palavra que ela colocou “na bunda” que ela tinha certeza que não era criança. Então se não era criança, quem era? Eu ou a outra professora, que são os adultos que lidam com eles. E que ela queria tomar satisfação do que viria ser. Nós estamos aguardando para conversar com ela. Realmente a criança estava com uma marca que parecia... Eu posso ariscar dizer que parecia um

solado de sapato, posso arriscar esse palpite, não tenho como provar, mas lembrava o formato. Só que essa criança em questão é uma criança muito agressiva, não estava adaptada ainda duas semanas na unidade, sobe em tudo quanto é lugar e pula e tropeça no próprio pé, e chuta o rosto dos amigos, e dá soco no rosto do outro, dá cotovelada nas costas do outro, dá um soco no estomago do outro... Uma hora alguém tem que revidar. Não foi na unidade, porem essa criança vai de perua escolar e fica uma hora e dez dentro da perua para ir e uma hora e dez para voltar dentro dessa perua. Existem crianças de oito, nove, dez anos que não estão ali para receber pancada e ficar quieto. Essa mãe veio e acusou mesmo e ainda falou que tinha sido de pau. Na hora eu contei até oitocentos e cinquenta. Minha vontade era de pegar os dois, a mãe e o padrasto, que era namorado da mãe. Aí eu expliquei para ela e falei que “olha ele realmente chegou com essa marca, mas já faz três dias essa marca no rosto e nos pareceu que foi uma picada de inseto porque uma outra criança tinha tido uma marca muito semelhante... Fazia uma roda vermelha e era uma picada de inseto. Inclusive nós comentamos “Mas eu peço desculpas que eu não anotei em lugar nenhum, foi um erro meu quando observei essa marca eu deveria ter anotado”. Agora a marca roxa nas nádegas do rapazinho, ele pula, ele cai de cima de brinquedo pode ser milhões de coisas. Me pareceu a sola de um sapato, mas eu não pude afirmar nada e de repente você caiu, bateu em cima de um brinquedo fica uma marca semelhante. Ai ela falou: “não É”! Porque a mordida eu tenho a certeza que foi uma criança de dois anos “. Eu fiz assim “Bom, então você acabou de dizer que não foi na nossa sala, porque na nossa as crianças tem todas quatro, ou estão fazendo ou já fizeram. Nós não temos contatos com os bebês. Acontece assim... Assim, assim”. Ela fez assim, exatamente essa frase para mim. Isso me deu vontade de pegar pelo pescoço mesmo “Olha professora você ta falando da maneira que você trabalha, mas isso não interessa merda nenhuma!”. Essa foi a frase que ela deu. Eu falei “Interessa porque a maneira como nós trabalhamos é a maneira de fazer a criança respeitar o outro. Então, por exemplo, eu não vou pegar agenda na mochila do teu filho porque ele não tem direito de mexer na minha bolsa. Então, eu não tenho direito de mexer na bolsa dele. Então vou falar “vai lá pega a agenda na sua mochila, vai ver se você tem uma blusa de manga curta, vê se você tem um shorts ou um chinelo eu te ajudo a trocar aqui, mas pega você na sua mochila”. Porque indiretamente eu to ensinando um conceito bom para ele. Você não tem o direito de mexer na bolsa do outro. Eu só vou mexer se acaso na hora da saída eu tiver que colocar as coisas... Ele não ta conseguindo, ai eu vou tentar ajudar enfiar as coisas na mochila. Caso o contrario eu não vou mexer mesmo na mochila da criança. Ai o menino acordou e foi até lá, eles pegaram a criança no colo e o padrasto...depois que fiquei sabendo que era padrasto, que ela apresentou como pai...”Vai conta tudo, conta tudo que depois a gente sai daqui e compra um carrinho novo”. Quer dizer, todo aquele trabalho que a gente vem desenvolvendo aqui jogado no lixo, né? Aí a criança não falou que tinha sido na creche, falou que foi uma criança maior. Foi aí que eu falei “você já perguntou para o pessoal da perua como é ele na perua? Perto de quem ele senta na perua? Você não pode jogar determinadas coisas sem saber se é aquilo mesmo.”. Hoje ela é uma graça comigo, mas eu precisei engolir esse sapo. Eu precisei ter um

autocontrole muito grande. Ai cheguei na minha casa, eu não lembro nem qual foi o texto que eu li porque eu tava tão irritada, eu sei que eu peguei o primeiro, porque eu tenho uma pasta lá só de textos, eu peguei o primeiro que apareceu e eu li. Eu falei agora deixa eu parar para pensar...

Juliana - E era um texto de autoajuda?

Professora I - Era um texto de autoajuda. Que eu recebo muito pela internet, né? Tenho amigos que têm muitos, e já sabem, ai eu vou imprimindo e deixo numa pasta. Aí, às vezes me da vontade eu tiro cópias e distribuo para o pessoal na reunião. Eu faço esse tipo de coisa. Mas esse aí foi recente, faz uma semana e meia que aconteceu.

Juliana - Então a leitura interferiu...

Professora I - Com certeza, com certeza... Diretamente. Eu te juro... Eu não lembro qual foi o texto que eu li, eu sei que ao final de ler... Porque eu tava muito irada que eu falava “Por isso essa criança é dessa maneira. Como é que a gente vai chegar perto dessa criança? Não vai conseguir”. E eu lembro que... Aí quando eu terminei eu falei assim “Agora eu já vou poder responder na agenda de novo”. Lembro nitidamente de ter falado essa frase. Ai depois, passou uns dias, a mãe dele escreveu que era para proibir ele de ir no parque porque ele não sabe brincar e ele ralou o joelho. Aí eu escrevi quatro paginas para ela dizendo “a utilidade do parque na vida de uma criança”. Então, todinha a faculdade de pedagogia foi resgatada naquelas quatro paginas. Eu demorei uma manhã inteirinha para pensar o que eu ia responder. Porque se você vai de imediato você só faz besteira. Você fala “autocontrole, autocontrole, pense, você é superior a tudo isso que você está pensando” e ai eu respondi no dia seguinte. Falei “Vamo vê qual é a bronca do dia” porque ai as professoras todas já queriam saber. Porque todo dia ela tinha uma reclamação. Aí “E aí? Qual a bronca de hoje?”. Falei “Nem abri ainda! Vou abrir.”. Quando eu abri, ela escreveu assim “Muito obrigado. Irei mandar uma torta salgada e um refrigerante para o nosso encontro de classe”.

Juliana - Quando você demonstrou que tinha conhecimento sobre o que tava fazendo, né?

Professora I - Que eu não tava brincando com o filho dela, né?

Juliana - Claro que não é simplesmente uma coisa de lazer que você joga lá, né? E se for também faz parte do...

Professora I - A criança também precisa do lazer, né? Mas foi muito engraçado. Eu Resgatei... Tem coisa que eu nem acreditava, eu resgatei da minha memória. As meninas brincaram por que eu falei assim “Venha Chico Xavier segure na minha mão e escreva” ai a outra falou assim “. E ele veio acompanhado de Piaget!

Juliana - Como você vê os professores brasileiros na atualidade e como você acha que os livros de autoajuda podem auxiliá-los?

Professora I - Eu acho que os professores tão muito insatisfeitos. A grande maioria que eu vejo é porque achou na profissão a maneira mais fácil de entrar no mercado de trabalho. Que eu vejo que a grande maioria não gosta do que faz. Isso é muito triste, porque tudo que você faz você tem que gostar daquilo que tá fazendo, senão você não faz bem feito. E eu acho que os livros de autoajuda, talvez... É mais também é aquele negócio... Não adianta, autoajuda só vai ajudar aquele que quer ser ajudado. Se a pessoa tiver fechada, um livro de autoajuda também não vai ajudar. Você tem que ter vontade de mudar. Porque a mudança dói, né? A mudança da insegurança, a mudança dói, dá dor de barriga, cai cabelo, cai tudo, né? Porque é complicado. Eu to falando isso de cátedra, porque eu sempre fui muito pé no chão. É assim, eu até... Sempre improvisei numa emergência, mas num primeiro momento era um drama. Há cinco anos atrás quando eles falaram da possibilidade de eles mandar um computador para creche, porque eles falaram que as EMEIS iam mandar os delas porque elas iam ganhar uns novos, se você visse o escândalo que eu fiz numa reunião de (sigla). “Eu não acredito. Eles são tudo doido! Como é que eu vou colocar um trambolho desse tamanho na sala com criança pequena? Ele vai cair na cabeça da criança. Vou entregar para mãe da criança ”Ó esse aqui é seu filho. Ele tá dentro do computador”. Falei “Gente é impossível. Esses caras são tudo louco, como pode? Tinha tanta coisa para pensar e...”. Fiz discurso de talvez uma meia hora. Hoje eu sou a que mais uso. Eu trago o meu computador e a minha internet, que eu pago do meu bolso para gente ficar pesquisando. No mínimo uma vez por semana a gente faz uma pesquisa sobre alguma coisa. Nessa semana foram os Smurfs, que nós íamos assistir no cinema e aí eles selecionaram. E foi interessante porque o rapaz no filme também pesquisou no Google e eles falaram “Olha! igual teu Google. Ele também tá pesquisando os Smurfs” . Então, hoje eu vejo a importância. Mas porquê? Na época eu só ligava o computador se alguém escrevesse uma receita assim “ numero 1 : Ligue o botão... Não, Não, ligue na parede, o numero dois é ligue o botão” eu não entendia nada, então, para mim aquilo era um monstro, era um dinossauro que só vinha ocupar espaço, que não ia servir para nada e você corria o risco de fazer algum acidente. Hoje em dia eu vejo. É claro, um computador pequeno, né? Não aqueles grandalhões na sala que nós não temos espaço para crianças. Se colocar um computador grandão aí fica impossível, né?

Juliana - Mas é... Essa influência do livro é mais voltada...talvez ela aconteça por uma disposição da pessoa?

Professora I - Eu acredito que sim. Se a pessoa não estiver disposta a mudar não vai ter nenhum autor que vá fazer ela mudar. Isso se vê em qualquer coisa... Qualquer coisa. Se a pessoa não tá afim de crescer ela não vai crescer. Você pode levar a pessoa sendo puxada, né? Você vai atrás, vai empurrando ela, ela vai um pouquinho para frente, mas, ela vai empacando. Então, é complicado e o livro, hoje em dia livro no Brasil eu acho um valor muito caro em relação ao salário mínimo. Eu acho um artigo...passa a ser um artigo de luxo que a pessoa tem que batalhar tanto para conseguir . Aí até eu fiz num outro encontro de pais... Eu fui em um sebo, comprei três coleções de livros infantis e cada criança escolheu o seu, eu dei de presente para eles. Eu falei para os pais “eu

paguei cinco reais em cada livro desses”, mas em sebo. Então se eu fosse...eu ia pagar vinte e cinco, trinta reais esse livro que era aqueles tri – dimensionais, tudo. Só que eu fui em um sebo procurei livro que estava em bom estado que não estava estragado, amassado, rasgado. Tinha alguns que inclusive estavam selados. Não tinham nem sido abertos. Paguei cinco reais cada um. Então, eu quis mostrar isso para os pais. E emprestando o livro para crianças também, as crianças cobram hoje “Você vai emprestar o livro para gente? Olha eu quero levar este”. Já aprenderam que eu tenho aquilo... Eu tenho... São livros diferentes. “Ah eu queria este... hoje eu vou levar este... quando você trouxer este eu vou ler aquele tá?” então eles já antevêm o que vai acontecer, eles já escolhem antecipadamente

Juliana - Qual a importância maior você vê nessas obras de autoajuda?

Professora I - Eu acho que é o apoio. Porque normalmente quando nós procuramos os livros de autoajuda é que nós estamos precisando de algum apoio. Nós nos desestabilizamos e estamos procurando esse norte realmente para continuar e foi aquilo que eu te falei se eu vou atrás porque eu to precisando porque eu sei que to precisando eu vou conseguir. Agora simplesmente eu to vendo que você tá precisando eu trago um livro para você posso comprar um livro embrulhar para presente e falar “Ó para você” as vezes você nem abre vai colocar na primeira gaveta que achar....

Professora J

Juliana - Vou começar perguntando o seu nome, idade, escolarização.

Professora J - _____, cinquenta e oito anos. Formada em administração de empresas. Tenho magistério no nível médio, né? Tô fazendo pedagogia à distância, já fiz o primeiro ano, to indo para o segundo ano, e pós-especialização em educação fundamental.

Juliana - Qual a sua experiência profissional e para que série você trabalha atualmente?

Professora J - Eu trabalhei vinte e cinco anos na área financeira. Cheguei a gerencia de banco, entendeu? Em uma estatal. Depois eu sai trabalhei como corretora de seguros e depois... Eu tinha... Depois de quatorze anos... 17 anos que eu tinha me formado no magistério, prestei o concurso e estou a dez anos na rede de São Bernardo.

Juliana: E atualmente para que séries?

Professora J - Terceira série. Tenho trabalhado com segundas, terceiras e quartas.

Juliana - Você pode falar um pouco sobre sua trajetória? Como e por que você resolveu ser professora.

Professora J - Na verdade quando eu fiz o magistério eu tinha me divorciado recentemente e eu não tinha condições de fazer uma faculdade. Então, mesmo já tendo o ensino médio, eu voltei para o ensino médio, né? Para fazer o magistério como atualização. E como eu tava com uma filha de quatro anos na época eu queria estar mais preparada para poder orientá-la, né? Eu tinha prestado esse concurso para essa estatal e justamente no dia da minha formatura eu comecei a trabalhar nesse banco. Ai ficou de lado durante quatorze anos e depois de quatorze anos eu acabei saindo por motivos particulares, né? E me inscrevi nesse concurso. Fiz um curso de atualização prestei, passei e aí comecei. Depois eu acabei prestando outro concurso e acabei trabalhando com duas matriculas, né? Para poder financeiramente sustentar, né?

Juliana - Você pode falar um pouco sobre sua iniciação à leitura? Se foi em casa, se foi na escola, se você gosta ou não gosta.

Professora J - Eu tive muita dificuldade na minha iniciação a leitura porque eu sou filha adotiva e quando eu fui adotada... Eu fui adotada por um casal, mas, na verdade eu não fiquei morando com esse casal. Eles ficaram com a minha irmã mais nova e eu fiquei com os avós... Que seria avós... E eles eram analfabetos. E foi justamente nessa época dos seis anos e meio para sete anos quando eu entrei para escola. Eu tive muita dificuldade, né? Porque era muito rigoroso naquela época, era uma escola particular, uma escola paroquial, né? Então eu tive bastante dificuldade. Eu não consigo me lembrar como é que aconteceu. Essa parte acho que ficou meio bloqueada na minha lembrança. Eu sei que essa minha avó, com muita boa vontade, contratou uma professora particular, mas eu tinha bastante dificuldade.

Juliana - E você gosta de ler?

Professora J - Gosto, sempre gostei. Sempre gostei de ler e quando minha avó dizia “Vai estudar” eu pegava o livro e lia aquele livro duas, três vezes o mesmo livro por que não tinha condições de ter outros livros, né? Então se eu tinha um livro era aquele que eu lia mesmo. Muitas vezes eu chegava a colocar esse livro dentro do livro de escola para ler o livro de novo. E até hoje eu adoro leitura, trabalho muito com isso.

Juliana - Onde você costuma ler? Por exemplo, no ônibus, em casa, só lê aos finais de semana, lê durante a semana, nos intervalos de aula, como que...

Professora J - Atualmente tá meio complicado para eu ler, eu tenho lido mais as partes da escola mesmo, né? E em casa mais porque na escola não dá tempo, eu dirijo vou para o serviço de carro, não tem como tá lendo. Mas eu cheguei até a comprar audiobook, né? Áudio livro... Áudio... Já cheguei a comprar uns dois ou três para tá ouvindo dentro do carro.

Juliana - O que mais te chama atenção em um livro e o que te leva a ter vontade de ler?

Professora J - Variado. Já tive momentos de diversos tipos de leitura. Desde livros de enigma, de religião, de autoajuda, de tudo. Eu só detesto manual. Eu odeio ler manual, o resto...

Juliana: Qual manual?

Professora J - Manual de instrução de como fazer funcionar determinada coisa. Eu vou mais no ensaio e erro do que ler como é que faz.

Juliana - Quais os tipos de livro você costuma ler?

Professora J - Depende da fase como eu disse, né? Momentos, momentos ali... Teve fases de ler os de autoajuda, teve fases de ler os de espiritismo. O que me dá curiosidade de conhecer.

Juliana - Existe algum livro que você tenha lido por causa do autor?

Professora J - Já teve fases de livros... Didático, livros mais para... Infantis, juvenis do Pedro Bandeira, da Lígia Bojunga... Acho que é Bojunga o nome dela... Ana Maria Machado... Ana Clara Machado, Ana Maria Machado... Então tem vários que eu vou independente do título eu acabo... Então eu virei meio rato de sebo, né? Então eu já vou lá e falo “você tem livro do Pedro Bandeira?” eu já vou lá e já vejo se ele tem e compro para estar lendo...

Juliana - Esses são infantis?

Professora J - São juvenis.

Juliana - Ai você usa no trabalho?

Professora J - Eu uso no trabalho.

Juliana - E você particularmente, assim? Para uma leitura sua...

Professora J - Ultimamente eu tô mais nessa área de trabalhar sempre voltado para criança, né? Procurando descobrir alguma coisa para as crianças. Mas eu andei lendo alguns livros... Uns dois livros do Augusto Cury, né? Mas de dois. Principalmente os que são menores, que dá tempo de ler mais rápido, né? Eu gosto, gosto da linguagem gosto de... Sei lá parece que levanta um pouco o astral... Depende do meu momento.

Juliana - O que te atrai nessas obras? O que te leva a ler?

Professora J - Nos infanto-juvenis o que me atrai é sempre a mensagem, a mensagem que ele transmite. A mensagem moral, a mensagem ética, né? Eu gosto muito de trabalhar. De estar trabalhando isso com as crianças, então eu procuro sempre alguma coisa que tenha alguma mensagem para passar para eles, né? E que seja alegre, uma coisa que eu procuro nesses infanto-juvenis é que seja um livro alegre, que eu possa estar fazendo vozes e caras na hora que eu estou lendo para eles. E nos outros, para mim eu sempre procuro alguma coisa que mostre que tudo pode melhorar, sabe. Uma mensagem de melhora mesmo, né? De enxergar a vida com o pensamento positivo, com outros olhos tentando entender que tudo passa, né?

Juliana - E você gosta de ler os livros de autoajuda?

Professora J - Atualmente não tenho lido muito não. Já li bastante principalmente numa fase de transição da minha vida, já andei lendo. Li bastante, e eu ia até a livraria e já procurava as prateleiras próprias e era “Alegria e triunfo” era “Lair Ribeiro” e era outros autores que trabalhavam com essa Neuro-linguística ...que eu acho que é. Até curso de neuro-lingüística eu cheguei a fazer para poder dar uma... Um “up”... Levantar a coisa, né?

Juliana - Tem algum outro autor que você possa citar? Você falou de Lair Ribeiro, do Cury...

Professora J - Eu até vejo um pouco os livros do Chalita também como uma autoajuda que... Padre Fabio de Mello também, que eu andei... Foi um dos últimos que eu li também... Faz a gente refletir e enxergar a vida com mais esperança. Eu entendo autoajuda como isso, né? Na vida complicada que hoje nós temos pouco você pode tá contando com os outros para estar ouvindo suas. Então, às vezes, você lendo aquilo responde o que você está procurando.

Juliana - Que tipo de questões os livros de autoajuda de te ajudam a pensar?

Professora J - A questão de que tudo pode mudar e muitas vezes que aquilo que aconteceu teria que ter acontecido para sua melhora, para o seu crescimento e que você procure a olhar cada momento difícil da vida como um degrau para você subir e atingir objetivos... Melhores em todos os sentidos.

Juliana - O que você acha que esses livros têm ou acrescentam a sua experiência de vida ou ao seu conhecimento?

Professora J - Eu acho que sempre porque muitas vezes você pensa determinada coisa, mas não consegue transformar isso em palavras, né? Não consegue formatar a ideia. E muitas vezes você lendo... Que é exatamente “Ah foi isso que eu pensei”. Então conclui, né? Comprova aquilo que você tava pensando “ Olha eu tinha razão, na hora eu pensei isso”... Ou o contrário te leva para procurar outro caminho.

Juliana - Em que você acha que os livros de autoajuda te ajudam no seu trabalho? Profissionalmente...

Professora J - Sempre procurando enxergar o lado positivo das coisas. Mesmo no meu trabalho com as crianças, por exemplo, é tentar enxergar essa criança como uma semente que tá aí que eu posso tá ajudando ela a florescer no futuro e fazer parte, que eu possa tá servindo até como um exemplo para ela. Não que eu seja um exemplo para nada, mas, pelo menos mostrar meu lado bom lá. Porque lá eu não posso mostrar meu lado ruim, eu tenho que mostrar meu lado bom, né? Tenho que ser um exemplo para ela, então eu tenho que mostrar só o lado positivo.

Juliana - Você acha que a leitura desses livros influencia nessa sua postura em relação às crianças, por exemplo?

Professora J - É, porque eu percebo assim, se eu tiver lendo um livro muito agitado, um livro pesado, um assunto pesado, eu vou estar... Meu espírito vai estar de uma forma. Se eu estiver lendo um livro mais positivo, um livro mais calmo, um livro que mostre uma tranquilidade, uma paz, eu também vou estar refletindo isso que eu tô. Eu tô me alimentando de paz e tô me alimentando de coisas boas.

Juliana - Existe alguma questão na sua vida pessoal ou profissional em que a leitura de alguma obra de autoajuda ajudou a resolver?

Professora J - Resolver não digo, mas, encarar com positivismo sim. Ajudou, por causa disso. Eu praticamente acabei entrando por esse rumo de livros de autoajuda em um momento que eu precisei. Que eu precisei me apoiar em alguma coisa, né?

Juliana - E aí você conseguiu encontrar as respostas que você procurava?

Professora J - Não, exatamente encontrar as respostas não. Mas pelo menos não sucumbir... Não sucumbir. Exatamente, a palavra é esta, não sucumbir tentar. Ter altos e baixos, mas tentar estar sempre procurando por alto e não me afundando, afundando, afundando, que é o que muitas vezes a gente fica com pena da gente mesmo e vai casa vez para o fundo do poço e quando chega lá a gente tenta submergir, né? E pelo menos esse autoajuda ele me deu uma estabilidade. Lógico, teve altos e baixos, mas sempre... Tudo bem que nos momentos muito difíceis você não quer nem ler, mas um pouquinho que você leia. Eu li um livro eu não lembro da autora agora. Eu até, antes de vir, eu ia

olhar lá em casa, que eu até tenho... Mas tipo aquele livro “*Ame-se a si*” mesmo, sabe?...”*Ame-se*” tipo dessas coisas, porque se você não se amar quem vai amar, né? Então, isso aí ajuda sim. Me ajudou., ajuda sim, não? Me ajudou, né? Depende muito de como você encara a coisa. Se você não quiser nada com nada, nada vai te ajudar, né?. É uma postura minha...

Juliana - Como você vê os professores brasileiros na atualidade e como você acha que os livros de autoajuda podem auxiliá-los?

Professora J - Não sei, eu vejo... Não vejo muita ligação dos livros de autoajuda com os professores não. Hoje a gente tá mais preocupado... Os professores estão mais preocupados com técnicas, teorias e, né? Experiências, coisas bem concretas, né? Não sei se tem alguma coisa a ver não, se ajudaria. Acho que vai muito da postura de cada pessoa. Cada um enxerga... Vai muito da postura de cada pessoa e vai muito de toda a experiência de vida que ela tem e da caminhada, né? Eu, por exemplo, tenho uma postura por toda minha caminhada, afinal cinquenta e oito anos de várias altos e baixos na vida me levaram, me levam a ter uma experiência diferente de um professor novo que ta entrando hoje que não tem. Não vamos dizer que a experiência de vida seja lá grande coisa, né? Para, nessa questão, né? Mas, eu acho que tudo é válido, né?

Professora J - Eu acho que os professores estão meio desesperados, né? Porque é uma questão de...tem que ter muita vontade de ensinar, vontade de estar em contato, porque não é uma profissão que ta levando muito a satisfações, né? São muitas dificuldades. Pessoal tem que ta dobrando período para poder estar tendo um reconhecimento financeiro mínimo para ta sobrevivendo assim. Para ta vivendo dignamente, mas não tanto. Tava até mesmo comentando com umas colegas lá. Falei eu precisaria ganhar no mínimo, para ter condições de uma vida mais ou menos, eu teria que ta ganhando no mínimo... Eu disse lá três vezes... Mínimo, três vezes mais do que eu ganho, porque para poder ter assim... Trabalhar meio período, ter tempo de preparar, ter tempo de pesquisar, ter tempo de ler, né? Para todo esses casos. Eu falei, eu andei as férias todas para poder comprar uma bota e eu não tive coragem de comprar. Porque com o salário que eu tenho. Eu tenho o meu salário, eu já tenho outro salário que eu sou aposentada, mas vou comprar uma bota de 250 reais? Sabe, é difícil. Tenho outras prioridades, então precisaria... Então, hoje tá difícil para o professor. Ele não consegue ter dinheiro... A gente tava comentando. A gente não tem dinheiro para comprar um livro, porque o livro hoje é trinta e nove, cinquenta reais o mais barato. Eu to sempre lá no submarino pesquisando para ver se tem algum em promoção, já faço um pacote e compro. Gosto muito de comprar livros, e tá difícil. Eles estão procurando outros caminhos. Se você vai para uma área de coordenação, ou uma área... É muito trabalho e pouco reconhecimento financeiro. Então, tá difícil. Do jeito que vai daqui a pouco não teremos mais professores, porque vão estar encaminhando para outras profissões.

Juliana - Qual a importância maior você vê nessas obras de autoajuda?

Professora J - Eu acho que é justamente isso. É a pessoas procurar olhar o lado positivo da coisa. É aquela velha história “pegar o limão e fazer uma limonada” vamos dizer assim, né? Fazer do limão uma limonada, procurar enxergar...

Juliana - Você acha que esses livros enfatizam o lado pessoal do professor?

Professora J - Eu acho que sim. É trabalhar o inconsciente dele para que ele possa se automotivar. Eu acho que é mais ou menos isso, trabalhar o inconsciente, receber estímulos positivos para que ele, no meio de dificuldades enxergar uma luz no final do túnel.